



o prédio perfeito

um thriller psicológico de jessie hunt—livro 2

BLAKE PIERCE





o prédio perfeito

um thriller psicológico de jessie hunt—livro 2

BLAKE PIERCE

o prédio perfeito

(um thriller psicológico de jessie hunt —livro 2)

blake pierce

Blake Pierce

Blake Pierce é a autora da série bestselling um mistério de RILEY PAGE, composta por quinze livros (a continuar). Blake Pierce é também a autora da série um mistério de MACKENZIE WHITE, composta por nove livros (a continuar); da série um mistério de AVERY BLACK, composta por seis livros; da série um mistério de KERI LOCKE, composta por cinco livros; da série um mistério dos PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta por três livros (a continuar); da série um mistério de KATE WISE, composta por dois livros (a continuar); da série um thriller psicológico de CHLOE FINE, composta por três livros (a continuar); série um thriller psicológico de JESSIE HUNT, composta por três livros (a continuar).

Uma leitora ávida e uma fã desde sempre dos géneros de mistério e thriller, Blake adora ouvir sua opinião, pelo que, por favor, sintá-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e para se manter em contacto.

Copyright © 2018 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos de Autor dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada numa base de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora. Este e-book está licenciado apenas para seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se quiser partilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se está a ler este livro e não o comprou, ou se ele não foi comprado apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho árduo desta autora. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares, eventos e incidentes são produto da imaginação da autora ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência. Imagem da capa Copyright hurricanehank, usada com autorização da Shutterstock.com.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)
O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)
A CASA PERFEITA (Livro #3)
O SORRISO PERFEITO (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)
BECO SEM SAÍDA (Livro #3)
VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)
VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)

Recapitulação do Livro #1 da série de Jessie Hunt

Em "A Esposa Perfeita", a candidata a mestrado em psicologia forense Jessie Hunt e seu marido banqueiro de investimentos, Kyle Voss, deixam seu apartamento no centro de Los Angeles para uma casa opulenta na comunidade de Westport Beach, em Orange County, depois que ele é transferido e promovido.

Enquanto Kyle está entusiasmado com sua nova vida, Jessie tem dúvidas e se sente desconfortável entre a elite. No entanto, ela tenta abraçar sua nova vida, fazendo amigos no bairro e se juntando ao clube de iate local com seus rituais secretos e aparentemente sinistros.

Na sala de aula, Jessie impressiona Ryan Hernandez, o professor visitante do Departamento de Polícia de Los Angeles, resolvendo um complicado estudo de caso. Para completar seu trabalho de campo, ela consegue ser designada para um hospital psiquiátrico estadual nas proximidades, onde o notório assassino em série Bolton Crutchfield está encarcerado.

Os crimes de Crutchfield lembram-na de um homem chamado de Executor de Ozarks, que sequestrou e matou dezenas de pessoas quando ela era criança no Missouri. Os sequestrados incluíam Jessie e sua mãe, que foi assassinada na frente dela. Jessie tem regularmente consultas com a Dra. Janice Lemmon para lidar com o trauma.

Em entrevistas, Crutchfield revela que é um admirador do Executor de Ozarks, que nunca foi pego, e que eles de alguma forma se comunicaram. Ele também sugere, baseado puramente em sua observação e suas conversas com Jessie, que as suspeitas dela sobre seu novo estilo de vida rico são legítimas.

À medida que suas habilidades de identificação de perfis criminais melhoram, Jessie, agora grávida, descobre que o iate clube é, na verdade, uma fachada para um círculo de prostituição da alta sociedade. Ela também descobre a verdade sombria sobre seu marido: Kyle é um sociopata que matou uma trabalhadora do clube com quem ele estava dormindo e tentou incriminar Jessie por isso. Jessie sofre um aborto espontâneo, resultado de ter sido drogada por Kyle. Apenas o raciocínio

rápido de Jessie impede Kyle de a matar a ela e a dois vizinhos. Ela fica ferida, mas Kyle é preso.

Jessie retorna ao seu antigo bairro no centro de Los Angeles para reconstruir sua vida. Não muito depois, a chefe de segurança do hospital psiquiátrico, Kat Gentry, visita Jessie e passa uma mensagem de Crutchfield: o executor Ozarks está procurando por ela. Jessie revela a Kat seu mais profundo segredo: a razão pela qual o Executor de Ozarks a está perseguindo é porque ele é seu pai.

Jessie Hunt é uma aspirante a especialista em perfil criminais prestes a se divorciar.

Kyle Voss é seu marido sociopata, agora encarcerado e afastado.

Bolton Crutchfield é um brilhante assassino em série que idolatra o pai assassino de Jessie.

Kat Gentry é a chefe de segurança do hospital psiquiátrico, onde Crutchfield está encarcerado.

Dra. Janice Lemmon é psiquiatra de Jessie e ex-especialista em perfis criminais.

Lacy Cartwright é a amiga da faculdade de Jessie, com quem ela está morando por agora.

Ryan Hernandez é o detetive do Departamento de Polícia de Los Angeles que lecionou na aula de Jessie.

O Executante de Ozarks é um assassino em série muito conhecido e nunca capturado - e o pai de Jessie.

CONTEÚDO

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO CATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)

[CAPÍTULO TRINTA](#)

[CAPÍTULO TRINTA E UM](#)

[CAPÍTULO TRINTA E DOIS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E TRÊS](#)

[CAPÍTULO TRINTA E QUATRO](#)

CAPÍTULO UM

Farpas de madeira se cravavam nos antebraços de Jessica Thurman, que estavam amarrados aos braços da cadeira por uma corda grossa. A pele de seus braços estava em carne viva e sangrando em vários lugares, por causa das suas constantes tentativas de se libertar.

Jessica era forte para uma criança de seis anos de idade. Mas não forte o suficiente para se libertar das cordas que seu seqüestrador havia usado para amarrá-la. Ela não podia fazer nada além de ficar sentada lá, com as pálpebras coladas com fita adesiva para ficarem abertas, enquanto observava a própria mãe impotente diante dela, com os braços algemados às vigas de madeira do teto da cabana isolada em Ozarks, onde ambas estavam sendo mantidas.

Ela podia ouvir os sussurros de seu seqüestrador, de pé atrás dela, instruindo-a a assistir, chamando-a suavemente de ‘Joaninha’. Ela conhecia bem a voz.

Afinal, pertencia ao pai dela.

De repente, com uma força inesperada que ela não achava ser possível, a pequena Jessica jogou o próprio corpo para o lado, mandando a cadeira - e ela junto - ao chão. Ela não sentiu o baque da queda, o que achou estranho.

Olhou para cima e viu que não estava mais caída na cabana. Em vez disso, ela estava no corredor de uma mansão impressionante e moderna. E já não era mais a Jessica Thurman, de seis anos de idade. Ela era agora Jessie Hunt, com vinte e oito anos de idade, caída no chão de sua própria casa, olhando para um homem segurando um atizador de brasas de lareira, acima de sua cabeça, prestes a golpeá-la com aquele pesado objeto de ferro. Mas o homem não era mais seu pai.

Em vez disso, era o seu marido, Kyle.

Seus olhos brilharam com intensidade frenética quando ele baixou o atizador em direção ao rosto dela.

Ela levantou os braços para se defender, mas sabia que era tarde demais.

*

Jessie acordou de sobressalto. Suas mãos ainda estavam erguidas acima da cabeça como se quisessem bloquear um ataque. Mas ela estava sozinha no quarto do apartamento. Ela fez força com o abdômen e ficou sentada na cama. Seu corpo e os lençóis estavam todos cobertos de suor. Seu coração estava quase saindo pela boca.

Ela botou as pernas para fora da cama e colocou os pés no chão enquanto se inclinava, apoiando os cotovelos nas coxas e a cabeça nas palmas das mãos. Depois de dar ao corpo alguns segundos para se acostumar ao ambiente real - o apartamento da sua amiga Lacy, no centro de Los Angeles - ela olhou para o relógio de cabeceira. Eram 3:54 da manhã

Quando sentiu o suor começar a secar em sua pele, ela se tranquilizou.

Eu não estou mais naquela cabana. Eu não estou mais naquela casa. Eu estou segura. Estes são apenas pesadelos. Esses homens não podem mais me machucar.

Mas é claro que apenas metade disso era verdade. Enquanto seu futuro ex-marido, Kyle estava preso na cadeia, aguardando julgamento por vários crimes, incluindo a tentativa de assassiná-la, seu pai nunca havia sido capturado.

Ele ainda assombrava seus sonhos regularmente. Pior, ela havia descoberto recentemente que, apesar de ter sido colocada no programa de Proteção às Testemunhas quando criança, ter recebido um novo lar e um novo nome, ele ainda estava procurando por ela.

Jessie se levantou e foi para o chuveiro. Não havia sentido em tentar voltar a dormir. Ela sabia que seria inútil.

Além disso, uma ideia circulava em sua cabeça, uma que ela queria cultivar. Talvez fosse hora de ela parar de aceitar que esses pesadelos eram inevitáveis. Talvez ela precisasse parar de temer o dia em que seu pai a encontrasse.

Talvez agora fosse a hora de ir atrás dele.

CAPÍTULO DOIS

No momento em que sua antiga colega de faculdade e atual companheira de apartamento Lacy Cartwright chegou à sala do café da manhã, Jessie já estava acordada há mais de três horas. Ela tinha preparado um bule de café fresco e serviu uma xícara para Lacy, que se aproximou e aceitou com gratidão, exibindo um sorriso simpático.

“Outro sonho ruim?”, ela perguntou.

Jessie assentiu. Nas seis semanas em que Jessie estivera morando no apartamento de Lacy, tentando reconstruir sua vida, sua amiga se acostumara com os gritos semi-regulares a meio da noite e com os despertares. Isso já havia acontecido ocasionalmente na época da faculdade, pelo que não era uma surpresa total. Mas a frequência aumentara dramaticamente desde que o marido de Jessie tentara matá-la.

“Eu fiz muito barulho?”, Jessie perguntou se desculpando.

“Um pouco”, reconheceu Lacy. “Mas você parou de gritar depois de alguns segundos. Voltei a dormir de novo.”

“Eu realmente sinto muito, Lacy. Talvez eu deva comprar-lhe tampões de ouvido melhores até me mudar, ou uma máquina de abafamento de barulho. Eu juro que não vai demorar muito mais.”

“Não se preocupe com isso. Você está lidando com as coisas muito melhor do que eu estaria”, Lacy insistiu enquanto amarrava seus longos cabelos em um rabo de cavalo.

“Isso é simpático da sua parte.”

“Eu não estou apenas sendo educada, garota. Pense nisso. Nos últimos dois meses, seu marido assassinou uma mulher, tentou incriminar você pelo crime e tentou te matar quando você descobriu tudo. Sem falar também no seu aborto espontâneo.”

Jessie assentiu, mas não disse nada. A lista de horrores de Lacy não incluía seu pai assassino em série porque sua amiga não sabia sobre ele; quase ninguém sabia. Jessie preferia assim - por sua própria segurança e pela deles. Lacy continuou.

“Se fosse eu, ainda estaria enrolada em posição fetal. O fato de que você está quase terminando de fazer fisioterapia e prestes a entrar em um programa especial de treinamento do FBI me faz pensar se você é algum tipo de ciborgue.”

Jessie tinha que admitir que, quando as coisas eram colocadas assim, era mesmo impressionante que ela permanecesse tão funcional. Sua mão desceu involuntariamente para o local no lado esquerdo do abdômen, onde Kyle a perfurara com o atizador da lareira. Os médicos haviam dito que ela tinha tido sorte por ele não ter atingido seus órgãos internos.

Ela tinha agora uma cicatriz feia no local do golpe. Era mais uma cicatriz inconveniente que se somava à que ela já tinha desde a infância, que atravessava sua clavícula. Ela ainda sentia uma pontada aguda em seu abdômen de vez em quando. Mas na maior parte do tempo ela se sentia bem. Ela tinha sido autorizada a abandonar a muleta há uma semana e seu fisioterapeuta tinha agendado apenas mais uma sessão de reabilitação, que era hoje. Depois disso, ela deveria fazer os exercícios necessários sozinha. Quanto à reabilitação mental e emocional, necessária depois de descobrir que seu marido era um assassino sociopata, ela estava longe de terminar.

“Eu acho que as coisas não são assim tão ruins”, ela finalmente respondeu de maneira pouco convincente enquanto observava sua amiga terminar de se vestir.

Lacy deslizava em seus saltos de oito centímetros, transformando-a de uma mulher alta em uma verdadeira Amazona. Com longas pernas e maçãs do rosto marcantes, ela parecia mais uma modelo de passarela do que uma aspirante a estilista. Seu cabelo estava amarrado em um rabo de cavalo alto que revelava seu pescoço. Ela estava meticulosamente adornada com uma roupa que ela própria desenhara. Ela podia ser uma compradora para uma grife de luxo agora. Mas ela tinha planos de abrir sua própria firma de design antes dos trinta anos e ser a estilista lésbica afro-americana de maior destaque no país logo depois disso.

“Eu não entendo você, Jessie”, ela disse enquanto vestia o casaco. “Você é aceita em um prestigiado programa do FBI na Quantico para promissores especialistas em perfis criminais e você parece pouco empolgada com isso. Eu acho que você deveria agarrar essa chance de mudar um pouco de ares. Além disso, são apenas dez semanas. Não é como se você tivesse que se mudar para lá.”

“Você está certa”, concordou Jessie enquanto tomava a última das suas três xícaras de café. “É que há muita coisa acontecendo agora. Não tenho certeza se é a hora certa. O divórcio de Kyle ainda não está totalmente resolvido. Ainda tenho que fechar a venda da casa em Westport Beach. Não estou a cem por cento fisicamente. E acordo gritando na maioria das noites. Não sei se já estou preparada para os rigores do programa de treinamento de análise de comportamento do FBI.”

“Bem, é melhor você decidir rapidamente”, disse Lacy enquanto se dirigia para a porta da frente. “Você não tem que dar uma resposta a eles até o final da semana?”

“Tenho.”

“Bem, depois me diga o que você decidir. Além disso, você poderia abrir a janela do seu quarto antes de sair? Sem ofensa, mas lá dentro está com um cheiro que parece de uma academia.”

Ela se foi antes que Jessie pudesse responder, embora não tivesse certeza do que dizer sobre isso. Lacy era uma grande amiga com quem sempre podia contar para dar sua opinião sincera. Mas tato não era o forte dela.

Jessie se levantou e foi para seu quarto para se trocar. Ela teve um vislumbre de si mesma de corpo inteiro no espelho na parte de trás da porta e não se reconheceu imediatamente. Na superfície, ela ainda parecia a mesma, com seus cabelos castanhos na altura dos ombros, seus olhos verdes, seu metro e setenta e sete de altura.

Mas seus olhos estavam avermelhados de cansaço e seu cabelo estava mal cuidado e oleoso, tanto que ela decidiu amarrá-lo num rabo de cavalo e usar um boné. E sentia-se permanentemente corcunda, resultado da preocupação constante de que seu abdômen pudesse pulsar inesperadamente de dor.

Eu voltarei a ser quem eu era? Será que aquela pessoa ainda existe?

Ela se livrou daquele pensamento, deixando a autopiedade para lá, pelo menos por um tempo. Ela estava ocupada demais para aquilo agora.

Era hora de se preparar para a sessão de fisioterapia, para o encontro com a corretora de imóveis, a consulta com a psiquiatra e depois uma com a ginecologista. Seria um dia inteiro fingindo ser um ser humano funcional.

A corretora de imóveis, uma pequena e agitada muçulmana usando um terninho, chamada Bridget, estava mostrando-lhe o terceiro apartamento da manhã quando Jessie começou a ter vontade de pular de uma sacada.

Tudo estava bem no começo. Ela estava ainda um pouco excitada com a sua última sessão de fisioterapia, que terminou com a notícia de que ela estava ‘razoavelmente equipada para as tarefas da vida diária’. Bridget mantivera as coisas em movimento enquanto elas visitavam os dois primeiros apartamentos, concentrando-se nos detalhes da unidade, nos preços e nas amenidades. Foi só quando chegaram à terceira opção, a única pela qual Jessie tinha algum interesse até agora, que as questões pessoais começaram.

“Tem certeza de que só está interessada em apartamento de um quarto?”, Bridget perguntou. “Vejo que você gosta desse aqui. Mas há um de dois quartos com praticamente a mesma planta no andar de cima. São apenas trinta mil dólares a mais e teria maior valor de revenda. Além disso, você nunca sabe qual será a sua situação daqui a alguns anos.”

“É verdade”, reconheceu Jessie, mentalmente constatando que há apenas dois meses ela estava casada, grávida e morava em uma mansão em Orange County. Agora ela estava separada de um assassino confesso, havia perdido o bebê, e estava morando com uma amiga da faculdade. “Mas eu fico bem com um de apenas um quarto.”

“Claro”, Bridget disse em um tom que demonstrava que ela não estava prestes a deixar o assunto para lá. “Você se importa se eu perguntar quais são as suas circunstâncias? Pode ser melhor para me ajudar a direcionar suas preferências. Eu não posso deixar de notar que a pele do seu dedo está mais clara onde um anel de casamento pode ter estado recentemente. Eu poderia mudar as opções de localização se eu soubesse que você está querendo superar e seguir em frente radicalmente ou... se manter escondida.”

“Estamos na área certa”, disse Jessie, engrossando a voz involuntariamente. “Eu apenas quero ver opções de um quarto por aqui. Essa é a única informação que você precisa agora, Bridget.”

“Claro. Desculpe”, disse Bridget, humildemente.

“Eu preciso ir ao banheiro por um momento”, disse Jessie, a tensão em sua garganta agora se expandindo para o peito. Ela não tinha certeza do que estava acontecendo. “Pode ser?”

“Claro. Não tem problema”, disse Bridget. “Você se lembra onde é, no final do corredor?”

Jessie assentiu e caminhou para lá o mais rápido que pôde sem efetivamente correr. Quando ela entrou e trancou a porta, temeu que fosse desmaiar. Parecia um ataque de pânico chegando.

O que diabos está acontecendo comigo?

Ela jogou água fria no rosto, depois pousou as palmas das mãos no balcão enquanto dizia a si mesma para respirar lenta e profundamente.

Imagens brotavam em sua cabeça sem continuidade ou sentido: ela aconchegando-se no sofá com Kyle, tremendo em uma cabana isolada nas montanhas Ozark, olhando para a ultra-sonografia de sua criança concebida e nunca nascida, lendo uma história na hora de dormir numa cadeira de balanço com seu pai adotivo, vendo como o marido despejava um corpo de um iate nas águas da costa, o som de seu pai sussurrando 'Joaninha' em seu ouvido.

O porquê de as perguntas inofensivas de Bridget sobre suas circunstâncias e sobre ‘se manter escondida’ a haviam afetado assim, Jessie não sabia. Mas tinham afetado e agora ela estava suando frio, tremendo involuntariamente, olhando no espelho uma pessoa que ela mal reconhecia.

Era uma coisa boa que a próxima parada fosse para ver sua terapeuta. O pensamento acalmou Jessie ligeiramente e ela respirou fundo mais algumas vezes antes de sair do banheiro e seguir pelo corredor até a porta da frente.

“Eu entro em contato”, ela gritou para Bridget enquanto fechava a porta atrás dela. Mas ela não tinha certeza se entraria mesmo. Agora ela não tinha certeza de nada.

CAPÍTULO TRÊS

O escritório da Dra. Janice Lemmon ficava a poucos quarteirões do prédio que Jessie havia acabado de visitar e ela estava contente pela oportunidade de caminhar e limpar a cabeça. Enquanto descia a Figueroa, ela quase agradecia ao vento forte e cortante que fazia seus olhos lacrimejarem e secarem imediatamente. O frio que a envolvia expulsava logo todos os pensamentos de sua cabeça, menos o que dizia ‘ande rápido’.

Ela fechou o casaco até o pescoço e abaixou a cabeça enquanto passava por um café, depois por uma lanchonete tão lotada que havia gente quase saindo pelas janelas. Era meados de dezembro em Los Angeles e as empresas locais estavam fazendo o melhor para que suas lojas parecessem festivas em uma cidade onde a neve era quase um conceito abstrato.

Mas nos túneis de vento criados pelos arranha-céus do centro, o frio estava sempre presente. Eram quase 11h da manhã, mas o céu estava todo cinza e a temperatura estava na casa dos dez graus. Esta noite ainda cairia para perto de cinco. Para Los Angeles, isso era assustador. Jessie, contudo, já havia enfrentado um clima muito mais gelado.

Quando criança no Missouri rural, antes de tudo desmoronar, ela brincava no minúsculo jardim à frente do trailer de sua mãe, que ficava estacionado no campo para caravanas, com os dedos e o rosto meio dormentes, formando bonecos de neve inexpressivos, mas felizes, enquanto a mãe observava, protetora, da janela. Jessie lembrava de se perguntar por que sua mãe nunca tirava os olhos dela. Olhando para trás agora, o motivo era claro.

Alguns anos depois, nos subúrbios de Las Cruces, Novo México, onde morou com sua família adotiva depois de entrar no programa de Proteção às Testemunhas, ela esquiava nas pequenas encostas de montanhas próximas com seu segundo pai, um agente do FBI. que agia sempre com muito profissionalismo e calma, não importava a situação. Ele estava sempre lá para ajudá-la quando ela caía. E ela geralmente podia contar

com um chocolate quente quando saíam das colinas inóspitas e varridas pelo vento e voltavam para a cabana.

Aquelas lembranças frias a aqueceram enquanto ela contornava o último quarteirão até o consultório da Dra. Lemmon. Ela meticulosamente escolhia não pensar nas lembranças menos agradáveis que inevitavelmente se entrelaçavam com as boas.

Ela deu entrada na recepção e tirou as várias camadas de roupas enquanto esperava para ser chamada ao consultório da médica. Não demorou muito. Às 11h, a terapeuta abriu a porta e deu-lhe as boas vindas.

A Dra. Janice Lemmon estava na casa dos sessenta anos, mas não parecia. Estava em ótima forma e seus olhos, atrás de óculos grossos, eram perspicazes e focados. Seus cachos loiros encaracolados saltavam quando ela andava e sua intensidade não passava despercebida.

Elas se sentaram em cadeiras de pelúcia em frente uma da outra. A Dra. Lemmon deu-lhe alguns momentos para se acomodar antes de começar a falar.

“Como você está?”, ela perguntou daquele jeito indeterminado que sempre fazia Jessie ponderar genuinamente a questão mais a sério do que na sua vida diária.

“Eu já estive melhor”, ela admitiu.

“Por que?”

Jessie contou sobre seu ataque de pânico no apartamento e os flashbacks subsequentes.

“Eu não sei qual foi o estopim disso”, disse ela em conclusão.

“Eu acho que você sabe”, Dra. Lemmon cutucou.

“Pode me dar uma dica?”, Jessie respondeu.

“Bem, eu estou imaginando se você perdeu a calma na presença de um estranho, porque sentir que não tem outro lugar para liberar sua ansiedade. Deixe-me perguntar uma coisa: você tem algum evento ou decisão estressante para os próximos dias?”

“Você está se referindo a alguma coisa que não seja à consulta de ginecologia e obstetrícia que vou ter em duas horas, para ver se estou recuperada do aborto, à finalização do divórcio com o homem que tentou me matar, à venda da casa que compartilhamos, ao processamento do fato de que meu pai assassino em série está me procurando, à decisão se vou ou não à Virginia por dois meses e meio para que os instrutores do FBI riam de mim, e também ao fato de ter que sair do apartamento da minha

amiga para que ela possa ter uma noite de sono decente? Além dessas coisas, eu diria que estou tranquila.”

“Isso parece muita coisa”, Dra. Lemmon respondeu, ignorando o sarcasmo de Jessie. “Por que não começamos com as preocupações imediatas e trabalhamos a partir daí, ok?”

“Você é a chefe”, Jessie murmurou.

“Na verdade, não sou. Mas me fale sobre o seu próximo compromisso. Por que isso te preocupa?”

“Não é bem que eu esteja preocupada”, disse Jessie. “A médica já me disse que parece que eu não tenho nenhum dano permanente e serei capaz de conceber novamente no futuro. A questão é que a consulta vai me lembrar o que perdi e como perdi.”

“Você está falando sobre como seu marido te drogou para que ele pudesse incriminar você pelo assassinato de Natalia Urgova? E como a droga que ele usou para isso induziu seu aborto espontâneo?”

“Sim”, disse Jessie secamente. “É disso que estou falando.”

“Bem, eu ficaria surpresa se alguém lá trouxesse esse assunto à tona”, disse Dra. Lemmon, com um sorriso gentil desenhado em seus lábios.

“Então você está dizendo que estou criando estresse para mim mesma sobre uma situação que não precisa ser estressante?”

“Eu estou dizendo que se você lidar com as essas emoções com antecedência, elas podem não ser grande coisa quando você estiver realmente lá na consulta.”

“É mais fácil falar do que fazer”, disse Jessie.

“Tudo é mais fácil falar do que fazer”, respondeu a Dra. Lemmon. “Vamos deixar isso de lado por enquanto e seguir em frente para o seu divórcio pendente. Como estão as coisas nesse assunto?”

“A casa está dada em garantia. Então, espero que isso seja concluído sem complicações. Meu advogado diz que meu pedido de divórcio rápido foi aprovado e que deve ser concluído antes do fim do ano. Há um bônus nessa situação - porque a Califórnia é um estado de propriedade da comunidade, eu recebo metade dos bens do meu cônjuge assassino. Ele também ganha metade dos meus, apesar de ser julgado por nove grandes crimes no início do ano que vem. Mas considerando que eu era apenas uma estudante até algumas semanas atrás, isso não significa muito.”

“Ok, como você se sente sobre tudo isso?”

“Eu me sinto bem com o dinheiro. Eu diria que eu mais do que o mereci. Você sabia que eu usei o seguro de saúde do trabalho dele para pagar a lesão que ele mesmo me provocou ao me perfurar com o atizador da lareira? Há algo de poético nisso. Por outro lado, ficarei feliz quando tudo isso acabar. Eu realmente só quero seguir em frente e tentar esquecer que passei quase uma década da minha vida com um sociopata e nunca percebi isso.”

“Você acha que deveria ter percebido?”, Dra. Lemmon perguntou.

“Estou tentando me tornar uma profissional especialista em perfil criminal, Doutora. Quão boa posso ser quando não percebi o comportamento criminoso do meu próprio marido?”

“Nós já conversamos sobre isso, Jessie. Geralmente, é difícil até mesmo para os melhores profissionais desta área, identificar o comportamento ilícito naqueles próximos a eles. Frequentemente, a distância profissional é necessária para ver o que realmente está acontecendo.”

“Imagino que você esteja falando de sua experiência pessoal?”, Jessie perguntou.

Dra. Janice Lemmon, além de terapeuta comportamental, era uma consultora criminal altamente conceituada, que costumava trabalhar em tempo integral para o Departamento da Polícia de Los Angeles. Ela ainda prestava tais serviços de vez em quando.

Dra. Lemmon usou sua influência considerável para conseguir a permissão para Jessie visitar o hospital estadual em Norwalk, para que ela pudesse entrevistar o assassino em série Bolton Crutchfield como parte de seu trabalho de pós-graduação. E Jessie suspeitava que a médica também tinha sido parte integrante de sua aceitação no famoso programa da Academia Nacional do FBI, que normalmente levava apenas pesquisadores locais experientes, e não recém-formados com quase nenhuma prática nas costas.

“Estou”, disse a Dra. Lemmon. “Mas podemos deixar isso para outra hora. Gostaria de discutir como você se sente tendo sido enganada pelo seu marido?”

“Eu não diria que fui *totalmente* enganada. Afinal de contas, por minha causa, ele está na prisão e três pessoas que, de outra forma, estariam mortas, inclusive eu, estão andando por aí. Não recebo nenhum crédito por

isso? Afinal de contas, eu *finalmente* descobri isso. Eu acho que os policiais jamais teriam descoberto.”

“Esse é um ponto justo. Graças ao seu sarcasmo, eu imagino que você prefere seguir em frente. Vamos discutir sobre seu pai?”

“Mesmo?”, Jessie perguntou, incrédula. “Temos que falar disso agora? Não podemos apenas falar sobre os problemas do meu apartamento?”

“Eu penso que eles estão relacionados. Afinal de contas, a razão pela qual sua colega de quarto não consegue dormir não é porque você tem pesadelos indutores de gritos?”

“Você não joga limpo, Doutora.”

“Só estou trabalhando com as coisas que você me diz, Jessie. Se você não quisesse que eu soubesse, você não teria mencionado isso. Posso presumir que os sonhos estão relacionados com o assassinato de sua mãe pelas mãos de seu pai?”

“Sim”, respondeu Jessie, mantendo o tom excessivamente confiante. “O Executor de Ozarks pode ter entrado na clandestinidade, mas ele ainda tem uma vítima em suas garras.”

“Os pesadelos pioraram desde a última vez que nos encontramos?”, Dra. Lemmon perguntou.

“Eu não diria que pioraram”, corrigiu Jessie. “Eles permaneceram praticamente ao mesmo nível de terrivelmente horríveis”.

“Mas eles se tornaram drasticamente mais frequentes e intensos quando você recebeu a mensagem, correto?”

“Suponho que estamos falando sobre a mensagem que Bolton Crutchfield me transmitiu revelando que esteve em contato com meu pai, que gostaria muito de me encontrar.”

“Essa é a mensagem que estamos falando.”

“Então sim, corresponde à época que eles pioraram”, Jessie respondeu.

“Deixando de lado os sonhos por um momento”, disse Dra. Lemmon, “queria reiterar o que lhe contei anteriormente.”

“Sim, Doutora, eu não esqueci. Na sua condição de assessora do Departamento de Hospitais Estaduais, Divisão de Não-Reabilitação, você consultou a equipe de segurança do hospital para garantir que Bolton Crutchfield não tenha acesso a nenhum pessoal externo não autorizado. Não há como ele se comunicar com meu pai para que ele conheça minha nova identidade.”

“Quantas vezes eu já disse isso?”, Dra. Lemmon perguntou. “Deve ter sido algumas para você memorizar assim.”

“Vamos apenas dizer que foi mais de uma vez. Além disso, me tornei amiga da chefe de segurança da instalação da DNR, Kat Gentry, e ela me disse basicamente a mesma coisa: eles atualizaram seus procedimentos para garantir que Crutchfield não tenha comunicação com o mundo exterior.”

“E ainda assim você não parece convencida”, observou Dra. Lemmon.

“Você estaria?”, Jessie perguntou. “Se seu pai fosse um assassino em série conhecido no mundo como o Executor de Ozarks e você pessoalmente o visse eviscerar suas vítimas e ele nunca fosse pego, sua mente ficaria tranquila por conta de algumas superficialidades?”

“Eu admito que provavelmente seria um pouco cética. Mas não tenho certeza de como seja produtivo insistir em algo que você não pode controlar.”

“Eu estava querendo abordar isso com você, Dra. Lemmon”, Jessie disse, deixando de lado o sarcasmo agora que ela tinha um pedido genuíno. “Temos certeza de que não tenho controle sobre a situação? Parece que Bolton Crutchfield sabe muito sobre o que meu pai tem feito nos últimos anos. E Bolton ... gosta da minha companhia. Eu estava pensando que outra visita para conversar com ele podia ser de mais valia. Quem sabe o que ele pode revelar dessa vez?”

A Dra. Lemmon respirou fundo ao considerar a proposta.

“Eu não tenho certeza se jogar jogos mentais com um notório assassino em série é o melhor próximo passo para o seu bem-estar emocional, Jessie.”

“Você sabe o que seria ótimo para o meu bem-estar emocional, Doutora?” Jessie disse, sentindo sua frustração aumentar apesar de seus melhores esforços. “Não temer que o meu pai psicótico possa pular de um canto qualquer e me esfaquear toda.”

“Jessie, se apenas conversando comigo sobre isso você fica tão irritada, o que vai acontecer quando Crutchfield começar a pisar nos seus calos?”

“Não é o mesmo. Eu não tenho que me censurar quando estou aqui com você. Com ele eu sou uma pessoa diferente. Sou profissional”, disse Jessie, certificando-se de que seu tom fosse mais medido agora. “Estou cansada de ser uma vítima e isso é algo tangível que posso fazer para

mudar a dinâmica das coisas. Você vai pelo menos levar isso em consideração? Eu sei que sua recomendação é praticamente um ingresso de ouro nesta cidade.”

Dra. Lemmon olhou para ela por alguns segundos através de seus óculos grossos, seus olhos perfurando dentro dela.

“Eu vou ver o que posso fazer”, ela finalmente disse. “Falando em ingressos de ouro, você já aceitou formalmente o convite da Academia Nacional do FBI?”

“Ainda não. Ainda estou colocando minhas opções na balança.”

“Eu acho que você poderia aprender muito lá, Jessie. E não faria mal tê-lo em seu currículo quando você está tentando trabalhar aqui. Preocupa-me que deixar essa chance passar possa ser uma forma de auto-sabotagem.”

“Não é isso”, garantiu Jessie. “Eu sei que é uma ótima oportunidade. Só não tenho certeza se este é o momento ideal para eu me mudar para o outro lado do país por quase três meses. Estão mil coisas acontecendo na minha vida nesse momento.”

Ela tentou manter a agitação fora de sua voz, mas podia ouvi-la chegando aos poucos. Claramente a Dra. Lemmon também percebeu, porque logo mudou de foco.

“Ok. Agora que obtivemos uma visão geral de como as coisas estão indo, gostaria de aprofundar um pouco mais sobre alguns assuntos. Se bem me lembro, o seu pai adotivo veio aqui recentemente para ajudar você a se afastar um pouco. Eu quero conversar sobre isso em alguns instantes. Mas primeiro, vamos discutir como você está se recuperando fisicamente. Eu sei que você acabou de fazer sua última sessão de fisioterapia. Como foi isso?”

Os quarenta e cinco minutos seguintes fizeram Jessie se sentir como uma árvore tendo sua casca descascada. Quando acabou, ela estava feliz em sair, mesmo sabendo que a próxima parada seria a consulta para reconfirmar se ela poderia ou não ter filhos no futuro. Depois de quase uma hora com a Dra. Lemmon cutucando sua psique, ela achava que ter o seu corpo cutucado seria uma verdadeira brisa. Ela estava errada.

*

Não foram tanto as cutucadas que a desestabilizaram. Foi o resultado. A consulta em si foi bastante tranquila. A médica de Jessie confirmou que

ela não tinha sofrido nenhum dano permanente e assegurou que ela deveria ser capaz de conceber no futuro. Ela também deu autorização para retomar a atividade sexual, algo que genuinamente não passava pela cabeça de Jessie desde que Kyle a tinha atacado. O médico disse que, salvo algo inesperado, ela deveria retornar a uma consulta para um acompanhamento daqui a seis meses.

Foi só quando ela estava no elevador no caminho para a garagem que ela se descontrolou. Ela não tinha certeza do porquê, mas sentiu como se estivesse caindo em um buraco escuro no chão. Ela correu para o carro e se sentou no banco do motorista arfando, deixando o choro nervoso tomar seu corpo.

E então, no meio das lágrimas, ela entendeu. Algo sobre a finalidade daquela consulta a atingiu duramente. Ela não teria que voltar nos próximos seis meses. Seria uma visita normal. Analisando o futuro próximo, o estágio em sua vida envolvendo uma gravidez havia efetivamente terminado.

Ela quase podia sentir uma porta emocional se fechar e era chocante. Somada ao seu casamento ter terminado da maneira mais chocante possível e à descoberta de que o pai assassino que ela pensava ter colocado no passado estava de volta ao presente, a percepção de que ela tinha tido um ser vivo dentro dela e agora ela não tinha mais, era demais para suportar.

Ela saiu da garagem, sua visão embaçada por olhos inundados de lágrimas. Ela não se importava. Ela se viu pressionando com força o acelerador na Robertson, indo na direção do sul. Era o começo da tarde e não havia muito tráfego. Ainda assim, ela entrava e saía loucamente das ruas.

À sua frente, em um semáforo, ela viu um grande caminhão em movimento. Ela pisou com força no acelerador e sentiu o pescoço ficar para trás quando acelerou. O limite de velocidade era de sessenta, mas ela estava passando acima de setenta, noventa, cem. Ela tinha certeza de que, se batesse no caminhão com força suficiente, toda a sua dor desapareceria em um instante.

Ela olhou para a esquerda e, enquanto passava, viu uma mãe caminhando pela calçada com seu filho criança. O pensamento daquele pequeno garoto vendo uma massa disforme de metal amassado, fogo crepitante e restos humanos carbonizados a fez voltar para a realidade.

Jessie freou com força, derrapando até parar a poucos metros da traseira do caminhão. Ela entrou no estacionamento do posto de gasolina à sua direita, estacionou e desligou o carro. Ela estava respirando pesadamente e a adrenalina percorria seu corpo, fazendo seus dedos das mãos e pés formigarem até o ponto de desconforto.

Após cerca de cinco minutos sentada lá imóvel com os olhos fechados, seu peito parou de arfar e sua respiração voltou ao normal. Ela ouviu um zumbido e abriu os olhos. Era o celular dela. O identificador de chamadas dizia que era o detetive Ryan Hernandez, do Departamento da Polícia de Los Angeles. Ele tinha dado uma palestra na sua aula de criminologia no último semestre, onde ela o tinha impressionado com a forma como tinha resolvido um caso de amostra que ele havia levado para a classe. Ele também a tinha visitado no hospital depois que Kyle tentou matá-la.

“Olá, olá”, disse Jessie em voz alta para si mesma, certificando-se de que sua voz soasse normal. Perto o suficiente. Ela atendeu a ligação.

“Aqui é a Jessie.”

“Olá, Menina Hunt. Aqui é o detetive Ryan Hernandez. Você se lembra de mim?”

“É claro”, disse ela, satisfeita por sua voz soar como habitual. “Que se passa?”

“Eu sei que você se formou recentemente”, disse ele, sua voz soando mais hesitante do que ela se lembrava. “Você já conseguiu alguma colocação no mercado?”

“Ainda não”, ela respondeu. “Estou avaliando minhas opções agora.”

“Se é assim, eu gostaria de falar com você sobre um trabalho.”

CAPÍTULO QUATRO

Uma hora depois, Jessie estava sentada na área da recepção da Delegacia Central da Polícia Comunitária do Departamento de Polícia de Los Angeles, ou como era mais comumente chamada, Divisão do Centro da Cidade, onde estava esperando que o detetive Hernandez saísse para encontrá-la. Ela se recusou expressamente a pensar sobre o que acontecera com o seu quase acidente. Era muito para processar naquele momento. Em vez disso, ela se concentrou no que estava prestes a acontecer.

Hernandez tinha sido cauteloso na ligação, dizendo que não podia entrar em detalhes - apenas que uma posição júnior estava se abrindo e ele havia pensado nela. Ele pediu-lhe que viesse discutir pessoalmente, já que queria avaliar o interesse dela antes de mencioná-la aos superiores.

Enquanto Jessie esperava, ela tentou lembrar o que sabia sobre Hernandez. Ela o conhecera naquele outono, quando ele havia visitado o curso de psicologia forense do seu mestre para discutir as aplicações práticas da identificação de perfis criminais. Ela ficou sabendo que quando ele era um policial de rua, ele tinha sido fundamental na captura de Bolton Crutchfield.

Na aula, ele havia apresentado um elaborado caso de assassinato para os estudantes e perguntou se alguém poderia determinar o responsável e o motivo. Somente Jessie havia descoberto. Na verdade, Hernandez havia dito que ela era apenas a segunda aluna a resolver o caso.

Na segunda vez que o viu, ela estava no hospital se recuperando do ataque de Kyle. Ela ainda estava um pouco drogada na época, então suas lembranças eram um pouco nebulosas.

Ele só estivera lá para visitá-la porque ela havia ligado anteriormente para ele, desconfiada sobre como tinha sido o passado de Kyle antes de conhecê-lo, aos dezoito anos, na esperança de conseguir qualquer pista que o detetive pudesse oferecer. Ela havia deixado uma mensagem de voz para Hernandez e, quando ele não conseguiu contatá-la depois de várias ligações - principalmente porque o marido a havia amarrado dentro de

casa, ele havia rastreado o sinal do celular e descoberto que ela estava no hospital.

Ele deu uma ajuda quando a visitou, atualizando-a sobre o estado do caso pendente contra Kyle. Mas ele também tinha claramente desconfiado (com razão) que Jessie não tinha feito tudo o que podia para deixar tudo às claras depois que Kyle matou Natalia Urgova.

Era verdade. Depois que Kyle persuadira Jessie de que ela havia matado Natalia após um ataque de raiva, bêbada, que ela não conseguia lembrar, ele se havia oferecido para encobrir o crime, jogando o corpo daquela mulher no mar. Apesar de suas dúvidas na época, Jessie não tinha feito esforços para ir à polícia explicar o caso. Era algo que ela se arrependia até hoje.

Hernandez estava ciente daquilo, mas, até onde ela sabia, ele nunca disse nada a ninguém depois. Uma pequena parte dela temia que esse fosse o verdadeiro motivo pelo qual ele a chamara aqui hoje e que o trabalho era apenas uma desculpa para levá-la à delegacia. Ela imaginou que se ele a levasse para uma sala de interrogatório, ela saberia para onde as coisas estavam indo.

Depois de alguns minutos, ele saiu para cumprimentá-la. Ele parecia muito como ela se lembrava dele, cerca de trinta anos, bem apessoado, mas não excessivamente imponente. Com cerca de um metro e oitenta de altura e um pouco menos de 90 quilos, ele estava claramente em boa forma. Foi só quando ele se aproximou que ela se lembrou do quão musculoso ele era.

Ele tinha cabelos negros e curtos, olhos castanhos e um sorriso largo e caloroso que provavelmente fazia com que os suspeitos se sentissem à vontade. Ela se perguntou se ele cultivava aquele sorriso por esse mesmo motivo. Ela viu a aliança na mão esquerda e lembrou que ele era casado, mas não tinha filhos.

“Obrigado por ter vindo, Sra. Hunt”, disse ele, estendendo a mão.

“Por favor, me chame de Jessie”, disse ela.

“Ok, Jessie. Vamos para a minha mesa e vou te contar o que eu tinha em mente.”

Jessie sentiu uma onda de alívio mais forte do que o esperado quando ele não sugeriu a sala de interrogatório, mas conseguiu evitar tornar isso óbvio. Enquanto ela o seguia em direção ao escritório, ele falou baixinho.

“Tenho acompanhado seu caso”, ele admitiu. “Ou, mais precisamente, o caso de seu marido.”

“Em breve ex”, observou ela.

“Certo. Eu também ouvi isso. Sem planos para permancer com o cara que tentou incriminar você por assassinato e depois te matar, né? Não há mesmo lealdade nos dias de hoje.”

Ele sorriu para deixá-la saber que estava brincando. Jessie não pôde deixar de ficar impressionada com um sujeito disposto a fazer uma piada sobre assassinato para alguém que quase foi assassinada.

“A culpa é esmagadora”, disse ela, brincando.

“Aposto. Eu tenho que dizer, as coisas não parecem nada boas para o seu quase ex-marido. Mesmo que os promotores não peçam a pena de morte, duvido que ele saia da cadeia algum dia.”

“É o que você diz...”, Jessie murmurou, não precisando terminar a frase.

“Vamos para um assunto mais feliz, vamos?”, Hernandez sugeriu.

“Como você pode ou não se lembrar da minha visita à sua sala de aula, eu trabalho para uma unidade especial em Roubos e Homicídios. Chama-se Seção Especial de Homicídios, ou SEH, abreviadamente. Somos especializados em casos de grande destaque - dos tipos que geram muito interesse da mídia ou escrutínio público. Isso pode incluir incêndios, assassinatos com várias vítimas, assassinatos de pessoas notáveis e, é claro, assassino em séries.”

“Como Bolton Crutchfield, o cara que você ajudou a capturar.”

“Exatamente”, disse ele. “Nossa unidade também emprega especialistas em perfis criminais. Eles não são exclusivos para nós. Todo o departamento tem acesso a eles, mas temos prioridade. Você já deve ter ouvido falar de nosso professor sênior, Garland Moses.”

Jessie assentiu. Moses era uma lenda na comunidade de especialistas em perfis criminais. Um ex-agente do FBI, ele se tinha mudado para a Costa Oeste para se aposentar no final dos anos 90, depois de ter passado décadas saltando pelo país em busca de assassinos em série. Mas o Departamento da Polícia de Los Angeles fez uma oferta e ele concordou em trabalhar como consultor. Ele era pago pelo departamento, mas não era funcionário oficial, então podia ir e vir como quisesse.

Ele tinha mais de setenta anos agora, mas ainda aparecia para trabalhar todos os dias. E pelo menos três ou quatro vezes por ano, Jessie lia uma

história dele desvendando um caso que ninguém mais conseguia resolver. Ele supostamente tinha um escritório no segundo andar deste prédio, dentro do que se dizia ser um antigo depósito de vassouras.

“Eu vou conhecê-lo?”, Jessie perguntou, tentando manter seu entusiasmo sob controle.

“Hoje não”, disse Hernandez. “Talvez se você aceitar o trabalho e se instalar por um tempo, eu a apresentarei. Ele é um pouco mal-humorado.”

Jessie sabia que Hernandez estava sendo diplomático. Garland Moses tinha fama de ser um idiota taciturno e mal-humorado. Se ele não fosse ótimo em pegar assassinos, provavelmente estaria desempregado.

“Então, Moses é como se fosse o especialista emérito em perfis criminais do departamento”, continuou Hernandez. “Ele só aparece para pegar casos realmente grandes. O departamento tem um número de outros funcionários e especialistas em perfis criminais autônomos que usa para casos menos célebres. Infelizmente, nosso especialista júnior, Josh Caster, apresentou sua demissão ontem.”

“Porquê?”

“Oficialmente?”, Hernandez disse. “Ele queria se mudar para uma área mais amigável da família. Ele tem uma esposa e dois filhos que ele nunca conseguia ver. Então ele aceitou uma posição em Santa Bárbara.”

“E não oficialmente?”

“Ele não conseguia mais desvendar nada. Ele trabalhou no setor de roubo e homicídios meia dúzia de anos, foi para o programa de treinamento do FBI, voltou com pique máximo e entusiasmado e realmente trabalhou duro como um especialista em perfis criminais por dois anos depois disso. E então ele atingiu uma espécie de parede, não conseguia mais evoluir.”

“O que você quer dizer?”, Jessie perguntou,

“Este é um negócio feio, Jessie. Eu sinto que não preciso te dizer isso, considerando o que aconteceu com seu marido. Mas uma coisa é ter uma briga com violência ou morte. Outra é enfrentar isso todos os dias, ver as coisas sujas que os seres humanos podem fazer uns aos outros. É difícil manter sua humanidade sob o ataque dessas coisas. Isso te machuca. Se você não tem um lugar para se livrar dessa carga no final do dia, pode realmente mexer com você. Isso é algo para você pensar enquanto considera minha proposta.”

Jessie decidiu que agora não era a hora de contar ao detetive Hernandez que sua experiência com Kyle não tinha sido a primeira vez que ela vira a morte de perto. Ela não tinha certeza se ver seu pai matando várias pessoas quando criança, incluindo sua própria mãe, poderia prejudicar suas perspectivas de emprego.

“Qual é exatamente a sua proposta?”, ela perguntou, evitando completamente o assunto.

Eles haviam chegado à mesa de Hernandez. Ele fez sinal para ela se sentar em frente a ele enquanto continuava.

“Substituir Caster, pelo menos de forma provisória. O departamento ainda não está pronto para contratar um novo especialista em perfis criminais em tempo integral. Eles investiram muitos recursos no Caster e agora se sentem ressabiados. Eles querem fazer uma grande pesquisa de candidatos antes de contratar um substituto permanente. Enquanto isso, eles estão procurando alguém júnior, que não se importe de não ser contratado em tempo integral e não se importe de ser mal pago.”

“Isso é ótimo para atrair os candidatos mais bem preparados”, disse Jessie.

“Concordo. Esse é o meu medo - que, no interesse de manter os custos baixos, eles escolham alguém que não tenha capacidade. Eu? Eu prefiro tentar alguém que ainda não esteja maduro, mas tenha talento, em vez de um picareta que não consiga traçar um único perfil direito.”

“Você acha que eu tenho talento?”, Jessie perguntou, esperando que ela não soasse como se estivesse pescando por um elogio.

“Eu acho que você tem potencial. Você mostrou isso no cenário da sala de aula. Eu respeito seu professor, Warren Hosta. E ele me diz que você tem talento real. Ele não entrou em detalhes, mas disse que você recebeu permissão para entrevistar um detento de alto valor e que estabeleceu um relacionamento que poderia ser proveitoso no futuro. O fato de ele não poder me dar detalhes sobre algo que uma graduada recém-formada está fazendo sugere que você não é tão crua quanto parece. Além disso, você conseguiu descobrir o elaborado plano de assassinato de seu marido e não ser morta no processo. Isso não é pouca coisa. Eu também sei que você foi aceita na Academia Nacional do FBI sem nenhuma experiência de aplicação da lei. Isso quase nunca acontece. Então, estou disposto a me arriscar por você e jogar seu nome na mesa. Assumindo que você esteja interessada. Você está interessada?”

CAPÍTULO CINCO

“Então você não vai fazer a coisa do FBI?”, Lacy perguntou incrédula enquanto tomava outro gole de vinho.

Elas estavam sentadas no sofá, a meio caminho de uma garrafa de vinho tinto e devorando a comida chinesa que acabara de ser entregue. Já passava das oito da noite e Jessie estava exausta depois do dia mais longo que se lembrava em meses.

“Eu ainda vou fazer, só não agora. Eles me concederam um adiamento. Eu posso me juntar a outra classe da Academia, desde que eu entre em algum momento nos próximos seis meses. Caso contrário, eu tenho que reaplicar a candidatura. Considerando que eu tive sorte de ser aceita dessa vez, isso praticamente significa que irei mesmo em breve.”

“E você está desistindo disso para fazer um trabalho pesado para o Departamento da Polícia de Los Angeles?”, Lacy perguntou, incrédula.

“Mais uma vez, não desisti”, Jessie apontou, tomando um grande gole de seu próprio copo, “apenas posterguei. Eu já estava hesitante com tudo o que estava acontecendo com a venda da casa e minha recuperação física. Este foi apenas o argumento decisivo. Além disso, parece legal!”

“Não, não”, disse Lacy. “Soa totalmente entediante. Até mesmo seu amigo detetive disse que você estaria fazendo tarefas rotineiras e lidando com casos de baixa relevância que ninguém mais queria pegar.”

“No início. Mas uma vez que eu tenha um pouco de experiência, tenho certeza que eles me lançarão algo mais interessante. Isso é Los Angeles, Lace. Eles não serão capazes de manter a loucura longe de mim.”

*

Duas semanas depois, quando a viatura da polícia deixou Jessie a uma quadra da cena do crime, ela agradeceu aos agentes e dirigiu-se ao beco onde viu a fita policial já colocada. Ao atravessar a rua, evitando os motoristas que pareciam mais dispostos a atropelá-la do que a desviarem, percebeu que esse seria seu primeiro caso de assassinato.

Recapitulando seu breve tempo na Delegacia Central, ela viu que tinha estado errada ao pensar que eles não poderiam manter a loucura longe dela. De alguma forma, pelo menos até agora, eles tinham mantido. Na verdade, a maior parte de seu tempo nesses dias era passada na delegacia, passando por casos abertos para garantir que a papelada que Josh Caster arquivara antes de sair estivesse em dia. Era penoso.

Não ajudava que a Delegacia Central parecesse uma rodoviária movimentada. A principal área de escritório era massiva. As pessoas cercavam Jessie o tempo todo e ela nunca tinha certeza se eram funcionários, civis ou suspeitos. Ela tinha que trocar de mesas repetidamente, já que especialistas em perfis criminais que não usavam a etiqueta “interino” reivindicavam as estações de trabalho que preferiam com base nas suas antiguidades. Não importava onde ela se sentasse, Jessie sempre parecia estar situada logo abaixo de uma trémula luz fluorescente.

Mas não hoje. Entrando no beco perto da East 4th Street, ela viu o detetive Hernandez no outro extremo e esperou que este caso fosse diferente dos outros que tinham sido designados a ela até agora. Para cada um desses casos, ela havia acompanhado alguns detetives, mas sua opinião nunca fora requisitada. Não tinha havido muita necessidade disso de qualquer maneira.

Dos três casos de campo que ela acompanhara, dois eram assaltos e um era incêndio criminoso. Em cada caso, os suspeitos confessavam minutos depois da prisão, um deles até mesmo confessou sem sequer ser questionado sobre nada. O detetive teve que ler os direitos do cara e fazê-lo voltar a confessar.

Mas hoje poderia finalmente ser diferente. Era segunda-feira, pouco antes do Natal, e Jessie esperava que o espírito da temporada pudesse deixar Hernandez mais generoso do que alguns de seus colegas. Ela se juntou a ele e seu parceiro naquele dia, um cara de quarenta e poucos anos, de óculos, chamado Callum Reid, enquanto investigavam a morte de um drogado encontrado no final do beco.

Ele ainda tinha uma agulha saindo do braço esquerdo e o policial responsável só havia chamado os detetives como uma formalidade. Enquanto Hernandez e Reid conversavam com o oficial, Jessie se abaixou sob a fita da polícia e se aproximou do corpo, certificando-se de não pisar em nenhum lugar sensível.

Ela olhou para o jovem que não parecia mais velho que ela. Ele era afro-americano, com corte de cabelo em estilo degradê. Mesmo deitado e descalço, ela poderia dizer que ele era alto. Algo sobre ele parecia familiar.

“Eu deveria saber quem é esse cara?”, ela gritou para Hernandez. “Eu sinto que já o vi em algum lugar antes.”

“Provavelmente”, gritou Hernandez de volta. “Você frequentou a USC, certo?”

“Sim”, ela disse.

“Vocês dois devem se ter cruzado lá por um ano ou dois. Seu nome era Lionel Little. Ele jogou basquete lá por alguns anos antes de se tornar profissional.”

“Ok, acho que me lembro dele”, disse Jessie.

“Ele tinha um lindo arremesso com a mão esquerda”, lembrou o detetive Reid. “Me lembrava um pouco de George Gervin. Ele era um novato altamente elogiado, mas acabou sumindo depois de alguns anos. Ele não podia jogar na defesa e não sabia como lidar com todo o dinheiro ou o estilo de vida da NBA. Ele só durou três temporadas antes de estar fora do campeonato inteiro. As drogas praticamente tomaram o controle nesse ponto. Em algum momento, ele acabou nas ruas.”

“Eu o via por aí de vez em quando”, acrescentou Hernandez. “Ele era um garoto doce - nunca o citei por mais do que ficar vadiando ou urinando em público.”

Jessie se inclinou e olhou mais de perto para Lionel. Ela tentou se imaginar na posição dele, um jovem perdido, viciado, mas sem muitos problemas, vagando pelos becos do centro de LA nos últimos anos. De alguma forma ele conseguira manter seu hábito sem overdose ou sem acabar na cadeia. E, no entanto, ali estava ele, deitado num beco, com a agulha no braço, descalço. Algo não parecia certo.

Ela se ajoelhou para ver de perto onde a agulha se projetava de sua pele. Estava encravada no fundo da pele macia dele.

A pele macia dele...

“Detetive Reid, você disse que Lionel tinha um bom arremesso com a mão esquerda, certo?”

“Uma coisa linda”, ele respondeu com apreciação.

“Então, posso supor que ele era canhoto?”

“Ah sim, ele era totalmente dominante na mão esquerda. Ele tinha problemas reais para jogar com a direita. Defensores sempre o atacavam para esse lado e o bloqueavam completamente. Foi outra razão pela qual ele nunca vingou nos profissionais.”

“Isso é estranho”, ela murmurou.

“O quê”, perguntou Hernandez.

“É só... vocês podem vir aqui? Há algo que não está fazendo sentido para mim sobre essa cena do crime.”

Os detetives se aproximaram e pararam logo atrás, onde Jessie estava ajoelhada. Ela apontou para o braço esquerdo de Lionel.

“Aquela agulha parece estar bem enfiada em seu braço e não está nem perto de uma veia.”

“Talvez ele tivesse uma mira ruim?”, Reid sugeriu.

“Talvez”, admitiu Jessie. “Mas olhe para o braço direito dele. Há uma linha precisa de marcas que acompanham suas veias. É muito meticoloso para um viciado em drogas. E isso faz sentido, porque ele era um esquerdista. É claro que ele injetaria seu braço direito com a mão dominante.”

“Isso faz sentido”, concordou Hernandez.

“Então eu pensei que talvez ele tivesse sido apenas mais desleixado quando usou seu braço direito”, Jessie continuou. “Como você disse, detetive Reid, talvez ele tivesse apenas uma mira ruim.”

“Exatamente”, disse Reid.

“Mas olhem”, disse Jessie apontando para o braço. “Além da marca dessa agulha de agora, seu braço esquerdo está liso - sem nenhuma outra marca.”

“O que isso lhe diz?”, Hernandez perguntou, começando a ver aonde ela estava indo.

“Isso me diz que ele não injetava em seu braço esquerdo, ou praticamente nunca. Pelo que eu posso dizer, este não é o tipo de cara que deixaria alguém injetar nele naquele braço também. Ele tinha um sistema. Ele foi muito metódico. Olhe para as costas da mão direita dele. Ele tem marcas lá também. Ele preferia injetar na própria mão do que confiar em outra pessoa. Aposto que, se tirássemos as meias dele, encontraríamos marcas entre os dedos do pé direito também.”

“Então você está sugerindo que ele não teve overdose?”, Reid perguntou ceticamente.

“Estou sugerindo que alguém queria fazer com que parecesse que ele estava com overdose, mas fez um trabalho desleixado e apenas enfiou a agulha em algum lugar de seu braço esquerdo, tal como pessoas destrás normalmente fariam.”

“Por que?”, Reid perguntou.

“Bem”, Jessie disse cautelosamente, “comecei a pensar sobre o fato de que os tênis dele não estão aqui. Nenhuma de suas outras roupas sumiu. Eu estou querendo saber se, por ele ter sido um ex-jogador profissional, seus tênis eram caros. Alguns deles não custam centenas de dólares?”

“Eles custam sim”, Hernandez respondeu, parecendo animado. “Na verdade, quando ele se uniu à liga e todos pensaram que ele seria um grande negócio, ele assinou um contrato de calçado com uma empresa iniciante chamada Hardwood. A maioria dos caras assinava com uma das grandes empresas de tênis - Nike, Adidas, Reebok. Mas Lionel foi com esses caras. Eles eram vistos como inovadores. Talvez inovadores demais porque eles faliram há alguns anos.”

“Então os tênis não seriam tão valiosos assim”, disse Reid.

“Na verdade, é o oposto”, corrigiu Hernandez. “Porque eles foram à falência, os tênis se tornaram bens raros e procurados. Há apenas uns tantos em circulação, então cada um é bastante valioso para colecionadores. Como porta-voz da empresa, Lionel provavelmente conseguiu um caminhão deles quando assinou pela primeira vez. E eu estaria disposto a apostar que era um desses que ele estava calçando esta noite.”

“Então”, Jessie continuou, “alguém o viu usando os tênis. Talvez eles estivessem desesperados por dinheiro. Lionel não é visto como um cara durão. Ele é um alvo fácil. Então essa pessoa mata o Lionel, rouba os tênis e enfia uma agulha no braço dele, esperando que nós consideremos isso apenas como mais uma overdose.”

“Não é uma teoria maluca”, disse Hernandez. “Vamos ver se podemos fazer uma busca por alguém na área usando um par de Hardwoods.”

“Se Lionel não sofreu uma overdose, então como o assassino o matou?”, Reid pensou. “Eu não vejo nenhum sangue.”

“Eu acho que é uma ótima pergunta... para o médico-legista”, disse Hernandez, sorrindo enquanto voltava para o outro lado da fita da polícia. “Por que não ligamos para um e almoçamos?”

“Eu tenho que correr para o banco”, disse Reid. “Talvez eu encontre você de volta na delegacia.”

“Ok. Parece que somos só você e eu, Jessie”, disse Hernandez. “O que você acha de um cachorro-quente vendido na carrocinha? Eu vi um cara do outro lado da rua mais cedo.”

“Eu sinto que vou me arrepender, mas vou de qualquer maneira, porque não quero parecer uma covarde.”

“Você sabe”, ele apontou, “se você diz que está fazendo isso para que você não se pareça com uma covarde, todo mundo sabe que você está apenas comendo isso pelo crédito. Isso é meio covarde. Apenas uma dica profissional.”

“Obrigado, Hernandez”, respondeu Jessie. “Estou aprendendo todos os tipos de coisas novas hoje.”

“É chamado de treinamento no trabalho”, disse ele, continuando a implicar com ela enquanto caminhavam pelo beco até a rua. “Agora, se você colocar as cebolas *e os* pimentos no cachorro, poderá ganhar algum crédito na rua.”

“Uau”, disse Jessie, fazendo uma careta. “Como sua esposa gosta de se deitar ao seu lado à noite quando você cheira a essas coisas?”

“Não é um grande problema”, disse Hernandez, e, em seguida, virou-se para o vendedor para fazer seu pedido.

Algo na resposta de Hernandez lhe pareceu estranho. Talvez sua esposa simplesmente não se incomodasse com o cheiro de cebola e pimento na cama. Mas seu tom sugeria que talvez não fosse um grande problema, porque ele e sua esposa não estavam dividindo a cama hoje em dia.

Apesar de sua curiosidade, Jessie deixou para lá. Ela mal conhecia esse homem. Ela não ia interrogá-lo sobre o estado de seu casamento. Mas ela desejava poder, de alguma forma, descobrir se seu instinto estava longe ou se suas suspeitas estavam corretas.

Falando em coragem, o vendedor estava olhando para ela com expectativa, esperando que ela fizesse seu pedido. Ela olhou para o cachorro de Hernandez, transbordando de cebolas, pimentões e o que parecia ser salsa. O detetive estava olhando para ela, claramente pronto para zombar dela.

“Eu vou querer o mesmo que ele”, disse ela. “Exatamente o mesmo.”

*

De volta à delegacia, algumas horas depois, ela estava saindo do banheiro feminino pela terceira vez, quando Hernandez se aproximou com um largo sorriso no rosto. Ela se forçou a parecer casual e ignorou o desconfortável som que vinha da sua barriga.

“Boas notícias”, disse ele, felizmente sem perceber o seu desconforto. “Fomos informados de que alguém foi pego alguns minutos atrás usando Hardwoods que combinam com o tamanho do pé de Lionel, que era tamanho quarenta e oito. A pessoa que está usando os tênis tem pés de tamanho 41. Portanto, isso é - você sabe - algo suspeito. Bom trabalho.”

“Obrigada”, disse Jessie, tentando parecer como se não fosse grande coisa. “Alguma palavra do legista sobre a possível causa da morte?”

“Nada oficial ainda. Mas quando eles viraram Lionel, eles encontraram uma marca maciça no lado de trás de sua cabeça. Portanto, um hematoma subdural não é uma hipótese maluca. Isso explicaria a falta de sangue.”

“Ótimo”, disse Jessie, feliz que sua teoria parecia ter dado certo.

“Sim, exceto que não é tão ótimo assim para a família. A mãe dele estava lá para identificar o corpo e aparentemente ela está totalmente destruída. Ela é mãe solteira. Lembro-me de ler em algum artigo sobre ele que ela chegou a trabalhar em três empregos ao mesmo tempo quando Lionel era criança. Ela devia pensar que seria capaz de ter um descanso uma vez que ele alcançasse o sucesso. Mas não foi bem assim.”

Jessie não sabia o que dizer em resposta, então simplesmente assentiu e ficou em silêncio.

“Estou encerrando o dia”, disse Hernandez abruptamente. “Alguns de nós estão saindo para uma bebida, se você quiser se juntar. Você definitivamente merece eu que te pague uma.”

“Eu iria, mas devo ir a um clube hoje à noite com minha colega de apartamento. Ela acha que é hora de eu voltar ao namoro.”

“*Você* acha que é hora?”, Hernandez perguntou, levantando as sobrancelhas.

“Eu acho que ela é implacável e não vai deixar isso para lá a menos que eu saia pelo menos uma vez, mesmo que seja em uma noite de segunda-feira. Isso deve me dar algumas semanas de paz antes de ela começar a insistir de novo.”

“Bom, divirta-se”, disse ele, tentando parecer otimista.
“Obrigada. Tenho certeza que não vou me divertir.”

CAPÍTULO SEIS

O clube estava barulhento e escuro e Jessie podia sentir uma dor de cabeça chegando.

Uma hora atrás, quando ela e Lacy estavam se preparando, as coisas pareciam muito mais promissoras. O entusiasmo de sua amiga era contagiante e ela se viu quase ansiosa pela noite, enquanto elas colocavam os vestidos e se penteavam.

Quando elas saíram do apartamento, Jessie não podia dizer que discordava da afirmação de Lacy de que ela estava “super gata”. Ela estava usando a saia vermelha com a fenda na coxa, a que ela nunca conseguira usar em sua breve mas tumultuada existência suburbana em Orange County. Ela usava um top preto sem mangas que acentuava o tônus muscular que havia adquirido durante a fisioterapia.

Ela até se dignou a colocar um par de saltos altos negros, de oito centímetros, que oficialmente a colocava a mais de um metro e oitenta e no clube de mulheres Amazonas ao lado de Lacy. Originalmente ela usava o cabelo castanho para cima, mas sua companheira de apartamento especialista em moda a convenceu a deixá-lo cair, de modo que ele passava em cascata pelos ombros até a parte superior das costas. Olhando no espelho, ela não achou totalmente ridículo quando Lacy disse que elas pareciam uma dupla de modelos aproveitando a noite.

Mas uma hora depois, seu humor havia azedado. Lacy estava se divertindo muito, brincando de flertar com caras que ela não estava interessada e flertando seriamente com garotas que ela efetivamente estava. Jessie se viu no bar conversando com o barman, que obviamente estava bem treinado em entreter garotas que não estavam acostumadas com aquilo tudo.

Ela não sabia quando havia se tornado tão sem graça. Era verdade que ela não sabia o que era ser solteira em quase uma década. Mas ela e Kyle saíam exatamente para esse tipo de clube quando moravam aqui, antes da mudança para Westport Beach. Ela nunca havia se sentido fora do lugar.

Na verdade, ela adorava conferir o novo centro de Los Angeles - "CLA" para os locais - clubes, bares e restaurantes, alguns dos quais pareciam abrir a cada semana. Os dois costumavam entrar e dominar os locais, experimentando o item de menu ou bebida menos convencional, dançando no meio do clube, ignorando os olhares duvidosos. Ela não sentia falta de Kyle, mas ela tinha que admitir que sentia falta da vida que eles haviam compartilhado juntos antes de tudo ter ido por água abaixo.

Um rapaz, provavelmente com menos de vinte e cinco anos, aproximou-se dela e sentou no banco vazio à sua esquerda. Ela deu uma rápida olhada pelo espelho do bar, discretamente avaliando-o.

Fazia parte de um jogo particular que ela gostava de brincar consigo mesma. Ela informalmente o chamava de 'Previsão de Pessoas'. Nele, ela tentaria adivinhar o máximo possível sobre a vida de uma pessoa, com base apenas em como eles pareciam, agiam e falavam. Ela subrepticiamente deu ao cara um olhar de lado, e ficou encantada ao perceber que o jogo agora tinha benefícios profissionais. Afinal de contas, ela era uma especialista de perfis criminais júnior. Isso era como um trabalho de campo.

O cara era moderadamente atraente, com cabelo loiro e desgrehado que se espalhava pelo lado direito da testa. Ele estava bronzeado, mas não de um jeito de praia. Era demasiado uniforme e perfeito. Ela suspeitou que ele frequentava um salão de bronzeamento periodicamente. Ele estava em boa forma, mas parecia quase estranhamente magro, como um lobo que não comia há algum tempo.

Ele claramente vinha do trabalho, pois ainda estava de 'uniforme' - roupa, sapatos brilhantes, gravata levemente solta para mostrar que estava relaxado. Estava chegando às dez da noite e se aquela era a hora que ele saía do trabalho, dava a entender que ele trabalhava em uma função que exigia longas horas no escritório. Talvez finanças, embora isso geralmente significasse iniciar o trabalho mais cedo em vez de sair tarde da noite.

Ele provavelmente seria um advogado. Mas não para o governo; talvez um associado em seu primeiro ano em alguma empresa chique em um arranha-céu próximo, onde o estavam fazendo trabalhar até a morte. Ele era bem pago, como mostrava o terno sob medida. Mas ele não tinha muito tempo para aproveitar os frutos de seu trabalho.

Ele parecia estar decidindo qual cantada usar nela. Ele não podia lhe oferecer uma bebida, pois ela já tinha uma que ainda estava meio cheia.

Jessie decidiu dar-lhe uma mão.

“Que empresa?”, ela perguntou, virando-se para encará-lo.

“O que?”

“Com que empresa de advocacia você está?”, ela repetiu, quase gritando para ser ouvida sobre a música pulsante.

“Benson & Aguirre”, ele respondeu em um sotaque da Costa Leste que ela não conseguia identificar. “Como você sabia que eu era advogado?”

“Palpite de sorte; parece que eles estão realmente exigindo de você até o osso. Você acabou de sair?”

“Cerca de meia hora atrás”, disse ele, sua voz com um sotaque mais da região do médio-Atlântico do que Nova York. “Estou ansioso por uma bebida há cerca de três horas. Eu poderia realmente virar um copo de raspinhas de gelo, mas acho que isso aqui vai ter que cumprir o trabalho.”

Ele tomou um gole de sua garrafa de cerveja.

“Como Los Angeles se compara à Filadélfia?”, Jessie perguntou. “Eu sei que faz menos de seis meses, mas você sente que está se ajustando bem?”

“Eita, que diabos? Você é algum tipo de detetive particular? Como você sabe que eu sou da Filadélfia e só me mudei para cá em agosto?”

“É um tipo de talento que eu tenho. Eu sou Jessie, a propósito”, ela disse, estendendo a mão.

“Doyle”, disse ele, cumprimentando de volta. “Você vai me dizer como você faz esse truque? Porque eu estou meio que pirando aqui.”

“Eu não gostaria de estragar o mistério. O mistério é muito importante. Deixe-me fazer mais uma pergunta, apenas para completar o cenário. Você foi para Temple ou Villanova para estudar Direito?”

Ele olhou para ela com a boca aberta. Depois de piscar algumas vezes, ele se recuperou.

“Como você sabe que eu não fui para Penn?”, ele perguntou, fingindo insulto.

“Não, você não pediu nenhuma raspadinha de gelo na Penn. Qual foi?”

“Nova com orgulho, baby!”, ele gritou. “Vamos, *Wildcats!*”

Jessie assentiu apreciativamente.

“Eu sou uma Trojan”, disse ela.

“Oh, caramba. Você foi para a USC? Você ouviu falar sobre aquele cara Lionel Little - ex-jogador de basquete lá? Ele foi morto hoje.”

“Eu ouvi”, disse Jessie. “Triste história.”

“Ouvi dizer que ele foi morto por causa dos tênis”, disse Doyle, balançando a cabeça. “Você pode acreditar nisso?”

“Você deveria cuidar dos seus sapatos, Doyle. Eles não parecem baratos também.”

Doyle olhou para baixo, depois se inclinou e sussurrou no ouvido dela: “Oitocentos dólares.”

Jessie assobiou com espanto falso. Ela estava perdendo rapidamente o interesse por Doyle, cuja exuberância juvenil começava a ser dominada por sua auto-satisfação infantilizada.

“Então, qual é a sua história?”, ele perguntou.

“Você não quer tentar adivinhar?”

“Oh cara, eu não sou tão bom nisso.”

“Experimente, Doyle”, ela persuadiu. “Você pode se surpreender. Além disso, um advogado precisa ser perceptivo, certo?”

“Isso é verdade. Ok, vou tentar. Eu diria que você é uma atriz. Você é bonita o suficiente para ser uma. Mas o centro de Los Angeles não é realmente um território de atriz. Isso é mais parecido com Hollywood e fica para oeste. Modelo talvez? Você poderia ser. Mas você parece muito inteligente para ser essa sua principal coisa, em sua carreira. Talvez você tenha feito sido uma modelo quando era adolescente, mas agora você está fazendo algo mais profissional. Oh, eu entendi, você está em relações públicas. É por isso que você é tão boa em ler as pessoas. Estou certo? Eu sei que estou.”

“Bastante perto, Doyle. Mas não é bem assim.”

“Então o que você faz?”, ele perguntou.

“Eu sou uma especialista em perfis criminais no Departamento da Polícia de Los Angeles.”

Ela gostou de dizer isso em voz alta, especialmente quando ela viu os olhos dele se arregalarem em choque.

“Como aquele programa de TV, *Mindhunter*?”

“Sim, tipo isso. Eu ajudo a polícia a entrar na cabeça dos criminosos para que eles tenham mais chances de pegá-los.”

“Uau. Então você caça assassinos em série e essas coisas?”

“Já há algum tempo”, disse ela, deixando de mencionar que sua busca era por um assassino em série em particular e que não tinha nada a ver com o trabalho.

“Fantástico. Que trabalho legal.”

“Obrigado”, disse Jessie, sentindo que ele finalmente havia construído a coragem para perguntar o que já estava em sua mente há algum tempo.

“Então qual é o seu negócio? Você é solteira?”

“Divorciada, na verdade.”

“Mesmo?”, ele perguntou. “Você parece muito jovem para ser divorciada.”

“Eu sei, certo? Circunstâncias incomuns. Não deu certo.”

“Eu não quero ser rude, mas posso perguntar - o que era tão incomum? Quero dizer, você parece um ótimo partido. Você é uma psicopata ou algo assim?”

Jessie sabia que ele não estava perguntando por mal. Ele estava genuinamente interessado tanto na resposta quanto nela, mas ele simplesmente tinha acabado horrivelmente com todas as chances. Ela sentiu todo o seu interesse restante em Doyle escorrer para longe dela naquele momento. No mesmo instante, o peso do dia e o desconforto de seus saltos altos se fizeram presentes. Ela decidiu encerrar a noite repentinamente.

“Eu não me chamaria de psicopata, Doyle. Estou definitivamente danificada, ao ponto de acordar gritando na maioria das noites. Mas psicopata? Eu não diria isso. Basicamente nos divorciamos porque meu marido era um sociopata que assassinou uma mulher com quem ele estava dormindo, tentou incriminar-me e, finalmente, tentou matar a mim e a dois dos nossos vizinhos. Ele realmente abraçou a coisa de 'até que a morte nos separe'.”

Doyle olhou para ela, sua boca tão aberta que poderia ter pego moscas. Ela esperou que ele se recuperasse, curiosa para ver o quão suavemente ele se retiraria dali. Não muito suavemente, como se viu logo.

“Oh, isso realmente é uma droga. Gostaria de perguntar mais sobre isso, mas acabei de me lembrar que tenho um depoimento bem cedo amanhã. Eu provavelmente deveria chegar em casa. Espero ver você por aí alguma outra vez.”

Ele já estava fora do banquinho e a meio caminho da porta antes que ela pudesse dizer um “Tchau, Doyle”.

*

Jessica Thurman puxou o cobertor para cobrir seu pequeno corpo meio gelado. Ela estava sozinha na cabana com a mãe morta há três dias. Ela estava tão delirante por falta de água, calor e interação humana que às vezes pensava que sua mãe estava falando com ela, mesmo enquanto o seu cadáver permanecia caído, imóvel, com os braços no ar presos por algemas às vigas do telhado de madeira.

De repente, houve pancadas na porta. Alguém estava do lado de fora da cabana. Não poderia ser o pai dela. Ele não tinha razão para bater. Ele entraria em qualquer lugar que quisesse quando quisesse.

O barulho veio de novo, só que desta vez parecia diferente. Havia um som de sineta misturado. Mas isso não fazia sentido. A cabana não tinha uma campainha. A sineta veio de novo, desta vez sem nenhuma pancada.

De repente, os olhos de Jessie se abriram. Ela estava lá deitada na cama, permitindo que seu cérebro processasse por um segundo que o toque de sineta que ouvira tinha vindo de seu celular. Ela se inclinou para pagá-lo, notando que apesar de seu coração estar acelerado e sua respiração ser curta e rápida no peito, ela não estava tão suada como de costume após um pesadelo.

Era o detetive Ryan Hernandez. Quando atendeu a chamada, ela olhou para a hora: 2:13 da madrugada.

“Olá”, disse ela, quase sem embaralhos em sua voz.

“Jessie. É Ryan Hernandez. Desculpe ligar, mas recebi uma ligação para investigar uma morte suspeita em Hancock Park. Garland Moses não faz mais as chamadas noturnas e todos os outros já estão ocupados. Você está interessada?”

“Claro”, respondeu Jessie.

“Se eu lhe enviar o endereço, você consegue estar aqui em trinta minutos?”, ele perguntou.

“Consigo estar aí em quinze.”

CAPÍTULO SETE

Quando Jessie parou em frente à mansão em Lucerne Blvd. às 2h29 da madrugada, já havia vários carros da polícia, uma ambulância e um veículo de um médico legista na frente. Ela saiu e caminhou em direção à porta da frente, tentando parecer o mais profissional possível, dadas as circunstâncias.

Os vizinhos estavam na calçada, muitos envoltos em roupões para se proteger do frio da noite. Esse tipo de coisa não era típico de um bairro rico como Hancock Park. Aninhado entre Hollywood ao norte e o distrito de Mid-Wilshire ao sul, era um enclave tradicionalmente rico de Los Angeles; ou pelo menos tão tradicional como qualquer coisa em uma cidade tão despreocupada com a tradição histórica poderia ser.

As pessoas que moravam aqui não eram as estrelas de cinema ou os magnatas de Hollywood que se poderiam encontrar em Beverly Hills ou Malibu. Essas eram as casas dos herdeiros ricos, que poderiam ou não ter um emprego. Se o tivessem, muitas vezes era apenas para evitar o tédio. Mas eles não precisavam se preocupar em ficar entediados esta noite. Afinal, um deles estava morto e todos estavam curiosos para saber quem.

Jessie sentiu um pouco de emoção ao subir as escadas até a porta da frente, que estava marcada com fita amarela da polícia. Esta era a primeira vez que ela chegava a uma cena de crime desacompanhada por um detetive. E isso significava que era a primeira vez que ela teria que mostrar suas credenciais para acessar uma área restrita.

Ela se lembrava de ter ficado super animada quando tinha recebido as credenciais. Ela até treinou exibi-las para Lacy algumas vezes no apartamento. Mas agora, enquanto procurava atrapalhada as credenciais no bolso do casaco, tentando encontrá-las, ela se sentia surpreendentemente nervosa.

Ela não precisava daquele nervosismo, afinal. O oficial no topo da escada mal olhou para as credenciais quando puxou a fita da polícia e a deixou passar.

Jessie encontrou Hernandez e outro detetive dentro do hall de entrada da casa. O homem mais jovem parecia que estava ali somente por obrigação. A antiguidade do detetive Reid deve ter permitido que ele recusasse esse chamado. Jessie se perguntou por que Hernandez também não havia usado sua patente para se livrar daquilo. Ele a viu e acenou para ela entrar.

“Jessie Hunt, não sei se você já conhece o detetive Alan Trembley. Ele era o detetive de plantão esta noite e ele estará trabalhando no caso comigo.”

Enquanto Jessie apertava a mão dele, ela não pôde deixar de notar que, com seu desgrenhado e encaracolado cabelo loiro e os óculos pela metade do nariz, ele parecia tão disperso quanto ela.

“Nossa vítima está na casa da piscina”, disse Hernandez enquanto começava a andar, liderando o caminho. “O nome dela é Victoria Missinger. Trinta e quatro anos de idade. Casada. Sem filhos. Ela está em um canto pequeno e oculto da sala principal, o que pode ajudar a explicar por que demorou tanto para encontrá-la. Seu marido ligou esta tarde, dizendo que ele não tinha sido capaz de contatá-la por horas. Havia alguma preocupação de que poderia ter sido uma situação de sequestro, então uma busca dentro da casa não foi feita até algumas horas atrás. Seu corpo foi encontrado por um cão farejador de cadáveres.”

“Jesus”, Trembley murmurou baixinho, fazendo Jessie se perguntar o quão experiente ele era para ser desencadeado pela noção de um cão farejador de cadáver.

“Como ela morreu?”, ela perguntou.

“O legista ainda está no local e nenhum trabalho de sangue foi feito ainda. Mas a teoria inicial é uma overdose de insulina. Uma agulha foi encontrada perto do corpo. Ela era diabética.”

“Você pode morrer de uma overdose de insulina?”, Trembley perguntou.

“Claro, se não for tratada”, disse Hernandez enquanto caminhavam por um longo corredor da casa principal em direção à porta dos fundos. “E parece que ela esteve sozinha na casa da piscina por horas.”

“Parece que estamos lidando com muitos incidentes relacionados a agulhas ultimamente, detetive Hernandez”, observou Jessie. “Você sabe, eu gostaria de lidar com algum tiroteio de vez em quando.”

“Coincidência pura, asseguro-lhe”, respondeu ele, sorrindo.

Eles saíram e Jessie percebeu que a enorme casa escondia um quintal nos fundos ainda maior. Uma enorme piscina ocupava metade do espaço. Depois da piscina, ficava a casa da piscina. Hernandez foi para lá e os outros dois seguiram.

“O que faz você suspeitar que não foi apenas um acidente?”, Jessie perguntou a ele.

“Ainda não tirei nenhuma conclusão”, respondeu ele. “O médico poderá nos contar mais pela manhã. Mas a Sra. Missinger teve diabetes toda sua vida e, de acordo com o marido, ela nunca tinha sofrido um acidente como esse antes. Parece que ela sabia como cuidar de si mesma.”

“Você já falou com ele?”, Jessie perguntou.

“Não”, respondeu Hernandez. “Um policial recebeu sua declaração inicial. Ele está atualmente recebendo cuidados na sala de café da manhã. Conversaremos com ele depois que eu te mostrar a cena.”

“O que sabemos sobre ele?”, Jessie perguntou.

Michael Missinger, trinta e sete anos de idade. Herdeiro da fortuna da Petrolífera Missinger. Ele vendeu seu quinhão há sete anos e criou um fundo multimercado de cobertura que investe exclusivamente em tecnologias amigas do ambiente. Ele trabalha no centro da cidade, em uma cobertura de um desses prédios que você tem que esticar o pescoço para ver o topo.”

“Algum antecedente?”, Trembley perguntou.

“Você está de brincadeira?”, Hernandez zombou. “No papel, esse cara é tão santo quanto o Papa. Nenhum escândalo pessoal. Sem problemas financeiros. Nem mesmo uma multa de trânsito. Se ele tem segredos, eles estão bem escondidos.”

Eles chegaram à casa da piscina. Um policial uniformizado puxou a fita de isolamento para que eles pudessem entrar. Jessie seguiu Hernandez, que assumiu a liderança. Trembley acompanhou na retaguarda.

Quando Jessie entrou, tentou limpar a cabeça de todo pensamento estranho. Este era seu primeiro caso de assassinato em potencial e ela não queria distrações que a tirassem do trabalho. Ela queria se concentrar exclusivamente naquele entorno.

A casa da piscina estava toda decorada com glamour do velho mundo. Parecia com as cabanas que Jessie imaginava que as estrelas de cinema da década de 1920 usavam quando visitavam a praia. O longo sofá na parte de trás da sala principal tinha uma estrutura de madeira, mas tinha

almofadas luxuosas que pareciam extremamente confortáveis para um cochilo.

A mesa de café parecia ter sido feita à mão a partir de madeira recuperada. Alguma dessa madeira parecia ser de antigas seções de cascos de barcos. A arte nas paredes parecia ser de origem Polinésia. No canto mais distante da sala havia uma mesa de sinuca. A TV de tela plana estava escondida atrás de uma cortina bege espessa e sedosa que Jessie suspeitava que poderia custar mais do que seu Mini Cooper estacionado na frente. Não havia sinal de que algo desagradável tivesse acontecido aqui.

“Onde está o recanto escondido?”, ela perguntou.

Hernandez conduziu-os além do bar que corria ao longo da parede próxima. Jessie viu mais fita policial na frente do que parecia ser um *closet* para panos e toalhas. Hernandez retirou-a e abriu a porta do *closet* com uma mão enluvada. Então ele entrou e parecia que havia sumido.

Jessie seguiu e viu que o *closet*, de fato, tinha prateleiras com toalhas e alguns produtos de limpeza. Mas quando se aproximou, viu uma abertura estreita à direita entre a porta e as prateleiras. Parecia haver uma porta de correr feita de madeira que deslizava para dentro da parede.

Jessie colocou um par de luvas e a deslizou, fechando a tal porta. Para um olho sem discernimento, aquilo parecia apenas outro painel na parede. Ela a abriu de novo deslizando e entrou na pequena sala onde Hernandez estava esperando.

Não havia muito lá - apenas um pequeno sofá e uma pequena mesa de madeira ao lado. No chão havia uma lâmpada que aparentemente fora derrubada. Alguns cacos tinham quebrado e se acomodado no carpete branco e macio.

Victoria Missinger estava desmoronada no sofá em uma pose relaxada que poderia ser facilmente confundida com estar dormindo. E uma agulha estava na almofada ao lado dela.

Mesmo morta, Victoria Missinger era uma mulher bonita. Era difícil avaliar sua altura, mas ela era elegante, com a aparência de uma mulher que se encontrava regularmente com seu treinador. Jessie fez uma nota mental para investigar mais sobre isso.

Sua pele era sedosa e vibrante, mesmo quando o *rigor mortis* estava se instalando. Jessie só podia imaginar como era sua pele quando ela estava viva. Ela tinha longos cabelos loiros que cobriam parte do rosto, mas não o suficiente para obscurecer sua perfeita estrutura óssea.

“Ela era bonita”, Trembley disse, sem qualquer empolgação.

“Você acha que houve uma luta?”, Jessie perguntou a Hernandez, apontando com a cabeça para a lâmpada quebrada no carpete.

“É difícil ter certeza. Ela poderia ter apenas esbarrado tentando se levantar. Ou pode significar que houve algum tipo de briga.”

“Eu sinto que você tem uma opinião, mas está se segurando”, Jessie pressionou.

“Bem, como eu disse, detesto tirar conclusões cedo demais. Mas achei isso um pouco estranho”, disse ele, apontando para o carpete.

“O que?”, ela perguntou, incapaz de discernir qualquer coisa notável além de quão grosso o carpete era.

“Vocês vêem como os nossos passos fazem marcas profundas nesse carpete?”

Jessie e o detetive Trembley assentiram.

“Quando chegamos pela primeira vez depois que o cachorro a encontrou, não havia pegadas.”

“Nem mesmo dela?”, Jessie perguntou, começando a entender.

“Não”, respondeu Hernandez.

“O que isso significa?”, Trembley perguntou, não entendendo ainda. Hernandez o esclareceu.

“Isso significa que ou o luxuoso carpete aqui tem capacidades únicas de voltar à forma ou alguém o aspirou depois do fato, com o intuito de esconder a existência de pegadas além das de Victoria.”

“Isso é interessante”, disse Jessie, impressionada com a atenção do detetive Hernandez aos detalhes. Ela se orgulhava de ler as pessoas, mas nunca teria percebido uma pista física como essa. Lembrou-se de que aquele era o homem que ajudara a pegar Bolton Crutchfield e que ela não deveria subestimar suas habilidades. Ela poderia aprender muito com ele.

“Você achou algum aspirador?”, Trembley perguntou.

“Não aqui”, disse Hernandez. “Mas os caras estão verificando a casa principal.”

“É difícil imaginar que qualquer um dos Missingers tenha feito um monte de tarefas domésticas”, concluiu Jessie. “Eu me pergunto se eles sabem até mesmo onde o aspirador fica guardado. Eu suponho que eles têm uma empregada doméstica?”

“Eles tem, realmente”, disse Hernandez. “O nome dela é Marisol Mendez. Infelizmente, ela está fora da cidade durante toda a semana, de

férias em Palm Springs, aparentemente.”

“Portanto, a empregada está fora”, disse Trembley. “Alguém mais trabalha por aqui? Eles devem ter uma tonelada de funcionários.”

“Não tanto quanto você pode pensar”, disse Hernandez. “Seu paisagismo é em grande parte resistente à seca, então eles só têm um jardineiro vindo duas vezes por mês para manutenção. Eles têm uma empresa de gerenciamento de piscinas e Missinger diz que vem uma pessoa uma vez por semana, às quintas-feiras.”

“Então, quem é que sobra?”, Trembley perguntou, com medo de expressar a resposta clara por medo de ser óbvia demais.

“Isso nos deixa com a mesma pessoa com quem começamos”, disse Hernandez, sem medo de dizer. “O marido.”

“Ele tem um álibi?”, Jessie perguntou.

“Isso é exatamente o que vamos descobrir”, Hernandez respondeu enquanto puxava o rádio e falava nele. “Nettles, levem o Missinger para a delegacia para ser questionado. Não quero que ninguém mais lhe faça nenhuma pergunta até o levarmos até uma sala de interrogatório.”

“Desculpe, detetive”, veio uma voz estupefata e apreensiva sobre o rádio. “Mas alguém já fez isso. Ele está a caminho agora.”

“Droga”, Hernandez amaldiçoou quando desligou o rádio. “Nós temos de ir agora.”

“Qual é o problema?”, Jessie perguntou.

“Eu queria estar lá esperando quando Missinger chegasse à delegacia - para ser o bom policial, sua tábua de salvação, sua caixa de ressonância. Mas se ele chegar lá primeiro e vir todos os uniformes azuis, armas de fogo e luzes fluorescentes, vai se assustar e pedir para ver seu advogado antes que eu possa perguntar qualquer coisa. Quando isso acontecer, nunca conseguiremos nada útil dele.”

“Então é melhor nos mexermos”, disse Jessie, passando por ele e saindo pela porta.

CAPÍTULO OITO

Quando chegaram à delegacia, Missinger já estava lá há dez minutos. Hernandez ligou antecipadamente e ordenou que o sargento da recepção o levasse para a sala da família, destinada a vítimas de crimes e famílias do falecido. Era um pouco menos estéril que o resto da delegacia, com dois sofás velhos, algumas cortinas nas janelas e algumas revistas já de alguns meses na mesinha de centro.

Jessie, Hernandez e Trembley correram para a porta da sala da família, onde um policial alto estava de guarda do lado de fora.

“Como ele está se saindo lá dentro?”, perguntou Hernandez.

“Bem. Infelizmente, ele exigiu o advogado assim que atravessou a porta da frente.”

“Ótimo”, cuspiu Hernandez. “Há quanto tempo ele está esperando para fazer a ligação?”

“Ele já fez, senhor”, disse o policial, claramente desconfortável.

“O que? Quem deixou ele fazer isso?”

“Eu deixei, senhor. Eu não deveria?”

“Há quanto tempo você está na polícia... Beatty?”, Hernandez perguntou, olhando para o crachá na camisa do cara.

“Quase um mês, senhor.”

“Ok, Beatty”, disse Hernandez, claramente tentando manter sua frustração sob controle. “Não há nada que possa ser feito agora. Mas no futuro, você não precisa levar imediatamente um suspeito em potencial ao telefone no momento em que ele o solicitar. Você pode colocá-lo em uma sala e dizer a ele que você vai arranjar isso. “Arranjar isso” pode demorar alguns minutos, talvez até uma ou duas horas. É uma tática para nos dar tempo para desenvolver uma estratégia e manter o suspeito inseguro. Por favor, tente se lembrar disso no futuro?”

“Sim, senhor”, disse Beatty timidamente.

“Ok. Por enquanto, leve-o para uma sala de interrogatório aberta. Nós provavelmente não temos muito tempo antes que seu advogado chegue aqui. Mas eu gostaria de usar o que temos para pelo menos ter uma noção

do cara. E Beatty, quando você estiver levando ele, não responda a nenhuma de suas perguntas. Basta colocá-lo em uma sala e sair, entendeu?”

“Sim senhor.”

Quando Beatty entrou na sala da família para pegar Missinger, Hernandez levou Jessie e Trembley para a sala de descanso.

“Vamos dar-lhe um minuto para se instalar”, disse Hernandez. “Trembley e eu vamos entrar. Jessie, você deveria assistir atrás do espelho. É tarde demais para fazer perguntas importantes, mas podemos tentar estabelecer algum tipo de relacionamento com o cara. Ele não precisa nos dizer nada. Mas *nós podemos* dizer muito. E isso pode ter um efeito sobre ele. Precisamos que ele se sinta tão inseguro quanto possível antes que seu advogado chegue e comece a deixá-lo à vontade. Precisamos plantar pequenas dúvidas na mente dele, de modo que ele se pergunte se talvez sejamos melhores aliados para ele do que seu advogado bem pago. Nós não temos muito tempo para fazer isso, portanto vamos entrar lá.”

Jessie foi até a sala de observação e sentou-se. Era sua primeira chance de dar uma olhada em Michael Missinger, que estava em pé desajeitadamente em um canto. Verdade seja dita, ele era mais bonito que a esposa dele tinha sido. Mesmo às três da manhã, vestindo jeans e um moletom que ele deve ter vestido no último minuto, ele parecia ter acabado de sair de uma sessão de fotos.

Seu cabelo loiro curto e descolorido pelo sol estava desganhado o suficiente para parecer despretensioso, mas não tanto para parecer desleixado. Sua pele estava bronzeada em partes, mas branca em outras, sinal de um surfista regular.

Ele era alto e magro, com a aparência de um cara que não precisava se esforçar muito para conseguir isso. A vermelhidão e o inchaço de seus olhos azuis - provavelmente do choro - não os deixavam menos lindos. Jessie tinha que admitir, apesar de tudo, que se esse cara tivesse se aproximado dela no bar na noite anterior, ela não teria sido tão arrogante com ele. Mesmo o fato de ele estar nervosamente mudando seu pé de apoio, de um para o outro, era frustrantemente cativante.

Depois de alguns segundos, Hernandez e Trembley entraram. Eles pareciam menos impressionados.

“Sente-se, senhor Missinger “, disse Hernandez, fazendo a instrução soar quase acolhedora. “Nós sabemos que você pediu seu advogado, o que

é bom. Julgo ele está a caminho. Nesse ínterim, queríamos lhe atualizar sobre o andamento da nossa investigação. Deixe-me primeiro começar oferecendo minhas condolências pela sua perda.”

“Obrigada”, Missinger disse em uma voz ligeiramente rouca que Jessie não tinha certeza se era permanente ou um resultado do estresse da noite.

“Então, ainda não sabemos se isso foi um crime”, continuou Hernandez, sentando-se em frente a ele. “Mas julgo que você disse a um dos nossos policiais que Victoria era extremamente proficiente em controlar a diabetes e que você não tem memória de um incidente como este no passado.”

“Eu ...”, Missinger começou.

“Não precisa responder, senhor Missinger”, interrompeu Hernandez. “Eu não quero ser acusado de violar seus direitos, que eu entendo terem sido lidos para você, correto?”

“Sim.”

“Claro, isso é tudo normal. E embora não o vejamos como suspeito, você está correto em exercer seu direito de solicitar seu advogado. Mas, do nosso ponto de vista, estamos tentando nos mover o mais rápido possível para chegar ao fundo disso. Tempo é essencial. Então, quanto mais detalhes pudermos confirmar, como o que você compartilhou sobre a habilidade de Victoria com a automedicação, menor a probabilidade de irmos a becos sem saída. Isso faz sentido?”

Missinger assentiu. Trembley estava em silêncio ao lado, como se não tivesse certeza se ou quando deveria entrar.

“Então”, Hernandez continuou, “também apenas confirmando, você disse que sua governanta, Marisol, está de férias esta semana em Palm Springs. Você deu o número de celular dela para um policial e acredito que estamos entrando em contato com ela. A propósito, sem formalmente responder, se você achar que estou afirmando algo impreciso, talvez você possa me alertar de tal fato. Não há necessidade de responder a quaisquer perguntas, é claro. Apenas me guie na direção certa se eu sair do curso. Justo?”

“Justo”, concordou Missinger.

“Ótimo. Estamos fazendo progresso aqui. Sabemos que você tentou entrar em contato com Victoria várias vezes ao longo da tarde e ela nunca respondeu. Pelo que sei, você chegou em casa no final da tarde de ontem para vocês irem juntos jantar a um restaurante que haviam reservado.

Você avistou o carro de Victoria, mas não ela, e se preocupou o suficiente para chamar a polícia. Se eu estou entendendo errado, basta tocar com o dedo na mesa ou algo para me avisar.”

Hernandez continuou a percorrer os acontecimentos cronologicamente, mas Jessie não estava mais ouvindo com total atenção. Ela notara alguma coisa durante a última fala e se perguntou se o que ela vira tinha sido real ou imaginado. Bem no momento em que Hernandez disse ‘ao longo da tarde’, Michael Missinger se encolheu um pouco, quase de forma reflexiva. Não quando Hernandez disse ‘você tentou entrar em contato’. Não quando ele disse ‘ela nunca respondeu’. Apenas com as palavras ‘ao longo da tarde’.

O que ele tinha pensado quando a tarde foi mencionada? Era tão imperceptível que o próprio Missinger talvez não tivesse notado. Isso parecia improvável se ele estivesse se lembrando de ter matado sua esposa à tarde. Ela teria esperado dele uma reação maior ou um esforço concentrado para não ter reação alguma. No entanto, algo sobre a menção da ‘tarde’ o havia desconcertado, ainda que ligeiramente.

Os pensamentos de Jessie foram interrompidos por uma nova pessoa que havia entrado na sala de interrogatório.

“Olá, detetives”, um homem baixo, calvo, de quarenta e poucos anos, disse com entusiasmo. “Eu sou Brett Kolson, o advogado do Sr. Missinger. Espero que todos nos divirtamos aqui. E estou confiante de que você não tenha interrogado meu cliente depois que ele me ligou.”

Ele entrou e puxou a cadeira de metal ao lado de Missinger. Jessie digitou o nome de Kolson no banco de dados de advogados para ver o que ela poderia descobrir sobre ele.

“Prazer em conhecê-lo, conselheiro”, Hernandez respondeu com um tom que sugeria que ele não estava sendo totalmente sincero. “Tenho certeza de que seu cliente lhe dirá que não fomos nada além de cavalheiros antes de sua chegada.”

Missinger assentiu.

“Eles estão apenas reafirmando as coisas”, ele disse baixinho.

“Isso mesmo”, concordou Hernandez. “Mas agora que você está aqui, Sr. Kolson, gostaríamos de ter um pouco de clareza em alguns assuntos relacionados à ordem cronológica dos fatos.”

“Você é bem-vindo para tentar. Mas me reservo o direito de aconselhar o Sr. Missinger a se recusar a responder qualquer coisa que eu

ache que esteja fora dos limites. E eu vou interrompê-lo se eu achar apropriado. O Sr. Missinger quer ajudar a esclarecer esse horrível evento. Eu confio que não será uma caça às bruxas.”

“É claro que não”, disse Hernandez, fingindo não se preocupar com o que ainda estava por vir.

“Dê-nos um momento para conversarmos em particular, ok?”, Kolson disse.

“Claro”, disse Hernandez. “Estaremos de volta em alguns instantes.”

Alguns segundos depois, ele e Trembley entraram na sala de observação e olharam para Missinger, conversando em voz baixa com o advogado.

“Não vamos tirar nada desse cara”, disse Hernandez, desanimado. “O advogado dele vai aconselhá-lo a não responder nada que tenha importância. Quando voltarmos lá, ele vai fechar todos os caminhos que tomarmos.”

“Talvez não”, disse Jessie, ainda estudando a tela.

“O que você quer dizer?”, perguntou Hernandez.

“Esse cara, Kolson, não é um advogado criminal. Ele pode estar fazendo um bom show, mas é o advogado corporativo da Ecofund Investment Partners, fundo multimercado de Missinger.”

“Isso realmente importa?”, Trembley perguntou. “Ele mesmo assim não vai nos deixar começar a pressionar seu cliente com perguntas investigativas.”

“Não”, concordou Jessie. “Mas a obrigação legal de Kolson é, em última instância, para com o fundo, não para com Missinger pessoalmente. Se conseguirmos que Missinger acredite que seus interesses e os interesses do advogado não estão alinhados, talvez ele diga algo útil.”

“Alguma sugestão?”, perguntou Hernandez. “Porque eu não consigo pensar em nenhum caminho para chegar até ele que não seja fechado imediatamente.”

“Definitivamente, há algo estranho com o que ele estava fazendo ontem à tarde. Ele se encolheu quando você mencionou esse período do dia. Talvez seja bom voltar a isso. Veja se ele pode descrever o cronograma dele durante a tarde de terça-feira no trabalho. Talvez Kolson não impeça se ele achar que a resposta não pode incriminar seu cliente. Eu quero ver como ele reage quando você mencionar essa janela temporal.”

“O que você está procurando?”, perguntou Hernandez.

“Não faço ideia”, admitiu Jessie.

Os detetives voltaram para a sala. Missinger e Kolson pararam de sussurrar. Jessie tentava ler seus rostos. Mas além da ansiedade generalizada por parte do cliente, nada chamou a atenção dela.

“Vamos falar sobre ontem à tarde, senhor Missinger”, começou Hernandez.”Eu sei que você disse ao nosso policial que você foi para casa para ir com sua esposa para um jantar que já estava planejado. O que você estava fazendo antes disso?”

Missinger olhou para o advogado, que assentiu.

“Tivemos uma teleconferência durante toda a tarde”, disse ele.

“Você liderou?”

“Não. Eu fiz algumas observações introdutórias. Mas foi liderada principalmente pelo nosso CFO, Sven Knullsen. Era uma reavaliação do portfólio da EIP em Q one, uma espécie de última revisão antes de fecharmos tudo para as férias. Ele tinha uma grande apresentação planejada, então eu deixei para ele.”

“Isso consumiu sua tarde inteira?”, perguntou Hernandez.

Jessie viu Missinger se retesar involuntariamente, quase imperceptivelmente, antes de responder.

“Sim, consumiu. Eu tive que me preparar para isso e depois fiquei na ligação por mais de uma hora.”

“A reunião foi em seu escritório no centro?”, perguntou Hernandez.

“Tecnicamente, sim. Foi de lá que se originou. Mas nossa equipe está dispersa por todo o mundo. Não é como se estivéssemos na sala de conferências. Todos ligaram remotamente, até mesmo de dentro dos nossos escritórios.”

“Existe uma gravação da chamada?”, Trembley perguntou.

“Normalmente há”, disse Missinger. “Nós as mantemos para que as pessoas que não puderam participar possam ouvir mais tarde.”

Kolson se intrometeu nesse ponto.

“Qualquer coisa dessa reunião é produto de trabalho e eu me oporia a que fosse usado para outra coisa senão verificar se meu cliente estava na chamada.”

“Você esteve na chamada o tempo todo, senhor Missinger?”, perguntou Hernandez.

“Sim”, ele respondeu.

Novamente, os músculos do maxilar dele se flexionaram levemente. Jessie já tinha visto o suficiente. Ela decidiu que era hora de ser mais do que apenas uma observadora.

CAPÍTULO NOVE

Jessie saiu da sala de observação e bateu na porta ao lado, ignorando o nó de nervosismo que se formava em seu estômago. Trembley abriu-a.

“Se importa se eu me juntar por um momento?”, ela perguntou.

Hernandez levantou as sobrancelhas surpreso, mas rapidamente se recuperou.

“Sr. Missinger, esta é uma das nossas consultoras policiais, Jessie Hunt.”

Missinger assentiu.

“Sinto muito pela sua perda, senhor”, disse Jessie, sentando-se em frente ao homem na cadeira ao lado de Hernandez.

“Obrigado”, ele disse baixinho.

“Eu sei que este é um momento realmente difícil para você, então eu espero que você me perdoe por ser tão direta. Mas você tem que perceber que a coisa que você está escondendo vai acabar sendo descoberta.

“O que é isso?!”, Kolson se insurgiu, sua voz subindo.

“E a menos que você tenha matado sua mulher”, continuou Jessie, passando pelos protestos do advogado, “o que quer que você esteja escondendo não vale a pena proteger.”

“Não responda a isso, Michael”, insistiu Kolson.

Hernandez deu a Jessie um olhar que era meio furioso e meio confuso. Ela continuou, ciente de que se não conseguisse alguma coisa agora, sua carreira na polícia de Los Angeles poderia ter acabado antes mesmo de realmente começar.

“Lembre-se, Michael”, ela disse suavemente, “A obrigação do Sr. Kolson é para com sua empresa, não para com você pessoalmente. Eu suspeito que se você tivesse chamado um advogado sem conexão com sua empresa, ao invés do único que você tinha disponível rápido, você já teria nos dito o segredo que você está claramente escondendo neste preciso momento.”

“Esta conversa acabou”, disse Kolson com raiva, levantando-se. “Ou vocês prendem meu cliente ou estamos saindo agora.”

“Esta conversa acabou, Michael?”, Jessie perguntou, olhando em seus olhos ainda vermelhos. “Ou você tem algo para compartilhar?”

“Vamos, Michael, vamos embora”, disse Kolson, agarrando o braço de Missinger e puxando.

“Espere”, seu cliente disse em um quase sussurro.

Jessie sentou na frente dele, esperando quase sem respirar, por medo que isso pudesse influenciar sua decisão.

“Você pode me prometer algum tipo de confidencialidade?”, Missinger perguntou.

“O que você quer dizer?”, Jessie perguntou.

“Se eu revelar algo que não é ilegal, mas que pode afetar minha empresa de uma forma negativa, você é capaz de olhar para isso discretamente e *guardar* segredo, se não impactar a investigação?”

Jessie começou a suspeitar do universo de 'algo' que Missinger poderia estar escondendo e tentou amenizar suas preocupações da melhor maneira possível.

“Não posso fazer nenhuma promessa, senhor Missinger. Mas eu posso te dizer isso. O que quer que você esteja escondendo, nós vamos descobrir. Se você está quase revelando agora, podemos investigar com um bisturi em vez de usarmos um machado. Nós podemos ser diplomáticos. Nós podemos manter a discrição. Podemos fazer essas coisas se soubermos com o que estamos lidando. Mas se não soubermos, temos que lançar uma rede ampla. Podemos ter que ser mais fortes - mandados, intimações, esse tipo de coisa. Você pode limitar esses tipos de ações, fornecendo-nos as informações de que precisamos logo agora.”

Missinger olhou para Jessie, impotente. Ela podia sentir os outros três homens na sala olhando para eles os dois.

“Como eu sei que posso confiar em você?”, ele perguntou com olhos suplicantes.

“Você não sabe”, insistiu Brett Kolson, “e é por isso que você não deveria dizer mais nada.”

“Ele está certo”, Jessie disse rapidamente. “Se você é responsável pela morte de Victoria, você não deveria dizer mais nada. Mas se você não a matou e quer que descubramos quem foi o responsável, então estufe o peito e encare de frente o impacto de seja lá o que tenha feito que o deixa com sentimento de culpa. Faremos o nosso melhor para sermos discretos

no seu seguimento, mas somente se você esclarecer tudo aqui e agora. Então, qual é o nome dela, Michael?”

Os olhos de Missinger se arregalaram. Mas então algo inesperado aconteceu. Seu corpo inteiro pareceu relaxar, como um balão quando o ar é liberado.

“Mina”, disse ele.

Com o canto do olho, Jessie notou que Brett Kolson estava tenso.

“Quem é Mina?”, ela perguntou.

“Ela é a esposa de Sven.”

“Quem é Sven de novo?”, Trembley perguntou. Jessie queria dar um soco nele.

“Ele é o diretor financeiro da Ecofund”, lembrou Missinger. “Era ele que estava dando a apresentação naquele dia.”

“Então você estava com Mina... durante a teleconferência?”, Jessie perguntou.

“Sim. Fiz minhas observações introdutórias no escritório, mas estava no meu celular. Assim que Sven assumiu, permaneci na linha, mas deixei o prédio. Ele estava em sua própria sala e nunca me viu partir. Caminhei três quarteirões até o Bonaventure Hotel, onde tinha um quarto reservado usando um cartão de crédito corporativo. Subi diretamente para o quarto. Mina estava esperando lá.”

“Você fez sexo com a esposa do seu CFO enquanto o ouvia fazer uma apresentação?”, Trembley perguntou, parecendo igualmente horrorizado e impressionado.

“Meu telefone estava no modo mudo”, Missinger disse a ele. “Ele não ouviu nada. Mas eu podia ouvir a reunião, para que, se precisasse falar, pudesse. Eu inclusive fiz algumas intervenções ocasionais.”

“Por que você a encontrou ali?”, perguntou Hernandez.

“Porque eu sabia que não poderíamos ser pegos, pelo menos não por Sven. Ele estava obviamente ocupado. Mas tenho que admitir que o elemento de risco foi emocionante. Foi muito ilícito.”

“Você acha que sua esposa sabia sobre o caso?”, Jessie perguntou.

“Não. Eu sempre usei o cartão corporativo da EIP para nossos... encontros. Mina e eu nos encontrávamos durante o dia, perto do trabalho. Victoria não teria motivos para desconfiar.”

“Há quanto tempo isso estava acontecendo?”, Jessie pressionou.

“Um par de meses. Não era nada sério. Nós começamos a flertar em um jantar uma noite e as coisas simplesmente se desenvolveram. Mas eu amo minha esposa e Mina tem muito carinho por Sven. Nós dois só queríamos um pouco de emoção.”

“Essa pequena emoção poderia ter custado bilhões de dólares em consequências”, resmungou Kolson, apesar de tudo.

“É exatamente por isso que essa coisa precisa ficar em confidência”, respondeu Missinger.

“Essa é a menor das suas preocupações agora, Michael”, disse Hernandez. “Temos que verificar o seu álibi.”

“Tenho certeza de que as câmeras podem me mostrar saindo do meu escritório, entrando no hotel, talvez até mesmo entrando no quarto”, insistiu Missinger. “Você não pode verificar a localização geográfica no meu telefone? Tem que haver maneiras de confirmar onde eu estava sem sair por aí fazendo um monte de perguntas. Se isso for relevado aí fora, a empresa poderia entrar em parafuso. Eu já perdi minha esposa. Eu não posso perder meu negócio também.”

“Vamos verificar tudo”, disse Hernandez. “Se você fornecer todos os detalhes, completa e inteiramente, faremos o nosso melhor para investigar com muito tato. Eu não posso prometer que não acabará saindo em algum processo legal futuro. Mas se você for direto conosco e não estiver envolvido na morte de sua esposa, tentaremos ser sensíveis. Justo?”

Missinger assentiu. Hernandez apontou para o bloco de anotações e para a caneta sobre a mesa.

“Anote tudo. Comece com o jantar que você mencionou. Liste todas as datas que você puder recordar nas quais esteve com Mina Knollsén. Depois descreva toda a rotina de ontem, listando tudo que você fez, todos os lugares que você foi e todas as pessoas que você encontrou. Inclua os horários da melhor maneira possível. Não deixe nada de fora. Entendeu?”

“Sim”, disse Missinger.

“Depois disso, teremos mais perguntas para você. Nós vamos querer saber sobre os médicos de Victoria, todos que sabiam sobre a diabetes dela, todos que tiveram acesso à sua casa, etc. Você vai ficar aqui por um tempo, Sr. Missinger, então fique confortável.”

Eles o deixaram na sala de interrogatório para escrever sua declaração e retornaram à sala de observação.

“Boa percepção quanto ao caso amoroso, Jessie”, disse Hernandez ,
“mesmo que você tenha assumido um grande risco ao pressioná-lo. Você tem sorte que deu certo.”

“O que você chama de sorte, eu chamo de talento”, disse Trembley.

“Não a encoraje, Alan”, disse Hernandez antes de se voltar para Jessie.

“Como você *sabia* que aquele era o caminho?”

“Eu não sabia”, ela admitiu. “Ele parecia tenso e culpado a respeito do período da tarde, mas nem percebeu que estava projetando isso pelo seu corpo. Se ele a tivesse matado, eu teria esperado uma reação maior ou nenhuma. E quando ele admitiu que havia feito algo errado, mas não ilegal, algo que poderia prejudicar sua empresa, consegui reduzir as possibilidades. Não tinham sido drogas ou impropriedade financeira. Qualquer uma dessas situações seria admitir uma violação da lei. Mas um caso amoroso não se elevaria a esse nível. Então eu imaginei.”

“Pode não ser ilegal, mas é o tipo de coisa que poderia matá-lo se Sven descobrisse e ficasse irritado”, disse Trembley.

“Eu suspeito que Sven não seja do tipo que 'fique irritado'“, Jessie observou, “o que pode ser o motivo pelo qual Mina estava procurando por alguma emoção em primeiro lugar.”

“Tudo isso é muito interessante”, disse Hernandez bruscamente, “mas temos um problema.”

“Que problema?”, Trembley perguntou.

“Se o álibi de Missinger bater corretamente, acabamos de perder nosso principal suspeito. Estamos de volta à estaca zero.”

CAPÍTULO DEZ

Jessie se sentia como um coquetel preparado com doses de frustração e de exaustão. Ela não esperava ver o nascer do sol de uma escrivanhinha naquela delegacia central da polícia comunitária, mas era exatamente onde ela estava quando os primeiros raios de sol da manhã começaram a surgir sobre Los Angeles. E eles ainda não tinham nenhuma pista promissora.

Trembley estava verificando a lista de pessoas que, segundo Missinger, acessavam a casa dele regularmente. Hernandez mandara uma mensagem ao médico de Victoria Missinger e estava esperando uma ligação de retorno a qualquer instante. Ele também conseguira um mandado de emergência para acessar o telefone de Victoria e agora estava tentando rastrear os movimentos dela ao longo do dia anterior. Mais alguns detetives que acabavam de chegar estavam ajudando-o a organizar as pistas.

Jessie deixou a investigação tradicional para eles e, em vez disso, estudava o calendário virtual que Hernandez havia baixado do telefone de Victoria. Havia vários eventos listados durante os últimos dias - incluindo uma reunião de angariação de fundos para uma instituição de caridade para crianças chamada *Centro de assistência social infantil do Centro da Cidade* e um seminário para a redução de moradores de rua em Hancock Park.

Jessie notou que ambos os eventos e vários outros nas últimas semanas ocorreram no mesmo local - o Clube de Campo de Beverly. Ocorreu a ela que o clube poderia ser um local interessante para fazer uma verificação. Já que ela não era tecnicamente uma policial, ela poderia aparecer, fazer perguntas pela área e obter algumas informações que uma visita oficial não permitiria.

Ela olhou para o relógio. Eram 7h37 da manhã. O clube provavelmente estaria aberto a essa hora para acomodar a multidão de golf da manhã. Mas ela duvidava que aqueles fossem os tipos de pessoas com quem ela precisava conversar. Mesmo em uma quarta-feira, a gangue de esposas ricas era mais propensa a se reunir somente no horário do *brunch*.

“Eu vou para casa um pouco”, ela anunciou para Hernandez e Trembley. “Eu pensei em tirar uma soneca rápida e tomar banho. Depois eu pretendo ir ao clube de campo deles. Eu espero que, se me mantiver discreta, eu possa pescar algumas informações das senhoras que almoçam. Tenho certeza de que, a essa altura, todas elas já terão ouvido falar de Victoria e estarão ansiosas para falar sobre isso.”

“Isso realmente parece uma boa idéia”, concordou Hernandez. “Na minha experiência, uma vez que os policiais mostram as caras, ou as pessoas começam a falar logo ou então simplesmente se fecham totalmente. Você indo como uma civil pode permitir que você consiga obter informações sem lidar com agendas.”

“Ok. Eu te manterei informado caso eu consiga captar alguma coisa que valha a pena. Enquanto isso, tenham uma feliz investigação, senhores.”

Jessie deixou o escritório e dirigiu-se para o carro, animada por ir fazer um pouco de sondagem sozinha, mas ainda mais animada por poder pregar um pouco os olhos.

*

Jessie, usando seu melhor traje casual, entrou na entrada principal do Clube de Campo de Beverly às 10h da manhã em ponto. Ela ligou antecipadamente e descobriu que o *brunch* começava às 10h30, mas ela queria estar lá com bastante antecedência, caso alguém chegasse cedo para trocar rumores.

Ela fizera questão de passar pela casa de Missinger a caminho. Ainda havia um carro da polícia na frente e fita em volta de toda a casa. Mas tirando isso, estava tudo quieto. Jessie continuara dirigindo pelo pequeno bairro conhecido como Larchmont Village.

As casas eram uma mistura eclética de mansões ostensivas e casas mais modestas que estavam ali desde antes que os custos de propriedade na área haviam disparado. O trecho comercial da Larchmont Boulevard, a leste do clube de campo, era uma cornucópia de queijarias artesanais, cafés veganos, mercados orgânicos e cafés de comércio justo.

Jessie virou à esquerda na Beverly e à direita na Rossmore, onde ficava o estacionamento para o clube. Uma vez lá dentro, ela se aproximou da recepção e expressou seu interesse em se associar ao clube. Será que

ela poderia fazer um tour rápido, ela imaginou, e talvez dar uma volta para começar a entender o lugar?

Uma anfitriã fez um tour alegremente com ela pelas instalações do clube antes de lhe dar um ingresso de cortesia para o *brunch*, que, ela percebeu, começaria convenientemente em poucos minutos. A funcionária disse a Jessie para ficar à vontade e voltou para ajudar a receber as senhoras que estavam começando a chegar.

Jessie sentou-se na sala principal, que tinha um estilo informal, acomodando-se em uma poltrona confortável perto da lareira com vista para a porta da frente. Ela pegou um exemplar antigo da revista *Vanity Fair* e fingiu lê-lo enquanto espiava ocasionalmente as pessoas quando elas passavam pelas portas.

Um garçom veio e ofereceu-lhe uma *mimosa*. Ela recusou, mas perguntou se poderia pegar um *spritzer* de suco de laranja. Dessa forma, ela poderia se misturar com a multidão sem levantar suspeitas, já que ela não estava segurando uma bebida. Assim que o pedido chegou, levantou-se e aproximou-se de um grupo particularmente tagarela de três mulheres. Ela fingiu que estava estudando uma pintura na parede próxima.

Depois de alguns minutos de discussão sobre a queda na qualidade dos frutos do mar do clube nos últimos meses, as mulheres pareciam que já haviam esperado um período de tempo respeitoso e, como Jessie esperava, mergulharam logo na discussão sobre a morte de Victoria Missinger. Era um desafio distinguir qual pessoa estava falando no meio daquela cacofonia de vozes, com a sua cabeça virada para o outro lado.

“Ouvi dizer que arrastaram Michael até a delegacia no meio da noite.”

“Pobre homem.”

“O caminhão do médico legista esteve lá a noite toda. Isso me faz pensar que deve ter sido uma cena de crime sangrenta.”

“Eu suponho que eles verifiquem a filmagem da câmera de segurança. Tem que mostrar alguma coisa.”

“Mas Andi, não se lembra? Houve aquela falta de energia ontem. Eu me pergunto se há alguma coisa para ver.”

“Eu não ficaria surpresa se o garoto da piscina aparecesse cheio de esperança em conseguir alguma ‘ação’ e se tornasse violento depois que ela dissesse não.”

“Hum, Marlene, como você pode ter certeza que ela teria dito não?”

“Você sabe como esses caras são. Um 'não' não importaria.”

“Muito bonito, Marlene. Há mais algum outro estereótipo que você gostaria de lançar antes do *brunch*?”

“Claro, Andi. Agora que você mencionou, talvez a empregada tenha ficado com ciúmes e tenha decidido eliminar a dona da casa. Eu sei que eu mesma pensei nisso só para poder colocar minhas mãos no corpo daquele homem.”

“Marlene, o corpo dela nem esfriou ainda.”

“Sim, como você pode ser tão ruim?”

“Oh, não seja tão pudica, Cady. Todas vocês sabem que vocês entrariam naquele trem se pudessem.”

“O que *you* acha?”

A conversa parou e Jessie levantou os olhos. Todos os olhares estavam apontados em sua direção e ela percebeu que ela era o foco da pergunta.

“Você está falando comigo?”, Jessie perguntou inocentemente.

“Sim”, disse a mulher que tinha discordado dos estereótipos, uma loira de trinta e poucos anos, aparentemente chamada Andi. “Eu não pude deixar de notar você ouvindo e pensei que você poderia ter uma opinião sobre o assunto.”

“Você estava bisbilhotando a gente?”, questionou uma mulher pálida de cabelos escuros usando muita maquiagem. Jessie reconheceu sua voz como pertencente a Marlene, a que desconfiava do garoto da piscina e que queria colocar as mãos no corpo de Michael.

“Estava”, ela admitiu. “Você pode me culpar? Uma conversa sobre cenas sangrentas de crime e meninos de piscina violentos. Vocês, senhoras, são como um ímã.”

“Quem é você?”, Marlene perguntou, seu rosto uma mistura de desconfiança e repugnância quase no limite.

“Meu nome é Jessie”, ela respondeu.

Pela primeira vez, e talvez única, ficara contente pelos meses que passara vivendo no elegante enclave de Orange County, em Westport Beach. Enquanto estava lá, ela tinha sido relutantemente iniciada em um clube secreto composto de mulheres muito parecidas com as que estavam na frente dela agora. Naquela época, ela teria estado vulnerável e insegura. Agora ela estava trabalhando com o Departamento da Polícia de Los Angeles para resolver um assassinato. Ela não se intimidou com Marlene.

“Não, eu quero dizer quem *é* você?”, Marlene repetiu. “Você é um membro aqui ou você acabou de entrar vagando pela rua para um pouco

de comida grátis no meio da manhã?”

“Marlene, você é uma cadela inacreditável”, disse Andi antes de se virar para Jessie. “Eu sinto muito. Por favor, ignore ela. É só que você parecia interessada em nossa conversa e nós não reconhecemos você e... não importa, não é da minha conta.”

“Não, tudo bem”, disse Jessie. “Eu não quero que a Marlene aqui tenha um piripaque. Fico feliz em compartilhar. Eu trabalho com o Departamento de Polícia de Los Angeles e achei que vocês, senhoras, poderiam responder algumas perguntas para mim.”

“Você é uma detetive?”, aquela que suspeitara de uma cena de crime sangrenta perguntou, cheia de admiração e trepidação. Ela era pequena, cerca de um metro e cinquenta e sete, com longos cabelos castanhos e um corpo delicado que lembrava à Jessie um passarinho que ainda não sabia voar.

“Não, sou consultora. Eu só estou tentando preencher alguns espaços em branco. Eu vi na agenda de Victoria que ela passava muito tempo aqui e esperava que as amigas dela pudessem ajudar.”

“Então você veio aqui sob falsos pretextos?”, Marlene perguntou, apenas ligeiramente segurando seu veneno.

“Falsos pretextos?”, Jessie perguntou, colocando um sorriso agradável em seu rosto. “Eu estava apenas apreciando a arte aqui no clube enquanto esperava o momento certo para interromper. Por que tanta animosidade, Marlene?”

A mulher abriu a boca para responder quando Andi se meteu na conversa.

“Claro, vamos ajudar de qualquer maneira que pudermos”, disse ela, estendendo a mão. “Meu nome é Andrea Robinson, mas todo mundo me chama de Andi. Você conheceu Marlene Port. Essa é Cady Jessup. O que você gostaria de saber?”

“Vocês eram todas amigas de Victoria?”, Jessie perguntou, apertando a mão dela.

“Conhecidas, no mínimo”, respondeu Andi. “Eu conheci ela e Michael casualmente. Marlene e Cady eram mais próximas, não eram senhoras?”

Marlene olhou com cara de pau, mas Cady respondeu.

“Eu diria que éramos amigáveis uma com a outra, não exatamente amigas”, disse ela. “Victoria não era a pessoa mais extrovertida do mundo. Mas ela era legal e genuinamente comprometida com as causas que o

clube apoia. Mas nós não saíamos juntas para tomar um drink, se é isso que você quer dizer.”

“Ok”, Jessie pressionou, “então o que faz você pensar que ela estava envolvida com o garoto da piscina?”

“Oh, isso é só conversa”, disse Cady com desdém.

“Não é não”, disse Marlene, finalmente se engajando na conversa. “Há realmente um serviço de limpeza de piscinas que tem alguns meninos que oferecem serviços extras. E eu sei que os Missingers usam essa empresa. Se ela se utilizou daquilo que eles estavam dispostos a fornecer, já não faço ideia.”

“E você acha que, mesmo que Victoria não estivesse interessada, o técnico poderia ser agressivo?”, Jessie perguntou.

“Olhe, consultora da polícia”, disse Marlene, ironicamente, abaixando a voz. “Eu sei que não é apropriado dizer isso. Mas a maioria dos 'técnicos', como você os chama, são de origem latino-americana. E todas nós sabemos que esse tipo de homem pode ser muito bruto quando quer alguma coisa.”

“*Nós sabemos* isso, Marlene?”, Andi perguntou desdenhosamente. “Porque parece que você está fazendo uma pintura com um pincel bem largo.”

“Aqui vamos nós de novo”, Marlene respondeu, revirando os olhos, “sempre em defesa do mais fraco, essa daqui. Guardiã da moralidade. Às vezes me pergunto se você é Andi Robinson ou Andy Griffith.”

“Eu apenas não sou fã de assumir que todo mundo com pele mais escura que a nossa é propensa a atividades criminosas”, Andi sussurrou de volta.

Jessie tomou nota para si mesma que quase todo mundo no planeta tinha uma pele mais escura do que a de Marlene, em tom de marfim.

“Bem, a consultora da polícia perguntou o que era a coisa do cara da piscina. Eu estou dizendo a ela. Ela pode fazer o que quiser com as informações. Certo, Jessie?”

“Claro”, disse Jessie, não mordendo a isca. “É melhor ter muita informação do que insuficiente. Há outros prestadores de serviços na área que talvez possam não fazer parte da lista oficial?”

“Você quer dizer a lista de homens que as mulheres ricas pagam para satisfazê-las enquanto seus maridos estão jogando Mestres do Universo ou golfe?”, Marlene quase cuspiu.

“É exatamente isso o que quero dizer.”

“Há um *personal trainer* que algumas garotas usam”, Cady ofereceu. “O nome dele é Dan Romano. Mas acho que Victoria só o usou uma vez. Portanto, ou ela não estava interessada ou ela não estava satisfeita.”

“Posso assegurar-lhe que não teria sido o último”, disse Marlene.

“Ouça, Jessie”, disse Andi em voz baixa. “Eu não conhecia Victoria tão bem assim. Mas eu nunca tive esse tipo de vibração dela. Ela nunca expressou interesse por esse tipo de coisa, pelo menos para minha lembrança. Eu nunca a vi dar a um cara bonito uma segunda olhada. Eu acho que suas paixões eram de índole mais filantrópica. As únicas vezes que eu realmente a vi ficar... zelosa foi quando ela falou sobre ajudar crianças doentes ou desabrigadas.”

“Ela não tinha nenhum filho próprio, certo?”, Jessie perguntou, embora ela soubesse a resposta.

“Estéril como o Saara”, Marlene deu uma risada.

“Jesus!”, Cady murmurou

“O que?”, Marlene respondeu. “Não é como se fosse um segredo. Ela disse que tinha algo a ver com sua forma de diabetes; muito arriscado ou algo assim.”

“Ela não estava interessada em adoção?”, Jessie perguntou, fingindo não notar que nenhuma das mulheres parecia surpresa ao saber da diabetes de Victoria. Aparentemente, era de conhecimento comum, o que aumentava substancialmente o número de potenciais suspeitos.

“Eu acho que ela tinha interesse. Mas Michael não”, disse Cady.

“Então, até que ela pudesse mudar a mente dele sobre isso, ela considerava as crianças que ela trabalhava como se fossem seus filhos.”

“Porra de Madre Teresa.”, resmungou Marlene baixinho.

Andi olhou para Jessie, claramente mortificada.

“E o comentário sobre a empregada, Marlene?”, Jessie perguntou.

“Você estava falando sério sobre isso?”

“O que? Que ela poderia ter assassinado a própria chefe para que ela pudesse ter Michael só para ela? Obviamente eu estava brincando. Mas se eu estivesse em torno desse homem todos os dias, o pensamento me ocorreria. Ele é gostoso.”

“Ela só está sendo malcriada”, disse Andi, desculpando-se.

“Última pergunta”, disse Jessie, imaginando se aquilo realmente era tudo o que havia para perguntar. “O que foi aquilo a respeito de uma

queda de energia ontem?”

“Oh sim”, disse Cady. “Um transformador apagou durante algum tempo no início da tarde. Afetou toda a área de Larchmont. Eles só conseguiram consertar tudo depois das quatro da tarde “

“Ainda bem que não era verão”, disse Marlene. “Ou teríamos todas derretido.”

“E você acha que isso pode ter afetado as câmeras de segurança?”, Jessie perguntou, tentando manter todas envolvidas.

“Eu sei que quando cheguei em casa a bateria de reserva para o nosso sistema estava apitando”, disse Cady. “Precisamos redefinir tudo para colocá-lo em funcionamento novamente. Eu não sei o que isso faz com a gravação do vídeo e esse tipo de coisa.”

“Eu não ficaria surpresa se fritasse tudo”, disse Andi. “Isso aconteceu com o meu computador uma vez.”

“Escute”, disse Marlene, “gostaria de ajudá-la um pouco mais. Mas eu preciso encontrar um desses hispânicos trabalhadores e cumpridores da lei e obter um *refill* da minha mimosa. Você se importa?”

“Nem um pouco”, disse Jessie, recuando. “Obrigado pelo seu tempo, Marlene. E não se esqueça de pegar seu manto branco e capuz na lavanderia mais tarde.”

Marlene olhou para ela por um segundo antes de abrir um sorriso.

“Eu meio que gosto de você, consultora da polícia. Você tem algum fogo em sua alma.”

Então ela se virou e saiu na direção da cozinha.

“Foi bom conhecê-la”, disse Cady antes de sair rapidamente atrás de Marlene.

Isso deixou apenas Andi.

“Eu me desculparia novamente”, disse ela, encolhendo os ombros.

“Mas eu sinto que isso já é notícia velha.”

Jessie assentiu. Ela notou que Andi parecia em conflito, como se quisesse dizer mais, mas não tinha certeza se podia. Jessie decidiu dar-lhe a oportunidade.

“Eu tenho que voltar para a delegacia agora”, disse ela. “Quer me acompanhar?”

“Claro”, disse Andi, obviamente feliz por não ter que compartilhar o que queria dizer nos limites do clube.

“Lidere o caminho”, disse Jessie. “Você é a sócia daqui.”

Andi fez exatamente isso. Quando saíram pela porta da frente, Jessie a estudou mais de perto.

Agora que sua atenção não estava dividida entre três mulheres, ela foi capaz de assimilar mais detalhes e perceber que Andi era mais jovem do que ela pensara no início, mais perto de trinta, trinta e cinco. Seu cabelo loiro estava na altura dos ombros e muito menos exigente do que qualquer uma das suas companheiras de clube. Ela era atraente de uma maneira indescritível e claramente tentava manter-se em forma. Cerca de um metro e sessenta e cinco e cinquenta e seis quilos, ela não era muito chamativa em quase todos os aspectos. Isto é, exceto pelos olhos dela.

Eles eram de um azul profundo e brilhavam com uma agudeza brincalhona que estava em desacordo com o resto de seu porte convencional. Jessie teve a sensação de que aquela mulher estava apática, ou pelo menos não tinha entusiasmos, com aquele círculo social. Ela não podia deixar de gostar dela.

“Então o que era que você não poderia me dizer lá?”, ela perguntou quando elas estavam do lado de fora.

“Eu só queria ter certeza de que você tinha um pouco do contexto da vizinhança antes de voltar para seus colegas e começar a sugerir linhas de pesquisa”, disse Andi.

“Estou ouvindo.”

“Tudo bem”, disse Andi. “Bem, Marlene deu a impressão de que esta comunidade está repleta de funcionários ansiosos por cometer crimes contra os moradores. Mas essa não tem sido minha experiência.”

“Espere, você veio aqui comigo para me dizer que sua amiga é meio racista? Porque eu percebi isso por conta própria.”

“Não”, disse Andi. “Claramente, você não precisa ser um consultor da polícia para entender isso. Eu queria deixar claro que, além de seu racismo evidente, Marlene também está errada. Eu não tenho estatísticas ao meu alcance. Mas não me lembro da última vez que alguém de Hancock Park, especialmente da área de Larchmont Village, foi assassinada por algum tipo de funcionário. E eu morei aqui a minha vida toda.”

“Então você acha que não foi algum garoto da piscina gigolô?”

“Eu não tenho ideia. Eu só não quero que alguém seja incriminado só porque se encaixa em algum estereótipo preconceituoso do que um criminoso deva parecer.”

“Bem, Sra. Robinson, posso garantir que não seremos preconceituosos com ninguém. Nós vamos aonde a evidência nos leva. Mas enquanto estivermos no assunto, exatamente quantos assassinatos você lembra em sua vizinhança?”

“Primeiro de tudo, por favor, me chame de Andi. Isto é, se você puder. Para responder sua pergunta, não sei. Eu estaria adivinhando, mas... menos de meia dúzia. E quase sempre eram crimes passionais ou relacionados a drogas. Esposa ciumenta ou um adolescente local doidão depois de consumir alguma coisa.”

“Então você acha que Michael Missinger era do tipo marido ciumento?”, Jessie perguntou.

“Eu não sei sobre isso”, disse Andi. “Eu não era muito próxima deles. Mas ele parecia muito feliz com a sua vida aos meus olhos. Ele não me parecia o tipo de cara que se irrita o suficiente com qualquer coisa para matar alguém, muito menos Victoria. Ela não gerava muito veneno. A coisa pior que eu poderia dizer sobre ela era que ela era muito intensa na ajuda a crianças desprivilegiadas. Isso é algo que vai fazer alguém querer matá-la? Parece difícil de entender.”

“É verdade”, disse Jessie, falhando em sua tentativa de permanecer totalmente profissional. “A filantropia entusiasta não costuma ser motivo de assassinato. Mas não podemos descartar nada ainda.”

“Bem, aqui está o meu número”, disse Andi, entregando um cartão. “Não hesite em ligar se tiver outras dúvidas. Eu posso não ser especialmente útil quando se trata dos detalhes das vidas dos Missingers, mas eu provavelmente posso dar a você algum conhecimento sólido sobre a vizinhança em geral, se você precisar.”

“Agradeço”, disse Jessie, entregando o cartão em troca. “Eu posso realmente precisar dos seus conhecimentos sobre isso.”

Andi sorriu calorosamente e voltou para o clube. Jessie a observou ir antes de entrar no carro. Ocorreu a ela que ela, na verdade, não tinha muitas boas amigas. Havia Lacy, mas ela a conhecia desde a faculdade. A maioria das suas outras amigas daqueles dias tinha desaparecido enquanto ela e Kyle se concentravam na vida de casal.

Ela havia tido alguma amizade com uma das esposas em Orange County, que era casada com o colega de escola de Kyle, Teddy. Infelizmente, as coisas tinham ficado estranhas com Mel depois que Kyle tentou matar todos os três na mesma noite.

Ela havia confidenciado a verdade sobre seu pai a Kat Gentry, a chefe de segurança da DNR, onde o assassino em série Bolton Crutchfield estava sendo mantido. Além da Dra. Lemmon e do próprio Crutchfield, Kat era a única pessoa em Los Angeles que sabia a verdade. Isso fazia delas amigas? Se fosse assim, seria a amizade mais estranha de sempre.

Jessie decidiu que assim que o caso de Missinger estivesse resolvido, ela veria se Andi Robinson gostaria de tomar uma bebida. Nas circunstâncias atuais, era raro encontrar alguém com quem valesse a pena sair. E se isso significasse ter que fazer amigas durante uma investigação de assassinato, então que fosse assim.

Minha vida é estranha.

CAPÍTULO ONZE

“Então, só para deixar claro”, disse Hernandez, com sarcasmo inconfundível em sua voz, “as senhoras que almoçam acham que deveríamos estar com os olhos voltados exclusivamente para os garotos da piscina, treinadores e empregadas como nossos principais suspeitos.”

“Bem, as outras duas foram menos assertivas”, esclareceu Jessie. “Mas a racista definitivamente achou que esse seria um bom começo.”

“Infelizmente, ela está longe de ser a única. Sendo eu mesmo um cara de pele escura, eu estava apenas esperando que alguém *me* acusasse.”

“Você é um pouco suspeito”, Jessie atçou.

“Não é a primeira vez que ouço isso”, admitiu Hernandez, sorrindo. “Quanto àquelas outras pessoas, já verificamos algumas delas. Seu treinador era da Flórida e mudou-se de volta para lá há um mês, então ele está fora. Você deve se lembrar que a empregada estava de férias em Palm Springs. Estamos analisando esse álibi. Enquanto isso, ela está voltando para a cidade agora, então poderíamos entrevistá-la esta tarde. O menino da piscina, cujo nome é Raul Reyes, desapareceu. Então, talvez sua amiga do clube tivesse alguma boa suspeita aí. Não vamos descartá-lo ainda. Alguma outra pista?”

“Na verdade, não”, admitiu Jessie. “Eu posso voltar lá, mas não tenho certeza de quanto vou conseguir em outra visita.”

“Aguarde até que tenhamos um motivo”, aconselhou Hernandez. “Se as perturbarmos, inevitavelmente perturbaremos os maridos ricos ‘papaizinhos’ delas. E não queremos fazer inimigos antes de tempo.”

“É justo.”

“Eu vou procurar Trembley e ver se ele teve alguma sorte na busca por Reyes. Quais são seus planos?”, ele perguntou.

“Eu estava pensando em analisar os registros do telefone de Victoria para ver se consigo encontrar algo fora do comum. Você se importa se eu usar sua estação de trabalho? Eu ainda não tenho meu próprio computador.”

“Tudo bem. Se você precisar acessar qualquer banco de dados, todas as minhas senhas estão num papel colado no interior da minha gaveta de cima.”

“Obrigado”, disse Jessie, fingindo sem sucesso ser casual enquanto ele se afastava.

“Tudo certo?”, ele perguntou, notando o tom na voz dela.

“Sim, tudo bem”, ela assegurou.

Mas não estava tudo bem. E era culpa de Hernandez. Por razões que ela teria de tratar com a Dra. Lemmon, o uso da expressão ‘papaizinhos’ fizera Jessie pensar em seu próprio pai. E tinha sido justamente quando ela estava com esse pensamento em sua cabeça que ele mencionara a possibilidade dela acessar todos os bancos de dados da polícia usando as senhas dele.

Essa série de eventos trouxe uma ideia - provavelmente uma péssima ideia - em sua cabeça. Ela permaneceu ali por um longo momento, decidindo se iria em frente com o que estava pensando ou se continuaria seguindo pistas sobre a investigação de Missinger.

Antes que tomasse uma decisão definitiva, ela já se viu digitando na página do banco de dados de crimes não resolvidos do FBI. Ela digitou as informações de acesso de Hernandez e esperou enquanto a página era carregada.

Eu ainda posso sair do programa e não haverá nenhum dano.

Mas então a tela de busca apareceu e ela viu os seus dedos no teclado digitando um nome: Xander Thurman - o nome próprio do Executor de Ozarks, pai dela.

Quase imediatamente, uma série de incidentes criminosos começou a povoar a tela. Os primeiros crimes da lista eram de anos antes de ela nascer, quando o pai dela era adolescente. Eles incluíam tudo, de crueldade a animais, a pequenos furtos.

Ela rolou pela tela, examinando rapidamente a história criminal de seu pai. Jessie estava apenas chegando aos detalhes de sua primeira vítima de assassinato quando sentiu que estava sendo vigiada. Ela girou no assento de Hernandez para encontrar o capitão Roy Decker bem atrás dela.

Decker era alto e magro, com apenas alguns fios de cabelos grisalhos impedindo-o de ser totalmente careca. Ele estava na casa dos seus cinquenta e muitos anos de idade, mas os vincos profundos em seu rosto o faziam parecer uma década mais velho. Seu nariz pontudo e olhos

redondos e penetrantes lembravam Jessie de uma águia caçando sua presa. Neste caso, ela própria parecia ser a presa.

Decker era um dos comandantes da Delegacia Central e supervisionava tanto ela quanto Hernandez, entre muitos outros. Ele não a contratara - isso era feito por um departamento especial que trabalhava com os especialistas em identificação de perfis. Mas ele poderia demiti-la. E, naquele momento, ele parecia que queria o fazer.

“Sra. Hunt, você quer explicar por que você está procurando em um banco de dados federal por informações sobre um assassino em série quando você deveria estar investigando a morte de uma socialite local?”, ele perguntou ironicamente. “O Executor de Ozarks saiu do esconderijo para começar a injetar nas mulheres ricas de Hancock Park overdoses de insulina?”

“Sinto muito, senhor”, Jessie murmurou baixinho enquanto saía do *site*. Com o canto do olho, viu Hernandez voltando para a mesa. Ela sentiu o rosto corar de vergonha.

“Eu sei que todos da sua área querem fazer a grande descoberta que vai impulsionar suas carreiras”, disse Decker. “Mas você não pode usar o tempo e os recursos do departamento para buscar um caso não relacionado quando temos um assassinato não resolvido em nossas mãos. Isso é pedir muito, Hunt?”

“Não senhor.”

“Não é um bom começo para o seu tempo aqui”, acrescentou Decker.

“É culpa minha, senhor”, disse Hernandez quando chegou. “Eu pedi a Hunt para procurar no banco de dados por crimes recentes com *modus operandi* semelhantes, mas eu não a esclareci acerca das restrições e regulamentos do departamento. Foi falha minha.”

Decker olhou para ele com ceticismo, claramente não convencido, mas incapaz de provar o contrário.

“Não deixe isso acontecer de novo”, disse ele. “Estou muito ocupado para ter que lidar com essa porcaria.”

“Não, senhor”, disse Hernandez, mudando repentinamente de assunto. “A propósito, descobrimos onde Raul Reyes está.”

“Onde?”, Decker perguntou, mordendo a isca.

“No hospital. Ele está lá desde domingo à noite com pneumonia. É um alibi sem brechas. Ele não é nosso cara.”

“Então, onde é que isso nos deixa?”, Decker perguntou.

“De volta à estaca zero, senhor”, admitiu Hernandez.

“Ótimo”, disse o supervisor deles enquanto se virava e andava de volta para o seu escritório, antes de gritar por cima do ombro: “Mantenha-me informado.”

Quando ele se foi, Hernandez se virou para Jessie, com uma expressão sombria.

“Vamos sair para comer algo”, ele disse mais em tom de ordem do que de convite. “Nós precisamos conversar.”

*

Hernandez escolheu o Nickel Diner, que ficava a cinco minutos da delegacia. Estava lotado, mas quando o recepcionista o viu, ele criou uma mesa na frente, perto do balcão do caixa, e colocou duas canecas de café sobre ela. Jessie nem sequer tinha olhado o menu antes de Hernandez começar a falar.

“Você não pode provocar esse tipo de coisa novamente, Jessie”, disse ele severamente. “Mesmo se não estivéssemos no meio de um caso, você não podia ir pesquisar em um banco de dados do FBI só para descobrir o que está acontecendo com o caso do seu ex.”

“Não era isso que eu estava fazendo”, disse ela, percebendo que ele não estava por perto quando Decker se dirigiu a ela de início. Ele não fazia ideia de que ela procurava informações sobre o pai.

“O que então?”, ele demandou. “O que era tão importante a ponto de fazer você arriscar seu novo trabalho interino de especialista em perfis criminais na delegacia? Um trabalho que eu a ajudei conseguir, a propósito.”

Jessie olhou para Hernandez de perto, tentando avaliar o quanto podia confiar nele. Se ela ficasse na Delegacia Central, como ela esperava, eles provavelmente trabalhariam muito juntos. Eles precisavam poder contar um com o outro. Eles precisavam saber o que fazia o outro funcionar. Talvez ela devesse contar a verdade sobre o que a estava impulsionando. Se ela ia ficar tanto tempo assim ao redor dele, isso parecia ser um segredo muito grande para se guardar.

Além disso, era possível que ele pudesse ajudar. Ele tinha acesso a recursos como o banco de dados. Talvez ele a deixasse usá-los. Além disso, ele era um detetive; seu trabalho era pegar criminosos. E ele não era

qualquer detetive, mas um que tinha sido fundamental na captura de Bolton Crutchfield, o homem que lhe dissera que o pai dela estava procurando por ela. Parecia um desperdício quase criminoso *não* se aproveitar dos conhecimentos dele. Mas isso significava jogar limpo sobre o passado dela.

“Você quer saber o que me fez verificar esse banco de dados?”, ela perguntou.

“Quero.”

“Tudo bem, eu vou te dizer”, disse ela, já entrando de cabeça naquilo antes que seu sistema interno de alerta disparasse. “Mas preciso ter a certeza que posso contar com sua descrição. Além de mim, apenas quatro pessoas no mundo sabem o que estou prestes a lhe dizer. Uma delas é minha terapeuta, duas são assassinos em série, e o último ganha a vida garantindo que um desses assassinos em série não sai da prisão.”

“Hum, como assim?”, Hernandez disse, parecendo um pouco atordoado.

“Você se lembra de como o professor Hosta mencionou que eu tinha recebido permissão para entrevistar um preso de alto valor e que eu havia estabelecido um relacionamento com ele?”

“Sim, eu penso muito sobre isso, na verdade”, ele admitiu.

“Bem, esse preso é Bolton Crutchfield.”

“Bolton Crutchfield, que matou pelo menos dezenove pessoas ao longo de seis anos apenas por diversão? O cara que me deu essa cicatriz quando eu o prendi?”

Hernandez puxou o lado esquerdo de sua camisa para revelar uma linha vermelha longa e espessa que corria verticalmente ao longo da lateral do seu corpo, do osso do quadril até o meio da caixa torácica.

“Ele mesmo”, disse ela, forçando um suspiro. Ela não sabia que ele havia sido ferido quando capturara Crutchfield.

“Eu ainda estou incrivelmente confuso”, disse Hernandez, puxando a camisa para baixo e colocando-a novamente dentro das calças.

“Eu ainda nem cheguei à parte louca”, Jessie o avisou. “Então você vai precisar se conter e me deixar dizer isso, ok? Sem interrupções. Apenas deixe-me colocar tudo para fora.”

“Tudo bem”, disse Hernandez, embora parecesse que desejava poder escapar de toda aquela conversa.

“Ok então, aqui vai. Meu pai é Xander Thurman, mais conhecido como o Executor de Ozarks. Minha mãe - o nome dela era Carrie - e eu não fazíamos ideia. Nós morávamos no sudeste do Missouri. O dinheiro era curto e os empregos difíceis de conseguir. Então, por muitos anos, ele trabalhou na construção civil, fazendo trabalhos em várias cidades da região. Ele costumava ficar fora por dias ou mesmo semanas a cada vez. E depois ele voltava e nós éramos uma família novamente.”

“Ele era um pai decente - amoroso, às vezes terno. Ele costumava me chamar de Joaninha. Mas ele também tinha um temperamento vulcânico. Se ele ficasse com raiva, ele se tornava muito quieto e tranquilo e você sabia que a explosão estava chegando em breve. Ele nunca foi violento comigo, mas acho que ele batia na minha mãe algumas vezes fora da minha vista. Ela nunca falava sobre isso.”

“O que nós não sabíamos era que, enquanto ele estava fora nessas viagens de construção, ele também estava seqüestrando, torturando e assassinando pessoas. A polícia não tem certeza quando começou. Por causa da natureza itinerante do trabalho dele, era difícil rastrear seus movimentos. Mas eles acham que tudo ficou mais intenso depois que ele comprou uma cabana em Ozarks, em parte paga com o dinheiro que ele tirava de suas vítimas. Ele usava a cabana para se esconder e, no fim, matar suas vítimas.”

“Ele nos levava para a cabana algumas vezes, mas minha mãe não amava o lugar. Estava escassamente mobiliada e ela dizia que cheirava fortemente a anti-séptico, como um quarto de hospital. Depois de um tempo, ele ia para lá sozinho para 'finais de semana de caça'. Mas tudo isso mudou um dia quando eu tinha seis anos.”

A garçonete se aproximou, mas Hernandez acenou para ela e a mulher foi embora sem dizer uma palavra.

“Minha mãe passou a ter ciúmes”, Jessie continuou. “Ela o acusava de usar a cabana como uma espécie de ninho de amor. Olhando para trás, acho que ela deve tê-lo seguido um dia qualquer enquanto eu estava na escola e o vi meu pai dirigir na direção da cabana com uma mulher. Ela não tinha como saber que a mulher era, na verdade, uma futura vítima.”

“Eu acho que algo no meu pai estalou com a acusação. Ele ficou ofendido com a ideia de que ele tinha sido infiel. Então ele nos levou lá para nos mostrar a verdade. Aparentemente ele não tinha nenhum

problema em revelar que era um assassino. Mas ser chamado de adúltero o ofendera.”

“Ele nos levou para aquela cabana em um dia sombrio e nevado no meio do inverno. Lembro-me de sair do carro e caminhar até a cabana na neve lamacenta, com meus tênis gastos e a neve fria e úmida se infiltrando nas minhas meias. Eu não tinha me vestido adequadamente para a visita.”

“Uma vez lá dentro, ele abriu um alçapão para revelar um porão e nos disse para descermos lá. Lembro-me de pensar em como era estranho que uma cabana isolada tivesse um porão. Quando chegamos lá em baixo, estava escuro como breu. Ele ligou uma lâmpada de querosene. Foi quando os vimos, um homem e uma mulher, suponho que era a mesma de quem minha mãe tivera ciúmes, completamente nus e algemados a uma viga de apoio do teto do porão.”

CAPÍTULO DOZE

Hernandez estava prestes a dar um gole no café. Mas, com aquelas palavras, ele largou a xícara e apoiou as mãos na mesa, com as palmas viradas para baixo.

“O homem parecia que já estava lá há dias”, Jessie continuou. “Ele tinha um aspecto de desnutrido e tinha cortes - mais como incisões precisas - por todo o corpo. Ele mal levantou a cabeça quando entramos. Já a mulher não parecia estar lá há tanto tempo. Ela tinha menos cortes e parecia menos abatida de alguma forma. Ela ainda tinha energia suficiente para estar aterrorizada. Eu ouvi um grito abafado vindo da direção dela e vi que alguma coisa estava enfiada na boca de cada um.”

Hernandez engoliu em seco, tentando não parecer chocada.

“Minha mãe começou a gritar”, disse Jessie. “Foi quando meu pai cobriu a boca dela com um pano encharcado de éter. Ela ficou quieta e caiu em seus braços. Então ele a levou de volta para cima, instruindo-me a segui-los. Eu mal conseguia mover meus músculos, mas fiz o que ele me disse. Ele me fez sentar em uma cadeira de madeira na sala de estar enquanto tirava as roupas da minha mãe e a amarrava da mesma forma que ele tinha feito com os outros. Eu estava tão chocada e aterrorizada que nem sequer pensei em fugir. Ele amarrou os braços dela a uma viga de suporte de madeira e deixou-a ficar lá pendurada, com os braços moles a mantê-la de pé.”

Hernandez colocou a cabeça entre as mãos. Jessie se perguntou se ele iria conseguir.

“Você está bem?”, ela perguntou a ele.

“Não”, ele admitiu. “Mas continue assim mesmo.”

Então ela continuou.

“Meu pai me explicou que havia muito mal no mundo e que era seu trabalho extirpá-lo e destruí-lo. Lembro-me de perguntar se o que ele estava fazendo não era malvado também. Ele me disse que às vezes é preciso um pecador para salvar o mundo. Eu disse que a mamãe não era má e que ele não precisava destruí-la. Ele disse que ela tinha o mal dentro

dela, mas prometeu que tentaria tirá-lo dela o melhor que pudesse e só a destruiria em último recurso.”

“E foi o que ele fez. Entre atormentar e matar as pessoas no porão, ele “testava” minha mãe cortando-a ou queimando-a. Não me lembro de ele ter feito alguma coisa em especial para tirar o mal. Não me lembro dele fazendo a ela perguntas específicas. E, de qualquer maneira, ela tinha o pano na boca pelo que não podia responder.”

Uma mulher mais velha, sentada em uma mesa próxima, levantou-se, jogou uma nota de dez dólares sobre a mesa e saiu, com o prato ainda meio cheio. Ela lançou a Jessie um olhar sujo ao sair.

Eu acho que deveria baixar minha voz.

“Enquanto estivemos lá, ele saía algumas vezes”, ela continuou, falando pouco mais alto que um sussurro agora. “Eu me lembro de finalmente alargar as cordas dos meus braços e pernas o suficiente para que eu pudesse ter escapado. Mas isso significaria deixar minha mãe e eu não poderia fazer isso. Além disso, eu nunca sabia quando ele poderia voltar.”

“Ele sempre retornava com novas vítimas, que arrastava para o porão. Ele levou para a cabana mais três pessoas, além das duas que já estavam lá embaixo. Durante o que eu agora acredito terem sido cerca de dez dias, ele brutalizou e assassinou todos eles. Então ele voltou às atenções para minha mãe.”

A garçonete se aproximou novamente.

“Dê-nos mais alguns minutos”, disse Hernandez baixinho sem tirar os olhos de Jessie.

“Ele começou a sussurrar para ela nesta voz frenética”, disse ela. “Ele pegou uma faca de caça e disse a ela que iria estripá-la com aquilo. Foi quando decidi fazer uma tentativa para escapar. Achei que era a única maneira de impedi-lo de matar minha mãe naquele momento.”

“Então, enquanto a cabeça dele estava virada, saí da cabana. Eu acho que ele nem notou no começo. Ele estava tão focado na minha mãe. Mas, por fim, eu o ouvi vindo atrás de mim. Eu estava descalça, congelada de frio e perdida. Por fim, cheguei a um penhasco com vista para um rio cheio de gelo. Eu pensei em pular. Mas no final não consegui. Ele me alcançou e me levou de volta. Ele me amarrou novamente e segurou meus olhos abertos com fita adesiva para que eu não pudesse desviar o olhar. Ele disse: 'Você tem que ver, pequena Joaninha. Você tem que saber a

verdade. Ele me chamava de Joaninha. Então ele enfiou a faca na minha mãe repetidamente. Depois disso, ele usou a mesma faca para fazer este corte em mim.”

Jessie puxou para baixo o lado esquerdo de sua blusa para revelar uma cicatriz que corria horizontalmente logo abaixo da clavícula, do ombro até o pescoço. Ela viu a garçonete se aproximando novamente e colocou a blusa no lugar.

“Quero uma torrada e fruta”, disse Jessie.

“Batatas fritas com bacon”, acrescentou Hernandez.

A garçonete assentiu e saiu tão rápido quanto veio.

“Pedido interessante”, Jessie notou, tentando aliviar um pouco o humor.

“O que aconteceu então?”, ele perguntou baixinho, recusando-se a mudar de assunto.

“Meu pai me deixou lá, sangrando, olhando para o cadáver da minha mãe. Ele nunca voltou. Um par de caçadores me encontrou três dias depois e pediram ajuda. Quando me recuperei o suficiente para falar, contei às autoridades tudo o que havia acontecido. Meu pai queimou todos os corpos exceto o de minha mãe. Eles tinham algumas provas físicas para comprovar tudo - vídeos que ele tinha feito e restos humanos, principalmente pedaços de osso. Mas alguns policiais simplesmente ainda não conseguiam acreditar.”

“Eles decidiram me mudar para fora da cidade para me proteger. Naquela época, eles ainda achavam que iam conseguir pegá-lo e eu era a única testemunha. Eles tomaram meu depoimento escrito e meu testemunho em vídeo. Não havia motivo para eu ter de ficar ali. Então fui colocada no programa de Proteção às Testemunhas, transferida para morar com um casal em Las Cruces, Novo México, Bruce e Janine Hunt. O filho deles havia morrido recentemente com câncer. O marido era um agente do FBI lá. A esposa era professora.”

“Então foi lá que você passou o resto da sua infância?”, perguntou Hernandez.

“Sim. Comecei a me chamar Jessie porque não aguentava ouvir o nome que minha mãe havia me dado, depois de tudo o que acontecera. Eles me deram uma história falsa de apoio para usar na minha nova vida. Ninguém, a não ser meus pais adotivos e alguns xerifes baseados no Novo

México, sabiam a verdade. Eu fiquei lá até o ensino médio e depois vim para cá quando fui aceita na USC. “

“Você ainda tem contato com eles?”

“Eu costumava ter muito contato com ambos. E ainda sou próxima à Janine, minha mãe adotiva.”

“Mas...?”, Hernandez disse, obviamente, pegando em sua hesitação.

“Infelizmente, ela teve câncer no primeiro ano da faculdade, assim como o filho dela, anos antes” disse Jessie com naturalidade. “Há quase uma década que ela vai melhorando e piorando. É algo muito pesado para ela, tanto física quanto mentalmente, e ela está praticamente sempre acamada agora. Ela sempre foi a ponte entre mim e meu pai adotivo, Bruce. Nós somos ambos muito teimosos. Mas nos últimos anos, com ela tão fraca, Bruce e eu nos separamos um pouco. Ainda assim, ele vem aqui ocasionalmente. Ele esteve aqui algumas semanas atrás para me checar depois de todo o lance de 'seu marido é um assassino sociopata'. Mas nós não falamos muito.”

“Ele ainda trabalha para o departamento?”, perguntou Hernandez.

“Ele está semi-aposentado. Ele ainda faz trabalho de consultoria para eles e para o Departamento de Polícia de Las Cruces. Mas ele não é formalmente um empregado.”

“Mais ou menos como você”, observou Hernandez com um sorriso irônico.

“Eu acho que nunca pensei nisso dessa maneira, mas sim.”

“Perdoe-me por perguntar isso”, disse Hernandez, “mas o que isso tem a ver com Crutchfield?”

Jessie apreciou que ele não tentou fazer nenhuma pergunta sobre a cabana e respondeu antes que ele pudesse mudar de ideia.

“Eu ouvi sobre o caso de Crutchfield enquanto eu estava na faculdade e algo soou familiar para mim. Então fiz algumas pesquisas e percebi que ele havia usado muitas das mesmas técnicas que meu pai. Ele também mantinha suas vítimas vivas no porão de sua casa. Como você sabe, porões são raros por aqui. Eu soube que ele tinha construído um especial depois que ele comprou o lugar. Ele também algemava as vítimas às vigas que suportavam o teto. Ele usava a mesma marca de faca de caça para matá-las.”

“Caramba, é isso mesmo”, exclamou Hernandez. “Ele usava uma faca de caça.”

“Não há nenhuma razão para alguém aqui fazer a conexão”, observou Jessie. “O caso tinha mais de uma década na época. Foi no meio do país. O perpetrador nunca foi pego. Mas obviamente chamou muito a minha atenção.”

“Você nunca mencionou isso a ninguém?”

“Não para as autoridades. Eu não podia arriscar ter minha identidade revelada. E eu não tinha certeza de como um cara aleatório em Los Angeles poderia saber sobre o Executor de Ozarks. Então eu fiz minha própria investigação. Mas não havia muito que eu pudesse saber com o registro público. Então comecei a tentar obter acesso a Crutchfield diretamente.”

“O que fez uma estudante universitária achar que poderia conseguir acesso para ver um assassino em série mantido em uma instalação de segurança máxima para assassinos dementes?”, ele perguntou incrédulo.

“Eu tenho acesso a... recursos que não tenho liberdade para discutir.”

“Ok”, ele respondeu lentamente. “Eu vou deixar isso para lá agora, ainda que cada parte de mim esteja gritando para saber mais. Vamos tentar o seguinte. Você obviamente entrou para vê-lo. Ele confirmou suas suspeitas?”

“Sim, confirmou”, disse Jessie. “Crutchfield me disse que ele tinha sido um admirador do Executor de Ozarks. Ele disse que tinha cometido seus crimes da mesma maneira, quase em homenagem. Ainda não sei como ele soube dele, embora eu saiba que ele é da Louisiana. Talvez tenha saído alguma notícia lá. Independentemente disso, ele estava se abrindo para mim, ainda que pelo seu próprio caminho tortuoso. Ele até me ajudou a perceber que Kyle estava me manipulando. Foi algo que ele disse que me ajudou a começar a desvendar o enredo do meu marido.”

“Bom sujeito, então”, respondeu Hernandez secamente.

“De qualquer forma, ele não ficou surpreso em me ver”, disse Jessie, insistindo, apesar do tom de brincadeira do detetive. “Meu pai disse a ele que poderia haver um dia em que uma mulher fosse visitá-lo perguntando sobre a conexão entre os dois conjuntos de assassinatos. Ele queria que Crutchfield me desse uma mensagem.”

“Qual era a mensagem?”

“Era: ‘*ATÉ BREVE, JOANINHA*’. Ninguém mais - pelo menos ninguém mais vivo - sabia que ele me chamava assim. Foi assim que eu tive certeza de que era legítima.”

“Ele está procurando por você”, disse Hernandez em voz baixa.

“Está”, Jessie confirmou. “Era por isso que eu estava no banco de dados do FBI; porque eu tenho que encontrá-lo primeiro.”

CAPÍTULO TREZE

Eles ficaram ali em silêncio durante os minutos que se seguiram. A garçonete trouxe a comida deles, mas nenhum dos dois comeu. Jessie tomou um gole de café. Hernandez olhava para o espaço, perdido em pensamentos. Finalmente ele falou.

“Crutchfield conhece sua nova identidade”, disse ele com urgência. “E se ele tentar entrar em contato com seu pai para contar a ele?”

“Obrigado, Hernandez”, ela respondeu sarcasticamente, tentando injetar um pouco de leveza na atmosfera. “Eu não tinha pensado nisso.”

“Desculpe”, disse ele, castigado. “Claro que você considerou tudo isso. Mas é novo para mim.”

“Tudo bem. É muito para absorver. A verdade é que fiquei amiga da chefe de segurança do hospital onde ele está preso. Você conhece Katherine Gentry?”

“Eu a conheci”, disse Hernandez, finalmente decidindo dar uma mordida em suas batatas fritas. “A propósito, prove isso. Elas são as melhores da cidade.”

“Bem, ela é uma das quatro - agora cinco - pessoas a quem eu contei a verdade”, disse Jessie, experimentando uma. “E ela está trabalhando para garantir que não haja como Crutchfield entrar em contato com ninguém. Eles estão reavaliando o protocolo de segurança dele para impedir qualquer fuga de informação. Além disso, ela diz que duvida que Crutchfield diga alguma coisa.”

“Por que não?” ele perguntou.

“Ela acha que Crutchfield gosta de mim, que ele passou a mensagem como um aviso.”

“Você concorda com ela?”

“Eu acho que ele gosta de brincar comigo, como um rato de estimação. Mas eu me preocupo que ele queira me dar de alimento a uma cobra para me ver sendo mastigada, se ele achasse que seria divertido o bastante.”

Jessie pegou mais algumas batatas fritas e colocou-as na boca, apesar das imagens que acabara de evocar.

“Essas são boas. Então qual é a sua história, Hernandez?” Ela perguntou, tentando passar para qualquer outro assunto.

“Receio não ter nada para compartilhar que possa se aproximar disso”, admitiu ele. “De alguma forma 'quase morto enquanto ajudava a pegar um assassino em série' não soa tão atraente depois de ouvir você.”

“Você está certo. Isso parece totalmente chato. Ainda assim, fico feliz em ouvir de alguém que tenha uma vida um pouco menos dramática. Me conte sua mini-biografia.”

“Ok, eu cresci no leste de Los Angeles. Comecei a andar em gangues no começo da adolescência; conheci um professor no ensino médio que já havia sido um policial e ele me convenceu a tentar um caminho diferente. Eu me formei, fiz uns dois anos de faculdade comunitária antes de me candidatar para a academia de polícia. Passei três anos fardado nas ruas antes de o lance de Crutchfield dar início à minha carreira como detetive. Eu faço isso há cinco anos, os dois últimos com a SEH.”

“E quando você não está trabalhando?”

“Casado há seis anos agora. Nós moramos no distrito de Mid-Wilshire. Eu gosto de fazer caminhadas nas montanhas de Santa Monica quando o tempo permite. Sou um cozinheiro decente.”

“Alguma criança?” Jessie perguntou, tomando um gole de água para limpar um pequeno engasgo em sua garganta.

“Ainda não”, ele respondeu, sua voz ficando subitamente séria. “Esse tópico continua em discussão.”

Jessie sentiu que ele não queria elaborar e seguiu em frente rapidamente.

“Então, o que você faz quando todas as suas pistas em um caso não servem de nada, Hernandez?”, ela perguntou em um tom alegre.

“Eu acho que nós trabalhamos juntos o suficiente para você me chamar de Ryan”, ele respondeu.

“Ok, Ryan, o que fazemos agora?”

“Nós reagrupamos e revisamos o que temos enquanto esperamos para ver se a médica legista tem algo interessante para compartilhar. Entrevistaremos a empregada quando ela chegar à cidade logo mais. Vamos verificar as finanças dos Missingers para ver se há alguém que possa ter decidido ensinar uma lição ao marido. Basicamente, vamos trabalhar em conjunto até que algo apareça.”

“Parece que chegamos a um beco sem saída”, disse Jessie com ceticismo. Ela tomou outro copo de água para tentar soltar a sensação desconfortável em sua garganta.

“Eu prefiro chamá-lo de uma pausa na ação”, respondeu Ryan.

“Bem, você acha que eu poderia tirar algumas horas de folga durante a calmaria?” ela perguntou, ofegando ligeiramente. Ela estava tendo um pouco de dificuldade em conseguir soltar as palavras. “Eu tenho algo que preciso resolver.”

“Eu acho que tudo bem, contanto que você não tente acessar indevidamente qualquer banco de dados confidencial”, disse ele, sorrindo ligeiramente.

“Falando nisso, você acha que talvez possa me ajudar a acessá-los corretamente, agora que você sabe o que eu estou procurando?”

Ela pegou um guardanapo para enxugar os olhos que de repente ficaram lacrimejantes e se viu tomada por uma tosse forte.

“Vamos lidar com o caso em mãos agora. Talvez possamos trabalhar alguma coisa no caminho”, respondeu ele, com um olhar preocupado no rosto. “Ei, você está bem?”

“Eu sinto que estou tendo uma reação alérgica a alguma coisa”, ela disse já com alguma dificuldade. “Minha garganta está se fechando.”

“Oh caramba”, disse Ryan, parecendo em choque. “Você é alérgica a amendoim?”

Jessie assentiu entre tossidos. Sua pele parecia ter sido mergulhada em hera venenosa e cada respiração era agora um desafio.

“As batatas fritas são cozidas em óleo de amendoim”, disse ele com preocupação, levantando-se e movendo-se para o lado dela da mesa. “Eu nem sequer pensei nisso.”

Jessie enfiou a mão na bolsa, abriu o bolso lateral e pegou um inalador. Ela deu uma pulverização enorme, esperou brevemente e depois inalou outra. Em cerca de trinta segundos, ela sentiu suas vias aéreas começarem a relaxar. Ela respirou longa, lenta e profundamente. Ryan relutantemente sentou-se novamente.

“Está funcionando?”, ele perguntou. “Você está se sentindo melhor?”

Jessie assentiu, ainda não completamente pronta para falar novamente.

“Sinto muito”, disse ele. “Eu deveria ter perguntado.”

“Está tudo bem”, ela disse, rouca. “É para isso que serve o inalador. Eu até tenho um inalador de emergência na minha jaqueta, no caso de não

ter minha bolsa comigo. É o meu plano de emergência.”

“Isso aconteceu rápido”, disse ele, ainda parecendo um pouco inquieto. “O que teria acontecido se você não tivesse o seu inalador?”

“Nada de bom”, disse Jessie, tomando outro gole de água. Ela sentiu como se estivesse finalmente voltando ao normal. Ela se levantou da cadeira e jogou o guardanapo na mesa. “Então você cuida da conta, certo?”

“Por que você assume isso?”, ele perguntou.

“Porque você quase me matou”, brincou ela. “E também estou saindo agora. Se você não pagar, isso significa que ninguém vai. E acho que isso é um crime ou algo assim.”

Ela se virou e dirigiu-se para a porta, satisfeita com o seu sorriso. Mas sair agora também servia dois outros propósitos. Primeiro, ela poderia esconder o quão assustada ela tinha ficado apenas momentos antes. E, segundo, ela poderia esconder sua certeza de que ela voltaria a esse banco de dados em algum momento, com permissão ou não.

*

Jessie estava quase no seu destino - a Divisão de Não-Reabilitação do Departamento de Hospitais Estaduais em Norwalk, a cerca de meia hora de carro a sudeste do centro de Los Angeles - quando ela finalmente parou de hesitar e fez a ligação. Seu pai adotivo, o ex-agente Bruce Hunt, atendeu no segundo toque.

“Jessie? Está tudo bem?”, ele perguntou, preocupado.

“Eu estou bem, ‘Pa’”, ela o tranquilizou, usando o mesmo nome que havia escolhido para ele todos aqueles anos atrás, quando havia se mudado para cá. Ela não podia ir com “papai” e “pai” parecia formal demais. Ela considerou chamá-lo de “Bruce” brevemente, mas de alguma forma isso parecia desrespeitoso.

“Eu só não tinha ouvido falar de você desde que te visitei e me preocupei que você estivesse ligando porque... alguma coisa tinha dado errado.”

“Alguma coisa tinha dado errado *novamente* você quer dizer?”, Jessie perguntou, lamentando imediatamente.

“Eu não disse isso.”

“Não, claro que não”, disse ela rapidamente, tentando atravessar o assunto. “Está tudo bem. Ainda estou morando com Lacy, mas estou procurando meu próprio lugar. Como você está se acomodando na sua nova casa?”

No mês passado, Pa finalmente concordara em sair da casa que ele e sua esposa tinham compartilhado por vinte e sete anos. Ele havia feito uma cirurgia de substituição de quadril recentemente e ter o quarto no segundo andar se tornara impraticável, especialmente desde que a sala de jantar tinha sido convertida no quarto da ‘Ma’ anos atrás. Agora eles viviam em um complexo de condomínios para idosos, muitos dos quais também eram aposentados. Tinha uma unidade de vida assistida afiliada lá dentro, para a qual Ma fora transferida temporariamente num período em que ela estava realmente lutando com a doença.

“Não é assim tão ruim”, respondeu ele. “É bom ter tudo em um andar só. E todos caminham juntos até o restaurante Coco, no final do quarteirão, para o desconto especial dos que jantam cedo.”

“Eu não consigo dizer se você está falando sério ou não”, disse Jessie.

“Quem dera que eu estivesse brincando”, disse ele ironicamente.

“Aquele lugar fica super lotado por volta das quatro e meia da tarde. Então, o que está acontecendo?”

“Alguma coisa precisa estar acontecendo para eu ligar para você, pai?”

“Normalmente”, ele disse.

“Eu só queria dar um alô, ter certeza de que você estava bem e te agradecer por me ajudar a resolver tudo depois do que aconteceu.”

“Como está o seu abdômen?”, ele perguntou, referindo-se a sua lesão. Desde que Jessie conhecesse o homem, Bruce Hunt nunca tinha aceitado um elogio ou um agradecimento.

“Muito bom”, disse ela, incapaz de esconder o orgulho em sua voz.

“Eu estou inclusive trabalhando, fazendo trabalho de consultoria, identificando perfis para o Departamento da Polícia de Los Angeles. Eu estou no meio de um caso de assassinato agora.”

“O que aconteceu com a Academia do FBI?”, ele perguntou rudemente, quase como se não a tivesse ouvido. “Isso ainda vai acontecer?”

“Eu coloquei em espera por agora”, ela respondeu, tentando não se ofender. “Eu ainda posso ir para o próximo ciclo, se eu quiser. Simplesmente não poderia deixar passar esta oportunidade, sabe?”

“Você tem que fazer o que acha que é melhor”, disse ele, seu tom indicando que ele duvidava que ela estivesse fazendo isso.

“Certo, obrigado, Pa”, disse ela quando entrou no estacionamento do hospital. “Eu realmente preciso correr. Eu tenho que fazer uma entrevista agora. Mas volto a ligar daqui a alguns dias para saber se tem novidades, ok?”

“Como você quiser.”

“Tudo bem”, disse Jessie, fazendo o seu melhor para não deixar a brusquidão dele atingi-la. “Falo com você mais tarde então.”

O telefone ficou em silêncio e ela percebeu que ele tinha desligado.

CAPÍTULO CATORZE

Jessie estacionou o carro e ficou lá em silêncio por um minuto, tentando tirar aquela interação de sua mente para que ela pudesse se concentrar no que estava por vir. De alguma forma, sua conversa com Ryan Hernandez a estimulara a tomar as rédeas de múltiplos relacionamentos problemáticos em sua vida.

Primeiro, ela tinha iniciado uma conversa com seu pai adotivo, uma raridade por si só. Agora, ela estava prestes a confrontar o assassino em série que a tinha alertado para o fato de que seu pai biológico assassino em sériestava procurando por ela. Nesse ritmo, ela daqui a pouco estaria indo para o Condado de Orange à noite para botar o papo em dia com seu futuro ex-marido assassino.

Jessie não pôde deixar de rir quando saiu do carro e seguiu para a entrada do portão de segurança do perímetro da instalação. Ela apertou o botão no portão e esperou por quem quer que estivesse cuidando da câmera de segurança acima para fazê-la entrar. Eles estavam familiarizados com ela agora e a chefe de segurança, Katherine Gentry, havia autorizado sua visita.

Ela entrou no pequeno pátio e caminhou até as portas duplas que serviam como ponto de entrada para a unidade. Quando o portão de metal se fechou atrás dela, ela sentiu seu humor mudar. Lembrando-se do tipo de pessoas que eram mantidas aqui e do que tinham feito com outros seres humanos, sua sensação de leveza, se esvaiou.

A unidade DNR era um anexo autônomo ao Departamento Metropolitano do Hospital Estadual de Norwalk. A instalação principal abrigava outros criminosos mentalmente desordenados considerados inaptos para cumprir pena em uma prisão tradicional. Mas nenhum dos criminosos mantidos ali - todos homens - havia sido condenado por crimes sexuais ou assassinato. Isso era para o que a DNR servia.

A Divisão de Não-Reabilitação era uma unidade especial. Um segredo bem guardado. A instalação era desconhecida do público em geral e da maioria da comunidade de policiais e de saúde mental do sul da

Califórnia. Isso porque detinha os criminosos mais extremos - também apenas homens até agora - que eram assassinos em série ou estupradores.

A instalação fora construída no campus do hospital de Norwalk exclusivamente para abrigar os piores dos piores em um ambiente de segurança máxima que atendesse aos requisitos do estado para alojar os criminosos com problemas mentais. Havia espaço suficiente para albergar dez reclusos mas só existiam atualmente cinco ocupantes, incluindo Bolton Crutchfield.

Uma vez admitida, Jessie passou pela porta externa da instalação para dentro de um pequeno vestíbulo. Quando aquela porta se fechou, a porta interna se abriu, permitindo que ela entrasse no pequeno saguão principal da DNR, onde entregou seus pertences a um guarda e passou por um scanner de ondas milimétricas do tipo que existe no aeroporto. Depois de passar por aquilo, ela encontrou a oficial Gentry esperando por ela.

“Oi, Jessie”, ela disse calorosamente. Era uma saudação muito diferente daquela que a chefe de segurança da DNR tinha feito a Jessie na primeira vez em que ela visitara a instalação. Naquela época, tudo era na base do ceticismo, beirando a suspeita.

Na época, Kat não conseguia entender como ou por quê uma aluna de pós-graduação tinha entrado naquelas instalações para entrevistar um assassino notório. Ela ainda não estava a par do “como”, mas agora que ela sabia o “porquê”, ela era muito mais simpática. Mesmo que a primeira reunião tenha sido apenas quatro meses atrás, parecia que já havia passado uma vida inteira.

“Ei, Kat”, disse Jessie. “Obrigada por me deixar entrar mesmo eu tendo avisado tão em cima da hora.”

“Sem problema. Vamos lá trocar a sua roupa.”

Elas entraram em uma sala formalmente intitulada “Área Transitória de Preparação” com Kat na liderança. Jessie mais uma vez notou como sua nova amiga era imponente. Não era tanto o tamanho dela. Kat era de estatura média, cerca de um metro e setenta. Mas seu corpo era poderosamente construído, 63 quilos de músculos cinzelados. Mesmo sem flexionar, os músculos dos braços dela saltavam.

Ela era atraente de uma forma tipo 'eu não dou a mínima', bem casual. Isso era reforçado por sua falta de maquiagem e pelo coque apressado em que ela amarrava o cabelo. Havia um sutil contraponto graças às múltiplas marcas de queimaduras faciais e à longa cicatriz que corria verticalmente

pela sua bochecha esquerda logo abaixo do olho. Jessie sabia que estas marcas eram as reminiscências do tempo de Kat como uma Ranger do Exército, mas como exatamente ela as tinha conseguido, nunca fora objeto de conversa entre as duas.

Mesmo que ela não estivesse usando uniforme, Katherine Gentry tinha o porte de uma figura de autoridade, alguém que não estava ali para brincadeiras. Ela andava depressa e com propósito. Ela falava diretamente. E seus assombrosos olhos cinzentos pareciam estar sempre alerta. Aparentemente, duas turnês no Afeganistão deixaram mais que apenas marcas físicas.

Uma vez lá dentro, Jessie, que conhecia bem os procedimentos depois de várias visitas, vestiu as roupas cinzas de estilo hospitalar. Tendo já removido todas as suas jóias e as deixado no carro, ela rapidamente limpou a pouca maquiagem que estava usando em seu rosto. Qualquer coisa que pudesse estimular excessivamente os pacientes era proibida.

“Vamos para minha sala”, disse Kat depois que Jessie terminou de se preparar. “Você pode me atualizar sobre o que está acontecendo antes de irmos visitar seu admirador não tão secreto.”

“Ele falou mesmo sobre mim?”, Jessie perguntou quando elas começaram a descer o corredor. “Eu teria pensado que ele consideraria isso um sinal de fraqueza.”

“Não para mim”, disse Kat, enquanto passavam pelo corredor escuro com várias pequenas salas e câmeras de segurança aparentemente incontáveis. “Você sabe que ele nunca fala comigo. Mas Cortez diz que ele mencionou você algumas vezes durante o banho supervisionado.”

“Ele me mencionou enquanto estava nu? Não sei como me sinto sobre isso.”

“Os mendigos não podem escolher”, Kat disse, rindo para si mesma quando elas entraram em sua sala apertada. Jessie percebeu que era a primeira vez que ela vira a chefe da segurança do DNR, Katherine Gentry, rindo.

“Você está desenvolvendo um senso de humor de repente?”, Jessie perguntou, sorrindo.

“Eu sempre tive um”, Kat respondeu, enquanto se sentava e fazia sinal para Jessie se sentar na cadeira do outro lado da mesa dela. “Eu simplesmente gosto de esconder isso dos civis – os mantém na linha.”

“Opa, isso significa que eu entrei no exclusivo círculo de confiança de Gentry?”, Jessie perguntou em sua melhor voz de Bambi, cruzando as pernas elaboradamente enquanto se sentava.

“Se você me der cobertura durante um tiroteio na província de Helmand, você fica no círculo de confiança. Por enquanto, estou colocando você no ‘oval’ de ‘não totalmente irremediável’.”

“Eu aceito isso”, anunciou Jessie com falso orgulho.

Ela viu Kat retrain o sorriso que começava se formando em seus lábios.

“Muito bem, chega de conversa fiada, Professora. Quer saber nossa situação atual em termos de segurança em relação ao seu cavalheiro, ou não?”

“Primeiro, não sou professora. Ter um mestrado não é a mesma coisa, só para você saber caso o assunto surja no bar dos durões ou algo do tipo. E segundo, sim, eu gostaria muito de saber onde estamos quanto a evitar que um assassino em série passe informações sobre mim para outro assassino em série.”

“Bem, temos bastante certeza que isso não está acontecendo”, assegurou Kat. “Ele sabe onde está todo o nosso equipamento de gravação antigo. Mas adicionamos câmeras e microfones ocultos extras à cela enquanto ele estava tomando banho, então ele não sabe quando estamos assistindo ou ouvindo.”

“Você quer dizer que você fez a instalação quando ele estava fora da cela conversando sobre mim com Cortez?”

“Exatamente. Como você sabe, esse período de trinta minutos é o único momento em que ele não está na cela a cada semana. Então, enquanto eles estão tendo a conversa de garotos crescidos sobre a Jessie, também fazemos uma busca completa da cela para nos certificarmos de que não há contrabando, que ele não encontrou uma maneira de atravessar mensagens através de algum pequeno buraco no chão ou que ele não tem de alguma forma acesso Wi-Fi lá; esse tipo de coisas. Até mesmo os jornais que ele pode ler são queimados quando os removemos de sua cela.”

“E?”

“Nada”, disse Kat. “O lugar é limpo como um assobio. O melhor que podemos dizer é que não há como ele se comunicar com alguém do lado de fora, o que significa que seus segredos estão protegidos do velho e querido pai.”

“Por que, apesar de tudo isso, não me sinto segura?”

“Porque”, Kat respondeu, sua voz agora direta e séria, “você é uma pessoa normal. E qualquer pessoa normal que descobrisse que seu pai assassino em série a procurava estaria apavorada, não importando o quanto estivesse confiante de que ele não pudesse encontrá-la. Seria estranho se você *não estivesse* perturbada.”

“Alguma sugestão de como remediar isso?”, Jessie perguntou.

“Eu tenho uma”, Kat disse com relutância. “Mas é um pouco incomum.”

“Estou intrigada”, disse Jessie, erguendo as sobrancelhas. “Por favor continue.”

“Ok, mas se essa ideia for muito estranha, sinta-se à vontade para me dizer”, ela começou. “Eu comi ratos cozidos e tirei estilhaços da bunda de um colega soldado, então não sou excessivamente sensível.”

“Tomei nota.”

“Eu sei que na última vez que conversamos você mencionou que estava pensando em sair do apartamento de sua amiga e arrumar um lugar só para você. Acontece que o meu aluguel na pitoresca Cidade da Indústria vai terminar no fim do mês e eu estava pensando em me mudar para uma comunidade que não tenha um horizonte de chaminés de fábricas e cartazes de clubes de *strip-tease*. Você tem algum interesse em ter uma colega de apartamento, especificamente alguém que é especialista em uso de arma de fogo, conhece múltiplas formas de artes marciais e pode improvisar uma armadilha em menos de sessenta segundos?”

Jessie ficou quieta por um segundo, ponderando a possibilidade. Kat aparentemente interpretou mal o silêncio e pulou de volta.

“Não importa, é uma ideia estúpida. Eu só...”

“Não, desculpe”, Jessie interrompeu. “Não é estúpida. Eu estava apenas pensando na logística.”

“Que logística?”, Kat perguntou, parecendo aliviada.

“Bem, eu só estive olhando apartamentos de um quarto, então isso muda toda a minha mentalidade, sabe? Estou apenas jogando com as opções na minha cabeça.”

“Então você não acha que seja uma ideia louca?”

“Não estou dizendo que *não* seja louca”, admitiu Jessie. “Eu estou dizendo que eu não consigo pensar em nenhuma razão neste momento

exato que a torne definitivamente *uma* ideia louca. Posso pensar sobre isso um pouco?”

“Claro. Eu deveria ter esperado até depois da visita para mencioná-la de qualquer maneira. Você deveria estar se concentrando no seu encontro com Crutchfield. Podemos discutir isso mais tarde ... ou nunca.”

“Vamos optar por mais tarde”, sugeriu Jessie. “Mas, por enquanto, acho que devo concentrar minha atenção no que está para acontecer. Ele está na cela agora?”

“Está. Você quer ir até lá?”

Jessie assentiu. Kat se levantou e elas andaram pelo corredor até a porta de segurança que levava à área das celas dos residentes. Quando o fizeram, Kat repassou as regras novamente.

“Eu sei que você provavelmente já tem tudo isso na memória. Mas como já faz um tempo desde que você esteve aqui, deixe-me apenas avivar sua memória um pouco. Lembre-se, não se aproxime do preso. Definitivamente, não toque na barreira de vidro. Normalmente, eu diria para não compartilhar informações pessoais. Eu percebo que já ignoramos isso um pouco no seu caso, mas ainda assim, tente mostrar alguma discrição. Quanto menos ele souber sobre você, menos ele poderá mexer com você. Por fim, lembra do botão vermelho?”

“Claro”, disse Jessie. “Minha espécie de manta de segurança.”

“Isso mesmo. Mantenha o controle remoto, que eu vou te dar em sua mão, escondido da vista dele. Se as coisas ficarem muito intensas, aperte o botão e o controle vai me alertar que você quer sair sem que Crutchfield perceba que a atingiu.”

“Eu vou levá-lo”, disse Jessie. “Mas você sabe que ele provavelmente está ciente do botão e que se, de repente, você entrar, ele saberá que eu provavelmente o pressionei.”

“Eu sei. Mas é a melhor opção que temos agora.”

A porta de segurança tocou uma sineta quando elas chegaram e Kat a abriu. Alguém dentro deve tê-las visto se aproximando. Elas entraram e Jessie olhou em volta. A estação de segurança parecia a mesma da última vez que ela tinha estado aqui seis semanas antes. Estava configurada como uma enfermaria hospitalar, com uma mesa central comprida coberta por uma fileira de monitores de computador. Ao redor da estação havia várias portas que levavam às celas dos residentes.

Havia quatro oficiais situados no posto de segurança. Dois estavam cuidando de papelada de algum tipo. Um terceiro estava reabastecendo um armário. E depois havia Cortez, o acompanhante de banho de Bolton Crutchfield. Ele olhou por cima do monitor em que estava analisando e deu um grande sorriso para Jessie.

O oficial Ernie Cortez era um humano enorme. Um hispânico de trinta e poucos anos. Cortez tinha quase dois metros de altura e mais de cem quilos. Sua expressão amigável não podia esconder o fato de que, se ele quisesse causar algum dano físico, não precisaria fazer muito esforço.

“Olhe quem você é”, ele disse alegremente, “minha Garota da Vogue favorita. Como vai, Jessie?”

Garota da Vogue era o apelido que Cortez lhe dera quando a conheceu. Aparentemente, ele a considerava parecida com uma modelo.

“Bom, Cortez. Ouvi dizer que você tem passado muito tempo com Crutchfield ultimamente.”

“O quê?”, ele perguntou, parecendo surpreso.

“O banho”, Kat disse de imediato.

“Oh sim”, disse Cortez. “Não tenho muita sorte. Esse cara é um verdadeiro tagarela quando está nu.”

“Disse alguma coisa especialmente interessante?”, Jessie perguntou. “Talvez sobre mim?”

“Ele mencionava você de vez em quando. Ele leu sobre aquela coisa com seu marido no jornal e queria saber se você estava bem. Parecia quase sincero.”

“Vocês não cortam os artigos sobre mim antes de dar os jornais para ele?”, Jessie perguntou, surpresa.

“Não é como se os lêssemos antes de entregá-los”, disse Cortez, levemente na defensiva. “Como poderíamos saber que você estava sendo mencionada em todos eles?”

“É justo”, disse Jessie, cedendo. “Então foi isso, apenas perguntando sobre o meu bem-estar?”

“Principalmente”, disse Cortez. “Não é como se ele estivesse descrevendo ter sonhos sobre você ou algo assim. Caia na real, Garota da Vogue.”

“Não, isso é você, Cortez”, provocou Kat.

“Bem”, disse Cortez, imperturbável, “agora que você mencionou isso, já que o Sr. Garota da Vogue já está fora de cena, talvez você esteja

procurando um pouco de companhia?”

Jessie apenas olhou para ele.

“Cedo demais?”, ele perguntou antes de gargalhar com sua própria esperteza.

“Muito bem, chega de flerte, você também”, disse Kat. “Vamos parar de brincar. Jessie, você está preparada para entrar na cela?”

Jessie assentiu.

“Eu preciso de um 'sim' verbal para o registro.”

“Sim”, disse Jessie. A leveza que ela sentira um momento antes agora tinha se evaporado completamente.

“Ok, últimos passos. Assine este formulário, liberando o Departamento Metropolitano do Hospital Estadual, Divisão de Não-Reabilitação, de qualquer responsabilidade, caso ocorra um incidente com o preso.”

Jessie assinou.

“Aqui está o seu controle remoto”, disse Kat, entregando o pequeno pedaço de plástico. “Você está pronta para se reencontrar com uma das pessoas mais perigosas na face do planeta Terra?”

Antes que Jessie pudesse responder, a porta zumbiu. Kat segurou a porta aberta para ela entrar. Ela deu uma última engolida em seco e entrou.

CAPÍTULO QUINZE

Apesar de já ter estado na cela várias vezes, Jessie ainda sentia uma onda de adrenalina percorrendo seu corpo, fazendo as pontas de seus dedos formigarem. Respirou lentamente, se lembrando de que tudo no mundo agora era essencialmente o mesmo que tinha sido dez segundos antes.

Você consegue lidar com isso.

Ela se forçou a não insistir no fato de que estava entrando no mesmo espaço confinado que um homem que havia matado dezenove pessoas, e essas eram apenas as que as autoridades puderam verificar. Alguns policiais pensavam que o número real poderia ser mais que o dobro disso.

Não se fixe no passado. Isso dá a ele a vantagem. Fique no momento.

Ela se forçou a se concentrar nos detalhes da sala. Era dividida em duas seções, separadas por uma parede de vidro grosso. Ao lado de Jessie havia uma pequena mesa e uma cadeira com um bloco de papel e um lápis. Do outro lado do vidro estava a parte segura da cela, que estava pouco iluminada.

Era escassamente mobiliada, consistindo de uma estreita cama de metal presa à parede, pairando a 90 centímetros acima do solo. Um colchão fino estava ligado à armação da cama e um pequeno travesseiro de borracha ficava na ponta. Não haviam lençóis.

No canto traseiro direito da cela havia uma latrina, com uma porta de plástico corrediça curva para proporcionar um mínimo de privacidade. Ao lado, também presa à parede, havia uma pequena pia de metal. Junto àquilo, havia uma combinação de cadeira e mesa. Esta tinha a extremidade realmente fundida na parede para que a coisa não pudesse ser movida. Era ali que Crutchfield estava sentado.

Ele não estava olhando na direção dela e não dava nenhuma indicação de que estivesse ciente de que Jessie havia entrado no quarto. Ele estava vestido com seu próprio conjunto de uniforme hospitalar, só que o dele era de um tom azul-marinho claro. Seu cabelo loiro estava cortado bem curto

junto à cabeça, que era óssea e quase de aparência alienígena na parte de trás.

Jessie sentou-se à mesa e esperou um momento para ver se ele falaria. Depois de uns bons trinta segundos de silêncio, ela tomou a iniciativa.

“Olá, Sr. Crutchfield. Já faz algum tempo.”

Ainda assim ele não respondeu e então ela tentou novamente.

“Sr. Crutchfield?”

Ainda sem reação. Crutchfield estava sentado à sua mesa, não olhando na direção de Jessie, sem reação. Ela olhou para Kat, que se posicionou no canto da sala.

“Ele está amuado”, ela explicou, “já que você não vem aqui tem algum tempo.”

“Isso é verdade?”, Jessie perguntou.

“Você acha que eu tenho culpa?”, Crutchfield finalmente disse, no sotaque languinoso e cavalheiresco do sul que ela nunca conseguira associar ao homem que cometera todos aqueles crimes.

“O que você quer dizer com isso?”, ela perguntou inocentemente, embora suspeitasse saber o caminho que ele estava tomando.

Crutchfield se levantou e se virou para encará-la. Tal como sentira em todas as outras visitas, Jessie surpreendia-se ao ver que um homem de aparência tão pouco imponente fosse capaz de uma violência tão horrível. Bolton Crutchfield tinha cerca de um metro e setenta e mal batia nos setenta quilos.

Ele era elegante, apesar de sua pequena estrutura, e tinha uma aparência pálida. Seu rosto chamava a atenção de uma forma um tanto quanto sem graça. Ele era muito branco, com um queixo macio e dentes tortos. Ela sabia que ele tinha trinta e cinco anos, mas parecia infantil, quase meia década mais jovem. Apenas seus olhos castanhos com traços de lobo sugeriam algo mais ameaçador sob a fachada suave.

“Eu pensei que eu era útil para você, Menina Jessie”, disse Crutchfield tristemente. “Eu deixei você saber que suas suspeitas sobre o seu marido não eram sem mérito. Eu te avisei que seu querido e velho pai estava interessado em seu paradeiro; tudo isso em troca de pouco mais que um pouco de conversa fiada. E ainda assim você me joga de lado como lixo. Sem visitas, sem chamadas, nem mesmo um cartão postal. É doloroso.”

Jessie não tinha certeza se ele falava sério ou se fazia de falso ofendido e decidiu prosseguir sem fazer nenhuma suposição.

“Meu entendimento é que você não tem permissão para receber ligações ou correspondência, Sr. Crutchfield.”

“É verdade, mas as visitas são permitidas”, observou ele. “E você já fez várias no passado, se você se lembra. Eu acho que como eu já servi o meu propósito, eu já não tenha mais valor para você.”

Jessie pesou as próximas palavras com cuidado. Crutchfield gostava de jogar e ela estava cada vez mais confiante de que ele estava apenas atuando como o homem abandonado. Mas a maneira dele de provocar podia se tornar cruel em um piscar de olhos. E isso geralmente acontecia quando ele achava que alguém estava tentando manipulá-lo. No passado, ela sempre teve mais sucesso com ele quando era pelo menos parcialmente honesta. Ela decidiu tentar um pouco disso agora.

“Na verdade, Sr. Crutchfield, tenho estado um pouco reticente em voltar. Desde a última vez que nos vimos, meu marido tentou me matar e, de fato, me feriu seriamente. Eu tenho estado me recuperado desde então. Na verdade, só recentemente fui liberada para andar sem muleta. Por isso, a ideia de percorrer todo o caminho até aqui não era especialmente atraente.”

Ela notou que ele suspirou quase imperceptivelmente e soube que não tinha ido longe o suficiente. Ele queria mais e se ela queria que ele lhe desse qualquer informação, ela teria que deitar mais para fora.

“E há outra coisa”, ela continuou, percebendo o então olhar vago dele de repente entrar em foco.

“Então me diga”, disse ele, fingindo desinteresse, mas bem ciente de que não estava conseguindo.

“Bem, eu simplesmente não tinha certeza se conseguiria encarar as coisas. Voltar aqui, olhar na cara do homem que tirou a venda dos meus olhos - é uma coisa dolorosa. Passei muito tempo com meu marido e não conseguia ver o que ele realmente era. Você viu a verdade sem na verdade o conhecer. Eu sabia que ver você de novo me lembraria do meu fracasso. Não é exatamente algo que eu estivesse ansiosa para fazer.”

“É tudo?”, ele perguntou, sabendo que não era.

“Claro que não”, ela admitiu. “Eu recebi sua mensagem. Eu sei que meu pai está procurando por mim. Eu sei que você falou com ele sobre mim. É muito... perturbador. Eu não tinha certeza se estava disposta a retornar aqui. Então eu fiquei longe. Espero que você possa entender isso.”

“Eu posso, Menina Jessie”, disse ele, sua voz quente pela primeira vez desde que ela tinha entrado na sala. “E sei que isso é muito para você processar. Eu acredito que você precisasse de algum tempo para entender isso. Mas posso ser franco com você, minha querida?”

“Eu não gostaria que fosse de outra forma”, ela disse, soando convincente, mesmo que não tivesse certeza se ele acreditava.

“Ótimo. Nós dois sabemos que você só está aqui porque precisa de algo de mim. Caso contrário, você nunca mais pisaria neste lugar.”

“O que você acha que eu preciso?”, Jessie desafiou.

“Você quer informações sobre seu pai, algo que pode ajudá-la a encontrá-lo antes que ele encontre você.”

“Como ele poderia me encontrar?”, ela perguntou.

“Por meu intermédio, claro. Eu conheço seu novo nome. Eu conheço a cidade em que você mora. Eu provavelmente poderia encontrar seu endereço atual se estivesse interessado.”

“Você não tem acesso ao mundo exterior, Sr. Crutchfield”, ela lembrou. “Não há como você se comunicar com ele.”

Ele sorriu um pouco antes de responder.

“Você não é tão ingênua, Menina Jessie”, disse ele, parecendo quase piedoso. “No fundo você sabe que eu poderia estalar meus dedos e ele apareceria na sua porta. É apenas minha diversão com suas artimanhas e minha afeição intermitente por sua curiosidade energética que impediram que isso acontecesse até agora. Então seria conveniente que você continuasse cultivando o meu lado bom, não acha?”

Jessie olhou para ele. Ele olhou de volta, sem piscar. Ele estava provavelmente blefando, outra tática para mexer com a cabeça dela. Mas ela não podia arriscar e ele sabia disso.

“Como eu poderia fazer isso, cultivar seu lado bom?”, ela finalmente perguntou.

“Que simpático você perguntar isso”, ele exclamou, batendo palmas. “Eu tenho um pequeno favor para pedir de você.”

“Sr. Crutchfield, mesmo se eu acreditasse em ti, não ficarei refém de você e te farei um favor só para você depois não dizer nada. Isso é uma forma de chantagem e não é como pretendo viver a minha vida. Para eu sequer considerar fazer um favor a você, eu precisaria de algo em troca.”

“Isso está ficando delicioso”, disse Crutchfield, esfregando as mãos com entusiasmo. “O que você está procurando?”

“Que tal a localização atual do meu pai? Cidade? Estado? Região do país?”, ela perguntou.

“Oh, não seja boba, Menina Jessie”, ele disse com desdém. “Isso estragaria toda a diversão. Mas talvez eu possa oferecer-lhe outra coisa.”

“O que seria isso?”

“Uma pista para ajudá-la com o caso em que você está trabalhando, talvez?”

Como ele sabe que estou trabalhando em um caso? Como ele sabe que tenho um emprego? As medidas de segurança de Kat já falharam?

Jessie forçou um sorriso de plástico no rosto para esconder seu choque.

“Você parece pensar que sabe muito sobre o que está acontecendo na minha vida, Sr. Crutchfield”, ela disse tão casualmente quanto podia, dadas as circunstâncias. “Porque isso?”

“Eu não sou clarividente, Menina Jessie. Acabei de ler os jornais, até os classificados. Eu vi o anúncio do Departamento da Polícia de Los Angeles sobre a vaga de especialista em perfis criminais interino listado por várias semanas consecutivas, mas não nas últimas. A vaga fora obviamente preenchida. Era para a Delegacia Central, que lida com uma área que você conhece bem do seu tempo estudando na USC. Seria difícil imaginar que você não teria conhecimento, de alguma forma, de uma vaga que parece perfeitamente adequada para você.”

“Essas não são suposições estranhas, eu admito”, disse Jessie. “Mas elas não explicam sua suposição de que estou trabalhando em um caso e preciso de ajuda.”

“Não. Mas eu li sobre um caso que parecia perfeito para as suas habilidades. Uma rica socialite em Hancock Park foi encontrada morta. Há suspeita de ter sido um crime. Eu poderia facilmente ver isso sendo atribuído à garota nova. O crime não é tão horrível a ponto de ser desanimador para um novato. Os superiores, afinal de contas, não têm ideia da magnitude da insensatez que você já viu na sua vida. E bônus - você tem experiência recente em lidar com um crime entre os ricos e insuportáveis. É um encaixe perfeito. Estou perto?”

“Vamos dizer que sim. Que ajuda você poderia me oferecer?”

“Primeiro, vamos discutir esse favor, ok?”, ele lembrou a ela.

“O que você está procurando?”

“Eu só preciso que você vá a um endereço para mim e me diga se um prédio ainda está lá ou se agora é um terreno baldio.”

“Porquê?”, Jessie perguntou.

“Isso não é do seu interesse. E isso não deve lhe causar nenhuma inconveniência para cumprir. Duvido que até mesmo sua amiga silenciosa e julgadora ali no canto se recusasse a um pedido tão simples.”

Jessie olhou para Kat, que simplesmente encolheu os ombros. Jessie se voltou para Crutchfield.

“Eu sinto que há uma pegadinha”, disse ela.

“Eu não chamaria isso de pegadinha. Há apenas mais uma coisa para o meu pedido. Que horas são agora?”

Ela olhou para o seu relógio.

“Quase duas da tarde”, disse.

“Ah ótimo. Então meu pedido não deveria ser um problema. Eu preciso que você faça isso às quatro horas desta tarde. Você não precisa voltar para mim hoje. Mas você deve verificar o status do lote às quatro. O sol vai se pôr logo depois disso hoje. Compreende?”

“Qual é o endereço?”, Jessie perguntou.

“1024 Visitation Avenue, unidade número 2016.”

Jessie escreveu, depois olhou de volta para ele.

“Hora de me dar a pista”, disse ela com expectativa.

“Ah sim, claro. A pista é que você deve procurar alguém que esteja insatisfeito com a própria vida.”

“Essa é a sua pista?” ela exigiu, incrédula. “Isso é apenas a coisa mais vaga que já ouvi na minha vida. Parece algum tipo de biscoito da sorte. Você está falando sério?”

“Sua insolência é desanimadora, Menina Jessie. Você realmente acha que eu ia dizer que era o Coronel Mustard no Conservatório? Quão chato seria isso?”

“Então você me dá um enigma?”

“É muito mais divertido assim”, disse ele, movendo-se para cima e para baixo na ponta dos pés com chinelos.

Jessie olhou para ele de perto e não pôde deixar de fazer a pergunta que estava em sua cabeça desde o momento em que ele mencionara uma pista.

“Você realmente sabe quem matou a socialite, Sr. Crutchfield?”

Ele sorriu - não um sorrisinho de canto de boca, nem um malicioso, mas sim um sorriso genuíno, de boca aberta, dentes tortos e visíveis. Ele ficara mesmo encantado com a pergunta.

“Claro que não sei”, disse ele. “Eu nunca conheci ou ouvi falar das pessoas naquela notícia. Mas eu li o artigo com atenção e ficou claro para mim o *tipo* de pessoa que teria cometido esse tipo de crime. E se você for minimamente boa em seu trabalho, deveria ser claro para você também.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Jessie parou no endereço que Crutchfield lhe dera, tentando ignorar o tremor de antecipação nervosa que lhe descia pelas costas.

Ela estava atrasada. Eram 4:15 e o céu já começara a escurecer enquanto o sol começava a desvanecer-se a oeste. Ela poderia ter chegado aqui às 4 da tarde, como ele havia pedido. Mas ela escolhera intencionalmente não chegar a horas.

Eu sou mesmo assim tão teimosa? Eu fiz isso meramente por despeito? Provavelmente uma combinação de ambos.

Ela estava dirigindo para o endereço quando de repente parou em um café a poucos quarteirões de distância quando ainda era aproximadamente 3:45 e passou a meia hora seguinte no local, tomando um chá quente e verificando seu telefone. Ela disse a si mesma que era para acompanhar os desenvolvimentos no caso de Missinger. Mas isso era mentira. Ela só não queria se sentir como se estivesse cumprindo à risca o pedido de Crutchfield.

Havia um e-mail de Ryan dizendo que a empregada dos Missingers estava de volta à cidade, mas alegava estar sofrendo de dor e exaustão emocional e adiara sua entrevista por um dia. Era importante saber isso, mas não era nada que não pudesse esperar. Jessie havia pensado em ligar de volta para o detetive e pedir que ele a encontrasse no endereço, mas depois pensou melhor.

Eu já causei problemas uma vez hoje usando recursos do departamento para investigar meu pai. Retirar um detetive de homicídio de seu caso para continuar a perseguição definitivamente ultrapassa os limites.

Às 4:10, tempo suficiente depois do prazo de Crutchfield que ela poderia dizer a si mesma que não era sua lacaia, Jessie entrou em seu carro e dirigiu o último quarteirão até ao número 1024 da Visitation Avenue, onde agora ela estava, esperando que os nervos se acalmassem.

O lote estava em uma área industrial no extremo sul do centro da cidade, cercado por vários armazéns, muitos dos quais pareciam abandonados. Jessie percebeu que realmente havia um prédio com o número 1024 na frente. Teoricamente, ela poderia ligar para Kat agora mesmo para responder à pergunta de Crutchfield: havia um prédio na propriedade - não era um lote vazio. Tecnicamente, ela poderia ir embora agora.

Mas é claro que ela não podia. A ideia de que Bolton Crutchfield a enviara a esse local aleatório e afastado para simplesmente verificar a existência de um prédio parecia improvável. Tinha que haver mais do que isso. Então, apesar da voz em sua cabeça gritando para que ela não fizesse isso, Jessie saiu do carro.

Ela fechou a jaqueta em uma tentativa fútil de aliviar o frio crescente que sentia. Estava ficando escuro depressa e a temperatura caía para a casa dos 5 C, mas ela suspeitava que mesmo se estivesse em pleno verão, também estaria tremendo.

Ela atravessou a grama irregular e marrom até o degrau da frente do prédio e olhou para cima. Ao contrário da maioria das outras estruturas na área, esta parecia ter sido um prédio residencial. Ela subiu os degraus até a porta da frente e notou o diretório desbotado de sobrenomes em uma caixa de interfones degradada à direita da entrada. Na verdade, esse tinha sido em tempos um complexo de apartamentos.

Mas isso certamente já tinha algum tempo. O lugar parecia que não tinha mais sido habitado desde algum momento. A maioria das janelas da rua havia sumido, e apenas algumas haviam sido fechadas com tábuas de madeira. *Graffiti* cobria as paredes externas. Uma corrente que frouxamente contornava as portas duplas principais indicava que os visitantes não eram bem-vindos. O letreiro gravado na frente dizendo “condenado” reforçava essa ideia.

Jessie olhou para o diretório de nomes novamente. A maioria deles estava muito desbotada ou enlameada para ler, mas alguns números de unidades eram legíveis. E foi quando ela notou algo que deveria ter sido óbvio no segundo em que ela parara ali. Crutchfield havia mencionado a unidade número 2016. Mas o prédio tinha apenas três andares de altura. Não havia vigésimo andar e nenhuma unidade 2016.

Havia aparentemente uma unidade 206, onde, de acordo com a tinta vermelha quase invisível, alguém chamado Johnson, Jones, ou talvez até

Johannsen, já tivesse vivido.

Poderia Crutchfield ter cometido um erro? Talvez tenha se esquecido do endereço?

Parecia duvidoso. E, no entanto, essa era a única unidade que chegava perto da que ele descrevera.

Jessie olhou novamente para a corrente enrolada entre as maçanetas das portas de metal. Mesmo antes de ter a certeza de que poderia entrar no prédio, ela sabia que ia fazer isso mesmo assim.

Ela olhou rapidamente ao redor da área. Não vendo ninguém, ela rapidamente removeu sua jaqueta volumosa, deixou-a cair no chão e se esgueirou pela fenda estreita entre as portas do prédio. Todo o processo levou menos de dez segundos. Uma vez lá dentro, pegou o celular e ligou o recurso de lanterna, iluminando em direção ao saguão escuro.

Estava vazio, exceto por algumas cadeiras viradas espalhadas. Uma espessa camada de poeira era visível mesmo sob essa luz fraca, o que tornava mais fácil ver os vários conjuntos de pegadas saindo das portas principais em várias direções. Aparentemente, ela não era a primeira pessoa que havia pensado que o bloqueio da corrente não precisava ser um impedimento para entrar.

Ela viu movimento à sua esquerda e deu um pequeno salto antes de perceber que era apenas um rato correndo para longe da luz. Além do roedor, o lugar parecia abandonado. O cheiro de urina e fezes era forte, tanto que seus olhos lacrimejaram.

Ela avançou rapidamente, procurando a escada para o segundo andar, tomando o cuidado de evitar pisar nos pedaços de vidro ou nos montes pequenos e não identificáveis de detritos que cobriam o chão. Ao passar do hall de entrada para o saguão principal com o conjunto de elevadores, ela achou que as coisas esquentariam um pouco. Mas com as janelas quebradas, o corredor formava uma espécie de túnel de vento, tornando tudo mais frio. Sem sua jaqueta, Jessie não conseguia se impedir de tremer involuntariamente.

Por fim, a lanterna passou por uma placa no fundo do corredor onde se lia 'escada'. Ela seguiu ao redor da esquina onde finalmente conseguiu uma pausa das correntes de ar que chicoteavam sua pele.

Ela virou a maçaneta para a porta da escada e a tranca cedeu. Ela empurrou e a porta se abriu com facilidade, dando acesso a um conjunto

de degraus que, apesar de serem de concreto, pareciam perigosamente esfarelados.

Você chegou até aqui. Não faz sentido se acovardar agora.

Ela respirou fundo antes de subir as escadas, notando com alívio que, apesar da aparência dos degraus, eles ainda estavam bastante estáveis sob os pés. Ela chegou ao segundo andar rapidamente e encontrou a porta para o corredor destrancada também.

Quando a porta se fechou atrás dela, Jessie se encontrou em um mundo diferente. O piso em mau estado e acarpetado abafava os sons vindos de fora, incluindo os caminhões ocasionais que passavam e até o vento uivante. Raios de luz vindos de várias portas abertas de apartamentos criavam pequenos reflexos tristes que pontuavam o comprimento do corredor.

Ela se moveu rapidamente pelo corredor, iluminando os números dos apartamentos em cada porta. A maioria delas estava fechada. Algumas estavam ligeiramente entreabertas. Outras estavam escancaradas. Algumas unidades estavam com falta de portas completamente. Ela passou apressada por todas elas, sem saber o que encontraria lá dentro, vagamente temerosa de que alguém ou algo pudesse alcançá-la.

Quando chegou à unidade 206, perto do final do corredor, viu que a porta estava fechada. Tão cautelosamente quanto possível, ela girou a maçaneta. A porta se abriu sem dificuldades. Jessie a empurrou e recuou para poder acender a lanterna o máximo possível antes de entrar.

De seu local privilegiado, o local parecia sem graça. A sala era pequena e ainda estava mobiliada, embora parecesse que os ratos tinham chegado ao sofá e à poltrona. Havia rasgos em vários pontos e a espuma dos assentos saía por eles, com uma espessa camada de pó cobrindo-os.

Ela entrou e passou o feixe de luz sobre o resto do lugar. Ao fazê-lo, notou um forte cheiro pútrido. Era diferente do excremento no andar de baixo, sujo de um modo distante mas familiar. Incapaz de identificá-lo, ela se concentrou nos detalhes do apartamento. Havia uma pequena sala de café-da-manhã que tinha uma mesa mas sem cadeiras. A cozinha era minúscula, com vários armários soltos das dobradiças.

Jessie foi para os quartos. Um deles tinha uma cama estilo futon que havia sido despida. O outro estava vazio, exceto por uma cômoda que não tinha gavetas. Ela foi até o banheiro. No segundo em que entrou, ela notou que algo estava errado.

O cheiro que ela notara ao entrar no apartamento estava muito mais forte aqui. Pendia grosso no ar, como uma camada de nevoeiro. Ela olhou para a pia e para a privada e não viu nada. A cuba estava seca, completamente desprovida de água. Um desentupidor de cabo de madeira estava encostado ao lado do assento do vaso, pronto para o trabalho, mas claramente não era utilizado há um bom tempo. Isso deixava apenas o chuveiro.

A cortina, outrora branca, mas agora com vários tons de cinza coberto de bolor, estava esticada ao longo de todo o comprimento da banheira. Jessie agarrou o desentupidor e o apoiou na borda da cortina, esperando o momento certo para puxá-la. Decidindo que não havia um momento certo, ela decidiu simplesmente fazê-lo.

Ela levou o desentupidor para a esquerda, deslizando a cortina. Vários dos anéis de suporte estalaram quando ela fez isso, fazendo quase toda a estrutura da cortina cair pesadamente. Ainda assim, ela foi capaz de obter uma visão bastante clara da banheira. Lá dentro, no fundo, havia um esqueleto, uma massa afundada de ossos empoeirados e cabelos que claramente haviam sido um corpo humano.

Obviamente tinha estado lá por um tempo. A maior parte do esqueleto havia se decomposto. Com as roupas, agora desbotadas e empoeiradas, ainda no corpo, parecia mais um espantalho deitado do que uma pessoa de verdade. O crânio ainda estava praticamente intacto e tufo de cabelos compridos repousavam em camadas próximas. Ela achava que o corpo era de uma mulher.

Agora Jessie percebera por que o cheiro era familiar. Era o mesmo que tinha vindo dos corpos em decomposição na cabana do pai dela todos aqueles anos atrás.

Apesar do fedor, Jessie se inclinou para mais perto, na esperança de recolher mais detalhes identificáveis. Um som vindo por trás a fez desequilibrar. Ela estendeu a mão para tentar se equilibrar agarrando o resto da cortina, mas só conseguiu derrubar a coisa toda e caiu desajeitadamente na beira da banheira.

Virando-se rapidamente, ela acendeu a luz na direção do som. Na porta do banheiro havia um homem de etnia indeterminada. Seus longos cabelos desgrehados cobriam a metade superior do rosto. Uma barba grossa pendia do queixo. Suas roupas folgadas caíam dele, tornando difícil dizer o quão grande ele era.

“O que você quer?”, ela perguntou enquanto tentava se levantar, mas cada vez mais ficava emaranhada na cortina.

Ele deu um passo em direção a ela. Seu cabelo se moveu levemente e ela viu seus olhos. Eles estavam brilhando com uma intensidade distante que sugeria que ele estava ao mesmo tempo super alerta mas não inteiramente focado ali. As mãos dele estavam se contraindo involuntariamente.

Ele está sob o efeito de alguma coisa.

“Dê um passo para trás”, Jessie ordenou com força. “Eu sou da polícia de Los Angeles e você está interferindo em uma investigação oficial.”

Mas o homem parecia não ouvi-la ou não se importar. Ele deu outro passo à frente, grunhindo ininteligivelmente. Ela viu uma das mãos trêmulas dele cavar em um bolso e tirar algo que brilhou na luz do telefone. Parecia uma faca barata de serrinha para cortar carnes. A lâmina estava enferrujada ou ensangüentada. Ele agarrou-a pelo cabo e ficou ali, rosnando meias palavras enquanto balançava para frente e para trás.

Jessie sentiu que ele ia atacar a qualquer segundo e decidiu que avisos adicionais seriam infrutíferos. Enquanto ele ainda parecia incerto sobre seu próximo movimento, ela decidiu que tinha que fazer o dela.

Ela pegou o telefone e deslizou pelo chão do banheiro. Os olhos do homem seguiram a luz brilhante. Jessie aproveitou a distração para girar o desentupidor ao redor segurando-o perto do fundo, logo acima do êmbolo de borracha. O cabo de madeira estava agora apontado para o homem.

Quando o telefone bateu contra a parede, a luz parou de se mover e o homem voltou sua atenção para ela. Ele parou de rosnar e por um longo tempo houve um silêncio total no banheiro. Então ele saltou em direção a ela.

CAPÍTULO DEZESSETE

Jessie segurou a haste de madeira do desentupidor e desferiu um golpe na direção do homem enquanto ela mergulhava para frente, mantendo-se baixa enquanto mirava no meio do corpo dele. Ela sentiu a ponta tocar em algo macio e soube que ela o havia atingido no estômago, mesmo enquanto o desentupidor escapava pelas suas mãos.

O grunhido de dor vindo de cima confirmava o golpe enquanto o ombro direito dela colidia com as pernas dele, mandando-o para a banheira. Ela ouviu um baque alto quando se virou e olhou para trás para ver que ele havia batido na borda da banheira, quase exatamente onde ela tinha estado segundos antes.

Ele estava gemendo alto e a faca tinha deslizado para longe, no canto da banheira. Jessie ficou de pé enquanto o homem tentava fazer o mesmo. Ela viu o desentupidor caído a seus pés e agarrou-o novamente, desta vez pelo cabo. Enquanto o homem tentava se levantar, ela o empurrou com força utilizando a extremidade de borracha, fazendo-o cair para dentro da banheira, em cima do esqueleto.

Enquanto ele se debatia, Jessie pegou o telefone do chão e saiu correndo do banheiro, ainda segurando o desentupidor. Atrás dela, ela podia ouvi-lo se debatendo para tentar sair da banheira. Ela saiu correndo do apartamento e pelo corredor, olhando para trás apenas quando já havia chegado à porta da escada. O homem estava lá, saindo do apartamento do outro lado do corredor. Ele a avistou e começou ora correndo ora mancando atrás dela.

Jessie empurrou a porta da escada e correu para baixo, abrindo a porta na parte inferior, ao mesmo tempo em que o ouviu abrir a porta um andar acima dela. Ela correu pelo corredor dos fundos, quase escorregando no chão empoeirado enquanto virava a esquina perto dos elevadores.

Enquanto corria pelo saguão, ela pôde ver um raio de luz diurna cortando a porta da frente. Ela empurrou o celular de volta no bolso, sabendo que precisaria das duas mãos para sair.

Quando ela chegou lá, largou o desentupidor e empurrou as portas o mais afastado que a corrente permitiu. Quando ela começou a se esgueirar pela abertura, ouviu a respiração pesada e os passos ainda mais pesados do homem se aproximando.

Ela tinha acabado de passar e estava deslizando o braço esquerdo para fora quando sentiu algo agarrar seu pulso lá dentro. Enquanto ela puxava o braço, viu os dedos imundos do homem apertando-a com força. Ele cravou as unhas em sua pele enquanto a puxava de volta, batendo o corpo dela contra o exterior da porta.

Uma nova onda de adrenalina surgiu em seu sistema enquanto ela tentava se libertar. Não estava dando certo. Ela conseguira criar algum espaço entre ela e a porta, mas ele ainda estava segurando firme. Ela olhou ao redor desesperadamente e seus olhos encontraram um caco de vidro da janela perto do seu pé direito.

Ela se abaixou e agarrou-o antes que ele pudesse puxá-la novamente. Então, quando ele a puxou de volta para ele, ela seguiu o movimento, usando a força do puxão para dar um impulso extra. Ela manteve seu foco nas costas da mão que estava segurando a dela e enfiou o caco de vidro com força antes que seu corpo batesse contra a porta.

Ela ouviu um grito e seu pulso foi liberado de repente fazendo-a cair de costas no degrau da frente do apartamento. Quando ela se levantou, ouviu o homem uivando dentro da porta. Ela estava prestes a pegar o casaco, que ainda estava no chão próximo, quando o viu começar a forçar-se através da abertura.

Abandonando o casaco, ela se virou e correu em direção ao carro, puxando o controle remoto e apertando o botão “destravar” repetidamente. Ela abriu a porta, entrou, fechou e trancou as portas no momento em que o homem chegou lá. Ele se atirou contra o vidro, como se estivesse tentando atacar o carro.

O vidro pareceu ceder um pouco, mas se segurou. O homem cambaleou para trás, atordoado pela colisão. Jessie apertou o botão de ignição. O barulho despertou o homem de volta à consciência e ele atacou o carro pela segunda vez. Jessie trocou de 'estacionar' para 'dirigir' e avançou pela rua no momento que o homem mergulhou no capô.

Ela tinha ido apenas alguns metros quando ele começou a agarrar seus limpadores de pára-brisa. Ela pisou no freio antes que ele pudesse pegar

qualquer coisa e ele foi voando para frente, caindo do capô direto no asfalto na frente dela.

Jessie engatou a marcha a ré e guinou para trás pela rua, tentando evitar bater nos carros estacionados em ambos os lados. Quando chegou ao cruzamento, ela pisou no freio e engatou de novo a primeira.

Quando se virou para descer a nova rua, viu que o homem havia acabado de se levantar. Ele se sacudiu como um cachorro molhado e começou a ir atrás dela novamente. Quando ela o viu chegar ao cruzamento no espelho retrovisor, estava a várias centenas de metros de distância e se sentiu segura o suficiente para respirar.

Foi só então que ela percebeu a sensação latejante no seu ombro esquerdo.

*

Jessie estava na emergência do hospital havia apenas cerca de vinte minutos quando Ryan chegou.

Ela pôde ouvi-lo perguntando a uma enfermeira onde ela estava e o ouviu chamar por ela por trás da cortina que separava sua cama da outra, a um metro e meio de distância.

“Aqui.”

Ele enfiou a cabeça e ela acenou para ele.

“Que diabos?”, ele perguntou, aparentemente não sabendo onde especificamente começar.

“É uma longa história”, disse Jessie. “A versão curta é que um vagabundo realmente agressivo cortou meu ombro com uma velha faca enquanto eu explorava um prédio de apartamentos abandonado e tive que levar quatorze pontos.”

“Tenho tantas perguntas sobre essa única frase que nem sei por onde começar”, disse Ryan, balançando a cabeça, incrédulo.

“Ficarei feliz em lhe dar a versão mais longa. Mas, antes disso, por que você não me atualiza sobre a investigação dos Missinger?”

“Essa é a sua prioridade agora?”

“É só que a simpática enfermeira me deu alguns medicamentos para a dor há alguns minutos atrás e eu quero ouvir onde estamos enquanto minha cabeça ainda está clara. Se eu vou acabar ficando com a mente

confusa, prefiro que seja quando estou falando do que quando estou ouvindo.”

Ryan parecia que estava prestes a argumentar, mas depois pensou melhor.

“Onde está o seu telefone?”, ele perguntou. “Eu preciso vê-lo por um segundo.”

Ela desbloqueou o aparelho e entregou a ele.

“Estou adicionando uma função de mensagem de emergência”, ele disse enquanto colocava algo no teclado. “De agora em diante, se você estiver em uma situação de emergência como essa, aperte nove, nove e nove e clique em 'enviar'. Ele irá enviar um texto para o meu telefone que diz “o mais rápido possível” e eu vou saber que você está com problemas. É muito mais rápido do que telefonar para o 911, mandar mensagens de texto ou me ligar. Ok?”

“Ok, obrigado”, disse Jessie, tentando não parecer defensiva ao pegar de volta o telefone. “Agora você pode por favor me atualizar sobre os detalhes do caso antes do meu cérebro se transformar em mingau?”

“Nós ainda não temos nada firme para continuar”, ele admitiu, continuando sem dizer mais uma palavra sequer sobre o incidente do apartamento. “Como você sabe, a entrevista da empregada foi remarcada para amanhã. Capitão Decker estava preocupado que ela estivesse enrolando para que pudesse fugir da cidade ou algo assim. Mas enviamos um oficial para a casa dela para verificar que ela não iria a lugar nenhum. Ele checkou e ela estava completamente nocauteada. A mãe dela disse que ela estava tão abalada que havia lhe dado uma dose dupla de valium.”

“Você acredita nela?”

“Eu acredito que ela está altamente medicada agora”, ele esclareceu. “Quanto ao motivo, vou suspender o julgamento até falar com ela. Além disso, estou feliz por ter esse atraso.”

“Porquê?”, Jessie perguntou.

“Você se lembra do *personal trainer* de Victoria? Aquele que supostamente havia se mudado para a Flórida?”

“Eu me lembro de você mencionar isso.”

“Bem, o nome dele é Dan Romano e acontece que ele nunca saiu da cidade. Ele só disse isso a todo mundo porque ele estava dormindo com uma cliente e queria apenas despistar o marido.”

“Como você sabe disso?”, Jessie perguntou.

“Porque o marido descobriu que ele ainda estava aqui e foi atrás dele. Romano quer proteção policial.”

“E você deu a ele essa proteção – a um suspeito?”, Jessie perguntou, surpresa.

“Ele não sabe que é um suspeito. Ele nem sabe que estamos investigando o assassinato de Victoria Missinger. Ele acha que estamos apenas cuidando dele. Quando o nome dele apareceu no sistema, a Divisão Olímpica o transferiu para nós. Disseram-lhe que não tinham onde o colocar e nós lhe oferecemos uma cela para a noite. Na verdade ele até nos agradeceu. Colocamos um dos nossos informantes confidenciais junto com ele para ver o que ele pode dizer. Esperamos saber mais pela manhã.”

“Parece promissor”, disse Jessie, notando que sua língua estava um pouco pesada. “A médica legista tinha alguma atualização?”

“Nada oficial ainda”, respondeu Ryan. “Mas ela confirmou que os níveis de insulina na corrente sanguínea de Victoria Missinger são consistentes com envenenamento. As chances que ela inadvertidamente tenha dado a si mesma uma dose alta são muito remotas.”

“E o que isso nos diz?”, Jessie perguntou. “Nada de novo, parece.”

“Isso nos diz algo estranho”, Ryan respondeu. “Isso sugere que quem fez isso foi inteligente o suficiente para saber que Victoria era diabética e queria que ela parecesse ter tido uma overdose. Mas, ao mesmo tempo, o assassino não sabia o suficiente para perceber que uma dose tão alta pareceria suspeita? Essa é uma estranha junção de perspicácia com falta de noção que não faz sentido para mim.”

“Você está certo”, concordou Jessie. “É duvidoso que alguém possa ser simultaneamente inteligente e burro. Algo sobre isso não bate *cesto*, errr... bate certo.”

“Não, não bate”, Ryan concordou, erguendo um pouco a sobrancelha para a fala arrastada dela, mas sem dizer nada. “Eu acho que vamos ter mais sucesso se formos atrás do motivo do que atrás do método.”

“Sim”, murmurou Jessie “*por que* eles fizeram isso? Talvez eles estivessem insatisfeitos com suas próprias vidas.”

“O que?”, Ryan perguntou, parecendo confuso.

Jessie olhou para ele e achou difícil se concentrar.

“É apenas algo que alguém me disse hoje. Esqueça isso. Eu acho que esses remédios estão começando a fazer efeito...”

“Eu acho que você pode estar certa”, disse Ryan, apontando para sua perna. “Você parece estar acariciando sua própria coxa.”

“O tecido é realmente macio...”, disse Jessie, olhando para as calças dela.

De repente, Lacy surgiu colocando a cabeça para dentro da cortina.

“Parece que encontrei o lugar certo”, disse ela.

“Minha carona está aqui!”, Jessie disse mais alto do que pretendia.

Lacy olhou para Ryan, que sorriu educadamente.

“Lacy Cartwright”, anunciou Jessie em voz alta, “conheça o Detetive Ryan Hernandez, super-detetive. Ryan Hernandez, conheça Lacy Cartwright, futura estilista famosa.”

“Você está chapada?”, Lacy perguntou.

“Ela está medicada”, disse a enfermeira, que acompanhava Lacy.

“Agora que sua amiga está aqui, vamos te dar alta, ok, Sra. Hunt?”

“Ok”, disse Jessie, tentando sem sucesso falar sem parecer maluca.

“Nós lhe demos uma vacina contra tétano”, continuou a enfermeira. “E a medicação para a dor começou claramente a atuar. Em uma hora ou mais, você deve passar de totalmente sem sentido para agradavelmente adormecida. Isso deve te ajudar a passar a noite.”

“Eu conheço esse percurso”, assegurou Jessie alegremente. “Eu fui esfaqueada no abdômen com um atizador de lareira em novembro... pelo meu marido.”

“É bom saber”, respondeu a enfermeira, sem dar seguimento. “Você vai sentir dor amanhã também. Basta seguir as instruções de dosagem e você deve ser capaz de manter sua rotina normal. Você pode vir a uma consulta com seu médico de clínica geral em uma semana para verificar os pontos. Alguma pergunta?”

“Sim, essa roupa de hospital que você está usando te dá coceira? Sempre que uso roupa de hospital, fico com coceira. E também com frio.”

“Você sabe”, Ryan disse enquanto se movia para ajudá-la a sair da cama, “eu vou deixar para depois para saber como isso aconteceu com você. Talvez amanhã, quando você estiver um pouco mais revigorada.”

“Parece bom”, disse ela, pegando o braço dele enquanto se levantava. “Mas talvez você deva conversar com o policial do lado de fora que recebeu meu depoimento.”

“Eu vou fazer isso”, disse ele, entregando-a para Lacy.

“Sim”, disse Jessie, muito dolorida e sonolenta para levantar a cabeça completamente. “Ele pode contar para você sobre o esqueleto na banheira.”

CAPÍTULO DEZOITO

Jessie tinha certeza de que vomitaria. Quando chegaram ao apartamento de Lacy, ela havia cochilado no carro e não se sentia mais coerente do que quando elas saíram do hospital. Ela também se sentia nauseada.

Elas estavam acabando de parar em uma vaga de estacionamento quando ela abriu a porta do passageiro e se inclinou para fora. Mas nada aconteceu.

“Falso alarme”, disse ela, soltando o cinto de segurança e saindo cautelosamente do veículo.

Lacy deu a volta e ofereceu um braço de apoio enquanto seguiam para o elevador.

“Você ainda se sente com a mente no ar?”, ela perguntou.

“Sim”, disse Jessie. “Ainda estou esperando pela parte em que a enfermeira mencionou em que irei de maluca para entorpecida. Além disso, acho que me sinto doente porque tomei aquela medicação sem ter comido nada durante horas. Eu preciso botar algo no meu estômago.”

“Topa a minha salada de sobra do almoço?”, Lacy sugeriu quando entraram no elevador.

“Estou pensando que uma fatia de pão pode ser mais minha onda.”

“Nós também temos isso”, garantiu Lacy enquanto subiam os onze andares de elevador até a casa dela.

Quando saíram, Jessie continuava a usar sua amiga como apoio enquanto seguiam pelo corredor até o apartamento. Ela mantinha os olhos no chão, concentrando-se em onde seus pés estavam indo e tentando não perder o equilíbrio. Em algum momento, ela percebeu que Lacy havia parado de andar.

“O que há de errado?”, ela perguntou. “Por que não estamos nos movendo?”

“Porque a minha porta está aberta”, sussurrou Lacy. “Eu acho que alguém invadiu.”

Jessie olhou para cima. Garantidamente, a porta do apartamento estava meio aberta. Mesmo em seu estado diminuído, ela podia ver a madeira estilhaçada na parte onde a porta tinha sido aberta.

“Ligue para o nove-um-um”, ela disse com o que esperava ser uma voz baixa.

Enquanto Lacy fazia isso, Jessie notou um extintor de incêndio em uma caixa presa à parede. Ela se aproximou, retirou-o e, apertando-o com firmeza como se fosse um taco de beisebol, dirigiu-se para a porta.

Fique alerta.

Ela pensou ter ouvido Lacy dizer algo atrás dela, mas era tarde demais para se virar. Ela estava entrando no apartamento e precisava ficar focada. Olhando ao redor da sala, viu que várias cadeiras estavam viradas e um vaso estava estilhaçado no chão. Fora isso, o dano parecia mínimo.

Ela pensou ter visto um movimento no canto da sala, mas percebeu que era apenas uma luz do lado de fora brilhando através da janela da sacada. Ela adentrou ainda mais no apartamento, segurando o extintor, que parecia escorregadio e molhado em suas mãos suadas.

“O que diabos você pensa que está fazendo?”, ela ouviu uma voz sussurrando atrás dela.

Ela girou, quase tombando antes de recuperar o equilíbrio no último segundo. Era Lacy, que estava de pé na porta da frente, acenando para ela voltar.

“Eles ainda podem estar aqui”, protestou Jessie.

“Exatamente”, Lacy respondeu. “Foi por isso que eu chamei a polícia. Agora saia daí. Vamos esperar lá embaixo, sua mulher drogada maluca!”

Foi só então que Jessie se lembrou de que ela ainda estava fortemente medicada e que entrar em um apartamento que poderia estar escondendo ladrões enquanto apenas segurava um extintor de incêndio poderia ser um movimento ruim.

“Certo”, ela disse e voltou tropeçando para a porta.

Lacy agarrou o extintor, envolveu-o com o braço e conduziu-a de volta aos elevadores. Enquanto esperavam que alguém chegasse, Jessie olhou para a amiga.

“Eu posso estar um pouco mais confusa do que havia pensado”, disse ela.

“Você acha?”, Lacy perguntou incrédula.

Quando o elevador chegou, Lacy colocou suavemente Jessie no chão, onde ela se sentou encolhida. Ela viu os andares mudarem no painel digital até que ela não conseguiu mais manter os olhos abertos. Em algum lugar entre o sexto e quinto andares, ela desmaiou.

*

“Só para ficar claro”, disse o detetive Ryan Hernandez na manhã seguinte, na delegacia, “seu plano era derrubar potenciais invasores de casas com um extintor de incêndio enquanto você estava sob a influência de uma droga que alterou sua mente?”

“Essa é uma avaliação precisa de como a noite se desenrolou”, disse Jessie, tentando ser bem humorada sobre a coisa toda. Não havia sentido em negar, já que os policiais chamados à cena na noite anterior já haviam espalhado a notícia.

“Bem, eu estou feliz que ninguém se machucou”, disse ele, surpreendendo-a por não provocar sua vergonha por mais tempo. “E eu ouvi dizer que nada de valor foi roubado?”

“Foi o que nos disseram no hotel hoje de manhã”, disse Jessie.

“No hotel?”

“Sim”, ela disse timidamente. “Acordei esta manhã em uma cama de hotel. Aparentemente, um dos policiais teve que me levar do elevador para a viatura, e depois nos deu uma carona para um hotel local. Alguns outros policiais vieram hoje de manhã para dizer que, além de alguns danos mínimos na porta e no vaso, nenhum outro dano havia sido feito.”

“Eu na verdade já sabia de tudo isso”, admitiu Ryan. “Eu só queria que você admitisse que teve que ser carregada para um carro. A vergonha é forte em você.”

Jessie deu-lhe o melhor sorriso de “vai te ferrar” e colocou a cabeça entre as mãos. As vertigens e a náusea de ontem à noite tinham desvanecido. Mas como ela se recusou a tomar mais analgésicos, elas foram substituídas por uma dor de cabeça e de um ombro latejante.

“Você não acha que isso é estranho?”, ela perguntou sem olhar para cima.

“Na verdade não. Policiais têm que levar todo o tipo de pessoas para seus carros o tempo todo. Só que não habitualmente especialistas de perfis criminais juniores.”

“Não, não é estranho que alguns ladrões percorram todo o caminho até o décimo primeiro andar de um prédio seguro, invadam e não levem nada de valor?”

“É um pouco estranho”, ele admitiu. “Eu sei que um dos nossos agentes de Roubos está verificando as imagens de segurança do prédio. Há uma chance que nos dará algo para continuar. Enquanto isso, talvez hoje você não deva se meter em nenhuma situação potencialmente perigosa por conta própria, especialmente sem nenhum treinamento em autodefesa.”

Jessie levantou a cabeça e assentiu. Ela tinha estado pensando a mesma coisa toda a manhã.

“Eu estava pensando que seria bom para mim buscar algum treinamento. Você tem alguma sugestão?”

“Na verdade, eu conheço um cara”, disse Ryan. “Ele é especialista em Krav Maga; costumava estar nas Forças Especiais de Israel. Agora ele ganha dinheiro ensinando mulheres ricas de Westside com aulas de defesa pessoal.”

“Parece caro”.

“Ele é caro”, disse Ryan, sorrindo. “Mas acho que posso conseguir para você o preço de amigos e família.”

“Obrigado, Ryan”, disse ela, surpresa com a falta de sarcasmo em sua voz. Ela decidiu não se demorar e continuou. “Como estamos indo no caso dos Missinger?”

“Alguns desenvolvimentos valem a pena mencionar”, disse ele, também ignorando a sinceridade dela. “O detetive Trembley conduziu o interrogatório com a empregada, Marisol Mendez, há pouco tempo. Eu assisti da sala de observação. Você pode rever o vídeo mais tarde, se quiser. Mas nós não colhemos muitas informações novas dela. Acho que ela ainda estava um pouco sedada ou super assustada.”

“Talvez as duas coisas”, sugeriu Jessie, esfregando as têmporas para tentar fazer a dor maçante entre elas diminuir.

“Totalmente possível”, Ryan concordou. “Ela na maior parte do tempo elogiou Victoria Missinger; disse que ela não era vadia como muitas das suas ex-patroas.”

“*Na maior parte do tempo?*”, Jessie repetiu, notando aquela delimitação.

“Marisol essencialmente transmitiu que a patroa estava um pouco fria, distante. Não que ela fosse desagradável, mas que às vezes ela se

concentrava tanto em suas causas que as sutilezas da interação humana se tornavam secundárias. Ela disse que a Sra. Missinger era apaixonada por sua filantropia e não tinha muita paixão por nada além disso.”

“Ela disse que isso era uma fonte de tensão no casamento?”, Jessie perguntou.

“Não. Trembley perguntou sobre isso. Aparentemente, o Sr. Missinger já havia de conformado com isso. E nós já sabemos que ele estava procurando por paixão em outro lugar.”

Isso fazia sentido, embora fosse difícil para Jessie imaginar que Michael Missinger tivesse derramado *toda a* sua frustração conjugal em um caso extraconjugal. Tinha que ter vazado em casa também ocasionalmente. Mas não havia provas disso.

“O álibi dela foi confirmado?”, Jessie perguntou, voltando novamente sua atenção para Marisol e invejosamente imaginando um resort no deserto da Califórnia. “A viagem de Palm Springs?”

“Ainda estamos acompanhando. Mas até agora sim. Nós rastreamos o celular dela e aparece que ele esteve andando pela cidade durante o tempo que ela diz que esteve lá. Sua identidade foi verificada quando ela pagou o hotel. Temos o Delegado de Polícia de Palm Springs rastreando imagens de segurança. Mas até agora, nada de anormal apareceu. E ela respondeu a todas as nossas perguntas sem nem pedir um advogado. Não parecia sequer ocorrer a ela que ela poderia precisar de um. É como se tivéssemos que riscar outro suspeito em potencial de nossa lista.”

“E o treinador - Dan Romano?”

“Ele está terminando o café da manhã na cela que usou como quarto de hotel ontem à noite”, disse Ryan. “Nosso informante disse que ele não revelou nada chocante. Também disse que o cara é mais burro do que lama. Mas deixando isso de lado, aparentemente Romano fez mais do que apenas treinar muitas das senhoras locais. Mas ele nunca mencionou o nome de Victoria Missinger e nosso informante temia que, se ele perguntasse especificamente sobre ela, pareceria suspeito.”

“Talvez seja a hora de fazer mais algumas perguntas diretas a ele”, disse Jessie.

“Eu estava planejando ir dizer oi agora”, respondeu Ryan. “Mas ainda quero manter a conversa o mais casual possível. Você quer observar?”

“Claro”, disse Jessie. “Como isso vai funcionar?”

“Eu ia buscá-lo e oferecer-lhe um café na sala de descanso. Talvez você já esteja lá, sentada em uma mesa próxima. Vou conversar com ele, ver o que posso aprender. Você assiste e vê o que te chama a atenção. Parece bom?”

“Parece bom”, ela concordou. “Eu estarei lá.”

Enquanto Ryan foi buscar Romano, Jessie foi para a sala de descanso. Ela tinha acabado de preparar o café e sentou-se quando os dois homens entraram. Ela abaixou a cabeça para evitar contato visual, concentrando-se intensamente na colherzinha de plástico que estava usando para misturar a nata. Hernandez e Romano estavam a meio da conversa.

“... mas você não está preocupado com DSTs?”, Ryan estava perguntando.

“Não, cara. Eu uso proteção. Eu até fiz alguns testes, pagos antecipadamente pela potencial nova amiga. Eu acho que se elas estão tão preocupadas, provavelmente estão limpas também, certo?”

“Essa é uma maneira de ver as coisas”, disse Ryan, sem concordar.

“Ouça, cara”, Romano disse como se estivesse explicando as complexidades de uma jogada tripla de beisebol, “essas senhoras são muito específicas sobre o que querem. Parte do meu trabalho é colocá-las à vontade. Se corresse o boato que eu não estava limpo, meu negócio iria secar totalmente.”

Jessie se forçou a sufocar um grunhido zombeteiro com a noção de que qualquer coisa sobre a vida desse cara era limpa. Além de seu trabalho, ficava claro, a partir de seu físico anormalmente musculoso e sua pele estranhamente escura, que Dan Romano era um entusiasta de bronzeamento e usuário de esteróides. Ele parecia um irmão mais novo do Arnold Schwarzenegger, com ares mediterrâneos.

“Entendi “, disse Ryan, ignorando Jessie e entrando no clima da conversa.”Então, quão lucrativo era o seu negócio, Dan? Você estava dando assistência a todas as esposas do clube de campo?”

“Em primeiro lugar”, disse Romano, ficando inesperadamente sério, “deixe-me ser claro. Meu negócio é treinamento pessoal - nada de ilegal nisso. Isso é para o que eu sou pago. Qualquer tempo extra que eu gasto com as mulheres é grátis. Eu só quero que isso fique esclarecido. Meu primo é um advogado e ele me disse que eu não estou fazendo nada de ilegal. Certo?”

“Estou com você, Dan”, Ryan disse, de forma tranquilizadora. “Tudo tranquilo. Então qual é o seu 'em segundo lugar'?”

“Certo. Então a resposta é não, eu não estava ‘dando assistência’ a todas as mulheres. Se você trabalha com todo mundo, deixa de ser exclusivo, sabe?”

“Isso faz sentido”, disse Ryan, assentindo.

“E algumas mulheres não gostavam disso. Como aquela que acabou de morrer, Victoria qualquer coisa. Mas ela nunca mostrou nem um pouco de interesse. Então fiquei longe.”

“Então você nunca 'trabalhou' com ela?”, Ryan perguntou, usando aspas no ar em torno de ‘trabalhou’.

“Não, cara”, Dan assegurou-lhe. “Ela agendava algumas sessões de treinamento, mas sempre cancelava. Eu não sei o porquê. Se você me perguntar, ela não precisava de nenhum treinamento legítimo de qualquer maneira. O que quer que ela estivesse fazendo sozinha estava funcionando, porque seu corpo estava tinindo.”

“Ela poderia estar usando outro treinador?”

“Eu duvido. Os caras da nossa indústria não gostam de entrar no território de outro cara. Fica mal na fita, sabe? Eu teria ouvido se ela estivesse trabalhando com outra pessoa para treinos reais ou exercícios divertidos, se você me entende.”

“Eu entendo, Dan”, disse Ryan, admiravelmente conseguindo manter seu tom livre de zombarias. “Então, o que você *pode* me dizer sobre Victoria?”

“Não muito. O mais perto que cheguei dela foi pegar um suco de laranja para ela quando ela desmaiou uma vez. Ela tinha diabetes - muito severa, eu acho. Eu sei o como é. Meu irmão caçula teve diabetes juvenil. Não é divertido.”

Ryan não pôde deixar de olhar para Jessie, que levantou as sobrancelhas. Ela sabia que eles estavam pensando a mesma coisa: Dan provavelmente estaria muito familiarizado com a forma como as injeções de insulina funcionavam.

“Isso é péssimo, cara”, disse Ryan, voltando sua atenção para Romano. “Então, se alguém dissesse que você estava treinando ela, eles estariam mentindo?”

“Ou apenas errados. Como eu disse, ela reservou alguns compromissos, mas sempre desistiu.”

“Ok, obrigado pela informação”, disse Ryan. “Hey, ouça, tenho que voltar ao trabalho. Mas pensei em uma maneira de podermos ajudá-lo com o marido que está incomodando você.”

“Isso seria incrível. Como?”

“Pegue este bloco e caneta”, disse Ryan, deslizando sobre o bloco de notas e caneta esferográfica que estavam convenientemente em cima da mesa. “Anote sua programação nos últimos dois dias, começando na manhã de segunda-feira. Não deixe nada de fora. Então, verificaremos isso com registros de onde o marido estava naqueles momentos. Se encontrarmos muitas coincidências, ele aparecendo nos mesmos locais que você estava, poderemos conseguir uma ordem de restrição contra ele.”

“Eu não quero fazer um grande barulho”, respondeu Romano. “Eu só não quero esse cara vindo atrás de mim.”

“Eu entendo”, garantiu-lhe Ryan. “Apenas anote todos os detalhes da sua rotina durante a semana até agora. Nós não temos que fazer nada oficial. Mas se descobrirmos que ele está seguindo você, podemos conversar calmamente com ele, o que fará com que ele recue. A maioria dos caras, mesmo ricos, irritados, recuará se os policiais baterem à sua porta. Eu prometo que seremos discretos.”

“Ok”, Romano disse, pegando seu telefone para verificar seu calendário.

“Eu tenho que me apressar”, disse Ryan, levantando-se e fazendo sinal com a cabeça para Jessie para se encontrar com ele lá fora. “Entregue isso ao detetive Trembley e nós daremos seguimento. Tudo vai dar certo, Dan. Não se preocupe.”

Jessie seguiu Ryan de volta para a sala de observação, onde eles não encontrariam Romano acidentalmente.

“Eu não sei”, Ryan disse assim que fechou a porta atrás deles. “A conexão com a diabetes me fez pensar. Mas tudo mais sobre esse cara me faz pensar que ele não é nosso homem. O que você acha, Especialista Júnior em Identificação de Perfis Criminais Júnior?”

“Eu tendo a concordar, Experiente Detetive”, disse ela. “Por um lado, eu não acho que Romano seja inteligente o suficiente para retirar qualquer elemento do crime. Depois, há o fato de que ele veio por conta própria para uma delegacia. Mesmo que haja um marido ciumento atrás dele, é natural pensar que um assassino iria querer ficar fora do radar dos detetives a todo custo. Além disso, ele está lá fornecendo uma análise

detalhada de cada movimento dele nos últimos dias. Se o que ele escrever não corresponder ao GPS do seu telefone, ele estará se preparando para parecer culpado.”

Ryan assentiu.

“Precisamos descobrir se o que ele disse é verdade sobre não ter muita interação com Victoria Missinger. Se isso for mentira, o resto também poderá ser. Não vamos eliminar a possibilidade de que esse cara não seja tão idiota quanto pensamos. Eu já fui enganado antes.”

“Talvez eu volte lá e fale com aquela tal de Andrea Robinson do clube de campo”, sugeriu Jessie. “Ela estava bem informada sobre os acontecimentos. E, ao contrário de outras mulheres do clube, ela parecia querer ajudar. Se ela viu Romano e Victoria Missinger juntos ou apenas ouviu rumores sobre eles, isso pode nos informar se estamos no caminho certo.”

“Vá em frente”, disse Ryan. “Só não revele muita coisa. Se ela é tagarela com você, ela pode estar tagarelando com os outros também. Nós não precisamos de todo o Clube de Campo de Beverly conhecendo nossos assuntos.”

“Vou ligar para ela agora e depois podemos nos reagrupar, soa bem?”

Ryan parecia que queria dizer alguma coisa, mas pareceu pensar melhor e simplesmente concordou com a cabeça. Algo na expressão dele disse a ela que o que quer que ele fosse falar, ela não iria gostar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Não demorou muito para Ryan começar a falar tudo.

Ele tentou contornar fazendo a ela uma pergunta primeiro. Ele esperou até estarem de volta à sua mesa antes de mergulhar no assunto, depois que ela já havia terminado de agendar um café para a tarde com Andi Robinson.

“Bem, você não estava realmente em condições de me dar uma resposta coerente ontem, mas eu estava esperando que você pudesse agora. Gostaria de saber como você acabou num prédio de apartamentos abandonado, lutando contra um vagabundo com uma faca em um banheiro com um cadáver de anos de idade?”

Jessie não via nenhum motivo para não falar toda a verdade. Ela já havia contado sobre Crutchfield e sua conexão com seu pai. Não parecia irracional contar-lhe sobre seu pedido de informação e o favor que ele queria em troca.

Então ela deixou que ele soubesse de tudo sobre a visita de ontem, incluindo a ameaça não tão dissimulada de Crutchfield sobre revelar o paradeiro dela ao seu pai. Ela disse a ele como ela havia concordado em verificar o endereço que ele mencionara, embora ela tivesse esperado o prazo passar apenas para irritá-lo. E ela revelou todos os detalhes de sua viagem ao complexo de apartamentos. Depois que ela reviveu os momentos de descoberta do corpo, o ataque do homem e sua fuga, ela parou de falar.

“Eu acho que é basicamente isso. Eu dirigi até ao hospital, recebi umas injeções e pontos, e você apareceu. Agora que eu te contei tudo, você se importa em me dizer o que quer que você está segurando o tempo todo?”

Ryan pareceu momentaneamente surpreso, antes de abrir um sorriso envergonhado.

“Eu não sei se você é tão boa em ler as pessoas ou se eu sou tão ruim em esconder as coisas”, disse ele.

“Eu acho que é um pouco dos dois. Então comece a falar.”

“Ok”, ele começou. “Primeiro de tudo, o vagabundo foi pego perto do complexo. Seu nome é Josiah Burrell. Ele tem um longo histórico de agressões; quase matou um homem uma vez. Portanto, poderia ter sido muito pior para você.”

“É bom saber”, disse Jessie. “Mas não é o que você está enrolando para dizer. Apenas me diga. Você está começando a me assustar.”

“É sobre o corpo na banheira”, ele finalmente admitiu. “Nós a identificamos. Ela era uma mulher chamada Patrice Houston. Ela estava desaparecida há quase cinco anos, mas porque ela era uma prostituta conhecida e viciada em drogas, a busca pelo corpo nunca foi uma prioridade. O detetive que originalmente tinha o caso imaginara que ela havia sofrido uma overdose em algum reduto de sem-tetos e depois jogada em alguma lixeira ou algo do tipo.”

“Parece que a investigação foi realmente de primeira linha”, disse Jessie com escárnio.

“Só vou dizer que o detetive encarregado do caso está aposentado e estamos todos em melhor situação agora. Infelizmente, essa não é a parte que vai fazer você surtar.”

“O que é?”, Jessie perguntou.

“Patrice parece ter sido morta por estrangulamento. Há entalhes em sua traqueia que combinam estriamentos que já vimos em outras mulheres que foram mortas por um notório estuprador e assassino em série.”

Jessie sentiu um buraco se abrir em sua barriga. Antes que Ryan pudesse continuar, ela soube quem era responsável e soube por que ela havia sido enviada para aquele apartamento em particular.

“Foi Delmond Stokes, não foi?”, ela perguntou.

Ryan assentiu, sem falar.

Tudo fazia sentido para Jessie agora. Delmond Stokes aterrorizara a região da Califórnia Central durante anos, agredindo e às vezes matando uma série de mulheres. Ele havia começado com prostitutas e, eventualmente, migrara para donas de casa e mulheres solteiras. Ele era conhecido por usar arame grosso para sufocar as mulheres que matava, fio que muitas vezes deixava ranhuras permanentes nas traqueias das mulheres. Na época em que fora capturado em Bakersfield, três anos atrás, acreditava-se que ele tivesse feito mais de três dúzias de vítimas, sendo que pelo menos quatro delas ele matou.

Mais relevante para o momento, ele havia passado muitos anos em Los Angeles antes de se mudar para o norte e presumia-se que ele havia cometido crimes semelhantes aqui, apesar de nenhum corpo ter sido encontrado... até agora. Embora não fosse do conhecimento comum, ele também estava encarcerado na DNR, a mesma instalação que Bolton Crutchfield.

“Não pode ser uma coincidência, certo?”, Ryan finalmente disse, expressando o que ambos estavam pensando.

“De jeito nenhum”, disse Jessie. “Apesar das salvaguardas, esses dois devem ter se comunicado. E Crutchfield de alguma forma ganhou a confiança de Stokes o suficiente para levá-lo a revelar onde ele havia deixado um corpo. Não há outra maneira que ele poder ter conhecido tantos detalhes.”

“Mas você está esquecendo uma coisa”, disse Ryan. “Ele pegou o número da unidade errado. Você me disse que ele mencionara a unidade 2016. Mas era 206, correto? Talvez ele tenha entendido errado. Poderíamos usar isso para descobrir como eles se falaram.”

“Talvez ...”, Jessie murmurou.

“O que?”, Ryan pressionou. “Você não parece convencida.”

“É só que não acho que Crutchfield cometeria um erro como esse. Ele é muito meticuloso. Ele queria que eu encontrasse aquele corpo e fizesse a conexão com Stokes. Ele queria me provar que é capaz de encontrar qualquer pessoa que escolha, quando quiser, inclusive meu pai. Então ele teria se certificado de usar o número certo da unidade, a menos que ele tivesse uma razão específica para não fazê-lo.”

“Que razão ele poderia ter?”, Ryan perguntou.

“Você é o policial que o derrubou”, lembrou Jessie. “Você não tem nenhuma teoria?”

“Tudo que fiz foi pegá-lo e prendê-lo. Eu nunca tive uma conversa substantiva com ele. Você o conhece muito melhor do que eu. O que você acha que ele está tramando?”

Jessie pensou por um momento, depois pegou uma folha de papel e anotou o endereço.

1024 Visitation Avenue, unidade 2016.

Ela olhou para ele por alguns instantes, ficando cada vez mais frustrada.

“Ele ama jogos”, disse ela. “É um enigma.”

“Ok”, disse Ryan, cutucando. “Mas ele não lhe daria um enigma que você não fosse capaz de resolver. Ele *quer que* você resolva isso. Então deve ser algo importante para você. O que ele sabe que você quer?”

“Descobrir onde meu pai está”, Jessie disse imediatamente.

“Isso faz sentido”, Ryan concordou. “Mas ele não vai liberar essa informação assim. Ele perderia muita influência.”

“Não”, disse Jessie. “Mas ele pode me dar um pedaço do quebra-cabeça. Como eu disse, ele gosta de jogar comigo. Mas ele sabe que vou parar de jogar se não houver nada para mim. Então ele tem que me dar algo que vai continuar a me fazer voltar lá.”

Uma ideia passou pela cabeça dela e ela engasgou audivelmente.

“O que?”, Ryan perguntou preocupado.

Jessie anotou o endereço novamente, mas desta vez ela fez alguns ajustes, juntando todos os números.

10242016, Visitation Avenue. unidade.

“Eu ainda não entendi”, disse Ryan, desconcertado.

“E se eu tentasse isso?”, Jessie disse, escrevendo novamente com alguns pequenos ajustes e exclusões. Agora via-se:

24/10/2016, visitação.

“Uma data?”, Ryan perguntou.

“Não apenas qualquer data”, ela disse. “Crutchfield me disse que meu pai veio visitá-lo uma vez na DNR disfarçado de médico. Eu acho que essa pode ser a data que eles se conheceram. E se tivermos a data exata ...”

“Eles podem verificar a filmagem de vigilância”, Ryan terminou.

“Exatamente”, disse Jessie. “Se eu puder ver as imagens, talvez eu possa descobrir alguma pista que me levará ao paradeiro do meu pai.”

“Você acha que eles vão deixar você analisar isso? Você não terá que passar pelo meio de um monte de burocracias?”

“A chefe de segurança me perguntou se eu queria ser colega de apartamento dela”, observou Jessie. “Eu acho que posso convencê-la a me deixar dar uma olhada.”

“Quando você vai lá?”

“Só vou me encontrar com Andrea Robinson no final desta tarde”, respondeu Jessie, levantando-se e pegando sua bolsa. “Então eu digo que não há tempo melhor que o agora.”

Kat tinha as imagens alinhadas e esperando quando Jessie chegou. Se havia alguma burocracia necessária para ter acesso àquilo, ela não havia mencionado. Depois do processo enfurecedoramente lento de passar por todas as medidas de segurança, elas finalmente entraram no escritório de Kat vinte minutos depois que Jessie havia chegado à DNR.

“Como você sabe que este é o cara certo?”, Jessie perguntou quando se sentou em frente ao monitor.

“Crutchfield não recebe muitos visitantes de fora”, disse Kat. “E todos eles precisam ser autorizados. Este foi seu único naquele dia, naquele mês inteiro, na verdade. Ele usou o nome Dr. Bertrand Roy. Esse nome significa alguma coisa para você?”

“Na verdade, é vagamente familiar, mas não consigo dizer de onde. Você lembra dele?”

“Não”, disse Kat. “Ele visitou Crutchfield antes de eu assumir a segurança aqui. As políticas de visitação eram menos rigorosas na época. Você está pronta para eu rodar a filmagem?”

Jessie assentiu e Kat apertou o botão de início. A câmera estava na cela e a imagem estava atrás do visitante, significando que apenas o rosto de Crutchfield era visível. Um homem entrou às 2:06 da tarde vestindo calças e um suéter e sentou-se à mesa onde Jessie estivera ontem.

Mesmo sem ver seu rosto, Jessie sabia que era ele - seu pai. Ela reconheceria Xander Thurman em qualquer lugar. Mesmo vinte anos mais tarde, ele tinha o mesmo passo vagaroso, como se não houvesse pressa para chegar a lugar algum. Seu cabelo que antes era escuro agora estava polvilhado com cinza, mas ainda cortado bem curto, como se ele tivesse recentemente saído do exército.

Ele tinha o mesmo torso longo e angulado que ela lembrava. Como Jessie, ele sempre fora alto e magro. Ele tinha uma magreza tipo um lobo que até o traje professoral e os óculos que ele usava não podiam esconder. Ele estava fingindo ser um acadêmico nervoso, mas a atuação era óbvia para ela. Sua falta de ansiedade por estar na presença de outro assassino em série era evidente. Ele parecia ... confortável.

Crutchfield disse alguma coisa, mas Jessie não conseguia ouvir.

“Não há áudio?”, ela perguntou.

“Nós só fazíamos a gravação do vídeo naquela época”, disse Kat.

“Para que diabo isso serve?”

“Meu antecessor disse algo sobre uma zona de privacidade. Isso nunca fez sentido para mim. Eu entendo que a administração se sentia como eu me sinto, o que é parte do motivo pelo qual ele foi substituído. Hoje, cada centímetro dessa cela está ligado ao som. Podemos monitorar seus padrões de respiração enquanto ele dorme. Não que nada disso te ajude.”

Jessie se forçou a deixar sua frustração ir embora e tentou se concentrar na linguagem corporal dos dois homens. Eles começaram a falar quase imediatamente. Jessie percebeu que Crutchfield havia reconhecido seu visitante porque seu comportamento era diferente de tudo que já vira dele. Ele parecia em êxtase, como uma garota pré-adolescente conhecendo um membro de sua *boy band* favorita. Mesmo a essa distância em uma tela de vídeo, ela podia ver seus olhos brilhando com intensidade maníaca.

Era uma visão estranha, mas não um choque. Afinal, Bolton Crutchfield modelara seus assassinatos com base no pai dela, usando os mesmos métodos. Ele era um fã. E agora seu maior sonho se tornara realidade. Seu herói tinha ido vê-lo - estava bem na frente dele - no coração de uma prisão psiquiátrica supostamente segura. Tinha sido claramente um momento especial para ele.

A conversa continuou por uns bons dez minutos antes que um guarda chegasse e dissesse alguma coisa, aparentemente uma ordem para terminarem.

“Não havia guarda na sala durante a conversa deles?”, Jessie notou.

“Regime de segurança anterior”, Kate lembrou a ela. “Outra mudança que eu instituí.”

“Então não há ninguém que eu possa entrevistar para saber o que eles se lembram?”

“Eu substituí a maior parte do pessoal. Os únicos que eu mantive foram Berenson e Cortez. Ninguém mais levava o trabalho tão a sério. Para ser honesta, este lugar teve sorte de não ter havido mais incidentes.”

Jessie tinha ouvido falar dos dois episódios principais desde que a DNR fora estabelecida sete anos antes. Em um deles, um preso havia pulado sobre um guarda e batido com a cabeça dele contra a parede oito vezes antes de ser dominado. O guarda morreu depois de uma semana em coma.

No outro, um interno estava sendo transferido de uma cela para outra quando conseguiu pegar uma tesoura da estação de segurança. Ele

esfaqueou dois guardas até à morte antes que Cortez e outro agente o derrubassem no chão. Mesmo assim, ele continuou a golpear com a tesoura, cortando o pescoço do terceiro guarda. Cortez finalmente o pegou apertando-lhe o pescoço e deixando-o inconsciente. O preso aparentemente perdeu muito oxigênio e foi declarado em morte cerebral após dois dias, momento em que lhe retiraram o ventilador. Enquanto Jessie voltava sua atenção para o monitor, percebeu por que Kat tinha mantido Cortez no emprego.

No ponto do vídeo em que o guarda encerrou a visita, seu pai se levantou, disse uma última coisa a Crutchfield que pareceu fazer o prisioneiro ficar rígido, virou-se para olhar diretamente para a câmera e sorriu.

Jessie ficou feliz por estar sentada porque sentiu os joelhos cederem e a boca ficar seca. Apesar de duas décadas, ele ainda parecia muito como ela se lembrava. Sim, as linhas de rugas eram mais profundas e as bochechas mais grossas. Mas os olhos - os olhos frios e calculistas, o mesmo tom de verde que o dela - eram exatamente como ela se lembrava.

Ele parecia estar olhando diretamente para o futuro dela, sabendo que ela um dia veria essas imagens e olharia para ele com horror e medo. E ele parecia se deleitar com isso. Pouco antes de sair da imagem, ele piscou.

CAPÍTULO VINTE

Jessie estava prestes a entrar na cela de Crutchfield, para sentar-se no mesmo lugar, talvez até na mesma cadeira que seu pai ocupara dois anos antes. Ela tentou ignorar a sensação de náusea que sentia e se concentrar no que estava prestes a fazer.

“Você está bem?”, Kat perguntou a ela, entregando o controle de emergência de botão vermelho enquanto elas estavam do lado de fora da porta da cela.

“Acho que sim”, respondeu Jessie. “Estou tentando me blindar internamente para que ele não mexa muito comigo.”

“O que o detetive Hernandez disse?”, Kat perguntou, fazendo menção à ligação de Jessie com ele alguns minutos atrás.

“Aparentemente, o Dr. Bertrand Roy não é mais visto pessoalmente há bem mais de dois anos, desde meados de outubro de 2016. Ele é professor da Cal State-Northridge e trabalha no campo da psicologia desviante. É por isso que o nome dele era familiar para mim. Ele escreveu um livro que eu usei em uma aula de graduação. Então não teria sido tão incomum para ele querer visitar Crutchfield.”

“Mas ele está sumido?”, Kat perguntou.

“Mais ou menos. Hernandez diz que o Dr. Roy fez um pedido por escrito para sair em licença sabática há dois anos, sem aviso prévio, no meio do ano letivo. E depois, ele simplesmente foi embora.”

“Ninguém ficou desconfiado sobre isso?”, Kat perguntou ceticamente.

“Ele supostamente está enviando e-mails de vez em quando”, disse Jessie, igualmente duvidosa. “Ele disse estar fazendo um trabalho estudando como comunidades indígenas isoladas na América do Sul lidam com comportamento violento dentro de suas tribos. Seus colegas dizem que tinha sido estranho, mas não totalmente louco. Ele tinha tirado licenças sabáticas antes mas ninguém havia dado atenção. Ele não é casado e não tem filhos. Ele não está realmente ligado à comunidade além do seu trabalho.”

“Então, exatamente o tipo de cara que um assassino em série poderia assassinar, assumir a identidade e convencer as pessoas que ele foi andando por aí durante dois anos?”

“Não é inconcebível”, disse Jessie. “O trabalho dele trouxe muito dinheiro para a universidade. Então eles não estavam inclinados a pressioná-lo muito, contanto que ele mantivesse algum tipo de contato.”

“Eles estão pressionando-o agora?”

“Hernandez pediu aos detetives daquela área que contatassem a polícia da universidade para verificar. Eles estão a caminho agora. Espero que saibamos mais quando eu terminar com Crutchfield.”

“Você vai dizer a ele o que você sabe?”, Kat perguntou.

“Vamos ver como as coisas vão se desenrolar, mas estou inclinada a me segurar. É muito raro que eu tenha cartas para jogar quando entro lá. Eu não vou mostrar logo de cara.”

“Movimento inteligente”, Kat concordou enquanto começava a abrir a porta. “Mas se lembre, ele provavelmente também tem algumas cartas.”

*

Bolton Crutchfield parecia estar esperando por ela.

Quando Jessie entrou na cela, ele estava sentado na beira da cama de metal, olhando para ela. Ele não estava sorrindo.

“Por que tão desanimado, Sr. Crutchfield?”, ela perguntou quando se sentou e Kat se moveu para seu lugar padrão parada no canto.

“Eu não estou triste, Menina Jessie”, disse ele, embora sua voz estivesse tingida de pesar. “Estou decepcionado.”

“Decepcionado com o que?”

“Decepcionado que você sentiu a necessidade de me testar, Menina Jessie. O motivo pelo qual você sentiu a necessidade de deliberadamente desconsiderar o pedido de um homem que lotou esta cidade com carcaças humanas quebradas, está além da minha compreensão.”

“Do que você está falando?”, ela perguntou, embora soubesse que não o estava enganando.

“Devo soletrar para você?”, ele perguntou com uma rispidez que ela só ocasionalmente ouvia em sua voz tipicamente gentil. “Você esperou intencionalmente até depois das quatro da tarde para visitar o endereço

que lhe dei. Você poderia facilmente ter feito isso a tempo, mas você optou por não fazê-lo. Isso é algo mais do que rude.”

Jessie lutou contra o desejo de perguntar como ele sabia disso. O ponto era que ele sabia e ele estava chateado. Ela lidaria com as consequências emocionais resultantes da percepção de que um assassino em série encarcerado parecia conhecer seus movimentos diários mais tarde. Agora ela tinha que voltar para o lado bom dele.

“Eu sou teimosa”, disse ela, chegando tão perto de um pedido de desculpas quanto ela poderia se permitir.

“Sim, estou ciente”, disse ele, talvez um pouco amolecido. Sua voz ainda estava mais firme do que o habitual, mas a rispidez tinha ido embora. “Se você tivesse ido quando eu sugeri, talvez você não tivesse encontrado o Sr. Burrell, que geralmente não está nessa área às quatro. Vivendo e aprendendo, eu acho.”

“Eu acho que sim”, Jessie concordou sem compromisso, deixando-o direcionar a conversa para onde iria em seguida.

“Eu entendo que você teve um arrombamento na noite passada”, disse ele em um tom de voz ligeiro, mudando de assunto sem aviso prévio.

Jessie assentiu, fingindo não se incomodar com os conhecimentos dele, sem saber aonde ele estava indo com o assunto.

“Sorte que você não estava em casa”, ele continuou. “Poderia ter sido muito pior se você estivesse, eu imagino. Algo poderia ter acontecido à sua... amiga.”

Crutchfield sabe onde moro. Ele sabe sobre Lacy.

A forma como ele falou até sugeria que ele sabia que Lacy era gay. Mais do que isso, Jessie teve a nítida impressão de que Crutchfield ordenara de alguma forma o arrombamento; que ele a estava punindo como retribuição por não seguir suas instruções.

Jessie podia sentir Kat se retesar no canto da cela, preparando-se para tomar conta da situação, se fosse necessário. Não seria.

Jessie permitiu que sua mandíbula afrouxasse e seus olhos ficassem com um olhar aborrecido. Ela deu uma inspirada lenta, superficial, esperançosamente imperceptível, e parou de segurar com tanta força o controle remoto de emergência em sua mão. Crutchfield mostrara suas cartas. Ele havia revelado que o arrombamento era obra dele. Ele esperava abalá-la, ensiná-la quem era o chefe. Ele queria vê-la ansiosa, com medo.

Ela não lhe daria nada disso.

“Tão maníaco por controle, Sr. Crutchfield”, disse ela suavemente, como se fosse apenas uma observação e não um insulto. “Alguém não segue suas demandas ao pé da letra e você se torna mesquinho? Que tipo de homem ordena um arrombamento de apartamento só porque não conseguiu o que queria?”

Os olhos de Crutchfield se estreitaram e ele parecia estar dizendo a si mesmo para contar até dez antes de responder. Ela podia sentir a fúria de um ego ferido que emanava dele.

“O mesmo tipo de homem que quer ter certeza de que sua entrevistadora entende que é vulnerável, que pode ser alcançada, que não há lugar onde ela não possa ser encontrada. Seria conveniente que uma pessoa nessa situação fizesse o que aquele insignificante maníaco por controle deseja, mesmo que apenas por sua própria autopreservação. Você não concorda, Menina Jessie?”

Eles olharam um para o outro por um longo tempo, sem querer admitir nada. Mas claro, ele tinha a vantagem agora. E Jessie, tão furiosa quanto estava, não via muita vantagem em cutucá-lo ainda mais.

“O que é que você deseja de mim, Sr. Crutchfield?”, ela perguntou, cedendo sem dizer que estava cedendo.

Com essas palavras, a intensidade se esvaiu dele e sua cortesia do sul voltou.

“Nada por enquanto. Só ajudá-la em seus esforços é o suficiente para mim. Embora eu possa fazer uma solicitação a você em alguma data futura, se você for complacente.”

Jessie ofereceu um doce sorriso em troca.

“Normalmente, eu aceitaria sua oferta de ajuda”, ela disse, “mas como eu sei que posso confiar naquilo que você me dirá?”

“O que possivelmente faria você pensar que não poderia?”, ele perguntou.

“Bem, é difícil saber se você realmente se preocupa com os meus interesses, Sr. Crutchfield”, disse ela, preparando-se para soltar a bomba. “Quero dizer, é difícil saber a quem você é mais leal, especialmente depois de ver seu ardor explícito quando você conheceu meu pai. Você parecia um fãzinho adolescente.”

Jessie prendeu a respiração, esperando para ver como ele responderia.

CAPÍTULO VINTE E UM

Crutchfield permitiu-se dar um pequeno meio sorriso.

“E aí está”, disse ele, com algo próximo ao orgulho em sua voz. “Você viu o vídeo da visita do papai. Eu me perguntei se você se sentiria provocada a vê-lo. Eu estava começando a temer que minha confiança em você estivesse exagerada. Eu deveria ter sabido.”

“Você não respondeu minha pergunta”, insistiu Jessie, recusando-se a ser influenciada por sua tentativa de lisonja. “A quem você é mais leal – a mim ou a meu pai?”

Crutchfield se recostou na cama, de modo que suas costas ficaram encostadas na parede atrás dele.

“Vou contar a mais sincera das verdades de Deus, Menina Jessie”, ele disse baixinho. “Eu realmente não sei.”

“Você pode entender porque isso me causa dúvida”, disse Jessie, em uma voz igualmente suave.

“Posso”, ele admitiu. “Isso me causa dúvida também. Eu tenho tanto carinho por vocês dois. Seu pai é um herói meu. Eu modelei grande parte da minha vida adulta com base nas realizações dele. E ele foi tão impressionante pessoalmente como era nos meus sonhos.”

Jessie olhou para baixo e engoliu em seco, esperando que Crutchfield não notasse que ela quase engasgou com suas palavras. Ele parecia alheio, sem hesitações.

“E, no entanto, quando te conheci”, continuou ele, “fiquei encantado - de uma maneira casta e admiradora, é claro. Você tem uma inquisitividade tão ardente. Seus talentos ainda estão bagunçados e sem forma. Você invariavelmente deixa seus sentimentos interferirem no seu raciocínio, como fez com seu ex-marido. A afeição nublou seu julgamento nesse caso. Mas isso é graças à sua juventude e inexperiência, não à sua aptidão. Eu suspeito que depois que você aprender algumas lições mais difíceis, você será uma boa especialista em perfis criminais. Às vezes acho que é meu trabalho acelerar essas lições para melhor prepará-la para o que está por vir.”

“O que *está* por vir, Sr. Crutchfield?”, Jessie perguntou, embora não tivesse certeza se queria a resposta.

“Bem, eu suponho que você esteja planejando ir atrás de seu pai, seguir sua pista sobre o médico cuja identidade ele tomou emprestada. Mas é preciso lembrar que Xander Thurman não é um esposo voraz por escalada social no Condado de Orange nem um entusiasta de veneno de Hancock Park. Você viu isso de perto, então duvido que tenha esquecido - ele é um assassino sem igual. Ele é impiedoso. Ele é implacável. E ele está atrás de você. Para que propósito eu não sei. Mas duvido que seja para convidá-la para uma reunião de família e fazer um piquenique em algum parque local.”

Ele começou a rir baixinho para si mesmo.

“O que é tão engraçado?”, Jessie perguntou.

“Estou imaginando você e seu pai sentados em uma mesa de piquenique em um parque, balões amarrados à mesa. Estou imaginando você comendo cachorro-quente e salada de batata e tomando chá doce juntos. Oh, como eu gostaria de estar lá na reunião da família Thurman. Você me faria um membro honorário, Menina Jessie? Eu me sinto tão perto de vocês dois.”

“Eu vou pensar sobre isso”, ela respondeu em um tom neutro. “Eu tenho que dizer que eu estaria mais inclinada a convidá-lo se você fosse até o final com a sua oferta.”

“Que oferta foi essa?”, ele perguntou, ainda se deleitando com a imagem de um piquenique no parque com Jessie e seu pai assassino em série.

“Me ajudar com minhas diligências”, ela lembrou a ele. “Talvez o endereço de correspondência atual de Xander, por exemplo.”

“Oh, eu não sei disso. E mesmo que eu soubesse, compartilhar estragaria toda a diversão. Tenho tão pouca coisa que me motive aqui. Não me negue a emoção de ser o precursor daquilo que acontece a seguir. Mas prometi ajudar e não seria cavalheiresco de minha parte não cumprir essa obrigação. Você gostaria de uma pista relacionada tanto ao seu pai quanto ao seu caso atual? Uma espécie de dois em um, como as crianças dizem.”

“As crianças não dizem isso. Mas fico satisfeita em ouvir o que você tem para dizer.”

“Muito bem. Você não esqueceu o que eu disse sobre a infelicidade do seu agressor em Hancock Park com a vida dele, não é mesmo?”

“Não, embora isso possa se aplicar a praticamente todas as pessoas com mais de dois anos de idade no condado de Los Angeles. Você não poderia simplesmente ser sincero e dizer que o mordomo fez isso?”

Ela não mencionou que os Missingers não tinham um mordomo.

“Eu poderia dizer isso”, ele respondeu. “Mas como não *sei* quem é o seu assassino, parece meio bobo. Como eu disse antes, só sei que *tipo* de pessoa fez isso. Alguém poderia pensar que isso poderia estreitar as possibilidades.”

“Ok, qual é a sua nova pista?”

“Ah sim, aqui está: você precisa manter seu foco na batalha interminável pela verdade e pela senhora justiça.”

“É isso?”, Jessie perguntou incrédula. “Outro enigma vago? Isso deveria me ajudar a resolver este caso *e* encontrar meu pai?”

“Você tem os recursos de todo o Departamento de Polícia de Los Angeles à sua disposição, Menina Jessie. Isso é muito poder. Com base no que lhe disse, você deve ser capaz de fazer incursões sérias em ambas as frentes. Contudo...”

Ele parou. Jessie sabia que ele estava ordenando o momento e desprezava ter que se sujeitar a ele, mas ela já estava muito mergulhada naquilo para desistir agora.

“Contudo o quê, Sr. Crutchfield?”, ela obedientemente perguntou, fazendo o melhor para esconder seu aborrecimento.

“No entanto, com muito poder, vem muita responsabilidade.”

“Isso é o que você está me dando?”, Jessie explodiu, incapaz de mascarar sua frustração por mais tempo. “Isso é uma frase de um biscoito da sorte? Você só está inventando isso enquanto avança, não é?”

“Talvez eu esteja apenas inventando tudo”, ele respondeu calmamente, claramente apreciando a perda de controle dela. “Mas talvez você devesse olhar além disso, Menina Jessie. Talvez não sejam os jogos que eu jogo, mas o que faço que me define. Talvez você devesse se perguntar, eu estava inventando quando eu disse para você ir até àquele endereço?”

Jessie se forçou a parar de falar antes de ir longe demais. Ele estava certo, afinal. O comentário enigmático dele sobre o endereço a tinha levado diretamente ao vídeo de seu pai. Crutchfield havia cumprido sua promessa naquela vez, no seu próprio modo enfurecedor.

Mais importante, ela lembrou a si mesma que essa relação, por mais confusa que fosse, era valiosa. Crutchfield lhe dera informações úteis em

mais de uma ocasião. Talvez isso de alguma forma resultasse bem.

E como ele gostava tanto de lembrá-la, ele de alguma forma tinha a habilidade de se comunicar com o mundo exterior, inclusive com o pai dela, se ele assim quisesse. Tudo o que precisaria era um passo em falso para ele decidir entregar a identidade e localização dela. Ele parecia gostar das implicações entre eles, mesmo quando eram azedas. Mas provavelmente não seria sensato pressioná-lo demais.

“Obrigado por sua ajuda, Sr. Crutchfield”, disse ela, tendo recuperado algum semblante de compostura. “Eu vou averiguar as pistas que você me deu.”

“Espero que a sirvam bem, Menina Jessie disse ele, levantando-se e curvando-se um pouco ao sair da cadeira. “Por favor, não seja uma desconhecida.”

“Eu vou tentar não ser”, Jessie disse quando se virou para a porta. Ela estava quase fora da cela quando se virou e acrescentou: “E se você puder ser bem gentil, por favor, evite que seus lacaios se envolvam em mais invasões de casas. Isso torna muito difícil se concentrar.”

Ela se virou e saiu da sala antes que ele pudesse responder.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

“O escritório dele estava vazio?”, Jessie perguntou, repetindo o que Ryan Hernandez acabara de lhe dizer.

Ela estava dirigindo de volta da DNR para a cidade enquanto ele a atualizava ao telefone sobre o que estava acontecendo na investigação do Dr. Bertrand Roy.

“Não vazio, exatamente”, corrigiu Ryan. “Eles simplesmente não acharam nada suspeito. Um histórico de busca básico em seu computador mostrou que ele efetivamente comprou uma passagem para La Paz, na Bolívia, em outubro de 2016. Uma equipe está tentando rastrear se ele efetivamente chegou a entrar no avião. Mas já faz mais de dois anos, pode demorar um pouco. Eles também estão pensando em trazer o FBI para comparar os e-mails que ele supostamente enviou da América do Sul em relação ao seu estilo de escrita em outras correspondências. Mas até agora nada de extraordinariamente invulgar apareceu.”

“Isso vai ser um beco sem saída”, disse Jessie desanimada. “Meu pai teria tido o cuidado de garantir que escrevia como Bertrand. E se nenhum de seus colegas de trabalho notou algo estranho inicialmente, é improvável que os federais encontrem qualquer evidência clara agora. Eles sabem do meu pai?”

“Não”, Ryan assegurou a ela. “Eles estão tratando isso com seriedade suficiente apenas como uma investigação padrão de pessoas desaparecidas. Quanto ao seu pai, imaginei que quanto menos pessoas estivessem conscientes do potencial envolvimento dele, melhor. Nós não precisamos avisá-lo que sabemos que ele está conectado. Isso não é bom para o caso, nem para você.”

“Agradeço”, disse Jessie, só agora percebendo como ela estava aliviada com a notícia. Ela sentiu seu aperto no volante relaxar involuntariamente.

“Como foi com Crutchfield?”, Ryan perguntou. “Você disse a ele que descobriu a pista?”

“Disse, num determinado momento. Ele parecia excitado por eu ter conseguido. Ele até prometeu me dar uma pista que ele disse que iria me ajudar com o paradeiro de meu pai e com o assassinato de Hancock Park. Mas tudo o que ele fez foi jorrar aforismos clichê. Ele soava como um psicótico mau.”

“Como assim?”, Ryan perguntou. “O que ele disse?”

“Ele estava tagarelando sobre a verdade e a justiça, o poder e a responsabilidade. Era como se um cartão com mensagens da Hallmark tivesse começado a vomitar ou algo assim.”

“Espere um segundo”, disse Ryan, sua voz subitamente séria. “Diga-me as palavras exatas dele.”

“Não me lembro de suas palavras exatas”, disse Jessie, surpresa com a reação do detetive. “Ele estava jogando tanta coisa ao mesmo tempo, tudo começou a parecer um fluxo só.”

“Tente, Jessie”, ele insistiu. “Eu acho que isso pode ser importante. Diga-me tudo o que ele disse que soou como um clichê besta.”

“Ok, houve algo sobre o poder que exige responsabilidade.”

“Com muito poder, vem muita responsabilidade?”, Ryan sugeriu.

“Sim, foi isso”, disse Jessie.

“O quê mais?”

Jessie reproduziu a conversa em sua cabeça.

“Ele disse algo sobre ele não ser definido pelos jogos que ele joga, mas pelo que ele faz”, lembrou ela.

“Não é quem eu sou por dentro, mas o que eu faço que me define?”

“Ele não disse exatamente isso, mas foi nesse universo.”

“Ok, me diga a verdade e a justiça”, Ryan pediu, soando mais animado do que alguma vez ela já o ouvira.

“Do que se trata, Ryan?”, Jessie perguntou impaciente. “O que me está escapando?”

“Eu vou explicar em um momento”, ele prometeu. “Mas por favor, apenas me diga o que ele disse.”

“Ele disse que eu precisava me concentrar na batalha pela verdade e pela senhora justiça.”

“Ele disse 'a interminável batalha pela verdade, justiça e o jeito americano'?", Ryan pressionou.

“Ele não disse nada sobre o jeito americano. E ele especificamente disse senhora justiça. Mas essa é a essência. Você pode por favor me dizer

por que diabos você está tão empolgado?”

“Jessie, você nunca leu uma revista em quadrinhos?”, ele perguntou incrédulo.

“Eu posso honestamente dizer que nunca li. E tenho um certo orgulho disso. O que isso tem a ver com alguma coisa?”

“Todas essas falas que ele atirou em sua conversa são de histórias em quadrinhos de super-heróis. Aquela sobre poder e responsabilidade é do *Homem-Aranha*. Aquela sobre o que você faz é o que te define é do *Batman*. E a da verdade e da justiça é do *Super Homem*.”

“Ok”, disse Jessie. “Primeiro de tudo, eu não tinha ideia de que você era um *nerd* tão incrível. Segundo, o que isso tem a ver com alguma coisa?”

“Porque”, ele respondeu animadamente, “além do seu escritório principal no campus, o Dr. Roy também ocasionalmente usava um laboratório para fazer estudos psiquiátricos. Um policial da universidade está indo para lá agora para dar uma olhada. Seria apenas uma formalidade. Mas eu acho que agora deverá ser mais do que isso.”

“Por que não?”, Jessie queria saber.

“Porque o laboratório do campus de Roy está no prédio Kent Clark.”

“Como Kent Clark, o alter ego do Super Homem?”, Jessie perguntou, recordando o personagem.

“Seu alter ego é na verdade Clark Kent. Mas está perto o suficiente, especialmente considerando a linha de Crutchfield. E foi só depois da Segunda Guerra Mundial que a referência ao “caminho americano” foi acrescentada àquela frase da justiça. De acordo com o site da escola, que eu estou vendo agora, o Kent Clark Building fo construído em 1942, quando a fala na história em quadrinhos era simplesmente 'verdade e justiça'. Acho que ele está insinuando que alguma pista sobre seu pai possa ser encontrada lá.”

“Isso faz sentido”, disse Jessie, ficando animada. “Você é brilhante.”

“Eu pensei que eu era apenas um *nerd*”, respondeu ele.

“Se isso nos der uma vantagem, fico feliz em passar do *nerd* ao gênio.”

“A única coisa é aquele negócio de ‘senhora justiça’. A citação nunca se referiu a “senhora”. Parece estranho ele ter jogado isso ali.”

“Talvez haja uma estátua de uma senhora no laboratório ou algo assim”, sugeriu Jessie. “O policial da universidade ainda está lá?”

“Vou ligar para ele e te colocar também na ligação”, disse Ryan.

Enquanto ele fazia isso e Jessie esperava, um pensamento desconfortável entrou em sua mente: seu pai simplesmente estivera vadiando no sul da Califórnia, porque era onde estava Crutchfield? Ou ele de alguma forma sabia que Jessie também estava aqui? Ela sentiu um arrepio de ansiedade ao pensar que ele poderia estar a apenas alguns quilômetros dela naquele exato momento.

“Policia! Plumley”, disse Ryan, trazendo-a de volta ao presente, “você está na linha comigo e com nossa identificadora de perfis no caso, Jessie Hunt. Estão todos conseguindo ouvir?”

“Eu consigo”, disse Jessie.

“Eu também”, acrescentou Plumley. “Mas por que um caso de pessoa desaparecida precisa de uma identificadora de perfis?”

Houve um silêncio por um segundo enquanto Jessie e Ryan percebiam a estranheza do envolvimento dela.

“Às vezes”, disse Jessie, entrando, “convém criar um perfil de uma vítima em potencial, tanto quanto o de um perpetrador. Muitas vezes podemos determinar se alguém foi vítima de crime ou apenas bateu as botas por conta própria com base em padrões de comportamento antes de seu desaparecimento.”

“Entendi”, disse Plumley, aparentemente satisfeito. Jessie estava bastante satisfeita consigo mesma. Além de parecer convincente, sua resposta teve o benefício adicional de ser verdadeira.

“Então você está no laboratório do Dr. Roy agora?”, ela perguntou.

“Eu estava. Agora estou mandando um zelador destrancar um anexo de um pequeno escritório conectado a ele. Isso vai durar apenas um minuto.”

“Existe alguma chance de podermos conversar por vídeo?”, Jessie perguntou. “Talvez você possa nos mostrar como é o laboratório?”

“Eu posso fazer isso”, disse Plumley. “Me dê um segundo.”

Enquanto montava o vídeo, Jessie saiu da rodovia e estacionou em um estacionamento do posto de gasolina próximo. No momento em que ela desligou a ignição, o vídeo estava funcionando.

“Há alguma imagem de senhoras na sala?”, Ryan perguntou. “Talvez alguma peça decorativa ou uma foto ou algo assim?”

“Não”, respondeu Plumley enquanto filmava ao redor do laboratório. “O lugar é bem estéril - apenas um monte de carteiras com

monitores. Eu não vejo nada disso.”

“Droga”, Jessie ouviu Ryan murmurar baixinho. “Eu pensei que seria isso com certeza.”

“Espere”, disse Plumley. “Nós temos o escritório aberto agora. É minúsculo. Eu acho que costumava ser um armário. Você quer que eu mostre o que tem lá?”

“Mal não vai fazer...”, disse Jessie.

Plumley moveu a câmera devagar pela sala. A coisa toda levou cerca de cinco segundos. Havia uma pequena escrivaninha organizada no canto ao lado de um pequeno arquivo e uma cesta de lixo com um cartaz na parede acima dela.

“Eu também não vejo nada que se relacione com 'senhora'“, disse Ryan, desapontado. “Talvez se olharmos dentro do arquivo?”

“Espere um segundo”, disse Jessie. “Policia! Plumley, você pode ampliar um pouco o pôster?”

“Claro”, ele disse e ficou mais firme na imagem, que parecia ser um logotipo da universidade. Quando ele chegou mais perto, ela identificou um tigre amarelo e preto.

“Isso faz sentido”, disse Ryan, claramente pensando no que ele achava que eram as mesmas linhas que Jessie. “Dr. Roy foi para Princeton. O logotipo da universidade e a mascote da equipe, é um tigre.”

Jessie olhou mais de perto para o cartaz, permitindo que uma lembrança nebulosa de sua infância chegasse à superfície. Depois de alguns segundos, ela falou.

“Isso não se encaixa, Ryan. Não há nada pessoal em nenhum outro lugar. Mas o Dr. Roy vai e coloca um pôster da universidade que cursou?”

“Ok, bom ponto”, disse Ryan. “Tenho a sensação de que você está prestes a fazer outro.”

“Só que na verdade não é o logotipo da Princeton. Princeton é laranja e preto. Este é amarelo e preto. É do ‘Mizzou’ - os Tigres do Missouri.”

“Você é uma grande fã?”, policial Plumley perguntou.

“Não”, disse Jessie. “Mas meu pai era.”

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Jessie não conseguia ouvir uma palavra sequer.

O policial Plumley estava dizendo alguma coisa, tagarelando sobre futebol universitário. Mas tudo o que Jessie podia ouvir em sua cabeça era o grito estrondoso de 'Vá Mizzou!' quando seu pai pulava da poltrona para vibrar pelo time depois que eles marcavam um ponto.

Ela não devia ter mais de quatro anos. Mas ela podia claramente se lembrar dele pegando-a em seus braços e girando-a ao redor. Ela se lembrava da felicidade que sentia apenas por ver a empolgação do seu pai, mesmo que ela realmente não entendesse o motivo pelo qual ele se sentisse tão feliz. Era uma das suas únicas boas memórias da infância que envolviam seu pai.

“Oficial Plumley”, disse ela, interrompendo o monólogo sobre como os atacantes da costa oeste eram melhores -, você pode por favor tirar o cartaz da parede e ver se tem alguma coisa atrás dele? Mas antes de você fazer isso, coloque suas luvas de prova.”

O policial Plumley fez o que lhe foi pedido. Ambos, Jessie e Ryan, esperaram em silêncio. Depois de alguns segundos, a câmera do telefone, que estava pousado na mesa apontada para o teto, focalizou a parte de trás do cartaz, que Plumley apoiara no arquivo.

“Você consegue ver isso?”, ele perguntou.

“Não realmente”, admitiu Ryan. “Não é muito claro.”

“Parece uma nota escrita a lápis”, disse Plumley. “Está escrito: *o pai da Joaninha esteve aqui. Ele não pode esperar para vê-la novamente.*”

*

Jessie finalmente sentiu-se algo próxima ao normal novamente.

Depois de uma viagem de quarenta e cinco minutos, ela estava quase no café do bairro de Hancock, em Larchmont Village, onde deveria encontrar-se com Andi Robinson. Levava tanto tempo para processar

completamente a situação. Mas não havia maneira de contornar isso - assim como seu pai sabia que ela acabaria vendo o vídeo dele conversando com Crutchfield, ele previra que ela também encontraria a nota no pôster.

Quando a nota foi escrita há dois anos, nenhuma outra pessoa viva, exceto Bolton Crutchfield, sabia daquele apelido dela. E nem mesmo Crutchfield sabia da importância da Universidade do Missouri na relação entre ela e seu pai. Esse era mesmo o trabalho de seu pai, destinado a chamar sua atenção, a perturbá-la e, talvez, a retomar um contato com ela em sua própria distorcida interpretação de afeto paterno. Era demais para processar no momento, então ela fez o melhor que pôde para deixar para lá.

De qualquer maneira, ela tinha um telefonema para fazer. Então, quando chegou a South Larchmont Blvd., estacionou em um local sob a sombra de uma enorme árvore em frente a uma loja de queijos artesanais e discou. Lacy atendeu no primeiro toque.

“Eles descobriram quem fez aquilo?”, perguntou a amiga ansiosamente, ignorando completamente as gentilezas enquanto se referia ao culpado pelo arrombamento da casa dela.

“Não o indivíduo que efetivamente executou aquilo, pelo menos não ainda. Mas nós sabemos quem foi o mandante.”

“Espere, alguém ordenou o arrombamento do meu apê?”, Lacy perguntou, confusa. “Não foi apenas uma coisa aleatória?”

Jessie estava hesitante em entrar em detalhes. Mas se ela queria deixar a mente de Lacy tranquila de que isso não aconteceria novamente, ela teria que dar alguns detalhes.

“Não”, ela admitiu. “Foi relacionado a um caso no qual estou trabalhando. Alguém estava tentando me enviar uma mensagem. Foi por isso que nada foi levado.”

“Um caso? Mas o apartamento está em meu nome. Como essa pessoa sequer sabe que você está hospedada lá?”

“Essa é uma pergunta muito boa”, disse Jessie, “uma que pretendo analisar em mais detalhes em breve. Mas o importante é você saber que eu enfrentei essa pessoa e esse tipo de coisa não vai acontecer de novo.”

Em vez de um som de alívio do outro lado da linha, houve silêncio. De repente, Jessie se sentiu desconfortável. Lacy quase nunca ficava calada. Algo estava errado.

“O que se passa, Lace?”, ela perguntou.

“Sinto muito, Jessie”, disse Lacy, sua voz engrossada de emoção. “Mas isso não vai funcionar. Eu não posso ficar me preocupando o tempo todo com algum suspeito em um dos seus casos decidindo lhe ensinar uma lição ou enviar uma mensagem. Eu tive um início de uma úlcera graças ao arrombamento, mesmo antes de você me dizer isso. Agora eu nunca mais vou dormir uma noite.”

“Mas isso foi uma aberração”, protestou Jessie. Logo que as palavras saíram, ela se perguntara se eram mesmo verdade. Não havia garantia de que Crutchfield não faria outra coisa. E se o pai dela descobrisse onde elas moravam? Lacy estava certa em se preocupar.

“Você não tem como saber disso”, disse Lacy, expressando a mesma preocupação. “Eu não me sinto segura. E acho que nunca vou me sentir se dividirmos o apartamento. Eu não quero ser má, mas você tem que sair, querida. E depressa.”

Jessie assentiu fazendo sinal com a cabeça, embora ninguém pudesse vê-la. Ela quase podia sentir o sentimento de culpa de sua amiga através do telefone.

“Eu entendo”, ela disse baixinho. “Isso faz total sentido. Eu deveria ter sido mais sensível às suas preocupações. Vou arrumar minhas coisas e sair esta noite.”

“Você ainda é minha garota”, disse Lacy, claramente lutando contra as lágrimas, uma coisa surpreendente tendo em conta que Jessie nunca a tinha visto nem perto de chorar. “Nós ainda podemos sair e pegar bebidas e fazer o que for para fazer. Eu só preciso saber que o lugar onde eu descanso a minha cabeça à noite é seguro.”

“Eu entendo”, disse Jessie. “Não se sinta mal. Eu não estou chateada com você. Estamos bem, ok?”

“Tem certeza?”

“Claro. Vamos sair neste fim de semana”, prometeu Jessie.

Nesse momento, ela viu Andi a caminho do café Klatch. Ela estava vestida casualmente com uma calça de moletom esportiva, um suéter leve e um blusão. Ela usava um boné de beisebol do Dodgers com um rabo de cavalo loiro saindo através do buraco atrás. Jessie olhou para o relógio. Eram 15:00. Ela estava ali bem na hora.

“O que você quer fazer?”, Lacy perguntou, obviamente tentando amenizar o golpe.

“Nós vamos pensar em alguma coisa”, Jessie respondeu, esperando que ela não soasse muito dura. “Ouça, eu realmente tenho uma entrevista de testemunha começando agora, então eu tenho que correr. Mas vamos fazer alguma coisa. Não se sinta culpada, Lace. Isso é da minha responsabilidade.”

Ela ouviu sua amiga começar a responder no momento em que apertou ‘desligar’.

Droga. Ela vai pensar que estou chateada.

Ela rapidamente mandou uma mensagem de um *emoji* em formato de coração antes de sair do carro apressadamente para o encontro. Ao entrar, viu que Andi havia conseguido uma mesa no canto do café quase vazio e estava acenando para ela.

“Eu já fiz meu pedido”, disse ela. “Eu tive que vir até aqui e reivindicar essa doce mesa antes dela ser tomada. Nunca se sabe quando vai entrar uma horda de gente aqui parecendo zumbis.”

“Jogada inteligente”, disse Jessie, brincando. “Além disso, melhor enfrentar os zumbis sentadas do que em pé, certo?”

“Eu gosto do jeito que você pensa”, disse Andi com aprovação. “Você quer se sentar?”

Jessie assentiu. Ela fez seu pedido e sentou-se, tentando determinar a melhor maneira de abordar o assunto da potencial infidelidade de Victoria Missinger com um personal trainer. Ela decidiu entrar suavemente no assunto.

“Essa escolha de cabelos é aprovada pelo Clube de Campo de Beverly?”, ela perguntou, apontando para o boné de Andi.

“Eu gosto de viver no limite”, ela disse enquanto a bebida chegava, “exceto quando se trata de bebidas, é claro.”

“É claro”, Jessie concordou antes de sussurrar, “Por que as precauções de segurança em torno de bebidas?”

“Eu sou intolerante à lactose”, Andi fingiu sussurrar de volta. “Então este é um *latte* de leite de soja. Minha onda de rebeldia vai só até certo ponto.”

“Entendo. Bem, você não pode estar sempre lutando contra o sistema. Veja o meu próprio exemplo. Uma vez eu bebi uma dose de sangue de cabra durante as férias de primavera no México. Então você pensa que eu sou metida a selvagem. Mas no outro dia, eu comi uma batata frita de um

amigo meu. Eu comecei a tossir tanto que ele quase teve que chamar uma ambulância. Acontece que havia sido frita em óleo de amendoim.”

“Bastante alérgica, hein?”, Andi perguntou com simpatia.

“Eu tive que apelar para o inalador de emergência. Se eu não o tivesse, talvez não estivesse aqui conversando com você hoje.”

“Eles realmente deveriam apontar esse tipo de coisa no cardápio”, disse Andi. “Tenho certeza de que você não é a única que passou por isso.”

“Você sabe, eles podiam ter apontado isso no cardápio. Eu deveria ter olhado antes de provar aquele negócio.”

“É engraçado”, Andi disse enquanto tomava um gole, “meu pai tinha uma teoria sobre tudo isso. Ele dizia que toda a nossa geração é sensível demais, que no passado ninguém tinha alergias ou intolerâncias. Eles apenas passavam por cima dessas coisas.”

“Talvez os sobreviventes tenham passado. Uma pena para os restantes, no entanto”, Jessie brincou antes que ela pudesse se conter. “Me desculpa, mas seu pai parece uma figura.”

“Sim. Ele está morto agora.”

“Ah meu Deus...”, disse Jessie, seu rosto ficando vermelho. “Eu não quis dizer...”

“Tudo bem”, disse Andi, fazendo sinal com a mão de que não tinha problema e dando um sorriso triste. “Uma figura é uma maneira diplomática de descrever Thoreau Robinson. Outras pessoas foram muito mais adjetivadoras. Eu acho que quando você é tão brilhante, você esquece algumas das sutilezas sociais.”

“Um cara inteligente?”, Jessie perguntou, tentando aliviar um pouco o humor.

“Ele não era muito pobre no departamento de inteligência. Ele ensinava engenharia química na Caltech até atingir um grande sucesso. Ele inventou um novo polímero, registrou a patente e, assim, nos tornamos mais ricos que os Beverly Hillbillies.”

“E, em vez de entrar nos negócios da família, você decidiu entrar no lucrativo setor de clube de campo?”, Jessie perguntou, levantando suas sobrancelhas.

“Sim”, disse Andi, tomando outro gole de sua bebida. “Mas não pense que sempre fui tão ambiciosa. Eu realmente segui os passos do meu pai por um tempo. Eu entrei na mesma escola, embora fosse mais uma coisa

herdada. Como eles iriam recusar a filha de um ex-professor que pagou pela construção de uma ala que fora batizada com o nome dele? Eu até tive notas sólidas, apesar de ter tido que trabalhar muito para elas.”

“Parece que estava dando certo”, Jessie disse de forma neutra, sem saber onde a história terminaria.

“E estava. Eu estava trabalhando no meu mestrado quando ele faleceu. Por um tempo depois eu estudei ainda mais, meio que em homenagem a ele. Eu tinha quatro pontos no semestre em que ele morreu. Mas naquele verão comecei a questionar.”

“Questionar o que exatamente?”, Jessie perguntou.

“Tudo isso”, disse Andi, seus olhos ficando vagos enquanto olhava ao longe. “Por que eu estava gastando toda a minha energia buscando algo pelo qual eu não era apaixonada. Uma vez que a pressão externa das expectativas dele se foi, eu não me importava mais. Eu queria me divertir um pouco. Toda a minha juventude tinha sido sobre tentar viver de acordo com o legado dele. Uma vez que não precisei mais fazer isso, me senti livre. E, desde então, eu tenho apenas perseguido aquilo que me faz feliz. Eu tenho ainda muita coisa para fazer.”

“Parece uma boa vida”, disse Jessie.

“Eu gosto mais dessa vida do que da antiga - com certeza. Eu posso não estar salvando o mundo. Mas também não sinto constantemente que sou um fracasso”, disse Andi, depois voltou sua atenção para Jessie, com os olhos novamente focados. “E você - você tem problemas com papai também? Ele foi rude com você?”

“Acho que poderia dizer que sim”, disse Jessie fazendo uma sub-avaliação incrível. “Eu ainda estou meio que lidando com isso, na verdade.”

“Eu entendo”, disse Andi. “Não se preocupe. Eu não vou pressionar. É engraçado, porém, como nós abraçamos ou rejeitamos nossos pais. Não parece haver nenhum meio termo.”

A verdade dessas palavras atingiu Jessie como um soco no estômago. Ela tentou afastar imagens mistas de dois pais da cabeça dela - um assassino em série, o outro um homem da lei. Foi preciso um esforço enorme para responder sem revelar a agitação que ela sentia por dentro.

“Então”, disse Jessie, mudando de assunto, “se você não está planejando inventar qualquer polímero na próxima semana, o que você faz para se manter ocupada?”

Andi parecia querer- continuar aquela discussão profunda. Mas aparentemente decidindo deixar Jessie descansar daquele papo, ela respondeu amavelmente.

“Além de jogar golfe e constantemente reformar minha casa”, ela disse, “não tenho certeza se tenho alguma paixão verdadeira. Só recentemente é que me permiti abrir-me para realmente me apaixonar. Como eu disse, eu sempre fui ‘vá-vá-vá’. Eu nunca tive um namorado de verdade no ensino médio ou na faculdade. Quão embaraçoso é isso? Estou tentando compensar o tempo perdido, eu acho.”

“Portanto você encontrou Sr. Certo?”, Jessie perguntou, aproveitando a abertura. “Talvez aquele treinador que suas amigas do clube estavam fofocando?”

“Eu admito que sou uma romântica, Jessie”, disse Andi, revirando os olhos. “Mas até eu não sou ingênua para pensar que posso encontrar o amor verdadeiro com um personal trainer.”

“Nem mesmo com Dan Romano?”, ela perguntou de maneira brincalhona. “Enquanto investigamos o caso de Missinger, descobrimos que ele é muito... popular.”

“Olha, eu não posso dizer que nunca participei dos serviços dele. Ele foi muito... subserviente. Mas gostaria de pensar que posso fazer melhor.”

“E quanto a Victoria?”, Jessie perguntou. “O consenso parecia ser que ela não estava interessada em qualquer coisa extra que ele estivesse disposto a oferecer.”

“Pelo que parecia, Victoria não era do gênero de ser infiel. Se ela estava traindo com alguém, era com aquelas crianças para quem ela arrecadava dinheiro. Às vezes parecia que era a única coisa que ela sabia falar.”

“Isso é algo ruim?”, Jessie se perguntou.

“Não para as crianças, obviamente”, disse Andi. “Mas em um ambiente social, às vezes, isso pode ser um pouco demais. Ela era implacável e não muito sutil sobre despejar sentimentos de culpa se ela pensasse que alguém não estivesse fazendo a parte deles.”

“Parece que ela era uma personalidade desafiadora”, disse Jessie, tentando arrancar mais detalhes sem ser muito óbvia sobre isso.

“Olha, eu não quero falar mal dos mortos, especialmente alguém que, diferente de mim, na verdade *estava* tentando salvar o mundo. Mas o

consenso geral por aqui era que ela poderia ser meio que ... frágil. Foi assim que os rumores começaram.”

“Rumores?”

“Sobre o Michael”, disse Andi, abaixando a voz, embora não houvesse mais ninguém por perto. “Era evidente que ele admirava a paixão de sua esposa por seu trabalho. Mas as pessoas achavam que ele gostaria que ela desse um pouco mais de paixão a ele. Algumas chegavam a dizer que ele poderia estar compensando com outras parceiras mais dispostas.”

“Alguém em particular?”

“Eu não tenho nenhum conhecimento interno”, disse Andi. “Como eu disse ontem, não fiquei muito no círculo deles. Mas você se lembra do que Marlene disse sobre a empregada quando você estava nos bisbilhotando?”

“Sobre ela se livrar de Victoria para que ela pudesse ter Michael para si mesma?”, Jessie se lembrou. “Ela disse que estava brincando.”

“Ela disse isso”, concordou Andi. “E ela provavelmente *estava* brincando. Mas não foi a primeira vez que eu ouvi que poderia estar acontecendo algo lá.”

“Você acredita nisso?”, Jessie perguntou a ela.

“Eu não acredito em noventa por cento do que ouço ao redor do clube. E normalmente eu manteria uma coisa assim para mim mesma. Mas como esta é uma investigação de assassinato, achei que deveria mencioná-la. É melhor errar do lado da cautela e dizer algo para que você possa checar em vez de ficar em silêncio pelo bem das convenções sociais, certo?”

“Absolutamente”, concordou Jessie.

Precisamente naquele momento o telefone dela tocou. Ela olhou para baixo e viu uma mensagem de Ryan. Dizia: *Atualização sobre o personal trainer, Dan Romano. Ligue quando puder.*

“Grandes notícias?”, Andi perguntou.

“Difícil dizer”, ela respondeu. “Mas eu preciso descobrir. Você se importa se ficarmos por aqui?”

“Sem problema. Me avise se eu puder ser de mais alguma ajuda.”

“Talvez eu faça isso”, disse Jessie.

“E quando tudo isso acabar”, acrescentou Andi, “talvez possamos tomar uma bebida ou algo assim. Parece que você é divertida quando não está investigando assassinatos e outras coisas.”

“Isso soa bem”, Jessie concordou quando se levantou. “Eu ligo para você quando resolvermos isso, supondo que eu não entre em contato antes

para te pedir mais informações.”

Ao voltar para o carro, Jessie ligou para Ryan.

“Algo de novo?”, ela perguntou.

“O marido com quem Romano estava preocupado atacou ele com um taco de golfe. Ele está inconsciente no hospital.”

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

“O que?”, Jessie perguntou, incrédula, enquanto saía do estacionamento e voltava para a delegacia.

“E se você puder acreditar, isso pode até ser uma notícia útil.”

“Como isso é possível?”, Jessie quis saber.

“Acontece que o marido - seu nome é John Kasdan - tem estado desconfiando há algum tempo. Ele estava seguindo Romano para ver se ele estava com sua esposa. Ele os encontrou juntos esta tarde e simplesmente surtou.”

“Estou esperando as boas notícias”, disse Jessie.

“Certo”, Ryan lembrou. “Bem, não fui eu que o interrogou. Mas aparentemente Kasdan tem sido extremamente falante. Eu acho que ele está naquele modo triunfante de pós-ataque-com-taco-de-golf. Ele disse que estava acompanhando Romano há dias, tirando fotos, mantendo um registro de seus movimentos. O registro é muito detalhado. E isso não mostra Romano indo para qualquer lugar perto da casa de Victoria Missinger. Além disso, as fotos que Kasdan tirou estão marcadas com data e hora e algumas delas são durante o período em que Victoria foi morta. Romano estava ocupado naquele momento.”

“Então, basicamente, o homem que bateu em Dan Romano também é seu álibi em um caso de assassinato?”, Jessie concluiu.

“Exatamente.”

“Bem, isso se conecta com o que Andrea Robinson disse”, disse Jessie. “Não havia rumores no clube sobre Victoria e Romano. Ele vai ficar bem?”

“É muito cedo para dizer. Segundo testemunhas, ele recebeu vários golpes violentos na cabeça.”

“Ugh. Então podemos riscá-lo da lista de suspeitos. Mas ele pode ter danos cerebrais? Não sei se ele considera uma boa troca, sair da lista por uns danos na cabeça.”

“Provavelmente não terá problemas”, disse Ryan. “E enquanto estamos falando de becos sem saída no caso, eu tenho outro para você.”

“Ótimo”, Jessie disse quando pisou no freio. Havia uma parede de tráfego da tarde na frente dela. “Esses casos não param de chegar.”

“Bem-vinda ao Departamento da Polícia de Los Angeles. De qualquer forma, nossa equipe de tecnologia verificou as imagens da câmera de segurança da casa de Missinger. Não há nada durante o período da morte. Toda a energia daquela área tinha caído.”

“Esses sistemas não têm baterias de emergência?”, Jessie perguntou.

“Têm. Mas esta só durou cerca de quarenta e cinco minutos. O blecaute começou à uma e nove da tarde. O período bruto definido pela legista para a morte foi entre duas e quatro da tarde. Portanto, há um longo período de tempo não monitorado.”

“Caramba”, murmurou Jessie, ainda olhando para as luzes de freio à sua frente, se estendendo até onde os olhos conseguiam ver. “Mais alguma notícia ruim para mim?”

“Na verdade, sim”, disse Ryan, desculpando-se. “Acabei de ver as imagens de segurança do seu apartamento no momento da invasão. Quem fez isso estava bem ciente de que estava na câmera. Eu posso dizer que o perpetrador era do sexo masculino com base no tamanho, mas não consegui discernir muito mais. Ele estava usando um capuz e luvas e manteve a cabeça baixa o tempo todo. Eu não fui capaz de determinar etnia ou idade. Só que ele era do sexo masculino, tinha entre um metro e setenta a um metro e oitenta de altura e entre setenta a oitenta quilos.”

“Talvez eu possa dar Lacy a atualização enquanto eu estiver fazendo a minha mudança”, disse Jessie sarcasticamente.

“O que?”

“Ela diz que não se sente segura comigo morando lá”, Jessie disse a ele. “E eu não posso culpá-la. Ela não tem culpa mesmo. Crutchfield poderia mandar alguém de volta. Meu pai poderia encontrar o lugar. Qualquer novo colega de apartamento meu é um alvo em potencial. É por isso que vou ficar em hotéis até encontrar um lugar novo. Eu estava pensando em pegar o que eu preciso agora e deixar minhas outras coisas lá até ter uma residência mais permanente.”

“Quando você vai embora?”, Ryan perguntou.

“Assim que terminarmos a noite.”

“Por que você simplesmente não vai para lá agora?”, ele sugeriu. “Não há nada essencial aqui que você tenha que investigar hoje. Continuamos amanhã pela manhã.”

“Obrigado, Ryan. Isso me ajuda muito. Com o tráfego agora, ainda posso demorar mais uma hora para percorrer os dez quilômetros de volta ao apartamento. Mas há algo que eu quero verificar amanhã logo de manhã.”

“O quê?”

“Eu nunca analisei as imagens do seu interrogatório com a empregada, Marisol Mendez. Eu sei que ela estava fora da cidade no momento do assassinato. Mas Andrea Robinson insinuou que as pessoas no clube achavam que ela poderia estar limpando mais do que apenas o chão. Se isso for verdade, talvez possamos apertá-la um pouco e fazê-la deixar as coisas mais às claras. Eu continuo sentindo que há mais coisas acontecendo com esse casal do que nós sabemos. Se é verdade que Marisol estava dormindo com o patrão, teremos alguma carta na manga para que ela se abra mais.”

“Vou deixar a gravação já no ponto esperando por você amanhã”, prometeu Ryan. “E mais uma coisa...”

“O quê é?”, Jessie perguntou, notando um tom de hesitação na voz dele.

“Se você precisar de algumas sugestões para acomodações de curto prazo, posso enviar-lhe algumas. No decorrer da minha feliz vida de casado, eu já fui forçado a passar algumas noites em outro lugar nas vezes em que o sofá não estava dando conta do recado. Conheço alguns lugares no centro da cidade que não custam uma fortuna e também não exigem que você se acomode junto com baratas.”

“Eca! Sim, vou pegar essa lista, por favor. E um spray de insetos também, apenas por precaução.”

“Vou te mandar uma mensagem com isso daqui a pouco. A lista de lugares, não o spray de insetos. Tenha uma boa noite, Jessie.”

“Obrigado. Você também”, disse Jessie.

Ela desligou e tentou esquecer o assunto das baratas, concentrando-se na tarefa diretamente na frente dela - mudar-se do apartamento de Lacy. Ela só esperava que isso não significasse que ela estivesse deixando a amizade delas também.

Ela queria acreditar no que Lacy dissera - que elas ainda podiam ficar próximas. E na verdade elas tinham permanecido próximas, até quando Jessie se mudara para o Condado de Orange. Mas desta vez era diferente. Lacy estava chateada com algo pelo qual Jessie tinha sido responsável,

mesmo sem querer. Não havia como isso não deixar uma marca no relacionamento delas daqui para frente.

Jessie não pôde deixar de pensar em como era estranho que, ao mesmo tempo em que uma amiga de longa data estivesse criando algum espaço, outras mulheres aparecessem para preencher o vazio. Jessie teria que recusar a sugestão de Kat de ser companheira de apartamento para a própria segurança dela. Mas o próprio fato de ela ter levantado a idéia sugeria um inesperado carinho entre as duas. Considerando o quão combativo fora o primeiro encontro delas, quando Jessie tinha ido entrevistar Bolton Crutchfield, era incrível o quão longe elas haviam chegado.

E agora havia a chance de que Andi Robinson também se tornasse uma amiga decente. Jessie apreciava como Andi constantemente fazia buracos em sua própria importância. Não havia dúvidas de que ela estava nadando em dinheiro. Mas ela não deixava isso subir à cabeça. Não era ruim também que ela não estivesse envolvida com atividades de polícia e coisas do gênero. Poderia ser divertido passar um tempo com alguém local que não conhecesse a diferença de um *APB* para um *IED*.

Mas se elas comesçassem a sair mais, ela teria que ter cuidado para evitar a conversa do ‘querido papai’. Apesar de ser claro que elas tinham problemas paternos em comum, quanto menos Andi soubesse sobre a magnitude dos dramas de Jessie, melhor ela estaria.

Pensar em como Xander Thurman tinha sido um modelo de pai tão horrível, lembrara a Jessie que seu pai adotivo, Bruce Hunt, era exatamente o oposto. De alguma forma, o distanciamento dos dois desde que o câncer de Ma voltara havia distorcido sua visão sobre ele.

Quando ela pensava nele agora, ela lembrava do seu rosto de desaprovação quando ela disse que ia se casar com Kyle. Mas, pensando para trás, talvez ela devesse ter estado tão em guarda quanto seu guardião estava.

Ela relembrou a reação morna dele quando ela disse que planejava seguir um mestrado em psicologia forense. Mas ela podia enxergar agora que ele só poderia estar preocupado que ela estivesse mergulhando no mundo do trauma que havia definido a sua infância.

Olhando para trás, ficava cada vez mais claro que todos os momentos que ela vira na época como se estivesse sendo julgada ou hipercriticada eram mais provavelmente apenas uma preocupação de pai. E mesmo que

ele claramente não estivesse entusiasmado com algumas de suas escolhas, ele nunca realmente tentou convencê-la a desistir delas.

Ele fazia perguntas. Ele sondava. Mas no final, as decisões foram sempre dela e ele sempre havia ficado ao lado dela. Bruce Hunt tinha sido um pai em todos os sentidos que ela precisava, mesmo que ela não soubesse disso na época.

Então, por que eu sou tão dura com ele?

Jessie pegou o telefone e ligou para ele. Foi direto para o correio de voz, geralmente um sinal de que ele tinha desligado para cuidar de Ma ou então para que ele pudesse se concentrar no jogo de poker com os caras. Depois do sinal, ela deixou uma mensagem.

“Ei, pai, eu só queria te dar um oi para ver como você está. Se você está jogando poker, espero que você esteja ganhando muitos M&Ms. O trabalho aqui está indo bem. Estou me ajustando. Ainda lidando com alguns soluços causados pelas ruínas ainda fumegantes do meu casamento.”

“Mas por outro lado, estou bem. Eu só estava pensando naquela primeira vez que você me levou para esquiar nas pistas de iniciantes perto de Cloudcroft. Eu devo ter caído umas trinta vezes enquanto estávamos lá em cima. Eu lembro de ter gritado com você, culpando você, dizendo que você havia entortado meus esquis de propósito. Mas você me ajudava a levantar todas as vezes, limpava a neve de cima de mim e continuávamos de onde havíamos parado. Você nunca gritava. Você nunca revirava os olhos. Você nunca perdia sua paciência, pelo menos não visivelmente. Eu só queria que você soubesse que eu aprecio isso. Eu não apreciava lá atrás, mas eu aprecio agora. De qualquer forma, como eu disse, só queria te dar um oi. Eu volto a ligar. Tchau.”

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Jessie não tinha certeza de como ela nunca havia percebido isso antes.

Ela estava a apenas alguns quarteirões do apartamento de Lacy, esperando em outro semáforo sem fim, quando vi a placa: *Centro de assistência social infantil do Centro da Cidade*. Essa era a caridade com a qual Victoria Missinger estava envolvida.

Embora já estivesse escuro lá fora, todas as luzes do centro estavam acesas. Ainda estava aberto. Então ela se repreendeu por estar surpresa.

Claro que está aberto. Não é como se os problemas dessas crianças parassem às seis da tarde.

Quando a luz ficou verde, ela se moveu para a direita e estacionou em frente ao centro. Ela desligou a ignição e ficou ali por um momento, sem ter certeza do que planejava fazer a seguir. Então, decidindo deixar seus instintos guiá-la, ela saiu e se dirigiu para a entrada.

A primeira coisa que ela notou foi a segurança. Não era do nível da DNR, mas havia portões de segurança externos e internos e câmeras montadas em vários locais. Alguém pagara um bom dinheiro para garantir que esse lugar fosse seguro. Ela tinha quase certeza de quem tinha sido o responsável.

Ela tocou o botão de chamada e uma voz feminina veio pelo interfone.

“Como posso ajudar?”

“Meu nome é Jessie Hunt. Eu gostaria de falar com o diretor do programa.”

Ela entrou após o som de uma sineta e, em um segundo portão, um guarda de segurança, se desculpou antes de fazer uma revista nela. Depois de ser admitida dentro do prédio, ela foi direcionada para um detector de metais. Depois disso, foi recebida por uma segunda guarda de segurança que disse palavras que ela provavelmente já havia repetido dezenas de vezes hoje.

“Esta instalação não permite fotos não autorizadas. Por favor, permaneça em áreas designadas. Não interaja com menores sem autorização prévia de um funcionário. Profanidade não é permitida. O não

cumprimento resultará em remoção imediata e possível prisão. Por favor, assine este comunicado indicando que você foi informada sobre essas políticas e as seguirá.”

Jessie assinou o formulário e devolveu.

“Quem você está aqui para ver?”, a guarda perguntou.

“Quem quer que esteja no comando”, disse Jessie.

A guarda acenou para ela segui-la pelo corredor. Jessie notou que no segundo em que elas dobraram a esquina do saguão, toda a vibração da instalação havia mudado. A área que haviam passado pela entrada era estéril, com paredes brancas, luzes fluorescentes e piso frio. Já esta ala era acarpetada e pintada de amarelo, com desenhos infantis emoldurados e afixados nas paredes. A música clássica vagamente festiva poderia ser ouvida tocando suavemente nos alto-falantes.

A guarda parou na porta de um escritório com uma placa de identificação na lateral que dizia *Roberta Watts, diretora de programa*. Jessie espiou para dentro. O lugar estava uma bagunça, cheio de pastas de papel pardo e caixas de arquivo feitas de papelão. Um canto do escritório tinha um sofá do tamanho de uma criança repleto com animais de pelúcia. Uma pequena mesa próxima estava coberta de livros.

“Sra. Watts, você tem uma visitante”, a guarda gritou.

A cabeça de uma mulher que aparentemente estava sentada no chão surgiu de trás de uma das caixas de papelão.

“Obrigada, Kim, eu assumo daqui”, disse ela, levantando-se e caminhando para apertar a mão de Jessie.

Enquanto a cumprimentava, Jessie a analisava por completo. A mulher era uma visão e tanto. Com bem mais de um metro e oitenta de altura e 90 quilos, ela parecia que ela poderia lidar com a segurança por conta própria. Uma mulher afro-americana de quarenta e poucos anos, ela se movia com um gingado no andar de uma forma que Jessie invejava. Ela tinha um sorriso largo que era ainda mais impressionante, considerando a hora do dia.

“Eu sou Roberta Watts”, disse ela, estendendo a mão. “Eu dirijo esta loucura.”

“Prazer em conhecê-la”, disse Jessie, tentando não estremecer com o aperto de mão forte de Roberta. “Eu sou Jessie Hunt.”

“Jessie, o que posso fazer por você? Eu sei que isso não é uma verificação do departamento de saúde às seis e vinte e um da noite.

Também já quitamos todas as dívidas para que você não seja uma credora. Então isso significa que você está aqui com boas ou más notícias. Boa samaritana aqui para fazer uma generosa doação, eu espero?”

Jessie sentiu que não poderia simplesmente começar a falar de Victoria sem nenhum preâmbulo, então ela se esquivou.

“Eu não sei se tenho recursos para isso agora”, disse ela. “Mas moro na área e fiquei curiosa sobre a instalação. Você tem um momento para me contar sobre o lugar?”

“Claro. Nós sempre temos tempo para possíveis colaboradores. Eu vou te fazer a mini-turnê. Me siga.”

Ela saiu do escritório e estava na metade do corredor antes que Jessie pudesse alcançá-la. Ela começou a falar no que era claramente seu tom padrão.

“Somos uma instalação sem fins lucrativos projetada para ajudar as crianças a desenvolver habilidades para a vida, proporcionando um ambiente seguro e protegido. Oferecemos moradia de curto prazo para crianças sem teto e para crianças que estão entre famílias adotivas e que atualmente não têm acesso a instalações residenciais de longo prazo. Nós providenciamos creches gratuitas e de baixo custo para os pais que trabalham abaixo da linha da pobreza. Oferecemos refeições, educação no local, aconselhamento e recursos de saúde e bem-estar físico e mental. Estamos abertos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, trezentos e sessenta e cinco dias por ano. Somos uma parceria público-privada, com setenta e cinco de nossos recursos provenientes de doadores e os restantes vinte e cinco por cento fornecidos pela cidade e pelo condado. Em janeiro, estaremos comemorando nosso quinto aniversário.”

Elas contornaram a esquina e o corredor se abriu para uma grande sala cheia de estruturas de plástico para brincar, puffes e um centro de Lego. Em um canto havia uma mesa de pingue-pongue. Em outro, havia uma cesta de basquete. Num terceiro canto tinha amarelinha e cordas de salto.

As crianças estavam em toda parte, correndo, pulando e rolando. Todas usavam calça de moletom azul-marinho e camiseta azul-clara com a única palavra '*Centro de assistência social*' impressa nelas. Ela observou uma garotinha de tranças fazer meia dúzia de cambalhotas em uma fileira de esteiras no final da sala. Quando ela terminou, levantou-se e fez uma reverência, como se acabasse de concluir uma rotina vencedora da medalha de ouro.

“Qual o motivo dessas calças de moletom e as camisas?”, Jessie perguntou.

“Mesmo em um ambiente como este, onde as crianças tem muitas dificuldades de vida, podem haver brincadeiras maldosas por causa das roupas. Algumas crianças só têm uma camisa. Alguns só têm um par de shorts e não jeans. Algumas estavam usando sandálias de dedo coladas com fita porque não podiam comprar sapatos de verdade. Aqui, todo mundo ganha uma camisa e calças de moletom e são obrigados a usá-las. Isso elimina alguns dos conflitos, embora não todos. Também fornecemos roupa de baixo, meias e, quando possível, sapatos.”

“Você disse que três quartos do seu financiamento vem de fontes privadas. Isso é principalmente corporativo ou individual?”, Jessie perguntou, finalmente encontrando uma maneira de abordar o tópico que ela tinha vindo aqui para investigar.

“É uma combinação”, disse Roberta Watts, com a voz ligeiramente vacilante. “Nosso maior recurso é uma fundação estabelecida por uma pessoa. Coordena as doações de todos. Infelizmente, a mulher que a liderava faleceu no início desta semana.”

“Eu sinto muito”, Jessie disse, não tendo certeza por que ela não havia revelado sua exata identidade naquele momento.

“Sim, é de fato uma perda. Obviamente, estamos inseguros sobre o que acontecerá com o centro, olhando a partir de uma perspectiva financeira. Essa mulher - seu nome era Victoria Missinger - foi implacável em conseguir os recursos de que precisamos. Mas olhando em um nível pessoal, é muito difícil também.”

“Vocês eram próximas?”, Jessie perguntou.

“Na verdade não. Ela não era o tipo de pessoa que fosse pessoalmente assim tão calorosa, pelo menos não com adultos. Mas era uma história diferente com as crianças. Elas a amavam. Ela se jogava no chão e brincava de bonecas com elas. Ela corria e brincava de pega-pega. Ela lia na hora da história. Ela era tão suave com eles quanto era dura quando lidava com um doador relutante. Eu não contei para as crianças ainda. Não sei como vão aceitar. Essas crianças passaram por muita coisa. Mas para eles, a Menina Vicky era uma rocha, alguém com quem podiam sempre contar. Agora eles não podem mais.”

Foi só a partir daquele momento que a magnitude real da morte de Victoria Missinger realmente atingiu Jessie. Até então ela principalmente

olhava para a mulher como uma peça em um quebra-cabeça que precisava ser resolvido. O fato de Victoria Missinger ter sido repetidamente descrita como distante, mesmo fria, havia reforçado aquela sua percepção.

Mas olhando para Roberta, que estava encarando as crianças com um olhar perdido nos olhos, ela percebeu que isso era mais do que apenas um jogo a ser vencido. Dezenas de vidas - a vida das crianças - poderiam ficar arruinadas pela morte dessa mulher.

Naquele momento, Jessie jurou que Victoria conseguiria qualquer justiça que ela conseguisse proporcionar.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Se isso era o que Ryan Hernandez considerava um hotel decente, Jessie se perguntava o que ele via então como acomodações inaceitáveis.

É verdade que era só por uma noite e a maioria das sugestões dele eram opções semanais, mas ainda assim não eram exatamente acolhedoras. Estava limpo pelo menos. Ela não tinha visto uma barata sequer. Mas o quarto cheirava a mofo, como se as janelas não tivessem sido abertas em meses.

Era mais um motel, com uma porta que dava para o estacionamento barulhento e excessivamente iluminado. A máquina de gelo ficava do lado de fora e ao final do corredor, o que significava que poderia estar quase na Sibéria. Não havia como Jessie ir até lá andando à noite com suas calças de moletom em um clima de sete graus. A água com temperatura ambiente em seu copo de plástico teria que servir.

Ela tirou o edredom (*quem sabe a última vez que essa coisa fora lavada?*) e deitou-se em uma das duas camas de solteiro no quarto - nenhuma cama tamanho *queen-size* estava disponível naquela noite. O papel de parede verde-limão começava a descascar e a foto na parede estava desbotada, embora parecesse ser uma colina indefinida e estéril que não merecia ter sua foto tirada.

O travesseiro tinha uns calombos, assim como o colchão. O estrado da cama rangia. O controle remoto não funcionava e, como não havia botões no próprio aparelho, ela teve que decidir se assistiria a uma reprise da *Mama's Family* ou simplesmente desligaria a TV. Ela desligou.

Deitada ali, lembrou a si mesma que aquele lugar era infinitamente preferível à situação de muitas das crianças que acabara de ver. Elas não tinham seus próprios quartos ou TVs ou banheiros privativos. E, no entanto, ela suspeitava, elas estavam felizes com o que tinham.

Jessie afastou a imagem daqueles garotos da mente dela. Já havia sido demais para um dia. Ela estava apenas debatendo se deveria já começar a dormir, mesmo que fossem apenas 9:30, quando chegou uma mensagem de texto no celular. Era da sua corretora de imóveis. Os potenciais

compradores da casa haviam rejeitado sua contraproposta. Ela tinha que aceitar a oferta inicial deles ou deixar passar. E ela tinha que decidir até às 9 da manhã de amanhã ou eles iriam desistir completamente de comprá-la.

Parte dela queria dizer não apenas para irritá-los. Ela não gostava daquelas táticas agressivas deles e, sob outras circunstâncias, teria dito a eles que dessem o fora. Mas não havia garantia de que algo melhor viria em breve. Esta era, afinal de contas, a casa onde um homem louco tinha amarrado sua esposa e tentado matar a ela e dois vizinhos. Esse tipo de coisa tendia a reduzir o valor da casa. E essas pessoas sabiam disso.

Naquele momento, Jessie decidiu que não valia a pena. Ela só queria se livrar do lugar. Ela nunca quis realmente estar lá de qualquer maneira. E mesmo perdendo algum dinheiro, ela ainda conseguiria sete dígitos na venda. Isso e o que ela tiraria do divórcio a deixariam mais do que confortável - talvez não num nível de conforto tipo Andrea Robinson, mas com mais do que o suficiente para não se preocupar. À luz do que acabara de ver a alguns quarteirões de distância, parecia rude recusar a oferta. Além disso, se livrar por completo das reminiscências daquele passado valia mais para ela neste momento do que conseguir o melhor negócio.

Ela mandou uma mensagem de volta dizendo que aceitaria a oferta. A resposta veio menos de sessenta segundos depois. O negócio estava fechado. Ela deveria ir a Westport Beach amanhã às 10 da manhã para assinar os papéis. Isso significaria atrasar a análise da gravação do interrogatório da empregada. Mas se isso significasse que a questão da casa ficasse resolvida de vez, então Marisol Mendez poderia esperar algumas horas.

Jessie apagou a luz e olhou para o teto, iluminado pelas luzes do estacionamento, apesar das grossas cortinas. Ela tentou afastar da cabeça os pensamentos negativos e se concentrar nos positivos. Ela estava vendendo a casa. Ela estava começando de novo. Ela havia feito o que a Dra. Janice Lemmon chamaria de “avanço considerável” em relação aos sentimentos sobre o seu pai adotivo. Mas ainda assim...

Ela não podia deixar de ver o outro lado da moeda. Profissionalmente, as coisas estavam incompletas. Um homem, Dan Romano, não era mais um suspeito viável. As câmeras de segurança da casa que poderiam ter revelado a identidade do assassino não registraram nada e ela estava limitada a rastrear os rumores não corroborados sobre uma suposta empregada adúltera. E agora até isso precisava ser colocado em suspenso

porque ela tinha que vender a casa que comprara com o homem que tentara matá-la.

Além disso, ela estava dormindo em um motel com um cheiro nauseante de difícil identificação. E isso porque sua amiga mais antiga a expulsara de casa, colocando a amizade delas em dúvida, tudo porque um assassino em série quis lhe ensinar uma lição. E esse não era nem mesmo o assassino em série com quem ela mais se preocupava. Seu pai havia ganho esse título.

Jessie riu desse humor sarcástico que envolvia tudo. Mas depois de um momento, o sorriso sombrio em seu rosto desapareceu quando a magnitude de todos aqueles terríveis eventos a atingiu. Ela sentia seu corpo afundar naquele colchão cheio de calombos e desbalanceado enquanto a enormidade das crises dentro dela começava a sobrecarregá-la. Uma depressão apática começou a surgir sobre ela como uma névoa sobre a costa. Não era uma depressão do tipo “dirija seu carro direto na traseira de um caminhão”. Em vez disso, era mais como se ela estivesse carregando ao redor uma mochila com mais de vinte quilos, uma que ela nunca poderia tirar. Talvez a Dra. Lemmon não estivesse tão orgulhosa dela afinal de contas.

Ela colocou o par de tampões de ouvido baratos que tinha comprado na farmácia, rolou para o lado, esquivando-se das luzes do estacionamento, e caiu em um sono inquieto e agitado.

*

Ele estava na cadeira de balanço à frente dela, entalhando alguma coisa com as mãos.

A pequena Jessica tinha parado de se esforçar para libertar os braços porque os cortes já estavam muito profundos e doía mover-se. Além disso, ele os amarraria de novo de qualquer maneira.

Jessica deu uma olhada para o corpo sem vida de sua mãe. Embora estivesse morta há horas, de vez em quando as algemas que seguravam os braços no teto acima de sua cabeça se moviam imperceptivelmente e ela oscilava muito ligeiramente. Jessica sabia que o movimento estava próximo quando a madeira começava a ranger.

Seu pai, Xander Thurman, parecia alheio aos pequenos movimentos de sua esposa já morta. Ele apenas continuava a entalhar aquele pequeno

pedaço de madeira em algo que Jessica não podia ver em suas grandes mãos. Ela notou que as lascas caíam no chão em intervalos semi-regulares.

“Você sabe, Joanelha”, seu pai disse naquela voz suave e sem pressa, “família é a coisa mais importante. Nunca se esqueça disso.”

Depois, colocou a escultura de madeira no chão, vestiu o casaco, abriu a porta e saiu. Ela não sabia disso na época, mas essa tinha sido a última vez que a pequena Jessica vira seu pai.

Depois que ele se foi, ela arranhou a coragem de olhar para a coisa que ele tinha esculpido e deixado aos seus pés. Era um pequeno coração.

Com a pouca força que ainda tinha em sua voz cansada e rouca de criança, a pequena Jessica Thurman começou a gritar.

E deitada naquela cama de motel toda irregular, em seu sono péssimo e bagunçado, Jessie Hunt também gritava.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Jessie fingiu que não estava nervosa. Ela já havia se encontrado com muitos prisioneiros em muitas prisões. Ela já visitara um assassino em série em uma clínica psiquiátrica mais de uma dúzia de vezes. Ela pensou que não fosse ficar perturbada. Mas esta prisão era muito diferente da de Bolton Crutchfield. Este era o lugar onde seu marido, Kyle, estava cumprindo pena.

A Cadeia Central dos Homens do Condado de Orange ficava a apenas cinco quilômetros da praia, mas ninguém percebia isso. Situada em um terreno plano cercado por várias colinas, era bem escondida da vista dos moradores prósperos da área. À primeira vista, parecia mais um conjunto de escritórios muito seguro do que uma prisão.

Mas quando ela entrou na propriedade, essa percepção equivocada foi facilmente corrigida. Jessie já havia passado por dois detectores de metal e duas revistas manuais apenas para estar na sala de comunicação, onde esperava que os oficiais trouxessem Kyle para vê-la.

Ela se sentou em uma cadeira fundida ao chão que dava para um painel de vidro com um telefone com fio de estilo antigo na parede. Cada “cabine de comunicação” estava separada por um frágil divisor de cortiça destinado a dar alguma aparência de privacidade.

À esquerda de Jessie, uma mulher com uma criança pequena no colo sentou-se em frente a um cara grande de cabeça raspada. Mãe e filho estavam chorando, mas o homem estava com os olhos secos. À sua direita, o sujeito ao lado dela parecia que estava conduzindo algum tipo de negócio com o prisioneiro em frente a ele. Ela ouviu as palavras “pacote” e “tenente” e imaginou se eles sabiam que tudo o que diziam estava sendo gravado.

Enquanto esperava, os pensamentos de Jessie retornaram à sua manhã até agora. Ela dormira mal e tinha acordado por volta das 5 da manhã, pelo que então ela havia decidido ir para Westport Beach cedo para evitar o tráfego. No caminho, ela mandou uma mensagem para Ryan para que ele

soubesse sobre sua mudança de planos. Ele respondeu, dizendo que lidaria com as coisas com o Capitão Decker até ela voltar.

Ela chegou a Westport logo depois das sete. E com três horas para matar antes de ter que ir assinar os documentos da casa, ela decidira dirigir pelo antigo bairro que aprendera a desprezar. Ela passou pela casa de Melanie e Teddy Carlisle, o casal que Kyle tentara matar junto com ela. Além de algumas mensagens de texto superficiais, ela havia perdido o contato com Mel, a única pessoa que ela realmente gostava aqui. Ela lamentava isso, mas parecia um pequeno preço a pagar por deixar esse mundo para trás.

Depois disso, ela passou por sua própria casa, a ‘McMansão’ que ela venderia em poucas horas. Parecia tão suavemente inócua vista da rua. Nunca se imaginaria que tinha sido ali que o casamento havia se desmoronado, o plano de um marido para incriminar sua esposa por assassinato fora tramado, um aborto ocorrera e três pessoas haviam quase morrido.

Depois de tomar o café da manhã, ela foi ao escritório da corretora de imóveis assinar os documentos da venda, um processo que era, embora demorado, também felizmente entorpecente.

Em seguida, foi até o porto, onde o Clube Deseo, agora fechado, estava abandonado no píer. Como resultado dos crimes de Kyle, incluindo o assassinato de uma funcionária do clube, as autoridades locais fizeram uma investigação mais ampla e descobriram que o iate clube ao qual ele pertencia também era uma fachada para um negócio de garotas de programa de alto nível. Não era pouca a satisfação de Jessie por saber que um lugar que ela detestara agora estava vazio.

Ela encontrou um lugar em um penhasco com vista para o porto, onde estacionou. De lá, ela tinha uma visão ampla do Oceano Pacífico. Mas seus olhos foram atraídos para um afloramento de rochas na beira do porto, saindo da água e cercados por bóias destinadas a avisar os barcos.

Tinha sido ali que Kyle havia despejado o corpo de Natalia Urgova, a garçoneira do clube e alguma acompanhante com quem ele estava dormindo até que se tornou inconveniente para ele. Jessie só tinha estado Natalia uma vez e não tinha sido uma apresentação calorosa. Mas ela se lembrava de todos os detalhes do rosto da garota, em parte porque ela via isso com frequência em seus sonhos.

Um portão bateu e Jessie foi bruscamente trazida de volta para o presente. Kyle estava sendo levado à cabine. Mesmo com o macacão cinza que ele usava, seu marido ainda parecia bonito. Ele era alto e loiro, com olhos azuis brilhantes e ombros largos, e ela ainda podia reconhecer o homem por quem se apaixonara.

É claro que Kyle Voss - o charmoso, mas pateta que a atraiu na faculdade - nunca existiu ou há muito tempo já havia deixado de existir. O homem à sua frente mentira e a havia manipulado durante meses, se não anos. Era irritante a facilidade com que ele a havia enganado, e mais do que vergonhoso, considerando o que ela fazia para ganhar a vida. Talvez fosse por isso que ela estava aqui agora, para entender isso.

Ela pegou o telefone enquanto ele se sentava e ele pegou o receptor em seu lado do vidro.

“Oi, amor”, disse ele com uma mistura de humor e veneno. “Sente minha falta?”

“Você ficaria espantado com o pouco”, respondeu ela.

“Eu duvido disso. Sua vida era muito mais emocionante comigo nela.”

“Emocionante é uma maneira de dizê-lo”, Jessie refletiu. “Mas consegui encontrar outras coisas que prendem meu interesse. Você ficaria surpreso.”

“Oh, eu acho que não ficaria”, disse ele, com os olhos brilhando de alegria. “Eu tenho ouvidos aqui. Eu sei que você está trabalhando com os porcos a tempo inteiro agora.”

“Os porcos?”, Jessie repetiu, quase rindo.

“Eu acho que agora que estou atrás das grades, tenho que agir como o papel manda”, ele explicou, claramente sem falar sério. “Fui convincente?”

“Precisa de um pouco de trabalho. Mas acho ótimo que você esteja tentando se adaptar ao novo ambiente.”

Kyle olhou para ela, um sorriso querendo sair de seus lábios, mas não se formando.

“Engraçado como rapidamente nós voltamos para aquelas velhas implicações ressentidas, hein?”, ele notou.

“Eu acho que isso reforça porque o nosso iminente divórcio é um movimento sábio”, ressaltou. “Não temos aquilo que eu chamaria de relacionamento saudável.”

“Não há tal coisa, Jessie.”

“Alguns podem sugerir que foi justamente esse tipo de mentalidade que te mandou pela estrada que te trouxe até aqui.”

“Você está traçando meu perfil agora, bebê?”, ele perguntou, sorrindo.

“Não. Você não precisa ser um identificador de perfis criminais para fazer essa dedução. E identificar você não é meu trabalho de qualquer maneira. Eu apenas senti que em homenagem aos destroços do nosso casamento eu deveria ver você pessoalmente para dizer que o divórcio será finalizado no começo do novo ano - dois de janeiro, para ser exata. Então aproveite as duas semanas restantes de nossa felicidade conjugal, querido.”

“Isso parece mesquinho, Jessie”, disse ele fingindo decepção.

“Sim”, ela concordou, sorrindo, “parece mesmo.”

“Bem, obrigado pelo aviso. Mas devo dizer-te - tenho planos, meu amor. Eu pretendo vencer essas acusações. E quando eu fizer isso, vou te surpreender e te reconquistar. Nós vamos encontrar o caminho de volta um para o outro. E uma vez que começarmos nosso resplandecente segundo ato juntos, eu vou esperar até que você esteja dormindo, vou pegar um ferro de engomar e bater com ele em você até que você seja uma bagunça de ossos quebrados, pele rasgada e sangue escorrendo. Vai ser especial.”

“Bem”, disse Jessie, levantando-se e certificando-se de que sua expressão estava vazia, “acho que nossa conversa acabou. Muito obrigado por lembrar porque eu nunca mais vou te ver novamente. E boa sorte com aquele lance de ‘não vou ser esfaqueado aqui’.”

Ela desligou o telefone no momento em que ele estava respondendo. Ela não conseguiu ouvir o que ele disse e ela não voltou atrás para descobrir.

*

A Dra. Lemmon atendeu no primeiro toque.

Jessie estava dirigindo de volta ao centro de Los Angeles depois de deixar Westport quando o sentimento de pânico bateu e ela discou o número da sua terapeuta, esperando que ela estivesse no intervalo do almoço e pudesse conversar.

“Oi, Jessie”, disse a médica, sua voz suave como sempre. “Como você está?”

“Já estive melhor”, ela admitiu.

“Diga-me o que se passa.”

Jessie passou a informá-la sobre os acontecimentos recentes, começando com sua visita a Kyle. Mas ela também mencionou tudo, desde o arrombamento do apartamento até o desentendimento com Lacy, até seus desafios profissionais no caso dos Missinger e, finalmente, as pistas enigmáticas de Bolton Crutchfield sobre seu pai.

“Eu sinto que tenho uma âncora amarrada a mim enquanto estou afundando em um lago profundo e as pessoas continuam me puxando para baixo quando tento chegar à superfície.”

Foi só ao descrever a sensação que ela percebeu o quão para baixo ela se sentia e o quanto ela estava fingindo estar tudo bem.

“Por que você foi ver Kyle”, perguntou Dra. Lemmon, “se você já estava em uma condição tão precária?”

“Eu pensei que talvez fosse servir como um encerramento. Mas basicamente apenas reabriu feridas antigas. Apenas me lembrou que perdi dez anos com ele, que perdi meu senso de identidade quando ele me fez mudar para aquele lugar; que perdi meu bebê por causa dele. E isso me lembrou que ainda estou enfrentando as consequências disso tudo. Eu segui em frente fisicamente, mas ainda estou uma bagunça.”

“Eu acho que você está indo bem, considerando todas as coisas”, disse Dra. Lemmon.

“Mesmo?”, Jessie perguntou incrédula. “Você estava ouvindo o dilúvio de porcaria que acabei de descrever?”

“Estava. E isso soa desafiador. Mas há pontos positivos, Jessie. Você está oficialmente livre daquela casa. Você está quase com o divócio nas mãos. Você tem um teto sobre a sua cabeça durante a noite, mesmo que não seja o seu preferido. E nem você nem sua amiga ficaram feridas no arrombamento. A situação com o seu pai é difícil, para dizer o mínimo. Mas você está conseguindo encarar de frente. E você está progredindo profissionalmente, voltou a trabalhar agora para tentar resolver este caso.”

“Uau, você é realmente um tipo de mulher de copo-meio-cheio, não é?”

“É meu tipo”, brincou a Dra. Lemmon.

“Bem, ainda não cheguei lá. Eu não vejo como vou resolver este caso. Estou me agarrando a um monte de insinuações nele.”

“Apenas se concentre no trabalho, Jessie. Isso permitirá que você separe todas as outras coisas que estão te consumindo. E nós duas

sabemos que quando você está mergulhada nos padrões de comportamento dos seus sujeitos, você capta coisas que os outros nem notam. É o seu dom. Agora é a hora de usá-lo - ajudar a resolver o assassinato desta mulher *e* dar à sua mente um lugar construtivo para ir.”

Quando Jessie desligou, sentiu-se um pouco melhor. Sim, sua vida pessoal era uma bagunça. Sim, a vida dela podia estar em perigo. Mas ela sabia ler as pessoas. E é isso que ela estava indo fazer agora. Ela se agarrava a isso como se fosse um salva-vidas naquele lago imaginário.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Algo estava cutucando a mente de Jessie, mas ela não conseguia identificar o que.

Sentada na sala de mídia mal iluminada, onde o monitor exibia a gravação do interrogatório, ela rebobinou a filmagem com a empregada dos Missinger, Marisol Mendez, para a metade do caminho. Havia sido conduzido pelo detetive Trembley, que tinha ido para todos os lados com seu interrogatório, pulando tanto que Jessie teve dificuldade em segui-lo. Mendez parecia realmente desnorтеada enquanto tentava seguir a linha de questionamento dele.

Era óbvio que quando ela não estava estressada e privada de sono, a mulher era surpreendentemente atraente. Seus cabelos e olhos escuros combinavam com seus traços latinos exóticos. Jessie ficou surpresa por ela não ter tentado ser modelo e ainda mais surpresa por Victoria Missinger ter deixado alguém como ela passar tanto tempo ao redor do marido.

Apesar da falta de continuidade no interrogatório feito por Trembley, a história acabou ficando clara. Ela disse que havia sido mandada de férias pelos Missingers na última segunda-feira e que eles tinham pagado pelo hotel como uma espécie de bônus. Ela havia retornado na terça-feira depois de ser informada sobre a morte de Victoria Missinger. Mas ela estava tão sobrecarregada de angústia que tinha tomado muitas pílulas e não pôde ser entrevistada até ontem.

Era uma história desajeitada, mas não necessariamente suspeita. Os policiais foram até a casa dela e a encontraram em um sono pesadamente medicado. O GPS de seu celular confirmava sua viagem a Palm Springs na segunda-feira e seu retorno na terça-feira. As filmagens de vigilância do hotel também combinaram.

Trembley não havia perguntado sobre nenhum possível caso extraconjugal, então não havia como avaliar sua veracidade sobre aquele assunto. E, em geral, ela tinha sido muito monótona e mecânica quando respondia às perguntas. Exceto por um momento.

Foi para esse momento que Jessie rebobinou. Ele estava perguntando a ela sobre os dias que ela havia passado Palm Springs. Era um assunto estranho para deixar Marisol desconfortável, mas ela claramente estava. Jessie apertou o ‘iniciar’ e observou a empregada de perto enquanto respondia às perguntas de Trembley.

“Então você chegou por volta das 4 da tarde. Havia tráfego?”

“Não estava tão ruim assim”, respondeu Marisol. Ela tinha um sotaque hispânico, mas não tão pronunciado.

“O que você fez depois de se registrar?”

“Fui jantar com uma prima que mora lá”, disse ela.

“Fez qualquer outra coisa naquela noite?”

“Não. Eu estava cansada da viagem. Fui para a cama cedo.”

“E no dia seguinte?”, Trembley perguntou. “O que você fez antes de receber a ligação sobre a Sra. Missinger?”

“Eu basicamente estive relaxando no quarto”, disse ela, parecendo se perder nas lembranças de seu tempo lá, antes de dar um ‘click’ e corrigir rapidamente, “na piscina, na verdade. Estive relaxando na piscina.”

“Em dezembro?”, Trembley perguntou.

“Estava mais quente do que o esperado. Não quente para biquíni. Mas não tão ruim que eu não pudesse deitar em uma espreguiçadeira à beira da piscina e ler.”

Ele passou a perguntar sobre como ela havia descoberto sobre a morte de Victoria Missinger, sobre quando ela voltaria e sobre outras mecânicas do dia. Mas não era isso que interessava a Jessie. Ela rebobinou a fita dois minutos para a pergunta sobre o que ela tinha feito na terça-feira.

“Basicamente estive relaxando no quarto.”

Jessie congelou a tela em Marisol Mendez naquele momento. Pelo olhar sonhador e recordatório em seus olhos, ficava claro que ela estava recordando um momento muito específico. Ela estava se lembrando da verdade.

Mas apenas um segundo depois, ela se corrigiu para dizer que tinha ficado em volta da piscina. Naquela fração de segundo, todo o seu comportamento havia mudado. Ela parecia incerta e nervosa, como se tivesse cometido algum tipo de erro. Ela estava mentindo.

Mas por que mentir sobre um detalhe tão pequeno - se ela estava em seu quarto ou na piscina? Que diferença isso poderia fazer?

Jessie sentou-se em sua cadeira na sala escura de mídia, fechou os olhos e gentilmente esfregou as têmporas. Por que alguém mentiria sobre um detalhe tão pouco importante? A única razão possível era que, para Marisol, não era *sem* importância.

Jessie abriu os olhos. Puxando a cadeira para mais perto do monitor, ela percorreu a outra filmagem de vigilância do hotel Palm Springs. Ela sabia que Trembley havia verificado aquilo e não tinha encontrado nada fora do comum. Mas ela queria checar novamente.

Ela fez uma revisão superficial do *check-in* de Marisol, que não revelou muito. Ela chegou de calças de moletom e casado com capuz, e o encontro pareceu rotineiro. Mais tarde naquela noite, ela saiu, aparentemente para jantar, em roupas mais agradáveis, mas ainda assim casuais, com os cabelos presos em um rabo de cavalo que saíam do boné. Dados de GPS em seu telefone confirmaram onde ela tinha comido e quando ela havia retornado.

As filmagens da manhã seguinte mostraram-na descendo para o café da manhã, usando o mesmo boné, mas uma roupa de treino diferente e bem ajustada. Ela retornou ao seu quarto por cerca de uma hora antes de sair novamente, desta vez em um roupão que tinha um capuz próprio.

Marisol foi até a piscina e se acomodou em uma espreguiçadeira, onde ficou lendo de vez em quando pelas três horas seguintes até receber um telefonema que mudou todo o seu comportamento. Jessie verificou o registro do telefone e viu que a ligação tinha vindo de uma Lupita Mendez. Claramente, Lupita lhe informara sobre a morte da Sra. Missinger. Ela fez as malas rapidamente, voltou para o quarto e fez a saída do hotel vinte minutos depois. O GPS do telefone mostrou que ela não fez nenhuma parada incomum no caminho de volta para Los Angeles.

Então ela não havia mentido. Ela realmente tinha estado na piscina a maior parte de seu último dia no hotel. Então por que ela agia como se tivesse sido pega dizendo algo falso?

Jessie rebobinou a fita novamente até o momento em que Marisol recebeu a ligação na piscina. Ela observou-a voltar para o lobby e entrar no elevador, onde ela tirou capuz do roupão e apertou o botão do seu andar. Jessie congelou o vídeo.

A imagem era de cima e a qualidade não era ótima. Mas parecia que Marisol tinha uma fina faixa loira correndo pelo lado esquerdo de seu

cabelo. Jessie clicou no vídeo de interrogatório - os traços loiros haviam sumido.

Ela voltou para a filmagem do hotel durante o checkout, mas Marisol estava usando o boné de beisebol novamente, então Jessie não podia ter certeza se tinha visto as coisas corretamente.

Ela analisou novamente a filmagem que já tinha revisto e percebeu algo que havia perdido antes. Em cada momento publicamente visível do tempo que passara no hotel, exceto por aquele breve trecho no elevador, a cabeça de Marisol estava coberta. Às vezes era um capuz, outras vezes um boné e, indo e voltando da piscina, um capuz. Era quase como se ela estivesse fazendo isso de propósito.

Por que esconder seu cabelo e para onde tinha ido aquela faixa loira?

Parecia improvável que Marisol tivesse descolorido o cabelo na breve janela de tempo em que saíra de Palm Springs até ser interrogada por Trembley. Não era exatamente o horário ideal para ir ao salão.

Jessie pegou o arquivo sobre a Marisol Mendez. Vinte e seis anos; morava em casa com sua mãe solteira, Margarita, e sua irmã mais nova, Lupita, de vinte e quatro anos, que ligara para ela na piscina do hotel. Jessie fez uma busca e encontrou o Instagram de Lupita, que tinha várias fotos de família. Quando ela as viu, Jessie ofegou audivelmente.

Era difícil distinguir as irmãs. Apesar da diferença de dois anos, elas poderiam ter sido gêmeas, exceto por uma coisa - a mecha loira no cabelo de Lupita.

*

“Ela estará aqui para o interrogatório a qualquer momento”, disse o detetive Ryan Hernandez ao capitão Decker na sala de observação, enquanto Jessie se sentava pacientemente ao lado de Trembley.

“Então, me explique de novo sua teoria”, disse Decker, fechando a porta e finalmente dando a eles toda a atenção depois de passar os últimos dez minutos apagando incêndios relacionados a outros casos.

“Não é minha teoria, capitão”, disse Ryan. “É de Hunt. Ela deveria explicar.”

“Certo, Hunt”, disse Decker, projetando ceticismo. “Vá em frente.”

“Sim senhor”, começou Jessie, ignorando as reviravoltas que seu estômago começava a dar. “Suspeito que Marisol Mendez nunca tenha ido

a Palm Springs e tenha enviado a irmã em vez disso. Ela até fez a irmã levar seu próprio telefone.”

“E você suspeita disso por causa do cabelo dela?”, ele disse, zombando.

“Não senhor”, disse Jessie, tentando não reagir visivelmente ao seu sarcasmo. “Isso é o que me fez suspeitar. Independente de qual irmã Mendez efetivamente estava em Palm Springs, fato é que ela não deixou a cabeça descoberta por todo o tempo, salvo numa única ocasião. Mas eu ainda não tinha certeza. Afinal, eu vi que todas as refeições em Palm Springs estavam a ser pagas com o cartão de crédito de Marisol e era o carro dela estacionado na garagem do hotel.”

“Parece um tiro certo até agora”, disse Decker secamente.

“Dê a ela uma chance, senhor”, disse Ryan, claramente irritado.

Decker olhou para o detetive antes de se voltar para Jessie, seu rosto suavizando um pouco.

“Vá em frente, Hunt. Estou apenas enchendo o seu saco.”

“Sim senhor”, respondeu Jessie, sem saber como responder a isso. “De qualquer forma, decidi verificar o que a Lupita supostamente estava fazendo aqui em Los Angeles, enquanto Marisol estava em Palm Springs. Eu verifiquei o GPS do telefone e as transações financeiras.”

“E...”

“E eu descobri que em grande parte da terça-feira, o telefone dela estava no mesmo hotel onde Michael Missinger havia levado a esposa de seu CFO, Mina Knullsen, para o deleite da tarde.”

“Então este hotel era seu ninho de amor permanente e ele ia e voltava entre duas amantes a tarde toda?”, Decker perguntou, parecendo atordoado e impressionado.

“Isso é possível”, admitiu Jessie. “Há um registro do cartão de crédito da Lupita sendo usado no café do lobby do hotel no meio da manhã. Mas existem outros cenários potenciais também.”

“Como o quê?”

Ryan entrou na conversa.

“Ela poderia estar espionando ele. Talvez eles estivessem sexualmente envolvidos e ela suspeitou que ele estava dormindo com outra pessoa e o seguiu até o hotel e o viu com Mina Knullsen.”

“O único problema com essa teoria é que o telefone dela esteve no hotel a maior parte do dia”, Jessie observou, “mesmo antes de Missinger

encontrar com Mina lá.”

“Isso não a absolve”, argumentou Ryan. “Talvez ela não tenha levado o telefone com ela em todos os lugares. E se ele a colocou no hotel, mas ela deixou o telefone no quarto, foi dar uma volta e se deparou com ele e Mina em algum ponto? Ela poderia os ter seguido e o GPS do telefone mostraria que ela ainda estava em seu quarto.”

“Aliás”, Trembley disse em voz alta “ela poderia ter deixado o telefone no quarto e ido até Hancock Park para matar Victoria Missinger”.

“Isso é possível independente se ela viu Missinger com Mina ou não”, disse Jessie.”As alternativas são infinitas. Ela poderia ter trocado de telefones com Lupita simplesmente para cobrir um caso com Michael. Ou ela poderia ter feito isso para se prover com um álibi enquanto matava Victoria. Eu não sei quais eram suas intenções com certeza. O *que* sei é que ela não estava em Palm Springs.”

O oficial Beatty enfiou a cabeça dentro da sala.

“Ela está aqui”, disse ele.

“Coloque-a na sala de interrogatório”, disse Ryan, antes de se virar para os outros. “Parece que estamos prestes a obter algumas respostas.”

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Mesmo que ela estivesse apenas observando o interrogatório através de um espelho unidirecional, Jessie se sentia nervosa.

Afinal de contas, sua teoria estava na linha de tiro. Ela só podia esperar que Ryan e Trembley conseguissem que Marisol Mendez confessasse o que quer que ela estivesse escondendo. Sentada naquela sala de interrogatório, ela não parecia estar inclinada a se abrir tanto.

Seus cotovelos estavam descansando na mesa com a cabeça entre as mãos. Sua expressão estava com uma careta, como se ela estivesse se preparando para enfrentar o que quer que eles jogassem nela, como se fosse a sua sina na vida ser questionada periodicamente por homens querendo derrubá-la. Jessie se perguntou se teria passado pela mente de Marisol pedir um advogado. Então seu pensamento fez um salto mental enquanto voltava ao que imaginara anteriormente.

Sua sina na vida.

A frase tomou destaque no cérebro de Jessie e permaneceu lá. Isso era similar a como Bolton Crutchfield descrevera o autor do assassinato de Victoria Missinger. Em mais de uma ocasião, ele dissera que o assassino não gostava da vida que tinha.

Isso certamente parecia se aplicar a Marisol Mendez. Jessie não queria fazer suposições, mas duvidava que uma garota bonita como Marisol sonhasse que, aos vinte e seis anos, ainda estaria morando com a mãe e trabalhando como empregada doméstica.

O quão mais provável era que ela desejasse estar vivendo com o homem que ela via todos os dias, mas não podia ter para si mesma; que ela desejasse ser a dona da casa? Parecia mais do que razoável concluir que Marisol estava insatisfeita com sua vida.

Jessie voltou sua mente para a outra pista de Crutchfield, a que ele disse que era um dois-em-um que ajudaria tanto na caçada ao pai quanto naquele caso. Ele havia dito que ela precisava manter seu foco na batalha interminável pela verdade e senhora justiça.

Ela assumiu que a senhora justiça estava relacionada com a caça ao pai dela. Mas talvez apenas a ‘batalha pela verdade e justiça’ fosse sobre Xander Thurman. Eles haviam estabelecido que a referência ao Super-homem era sobre o Edifício Kent Clark, em Cal State-Northridge, onde o Dr. Bertrand Roy trabalhava. Talvez a referência a ‘senhora’ - a única palavra que não estava na linha original do Super-Homem, fosse Crutchfield dizendo-lhe que o assassino no caso de Hancock Park era do sexo feminino. Isso fazia sentido.

Ryan e Trembley tinham acabado de começar o interrogatório e Jessie não queria interrompê-los enquanto estivesse em andamento. Em vez disso, ela rabiscou uma mensagem em um pedaço de papel que dizia:

As dicas do Crutchfield se encaixam. Marisol - criada, mora com a mãe, dorme com um homem inatingível - “insatisfeita com a sua vida” Além disso, luta pela verdade e SENHORA justiça. Senhora = assassina feminina?

Ela dobrou o bilhete e deu para o oficial Beatty com instruções para entregá-lo ao detetive Hernandez. Quando Ryan o recebeu, ele olhou para o espelho como se tivesse recebido um inesperado choque elétrico. Quase imperceptivelmente, ele assentiu naquela direção antes de colocar o papel no bolso e voltar sua atenção para Marisol, que estava repetindo sua história para Trembley.

“Há quanto tempo você está dormindo com Michael Missinger?”, ele perguntou, interrompendo-a.

Ela ficou perplexa, mas não surpresa com a pergunta.

“Sra. Missinger era uma patroa maravilhosa”, ela respondeu. “Eu a respeitava. Eu nunca...”

“Deixe-me pará-la por um segundo, Marisol”, ele interrompeu novamente. “Nós sabemos que você não foi honesta sobre muitas coisas até agora. Mas nenhuma delas constituem crimes. Parecia agora que você estava prestes a negar ter tido um caso com o Sr. Missinger, o que nos deixaria muito céticos quanto à sua credibilidade. Afinal de contas, uma coisa é mentir e dizer que você estava em Palm Springs quando estava em um hotel no centro da cidade. Outra bem diferente é negar que você estivesse dormindo com o marido de uma mulher que foi assassinada. A certa altura, temos que nos perguntar: por que essa mulher está mentindo tanto? Será que ela está tentando encobrir algo muito pior que um simples caso?”

Marisol levantou a cabeça das mãos e olhou para Ryan com uma expressão tão perdida e abandonada que Jessie quase se sentiu mal por ela.

Essa garota é boa.

“Eu não a matei”, Marisol finalmente disse baixinho. “Sim, eu estava envolvida com o Sr. Missinger. E sim, ele pagou pelo meu hotel em Palm Springs. Mandeí minha irmã ir no meu lugar porque achei que a Sra. Missinger estava desconfiada sobre o que estava acontecendo e, se ligasse para o hotel para verificar, eles iriam achar que Lupita era eu e diriam que eu estava lá. Nós trocamos carros, telefones, tudo, só por segurança. Mas ele realmente me colocou no Bonaventure Hotel. Ele disse que poderíamos usá-lo como nosso refúgio especial durante toda a semana. E nós começamos a usá-lo. Passamos a noite de segunda-feira no quarto que ele reservou para mim. E então ele veio de novo na manhã de terça-feira.”

“E aquela tarde?”, Trembley perguntou.

“Ele disse que tinha uma grande reunião à tarde, mas que ele me veria na quarta-feira. Mas ele me surpreendeu e apareceu brevemente para uma rapidinha antes de ir para casa. Ele disse que estava na área.”

“Então o que você fez a tarde toda antes disso?”, Ryan perguntou.

“Eu andei por aí por algumas horas”, disse ela. “Eu normalmente não tenho tempo para apenas passear.”

“Sem o seu telefone?”, Trembley perguntou. “Ou devo dizer telefone da sua irmã?”

“Esqueci no quarto”, insistiu Marisol. “No momento em que me lembrei, eu estava muito longe para voltar e deixei para lá.”

“Isso é muito conveniente”, disse Trembley com um ar de auto-satisfação.

“Não para mim”, ela atirou de volta. “Eu não pude pedir nenhum transporte por aplicativo e não consegui encontrar nenhum táxi. Eu tive que andar todo o caminho de volta.”

“Então, por mais de duas horas você estava vagando sem rumo pelo centro de Los Angeles?”, Ryan pressionou.

Ela assentiu.

“Alguém viu você?”, ele perguntou. “Você interagiu com alguém?”

“Eu comprei um *taco* de um vendedor de rua para um lanche. Mas havia uma longa fila de pessoas. Eu duvido que ele se lembre de mim.”

“Você entrou em alguma loja?”, Ryan perguntou. “Fez alguma compra usando um cartão de crédito?”

“Eu não ganho o suficiente para comprar em qualquer uma das lojas pelas quais eu passei”, ela retrucou. “Você não me ouviu? Eu comprei *um* taco, não tacos. Há uma razão para isso.”

“Tem certeza de que não foi a outro lugar?”, Ryan perguntou novamente.

“Tenho certeza.”

“E quando você voltou para o hotel, você não viu Michael Missinger novamente até que ele chegou ao seu quarto?”, Trembley queria saber.

“Você não o viu lá com outra pessoa?”

“Quem mais?”

“Outra mulher”, Trembley cobrou com confiança. Ryan deu-lhe uma sacudida sutil de cabeça como se fosse castigá-lo por dar muita informação.

“Eu não vi isso”, disse Marisol, despreocupada. “Mas isso não me chocaria. Sr. Missinger tinha um grande apetite quando se tratava de sexo. A Sra. Missinger não estava muito interessada. Eu sabia que não era a única com quem ele passava tempo. Nós nos divertíamos juntos, mas não é como se eu pensasse que ele iria se divorciar de sua esposa por mim.”

“Mas se ele se divorciasse”, Trembley disse em um tom que sugeria que ele achava que estava prestes a apanhá-la, “você certamente seria capaz de comprar mais de um *taco* de um vendedor de rua.”

Marisol lançou-lhe um olhar de desdém que sugeria que ela não estava muito impressionada com ele.

“Eu já te disse tudo o que sei, até coisas que são embaraçosas para mim”, ela disse claramente. “Eu acho que gostaria de um advogado agora.”

Ryan se levantou e Trembley seguiu o exemplo. O interrogatório não poderia continuar e não havia muito propósito neste momento. Ela não ia dar mais nada a eles.

Jessie se recostou na cadeira, frustrada, mas impressionada. O álibi de Marisol era quase impossível de corroborar, mas seria difícil de perfurar. Ela admitira ter mentido e também o mau comportamento, mas não o assassinato. De fato, reconhecer seus erros parecia dar apoio às suas alegações de inocência quando se tratava da morte de Victoria Missinger. Havia apenas duas opções reais. Ou Marisol Mendez estava dizendo a verdade, ou ela era uma assassina muito mais sofisticada do que Jessie poderia pensar.

Os detetives saíram e Trembley foi direto para o banheiro.

Não admira que ele estivesse a pressionando tanto. Ele tinha outras coisas em mente.

“Isso não foi muito satisfatório”, disse Jessie para Ryan. “Eu fiquei esperando pelo grande momento estilo Perry Mason e ele nunca veio.”

“Não”, Ryan concordou. “Muitas vezes, os suspeitos só confessam quando já estão presos ou sabem que não podem ser presos. Marisol Mendez se encaixa naquele meio lamacento. Faz sentido que ela negue tudo.”

“E agora?”, Jessie perguntou.

“Nós a acusamos formalmente”, Ryan disse mais definitivamente do que ela esperava. “Ela não tem álibi e mentiu sobre o paradeiro dela. Na verdade, ela construiu um álibi falso inteiro para esconder o fato de que ela estava em Los Angeles. Ela estava tendo um caso com o marido da vítima, então há motivos. Ela tinha acesso à casa. Ela sabia sobre o recanto da casa da piscina onde o envenenamento aconteceu. Ela sabia onde estava o aspirador de pó para eliminar qualquer pegada na sala. Ela sabia que Victoria era diabética e provavelmente a vira administrar as injeções muitas vezes.”

“Ela foi bastante inflexível em suas negações”, disse Jessie. “Você não acha credível?”

“Você é a identificadora de perfis, Jessie, não eu. Então, não vou fingir ser um especialista na credibilidade dela”, disse ele. “Mas indo com base nas evidências, digo que não precisamos de uma confissão. Tenho que conversar com o promotor, mas acho que temos provas circunstanciais suficientes para levar isso a um júri no mínimo. E não se esqueça das pistas não-oficiais que o seu amigo encarcerado em Norwalk deu. ‘Senhora Justiça’, ‘insatisfeita com sua vida’. Essas coisas se encaixam também.”

“É o que parece”, Jessie disse com relutância. “Eu ainda me pergunto se isso foi obra dela sozinha. Você se sente confortável excluindo Michael Missinger completamente?”

“Ele tem álibi. Mina Knulsen confirmou que estava com ele e nós temos o vídeo que comprova isso.”

“Ele poderia ter colocado Marisol nisso”, ela sugeriu.

“Ele poderia. E se ele fez, você pode apostar que ela vai entregá-lo para nós para obter um acordo melhor.”

“Quando isso aconteceria?”

“Talvez no minuto em que ela for acusada. Talvez depois de uma noite na cadeia. Talvez nunca, se ela estiver apaixonada “, disse ele. “Ouça, eu tenho que fazer a papelada da acusação. Mas eu digo aproveite a vitória. Nós nem sempre conseguimos os pegar. Eu acho que desta vez nós tivemos sucesso.”

Jessie assentiu e Ryan voltou para a mesa dele. Ela decidiu sair para tomar um pouco de ar fresco e limpar a cabeça e foi para o pátio adjacente da delegacia, onde respirou fundo. O ar frio estava envolvente. De repente, seu telefone tocou.

Era um texto do Pa. Dizia: *Recebi sua mensagem. Boas memórias. Devemos tentar as pistas de iniciantes novamente algum dia. Só que desta vez você é que iria me levantar da neve. OBS: Ma teve uma boa sessão de quimioterapia hoje. Muito pouco vômito.* 😊

Jessie deu uma pequena risadinha para si mesma. Isso era o máximo de sentimental que o velho cara conseguia ser. Ela começou a mandar uma mensagem para ele enquanto voltava para dentro. Sua cabeça estava baixa e ela quase derrubou um homem mais velho que saía do prédio.

“Desculpe”, ela murmurou quando olhou para cima.

Era Garland Moses, o célebre identificador de perfis que ela ainda não tinha formalmente tido a chance de conhecer, mesmo depois de todas essas semanas no trabalho. Ali era o mais próximo que ela já tinha chegado dele. Ele parecia distraído, como se perdido em pensamentos profundos. Deu uma longa tragada no cigarro que acabara de acender e mandou a fumaça fora devagar.

“Sem problema”, ele respondeu, sua voz baixa e rouca. Seu cabelo branco estava desgrenhado, como se tivesse acabado de sair da cama. Ele estava vestido com uma calça marrom amarrotada, um colete cinza de tamanho duas vezes maior que o normal e uma jaqueta esportiva que pendia dele como se fosse um cabide. Sua pele lembrava couro e era enrugada. E seus óculos bifocais balançavam no final do nariz. Mas atrás deles, os olhos eram afiados.

Jessie queria dizer alguma coisa, mas não conseguia pensar em nada. Além disso, ele parecia estar ocupado com seus próprios pensamentos. Ela sabia que ele estava trabalhando em algum caso de assassino em série. Era isso que deixara o capitão Decker tão distraído mais cedo, desinteressado naquele envenenamento da alta sociedade.

“Ouvi dizer que você pegou alguém no assassinato de Hancock Park”, ele disse rispidamente enquanto ela ia para a porta.

Ela se virou. Ele estava olhando diretamente para ela, então ela percebeu que tinha permissão para responder.

“Talvez. Não é um caso de assassino em série”, ela disse timidamente.

“Todo caso resolvido é um caso que vale a pena”, ele rosnou. “Além disso, ouvi dizer que você passa mais do que tempo suficiente na companhia de assassinos em série em Norwalk.”

Jessie não pôde deixar de parecer surpresa. A localização de Bolton Crutchfield era supostamente um segredo bem guardado. Mas aparentemente Garland Moses sabia não apenas onde ele estava, mas quem o visitava.

“Como vai a busca no seu caso?”, Jessie perguntou, mudando de assunto, apesar de seu desejo em obter a opinião dele sobre Crutchfield.

“Lentamente”, admitiu Moses. “Nove mortos no ano passado. Três só no último mês. Mas quase nada com que trabalhar.”

“Sinto muito por ouvir isso”, disse Jessie, não tendo certeza do que poderia dizer que não a fizesse soar como uma idiota. “Bom falar com você.”

Ela se virou e abriu a porta para voltar.

“Porque talvez?”, ele chamou por ela.

“Desculpe?”, ela disse, virando-se.

“Quando eu disse que você pegou alguém pelo assassinato, você disse 'talvez'”, ele lembrou a ela. “Porquê?”

“Oh. Algo simplesmente não parece certo. É meu primeiro caso real e acho que pensei que seria devidamente amarrado no final. Não foi. Eu suponho que eu deveria me acostumar com isso.”

“Eles quase nunca conseguem essa amarração perfeita”, disse ele. “Eu tenho feito isso há muito tempo. Para cada caso que eu chego onde as peças do quebra-cabeça se encaixam perfeitamente, há outros dez onde eu tenho que forçá-las para ficarem juntas. Por outro lado...” Sua voz sumiu.

“O que?”, Jessie pressionou.

“Às vezes, quando não parece certo, significa que você perdeu alguma coisa e esse é o seu cérebro, não deixando você deixar a peteca cair. Claro, outras vezes é apenas indigestão.”

Com isso, ele apagou o cigarro com o sapato e voltou para dentro, deixando Jessie sozinha com seus pensamentos perturbados.

CAPÍTULO TRINTA

Um dia e meio depois, Marisol Mendez ainda não tinha surtado. Ryan considerava aquilo como um sinal de que Michael Missinger não estava envolvido. Jessie achava que ele provavelmente estava certo. Mas ela não conseguia afastar a apreensão de que, apesar de todas as evidências, pudessem estar atacando uma mulher inocente. Ela disse isso a ele.

Ela até voltou para a sala de mídia para rever imagens do interrogatório com Missinger que Ryan e Trembley haviam conduzido. Ela não encontrou nada novo ou revelador no interrogatório em si. Mas ela percebeu que depois que ele fora deixado sozinho para escrever sua declaração - longe da pressão de detetives pairando em volta - Missinger parecia surpreendentemente otimista.

Ele havia afastado o cabelo loiro de seus olhos azuis e se acomodara confortavelmente na cadeira. Era como se toda a tensão do interrogatório tivesse sumido. Jessie não conseguia entender o porquê.

Era porque ele estava desempenhando o papel de marido de luto e agora estava livre disso? Ou ele estava simplesmente aliviado por não ser mais bombardeado por constantes perguntas intrusivas? Talvez escrever uma declaração fosse algo relaxante em comparação àquilo.

Com aquela imagem ainda fresca em sua memória, Jessie deixou a delegacia no fim do turno para encontrar Andi Robinson para uma bebida muito necessária em uma noite de sexta-feira - a que ela prometera quando o caso finalmente terminasse. Ela estava no estacionamento quando Ryan a alcançou.

“Hey”, disse ele, correndo para recuperar o atraso. “Eu não poderia deixar você ir sem falar sobre aquilo que você disse lá antes.”

“O quê?”, ela perguntou. Ela havia dito muitas coisas.

“É só que... você continua se martelando com esse caso”, ele disse, parecendo genuinamente preocupado. “Você tem que se desligar um pouco. Se você for tão dura consigo mesma depois de todos os casos, você vai se esgotar mais rápido do que Josh Caster, o identificador de perfis que se mudou para Santa Bárbara.”

“Eu estou bem. Eu só tenho dúvidas.”

“Claro que sim”, ele reconheceu. “É natural. Você se sente responsável por alguém possivelmente ir preso pelo resto de sua vida. Eu me sinto assim o tempo todo também. É um grande fardo para carregar. E se você tem mesmo um pouco de dúvida, a culpa te consome por dentro. Não é como no caso do seu marido. Eu imagino que um cara tentando esfaquear você com um atizador de lareira afaste a maior parte da dúvida.”

“A maior parte?”, ela perguntou, levantando as sobrancelhas.

“Você sabe o que quero dizer”, disse ele, sorrindo pateta. “Só não seja tão dura consigo mesma, é tudo o que estou dizendo. A insegurança faz parte deste negócio. É bom que você esteja indo se encontrar com aquela garota rica para um drink. Você merece isso. E ela provavelmente deve ter umas bebidas bem caras.”

“Eu tenho que ir”, disse Jessie, tentando não rir.

“Oh, agora você é boa demais para ficar com a ralé”, brincou ele.

Ela virou-se rapidamente e se dirigiu para o carro, quase certa de que ele não tinha pego o grande sorriso em seu rosto.

*

O tráfego do centro de Los Angeles para o Hancock Park era tão ruim quanto o habitual, mas Jessie não estava se importando tanto dessa vez. Algo sobre como navegar na bagunça para chegar ao lazer tornava aquilo infinitamente menos doloroso.

Apesar de suas dúvidas sobre o caso, ela havia decidido deixar para lá. Ela não era a procuradora do distrito encarregada de condenar Marisol Mendez. Ela era apenas parte da equipe que havia fornecido as evidências para essa tarefa. O promotor apresentaria o caso. Um júri decidiria culpa ou inocência. Estava fora de suas mãos.

Ela se forçou a se concentrar nos aspectos positivos. Havia muitos deles agora. Sua Mãe aparentemente estava se sentindo bem melhor, inclusive havia saído para jantar e ver um filme na noite passada. Tinha sido um longo caminho desde a remissão. Mas qualquer melhoria já era uma boa notícia.

Jessie estava reconsiderando se iria se juntar à Academia de Treinamento do FBI para a nova turma, afinal de contas, e se o fizesse,

pensava que poderia passar por Las Cruces a caminho da Virgínia. Ela ainda tinha alguns dias para tomar uma decisão final.

Ela também havia encontrado um novo lugar para morar, supondo que sua oferta fosse aceita. Havia dois outros lances na disputa e ela estava super ansiosa esperando para descobrir se conseguiria. Ela estava tentando, na maior parte inutilmente, não ficar muito animada para que não houvesse uma decepção muito grande se não desse certo. Mas era difícil porque o apartamento era quase perfeito.

Em última análise, ela optara por não seguir qualquer uma das recomendações da corretora de imóveis. Em vez disso, ela escolhera um modesto apartamento na South Olive, perto da Olympic. Mas à luz da facilidade com que Crutchfield encontrara seu último lugar, ela planejava tomar algumas precauções extras dessa vez.

Como seu pai adotivo havia feito quando comprou o condomínio de idosos, ela estava alugando o lugar através do nome de uma empresa e havia pedido que um advogado assinasse a papelada. Seu nome não seria encontrado em nenhum lugar no contrato.

A unidade tinha estacionamento subterrâneo seguro. Mas ficava abaixo do *shopping* ao lado do complexo de apartamentos, não sob o complexo em si, pelo que qualquer um que a seguisse poderia ficar confuso sobre para onde ela estava dirigindo.

Além disso, o prédio tinha um porteiro e um segurança. Ter até um só desses era incomum em Los Angeles. Ter ambos era uma situação de tamanha surpresa, tal como a teoria do cisne negro. Além disso, nenhuma das unidades era realmente numerada. Como parte de uma coisa metida a legal e na moda que ela não entendia muito bem, os residentes só precisavam saber qual porta era a deles pela memória. Era estranho, mas servia seus propósitos.

E apesar de toda a correspondência ser entregue em um local central no saguão, Jessie ainda planejava estabelecer um endereço postal fora dali para que todas as suas cartas fossem entregues longe de casa. Ela então contrataria um serviço de courier para levá-las na delegacia, para que ninguém pudesse ligá-la ao endereço do complexo.

Finalmente, ela também contratara uma empresa de segurança recomendada por Ryan, que viria logo depois que ela oficialmente conseguisse o local para instalar um alarme com sensores de movimento e

várias câmeras. Não eram precauções ao nível da DNR, mas dariam a ela a sensação de que ela tinha pelo menos algum controle sobre sua vida.

Ela ainda não tinha dado a notícia para Kat que elas provavelmente não seriam companheiras de apartamento. Mas tinha certeza de que, se alguém fosse entender aquilo, seria a chefe de segurança da entidade de detenção que mantinha preso o homem que mandara invadir a casa dela.

Ela tinha deixado para informar à Kat amanhã, quando fosse ver Crutchfield, que aparentemente pedira especificamente para se encontrar com ela. Ele nunca havia dado o primeiro passo para iniciar uma visita até então e Jessie tinha que admitir que estava curiosa sobre o que ele queria.

E agora ela estava indo para a casa de Andi, para ter sua primeira noite de lazer em muito tempo. Ela sentia um toque de remorso por não estar saindo com Lacy, com quem ela não tinha falado desde que se mudara. Mas ela afastou o pensamento, tentando se permitir ansiar por uma noite na mansão de uma socialite agradavelmente sarcástica e não racista. Isso não acontecia com ela todos os dias.

Enquanto seguia pela Rossmore Avenue, seguindo as instruções que Andi dera para chegar à casa dela, Jessie fez uma mudança de planos de última hora e entrou na Lucerne, a rua dos Missingers. Ela parou na frente da casa e estacionou, ainda mantendo o carro ligado.

Em algum lugar lá dentro, Michael Missinger estava vivendo a vida dele. Jessie se perguntou se ele estava tomado pela tristeza ou se já havia colocado tudo isso para trás. Quanto tempo ele esperaria antes de retomar suas atividades? Mais importante ainda, ele havia manipulado Marisol para levar a bala por ele?

Ela sentiu-se começando a ferver e decidiu que era hora de seguir em frente. Ela ligou o carro e dirigiu o último trecho até a casa de Andi. O lugar era ainda mais massivo que a casa dos Missingers. Pelo que Jessie sabia, eram três andares e se estendia a quase um terço do quarteirão. Mas ao contrário da maioria das outras casas na rua, não tinha um portão de segurança. Algo sobre isso fez Jessie gostar dela ainda mais.

Quando chegou à porta da frente, apertou a campainha, sem saber se alguém a ouviria batendo. Andi abriu-a em segundos e estendeu a bebida que estava segurando na outra mão.

“Eu arrisquei e imaginei que você poderia ser uma garota-mojito”, disse ela.

“Eu sou uma garota quase qualquer coisa’ hoje à noite”, Jessie respondeu, pegando o copo. “Obrigada.”

“Bem-vinda à minha residência não tão humilde”, disse Andi, convidando-a para dentro.

Jessie notou que sua anfitriã estava descalça e ela alegremente também tirou os próprios sapatos.

“Eu aposto isso te fez bem”, disse Andi, aparentemente percebendo o alívio que Jessie sentira quando seus pés escaparam do confinamento de seus calçados profissionais. “Entre e fique à vontade.”

Jessie tirou o casaco enquanto a seguia pelo hall gigantesco e percorria um longo corredor de piso de mármore, cheio de esculturas e pinturas. Parecia interminável, abrindo-se finalmente para uma saleta acarpetada que era tão casual quanto o resto da casa era formal.

A sala era dominada por dois sofás enormes e confortáveis. Entre eles havia uma mesa de café de madeira rústica coberta de revistas, não coisas como a *The New Yorker* ou a *The Economist*, mas sim *Cosmo* e *People* - outro ponto a favor de Andi. Um bar estava em um canto. Diretamente em frente, havia uma tela de TV que se estendia quase do chão ao teto.

“Eu gosto de uma imagem bonita quando vejo minhas histórias”, disse Andi em um sotaque vagamente sulista, notando que os olhos de Jessie se arregalaram com a grandiosidade da coisa.

“É como um cinema em casa”, Jessie se maravilhou.

“Essa é a ideia”, respondeu Andi. “Eu ofereceria a você uma turnê completa pela casa, mas isso ocuparia a maior parte da noite e, pessoalmente, eu preferiria ficar aqui.”

“Isso soa bem para mim.”

“Ótimo”, disse Andi, desabando em um dos sofás. “Eu também estava pensando em pedir pizza daqui a pouco. Você topa?”

“Total e completamente”, disse Jessie, jogando o casaco e a bolsa ao lado dela enquanto se sentava no outro sofá. “Você já convidou alguma vez as garotas do clube de campo para qualquer uma dessas noites de mojito e filme?”

Andi riu da ideia.

“Não exatamente”, disse ela. “As que você conheceu, Marlene e Cady, são bem representativas do que o Clube de Campo de Beverly tem para oferecer. Elas não são exatamente do tipo 'tire seus sapatos e se esparrame

à vontade'. Elas são mais do tipo 'julgue cada coisa que estiver em sua casa'."

"Isso parece super divertido. Falando de Marlene, ela deve ter tido um dia de êxtase quando a empregada dos Missingers foi presa."

"Isso é um eufemismo. Ela simplesmente não deixava para lá; continuava dizendo que confirmava todas as suas suspeitas. A frase '*espero que isso dê uma lição ao seu amorzinho por imigrantes*' foi proferida. Foi delicioso."

"Sinto muito por ter desempenhado um papel no reforço de seus estereótipos", disse Jessie, forçando-se a não levantar suas dúvidas sobre a culpa de Marisol com um civil.

"Nenhuma chance que isso tenha sido um erro ou que mais alguém estivesse envolvido?", Andi perguntou antes de acrescentar rapidamente, "Não que eu esteja questionando seu trabalho. Eu simplesmente não amo a mensagem que foi passada."

"Tudo bem", Jessie disse apesar de tudo. "Acredite em mim - eu tive minhas próprias reservas. Mas as evidências levaram a ela. Tudo vai sair nos próximos meses. É bem definitivo."

Andi inclinou-se conspiratoriamente, apesar do fato de estarem em sofás a menos de dois metros de distância um do outro.

"Diga-me se isso é inadequado para perguntar", ela disse baixinho. "Mas há rumores em torno do clube de que a teoria louca de 'caso-com-o-patrão de Marlene não estava tão errada.'"

"Eu não posso realmente entrar em detalhes", disse Jessie, terminando seu mojito. "Mas digamos que o complexo de superioridade de Marlene não será minado tão cedo."

"Cara, isso é uma grande chatice", disse Andi e apontou para o copo vazio. "Quer um refil?"

"Claro", respondeu Jessie, entregando o copo e enrolando as pernas debaixo dela.

Este sofá é mais confortável que minha cama.

Andi voltou ao bar da sala e começou a jogar cubos de gelo no copo.

"Eu acho que você nunca sabe o que realmente está acontecendo na casa de outra pessoa", disse ela. "Eu não teria pensado que Michael fosse do tipo que transasse com a empregada no Bonaventure. É tão clichê. Mas como eu disse no outro dia, eu não estava tão perto deles. Eu acho que comprei a imagem que eles passavam lá, assim como todo mundo."

“Sim”, concordou Jessie. “Você nunca sabe realmente o que está no coração de alguém. Eu morava com alguém há anos, pensando que éramos notas de uma mesma melodia. Então ele me empurrou para fora da sinfonia.

“Mas eu pensei que era o seu trabalho”, disse Andi, colocando vários ingredientes na bebida de Jessie. “Não é isso que um identificador de perfis faz - olhar nos corações das pessoas?”

“Primeiro de tudo, sou nova no show, então ainda estou no modo 'tentativa e erro'. Há uma razão pela qual eu fui designada para este caso e não para aquele onde um assassino em série está atualmente aterrorizando a cidade. Em segundo lugar, identificadores não olham nos corações das pessoas. Eles olham para o crime e para as evidências para criar uma imagem do tipo de características que o agressor possa ter. Deixo corações ao clero.”

“Justo o suficiente”, disse Andi, entregando-lhe uma nova bebida. “Você vê o que acontece quando uma pessoa que abandonou os estudos começa a fazer suposições. Queremos pedir aquela pizza e escolher um filme?”

“Na verdade, antes disso, você se importa se eu der um pulo no seu banheiro?”, Jessie perguntou, tomando um gole. “Foi uma longa viagem.”

“É claro”, disse Andi. “Está bem ao lado desta sala à esquerda.”

Jessie colocou seu mojito no chão e se levantou.

“Você sabe”, disse Andi, “você pode levar sua bebida com você. Eu não quero que fique muito agitado. Além disso, não fazemos cerimônias aqui na casa dos Robinson. Se você beber muitos, pode pedir um carro pelo aplicativo ou simplesmente dormir por aqui mesmo, se quiser.”

“Obrigada, eu aceito”, disse Jessie, pegando a bebida e indo para o banheiro.

“Alguma preferência de pizza?”, Andi perguntou enquanto ela ia.

“Eu sou muito fácil”, respondeu Jessie. “Apenas sem anchovas por favor.”

“Querido Deus, não!”, Andi concordou, rindo.

Jessie ainda podia ouvi-la rindo depois que fechou a porta do banheiro. O cheiro de potpourri flutuou sobre ela. Ela se olhou no espelho e sorriu.

Olhe para você, tendo uma noite de garotas.

Ela tomou um grande gole de sua bebida, amarrou o cabelo em um rabo de cavalo e jogou um pouco de água fria no rosto. Ela notou que suas

bochechas estavam um pouco mais coradas do que o normal, provavelmente resultado do álcool.

Apesar de seus melhores esforços, Jessie não pôde impedir seus pensamentos de vagarem de volta para Michael Missinger. Ela continuava voltando às mesmas perguntas em sua cabeça: o que ele estaria fazendo em sua mansão a menos de um quilômetro de distância? Ele estaria de luto em uma sala à luz de velas? Ele estaria mesmo lá? Ou ele estaria entretendo uma nova conquista no Hotel Bonaventure neste exato momento? Todo mundo parecia saber que esse era seu ponto de sedução de eleição, até mesmo Andi. Aparentemente, era um segredo aberto.

Mas seria mesmo?

O pensamento surgiu em sua cabeça como se tivesse sido plantado por outra pessoa. Ela tentou afastá-lo, irritada consigo mesma por deixar seu cérebro trabalhar horas extras em uma noite em que ela deveria estar relaxando. Mas a questão circulava em seus pensamentos.

A proximidade dele com aquele hotel eram de conhecimento comum? Porque Michael certamente não queria que aquelas notícias vazassem. O ponto principal era ir a algum lugar que ele não pudesse ser descoberto por Victoria ou por seus empregados. E esse detalhe não estava disponível ao público ainda. As únicas pessoas que sabiam sobre as reuniões do hotel eram Missinger e suas amantes.

“Pare”, disse Jessie em voz alta, olhando com raiva para si mesma no espelho. Ela notou que seus olhos estavam lacrimejando. Ela pegou um lenço e os enxugou.

Mas apesar de seu pedido para si mesma, os pensamentos continuavam chegando. Se Andi sabia sobre o Bonaventure, era possível que ela tivesse acabado de ouvir falar do hotel através de alguma fofoca?

Ela deveria ter mencionado isso para mim.

Jessie pegou outro lenço e tossiu, tentando se livrar do súbito aperto que sentia em sua garganta.

Por que ela não me contou?

As possibilidades vieram rápido e furiosas depois disso. Se Andi sabia sobre o Hotel Bonaventure, a única razão para ela não mencionar era porque sabia que isso revelaria que ela também estava dormindo com o homem.

E se ela estivesse dormindo com ele, certamente estaria mentindo sobre muito mais. Por um lado, ela disse que não conhecia bem o casal.

Mas parece que ela pelo menos conhecia Michael intimamente. Por outro lado, foi ela quem convenientemente lembrou Jessie sobre o boato de ‘caso com a empregada’, mandando-a pelo caminho da re-investigação do álibi de Marisol.

Jessie ligou a torneira, segurou as mãos e bebeu um gole de água, esperando que ajudasse a limpar a garganta, que parecia tensa.

O que foi que Andi disse sobre sua vida amorosa quando se encontraram para tomar café?

Só recentemente é que permiti abrir-me para realmente me apaixonar. Estou tentando compensar o tempo perdido, eu acho.

Seria possível que ela tivesse se apaixonado por Michael Missinger? E se ela tivesse, até onde ela iria para tornar esse amor algo mais do que ilícito? Ela já havia provado que ela era uma mentirosa habilidosa. O que mais ela seria capaz?

Jessie tossiu novamente. Ela sentiu como se sua garganta estivesse se apertando. Aquilo e os olhos lacrimosos a fizeram se perguntar se era alérgica ao pot-pourri no banheiro. Ela precisava de um sopro de seu inalador, que ainda estava em sua bolsa no sofá.

Decidida a comportar-se o mais normalmente que pudesse, Jessie resolveu dizer que iria cancelar o resto da noite e ir embora para que pudesse desvendar suas suspeitas. Ela pegou a bebida e se dirigiu para a porta.

Ela estava prestes a abri-la quando olhou para o copo. A tosse e os olhos lacrimosos tinham começado logo depois de bebericar o segundo mojito - o que Andi lhe servira logo depois de mencionar o Hotel Bonaventure.

Isso não poderia ser uma coincidência.

CAPÍTULO TRINTA E UM

De repente tudo fez sentido.

Jessie lembrou a conversa delas no café Klatch, onde mencionara sua violenta alergia ao amendoim. Não seria difícil colocar óleo de amendoim em uma bebida alcoólica e passar despercebido.

Andi deve ter percebido que ela havia errado ao mencionar o hotel e assumiu que eu descobriria.

E, agora, assim como ela eliminara Victoria Missinger e Marisol Mendez como ameaças, ela estava agindo mais uma vez para remover uma pessoa que pudesse atrapalhar seu caminho.

Jessie se forçou a respirar pelo nariz, que ainda estava desobstruído por enquanto. Enquanto fazia isso, ela começou a sentir sua pele coçando e seu peito queimando com o esforço para entrar ar.

Pense Jessie. Encontre uma saída para isso.

Ela pegou o telefone para ligar para o 911, mas depois pensou melhor. Ela estaria inconsciente no momento em que eles respondessem. Ela pensou em ligar para Ryan, mas ficou preocupada que, mesmo que ele atendesse, ela não tivesse condições de falar. Até enviar uma mensagem de texto descrevendo a situação iria demorar muito.

Então ela se lembrou do código de emergência que Ryan lhe disse para escrever se ela estivesse em perigo iminente. Ela rapidamente digitou “999” e a mensagem “ASAP” foi enviada. Esperava que ele a recebesse e enviasse a cavalaria. Ele sabia onde ela estava indo hoje à noite. Ele tinha acesso ao GPS de seu telefone e até mesmo o tinha usado uma vez antes para localizá-la no hospital depois que o marido a atacara. Poderia funcionar.

Mas não se ela não pudesse se afastar de Andi, que estava em algum lugar do outro lado da porta, já comprometida em ter certeza de que Jessie não deixaria a casa viva. Ela tinha que tentar sair sem parecer vulnerável.

Se ela pudesse fazer Andi pensar que a tentativa de envenenamento não havia funcionado, talvez ela pudesse sair do lugar sem um confronto. Ela tinha que fingir estar bem e não no meio de uma emergência médica.

Com esse objetivo em mente, ela deu mais uma respirada pelo nariz, abriu a porta e saiu.

Andi ainda estava na sala de estar, parecendo suspeitamente casual enquanto tomava uma bebida no bar.

“Tudo bem?”, ela gritou. “Eu estava começando a ficar um pouco preocupada.”

Jessie assentiu enquanto se dirigia ao sofá onde sua bolsa descansava. Ela sentiu uma tosse vindo e forçou-a para baixo para que saísse como um grunhido.

“Onde está a sua bebida?”, Andi perguntou.

Jessie apontou para o banheiro, fazendo o seu melhor para não olhar diretamente para o sua anfitriã. Temia que se Andi visse seus olhos lacrimejantes ou bochechas coradas, perceberia que seus esforços haviam funcionado.

Ela pegou sua bolsa e abriu o pequeno bolso lateral onde normalmente guardava o inalador, mas não estava lá. Ela começou a vasculhar a bolsa principal, temendo que ele tivesse caído lá dentro e se misturado com toda a porcaria que havia lá. Quando o fez, sentiu a garganta quase se fechar e ofegou involuntariamente.

“Você está bem?”, Andi perguntou, correndo ao redor do bar com um olhar preocupado em seu rosto. “Você não parece tão bem.”

Jessie sentiu a visão desaparecer momentaneamente e caiu apoiada em um joelho. Ela engasgou novamente e olhou para cima, impotente, para Andi, que agora estava de pé em cima dela.

“Como posso ajudar?”, ela perguntou com urgência enquanto colocava sua bebida na mesa. “Devo ligar para o nove-um-um?”

“Sopro”, Jessie conseguiu resmungar, esperando com toda a força que ela tivesse julgado mal Andi e que sua nova amiga viria em seu socorro.

“Sopro?”, Andi repetiu, parecendo confusa. “Você quer dizer como um inalador?”

Jessie assentiu vigorosamente, apontando para sua bolsa.

“Você quer dizer como o que eu tirei da sua bolsa e coloquei lá em cima do bar?”, ela perguntou devagar, sua voz tornando-se doentamente doce enquanto ela apontava para o inalador vermelho, inocentemente no bar de mármore a pouco mais de quatro metros de distância. Poderia muito bem estar a um quilômetro. Os lábios de Andi se curvaram um pouco para formar um sorriso fino e cruel.

Jessie deu uma grande tossida e desabou sobre os dois joelhos. Ela sabia que não tinha muito mais tempo antes de sua garganta se fechar completamente e ela cair na inconsciência. Enquanto ela se curvava para a frente, com a parte superior do seu corpo desmoronando de cara na almofada do sofá, ela tentava formar um pensamento coerente em seu cérebro rapidamente enevoado.

Plano B.

Seu plano de reserva. Seu inalador de reserva. Estava no bolso interno do seu casaco, a menos de meio metro dela - se ela conseguisse reunir forças para agarrá-lo.

Empurrando-se um pouco, Jessie se lançou e conseguiu agarrar a manga da jaqueta antes de desabar de novo. Ela sentiu seu corpo escorregar do sofá para o tapete e segurou a jaqueta desesperadamente. Ela sentiu a jaqueta cair ao lado dela quando bateu no chão e agarrou-a com força ao peito, enquanto rolava para a posição fetal, agora destrocada também pela dor abdominal além de todo o resto.

“Você pode não acreditar em mim”, disse Andi de algum lugar acima dela, “mas eu realmente me sinto péssima por isso. Não é como eu queria que as coisas fossem. Eu realmente senti uma conexão com você, Jessie. Pensei que pudéssemos ser amigas.”

Jessie se enrolou toda, com os joelhos sob seu estômago e o casaco apertado sob o corpo. Enquanto ela se contorcia no chão, incapaz de distinguir entre a dor em seu abdômem e o ardor em seu peito, ela tentava se concentrar em alcançar o bolso da sua jaqueta para pegar seu inalador de reserva. Ela podia ouvir a voz de Andi, embora estivesse mais longe agora.

Aquela cadela voltou ao bar para pegar a bebida dela!

“No minuto em que você mencionou essa alergia a amendoim”, ela ouviu a anfitriã dizer, “eu tive que sair e comprar um pouco de óleo de amendoim, puramente por precaução, é claro. Eu nunca pensei que precisaria disso. Mas então você me fez estragar tudo. Eu fiquei tão confortável que deixei o nome do hotel escapar. Eu soube no segundo que o disse que você descobriria, talvez não agora, mas mais à frente. E como essa pode ser minha única oportunidade de neutralizar você, eu tive que fazer isso. Você entende, certo?”

Jessie enfiou a mão no bolso interior e bateu em algo duro e de plástico com os dedos - o inalador. Ela o agarrou e puxou rapidamente,

fazendo o seu melhor para mantê-lo escondido. Ela estava curvada e de costas para Andi, que estava do outro lado da sala. Nunca haveria uma chance melhor de fazer isso.

Ela levantou as duas mãos para cobrir o rosto quando uma tosse rouca e legítima escapou de sua garganta. Enquanto ela desesperadamente buscava qualquer ar que seus pulmões pudessem sugar, ela empurrou a ponta do inalador em sua boca e apertou.

“Quanto tempo devo esperar antes de ligar para o 911?”, ela ouviu Andi perguntar de algum lugar mais perto do que antes. “Eu quero fazer parecer real. Devo esperar até que você fique azul para tentar boca a boca?”

Jessie sentiu uma segunda tosse aparecer e foi com ela, tossindo incontrolavelmente. Quando houve uma pausa para inspirar, ela soprou novamente o inalador, mantendo as mãos em concha ao redor do apetrecho. Ela sentiu um afrouxamento leve do aperto no peito.

Temendo que Andi estivesse quase em cima dela, ela deu uma última tragada antes de cair de bruços, escondendo o inalador debaixo dela. Ela ainda estava arfando, mas podia sentir o oxigênio retornando ao seu sistema. No entanto, ela manteve as aparências dos problemas de respiração, mesmo se contorcendo um pouco na esperança de que a tática de enrolação iria dar-lhe tempo para avançar com outro movimento. Enquanto se contorcia, ela enfiou o inalador no bolso da calça e o tirou de vista.

Enquanto estava ali deitada, o pensamento de Bolton Crutchfield passou por sua mente brevemente. Ele havia sugerido que o assassino era do sexo feminino. Ele havia sugerido que ela estava infeliz com a sua própria vida. Em retrospecto, tudo que parecia combinar com Marisol Mendez encaixava-se igualmente em Andi: incapaz de corresponder às expectativas de seu pai, um abandono, vivendo uma vida que ela sabia ser vazia de significado, tão desprovida de amor que ela mataria para criar alguma faísca disso.

“Vou telefonar para o nove-um-um agora”, disse Andi com voz baixa, bem acima dela. “Eu não quero esperar muito e parecer suspeito. Levará uma eternidade para eles responderem de qualquer maneira.”

Como se estivesse aproveitando a deixa, Jessie deu uma última respirada com dificuldade e ficou imóvel. Ela permitiu que seu corpo ficasse mole, mesmo enquanto sua mente corria.

As peças estavam todas justas no lugar, como um daqueles quebra-cabeças que Garland Moses dissera que raramente se encaixa. Andi tinha o motivo para fazer isso e os meios também. A formação dela em engenharia química possibilitava alterar uma dose de insulina como se fosse uma brincadeira de criança. Sabotar o transformador do bairro para que a energia caísse - e todas as câmeras de segurança - era uma tarefa simples para alguém com o intelecto dela. E dado o tempo e o desejo, seria fácil incriminar a empregada de seu alvo romântico e, considerando que ela era uma rival, provavelmente também seria muito satisfatório.

“Olá”, ela ouviu a voz em pânico de Andi gritar no chão ao lado dela. Aparentemente, conseguir contato com o 911 não havia demorado tanto assim. “Sim, tenho uma emergência em 2140 South Muirfield Road. Minha amiga teve algum tipo de reação alérgica. Ela começou a tossir e arfar e agora ela desmaiou. Por favor, envie uma ambulância imediatamente.”

Jessie ouviu uma voz do outro lado da linha, mas não conseguiu entender as palavras. Um momento depois, Andi respondeu, fazendo um trabalho impressionante de interpretação, soando como se ela estivesse apenas a um passo de se desesperar completamente.

“Existe algo que eu possa fazer para ajudá-la? Eu encontrei um inalador na bolsa dela. Devo borrifar na boca dela? Devo tentar ressuscitá-la?”

Andi estava chorando agora. Real ou falso, era totalmente convincente. Jessie se perguntou se ela realmente fingiria reanimá-la. Ela faria respiração boca a boca? Faria compressões torácicas? Se o fizesse, descobriria rapidamente que sua vítima estava longe de estar inconsciente. Nesse ponto, Jessie teria que estar pronta para reagir.

Jessie usou o som dos soluços de Andi para esconder suas próprias tentativas de engolir o máximo de ar possível. Ela não sentia mais que seu peito fosse explodir, mas ela não estava nem próxima da força total também. Se houvesse um confronto físico, sua considerável vantagem de tamanho seria inútil.

“Desculpe, pode repetir?!”, disse Andi, perplexa.

O operador disse algo ininteligível.

“Como eles poderiam estar chegando agora?”, Andi perguntou. “Eu liguei para você menos de um minuto atrás.”

E então, como se em resposta a sua pergunta, houve uma forte batida na porta.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Jessie podia sentir os olhos de Andi nela, mirados em suas costas. “O que você fez?”, ela ouviu a mulher sussurrar, seus lábios a centímetros de distância.

Houve outra pancada forte, desta vez ainda mais urgente.

“Abra!”, uma voz masculina gritou. “Este é o Departamento da Polícia de Los Angeles. Recebemos uma mensagem de emergência deste endereço.”

Jessie sentiu dedos cravarem em sua pele quando Andi a rolou de frente. Ela manteve os olhos fechados e tentou não respirar, esperando parecer uma pessoa inconsciente. Não funcionou.

“Você pode parar de fingir. Eu sei que foi você. Não tinha como eles responderem a isso rapidamente. Não que isso vá te ajudar de alguma forma.”

Jessie ouviu um som de vidro quebrando e decidiu que era hora de abrir os olhos. Quando ela os abriu, a porta bateu como se alguém estivesse chutando.

Andi estava ajoelhada diretamente acima dela, segurando um longo pedaço de seu próprio copo de mojito quebrado em sua mão direita, que estava sangrando profusamente. Seus olhos estavam focados na direção da porta batendo.

“Última chance”, a voz masculina gritou. “Abra a porta ou vamos arrombar.”

Andi olhou de volta para Jessie e viu que ela estava acordada. Seus olhos se arregalaram com uma alegria enlouquecida e ela levantou o longo pedaço de vidro acima da cabeça antes de abaixá-lo.

Jessie ainda estava segurando o casaco e o levantou para bloquear o golpe. O vidro rasgou o material no primeiro contato, antes de ficar preso, perdendo força na descida e nunca realmente chegando a encostar no corpo de Jessie.

Andi tentou puxar o vidro, mas no processo acabou puxando o casaco junto, arrancando-o das mãos de Jessie. Enquanto Andi puxava com o

força o vidro para soltá-lo do casaco, Jessie respirou o mais profundo que conseguisse. Andi fixou os olhos nela novamente.

Faça algo agora ou nunca mais fará nada.

Ainda deitada de costas, Jessie ergueu o pé direito descoberto no ar e chutou Andi enquanto ela mergulhava para frente. O pé bateu no peito da outra mulher, mandando-a para trás antes que a arma de vidro pudesse encontrar seu alvo.

As costas de Andi se chocaram contra a mesa de café atrás dela. A força derrubou o vidro da mão dela. Ela caiu ali brevemente, aparentemente atordoada. O som da madeira estilhaçada do vestíbulo trouxe-a de volta aos seus sentidos. Ela começou a escanear o tapete em busca do pedaço de vidro.

Jessie decidiu não esperar que ela o encontrasse. O mais rápido que pôde, ela rolou de barriga para baixo e começou a se arrastar na direção do vestíbulo. Ela ouviu os empurrões atrás de si e suspeitou que Andi tivesse encontrado o vidro e estivesse de pé, então ela tentou fazer o mesmo.

Ela se empurrou para cima com a força limitada de seus braços e ficou de pé, cambaleando para a frente. Ela podia ouvir várias vozes no corredor à sua frente foi cambaleando, desequilibrada, naquela direção. Ela acabara de cruzar o limiar da saleta acarpetada para o salão de mármore quando sentiu uma dor lancinante na panturrilha direita e uma mão no tornozelo esquerdo. Ela caiu para frente, jogando os braços para frente a fim de proteger a cabeça enquanto ia em direção ao chão.

“Parem!”, uma voz gritou de algum lugar na frente dela.

Ela olhou para cima para ver dois homens em uniformes da polícia de Los Angeles, ambos com armas apontadas para a situação toda. Atrás dela, ela ouviu o som distinto de vidro batendo em mármore e sabia que Andi devia ter deixado cair a peça que estava segurando.

“Graças a Deus vocês estão aqui, oficiais”, Jessie a ouviu dizer. “Esta mulher invadiu minha casa e me atacou. Eu tive que usar um pedaço de vidro para segurá-la. Eu acho que ela é delirante. Por favor, sejam cuidadosos. Eu acho que ela está armada.”

Os policiais, que tinham as duas armas treinadas sobre Jessie apontadas na direção da mulher atrás dela, agora pareciam confusos. Jessie não estava esperando isso e não tinha certeza de como esclarecer a verdadeira situação. Não ajudava que ela não tivesse certeza se já conseguiria falar. Sua garganta não estava mais fechada, mas parecia dura

e apertada. Ela engoliu em seco e soltou a única palavra que esperava ser capaz de mostrar a eles a verdade.

“Hernandez.”

Os policiais se entreolharam antes de voltar sua atenção para as mulheres na frente deles.

“Foi quem mandou o alerta”, disse o oficial na frente ao seu parceiro, “Detetive Hernandez da Delegacia Central. Se ela sabe disso, deve ser ela quem fez a ligação.”

“Vamos algemar as duas e resolver mais tarde”, disse o policial.

“Tudo bem por mim”, o primeiro disse. “Vocês duas: mãos onde podemos vê-las. Fora isso, não se mexam.”

Jessie assentiu, aliviada, e abriu os braços no chão à sua frente. Desde que Andi ficasse algemada, ela não se importava de ficar também. O oficial na frente colocou a arma no coldre e avançou lentamente em direção a elas.

Enquanto o fazia, Jessie ouviu um som quase imperceptível de raspagem atrás dela. Ela imediatamente soube o que era. Andi estava pegando o vidro de novo. Com toda a força que lhe restava, Jessie gritou o mais alto que pôde.

“Arma!”

O segundo oficial ainda tinha a arma fora e não hesitou em disparar. Mesmo com o som do tiro ecoando pelo corredor, Jessie ouviu alguém bater no chão atrás dela. Então os gritos começaram.

Andi estava uivando uma mistura indecifrável de gritos ininteligíveis e apenas ocasionalmente palavras coerentes e aleatórias como 'vadia', 'minha' e 'pagar'. Jessie olhou para trás para ver a dona da casa esparramada de costas a vários metros de distância. Seu braço direito estava imóvel ao seu lado. Sangue estava derramando daquele ombro. Sua mão esquerda estava agitando-se, intermitentemente tentando parar o sangramento. O pedaço de vidro estava caído inofensivamente no chão, a dois metros de distância.

O primeiro oficial passou por Jessie para atender Andi. O segundo oficial, com os olhos treinados unicamente em Jessie, guardou a arma no coldre e pegou as algemas.

“Você é Hunt?”, ele perguntou, olhando para ela.

Jessie assentiu.

“Eu ainda preciso algemar você até esclarecer isso.”

“Eu entendo”, disse Jessie, colocando as mãos atrás das costas antes de acrescentar: “Ela vai ficar bem?”

“Ela vai se recuperar”, disse o oficial. “Eu sou um ótimo atirador.”

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Os pontos tornavam difícil dirigir. Era mais doloroso frear do que acelerar, pois ela tinha que flexionar mais o músculo da panturrilha. Como resultado, a viagem até Norwalk para ver Bolton Crutchfield no dia seguinte demorou ainda mais do que o normal. Jessie tentou apenas aceitar o atraso e apreciar o fato de que ela estava viva.

Poderia ter sido muito pior. O corte do golpe de Andi em sua perna com o pedaço de vidro quebrado não tinha sido especialmente profundo. Não houve danos no músculo e nenhum vaso sanguíneo importante foi afetado. Mas ainda era longo e profundo o suficiente para exigir dezessete pontos. Felizmente, o médico disse isso que não a impediria de ir à Academia do FBI.

Jessie não tinha certeza de quando havia mudado de ideia e tomado a decisão de se juntar à próxima turma, afinal. Pode ter sido na noite anterior na ambulância a caminho do hospital, quando ela estava deitada em uma maca, lidando com o fato de que ela quase fora enganada duas vezes nos últimos meses.

Ambas as vezes era porque ela fazia suposições de que podia confiar nas pessoas - primeiro no marido, depois numa socialite aparentemente inofensiva do clube de campo - que acabara desejando-lhe o mal. Ela precisava melhorar em deixar de lado seus sentimentos pessoais se quisesse ser uma ótima especialista em perfis criminais.

Ela sabia que ela tinha instintos sólidos. Mas os instintos não eram suficientes, especialmente se ela esperava pegar alguém tão perigoso quanto seu pai antes que ele a encontrasse. Era um número limitado de vezes que ela poderia contar com improvisos antes que sua sorte acabasse. Ela precisava de mais treinamento.

E não parecia haver melhor momento do que agora. Ela já havia acumulado alguma bagagem profissional, pois acabara de descobrir o verdadeiro assassino de Victoria Missinger e impedira que uma mulher inocente fosse para a prisão. É verdade que ela era parcialmente

responsável por Marisol Mendez estar sob suspeita em primeiro lugar. Mas ninguém parecia estar guardando isso contra ela.

Os elogios por seu trabalho permitiram que ela pedisse um período sabático para ir à Academia Nacional. E como ela era tecnicamente uma consultora interina junior, eles não podiam dizer não. Ryan disse que o capitão Decker não queria parecer grosseiro, e então ele não teve outra escolha a não ser assinar a liberação e manter a posição dela no departamento, que não seria mais temporária depois que ela retornasse.

Também fazia sentido de uma perspectiva pessoal. Ela já havia assinado a papelada para o divórcio. A casa tinha sido oficialmente vendida. E para sua alegria, naquela mesma manhã ela havia recebido o telefonema de que sua oferta quanto ao apartamento tinha sido aceita.

No final daquela semana, ela se mudaria formalmente para sua residência nova e altamente segura, estilo quase-prisão. Se ela tivesse que escolher dez semanas nas quais pudesse pegar as coisas e sair da cidade para participar desse programa, agora era a hora perfeita para fazê-lo.

E como que o programa não começaria até depois do ano novo, isso lhe dava duas semanas para a perna se curar. Ela tinha decidido oficialmente parar em Las Cruces para visitar seus pais por alguns dias antes de continuar para Quantico.

Ela já havia checado com o promotor, que disse que ela não precisaria testemunhar contra Andrea Robinson por alguns meses, então não havia problema com isso. Mas o testemunho dela definitivamente seria necessário, já que Andi fizera um trabalho estelar ao encobrir seus rastros.

Não havia muita evidência física do crime dela. As câmeras de segurança não ofereciam nada porque estavam inutilizáveis. Não havia impressões digitais ou DNA na casa de Missinger. Andi deve ter deixado o telefone em casa quando foi matar Victoria, porque era lá que o GPS a mostrava convenientemente durante a janela de tempo em que Victoria fora assassinada.

Também não havia nada suspeito em seu histórico de pesquisa *on-line*. É claro que ela poderia ter ido a qualquer cybercafé ou biblioteca pública para verificar como sabotar transformadores ou fazer uma sobredosagem de insulina.

As autoridades conseguiram a confissão de Michael de que ele estava dormindo com Andi e que ela frequentemente falava sobre eles fugirem juntos. Mas além do testemunho de Jessie, não havia quase nada que

ligasse Andi ao crime. E ainda assim, Andi nunca tinha realmente confessado ter matado Victoria, apenas confessou ter envenenado a própria Jessie, algo pelo qual ela também estava sendo processada. Era lógico presumir que ela fizera isso porque tinha percebido que Jessie havia descoberto o que ela fizera com Victoria.

Mas Andi alegava que inadvertidamente colocara o óleo de amendoim na bebida, pensando que era açúcar líquido. Claro que isso não explicava porque ela fora encontrada tentando esfaquear Jessie com um pedaço de vidro. No final, o promotor achou que poderiam ter uma chance melhor de condená-la por tentar assassinar Jessie do que por assassinar Victoria Missinger.

Ryan tinha assegurado a ela esta manhã que agora que eles sabiam quem era a culpada, eles seriam capazes analisar a vida de Andrea Robinson nos últimos dias e encontrar evidências que eles nem sequer tinham equacionado antes.

“Faz menos de dezoito horas que ela foi presa”, ele lembrou. “Dê-nos um pouco de tempo para fazer o nosso trabalho. Andrea Robinson pode ter sido esperta, mas eu garanto que ela deixou vestígios do que fez. Nós vamos encontrá-los.”

“Eu realmente espero que sim”, disse Jessie. “Eu quero que ela pague pelo crime que cometeu. Victoria Missinger merece justiça.”

“Esse é o tipo de atitude que irá te fazer bem na Academia do FBI”, observou Ryan. “Você vai se encaixar com os outros certinhos de lá.”

Ela não mencionou que planejava doar anonimamente metade do que ganhara com a venda de sua casa para o *Centro de assistência social infantil do Centro da Cidade* ou que conversara com Roberta Watts nesta manhã sobre se tornar uma voluntária regular lá. Não compensaria a perda da Menina Vicky, mas já era alguma coisa.

“Quem você está tentando enganar?”, ela provocou, tentando desviar a atenção de si mesma. “Você é mais certinho do que eu. Você segue o procedimento. Eu mal sei o que isso é. Talvez você devesse também se inscrever para entrar neste programa.”

“Eu já fiz isso, na verdade”, disse ele, sendo óbvia a decepção em sua voz. “Eu entrei duas vezes. Mas o momento não foi o mais indicado em ambos os casos. Shelly precisava que eu ficasse aqui. Eu farei isso em algum momento.”

Jessie não o pressionou. Ele claramente não queria entrar nesse assunto. Jessie também percebeu que esta tinha sido a primeira vez que ele realmente usava o nome de sua esposa.

“Você vai ser capaz de resolver qualquer caso sem mim por perto?”, ela perguntou, tentando aliviar o clima.

“Eu não sei”, disse ele, fingindo preocupação. “Talvez você possa conseguir mais algumas dicas do seu amigo encarcerado que poderiam me ajudar enquanto você estiver fora. É por isso que você está indo visitá-lo hoje?”

“Eu realmente não tenho idéia”, ela admitiu. “Kat acabou de me dizer que ele queria falar comigo. É a primeira vez que ele inicia uma reunião. Então estou mais que um pouco curiosa.”

“Bem, eu pediria a você para mandar a ele meus cumprimentos, mas eu não acho que ele apreciaria isso vindo do cara que colocou as algemas nele.”

“Sim, acho que vou recusar esse pedido”, Jessie concordou.

Mas agora, enquanto atravessava o portão de segurança da Divisão de Não-Reabilitação do Departamento Metropolitano do Hospital Estadual de Norwalk, ela sabia que havia outro motivo para não mencionar Ryan Hernandez a Bolton Crutchfield.

De alguma forma, ela sentia que Crutchfield não se incomodaria pelo fato dela conhecer o homem que o prendera. No entanto, ele não gostaria que ela fosse tão amigável com ele. Ela tinha a estranha sensação de que ele ficaria com ciúmes.

Depois de mais uma vez passar pelos trabalhosos procedimentos de segurança, ela saiu da “Área Transitória de Preparação” para o corredor seguro onde Kat Gentry estava esperando por ela.

“Como vai você?”, Kat perguntou enquanto caminhavam pelo corredor.

“Nada mal, todas as coisas consideradas. Eu resolvi um assassinato e não fui morta pela assassina. E decidi passar dez semanas na Virgínia”, ela acrescentou, explicando seu plano e deixando Kat saber que a coisa de dividir apartamento não daria certo.

“Eu entendo”, assegurou Kat. “Se você mudar de idéia quando voltar para a cidade, me avise.”

“Eu aviso”, Jessie prometeu, “embora eu não tenha certeza se você gostaria de ficar numa casa com alguém que teve seu lugar arrombado sob

as ordens de um dos seus detentos, especialmente um que não gosta assim tanto de você.”

“Não se preocupe comigo”, assegurou-lhe Kat quando chegaram à porta da unidade de celas residenciais e ela acenou para alguém liberar o acesso. “Eu posso cuidar de mim mesmo.”

“Disso não tenho dúvidas”, disse Jessie, embora não tivesse certeza de que era esse o ponto.

Elas passaram pela porta. A maioria dos funcionários do posto de segurança nem sequer olhou para cima. Aparentemente até Cortez, quase sempre em modo brincalhão, estava ocupado demais para flertar com ela. Ele conseguiu dar um rápido sorriso e um aceno antes de voltar sua atenção para a tela na frente dele.

“Crutchfield lhe contou alguma coisa sobre por que ele queria que eu viesse?”, Jessie perguntou, voltando-se para Kat.

“Não”, disse Kat quando ela entregou o controle de emergência com o botão vermelho. “Tudo o que ele disse foi que era importante que ele falasse com você. Como você sabe, normalmente eu não aceitaria um pedido como este. Mas eu decidi fazer uma exceção neste caso.”

“Bem”, Jessie disse, com uma feição de resignação, “vamos descobrir o que de tão mau ele tem preparado para mim agora.”

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Quando elas entraram na sala, Jessie percebeu imediatamente que algo estava errado.

Crutchfield já estava de pé, quase como se estivesse de sentinela. Ele a seguiu com os olhos enquanto ela se sentava na cadeira atrás da mesa do outro lado da divisória.

“Fico feliz em ver que você está bem, Menina Jessie”, observou ele.

“O que você quer dizer?”

“A notícia dizia que uma mulher tinha sido presa pelo assassinato de Victoria Missinger e que a consultora da polícia de Los Angeles que a flagrou ficara ferida no incidente. Nenhum nome foi dado, mas à luz do seu ligeiro mancar, sinto-me seguro tirando a conclusão.”

“Para que você me pediu para vir aqui?”, Jessie perguntou, tentando passar pelo jogo, embora suspeitasse que fosse um esforço inútil.

“Paciência, minha querida”, disse ele, parecendo ligeiramente irritado. “Por favor, eu tenho tão pouco para aguardar aqui na maioria dos dias. Você não vai me permitir essa pequena folga do trabalho penoso por um pouco de diversão?”

“Você considera isso divertido?”, ela perguntou.

“Eu considero”, ele admitiu. “Diga-me, minha ajuda foi útil? As minhas pistas estavam no ponto?”

“Estavam”, Jessie disse a ele. “O assassino era uma 'senhora' que não estava muito satisfeita com sua vida. Embora, no momento em que fiz essas conexões, ela já estivesse tomando providências para se livrar de mim.”

“Estou feliz que ela não foi bem sucedida”, respondeu Crutchfield, soando algo próximo ao sincero. “Embora por um tempo parecesse que você tivesse percebido a 'senhora' errada. Tenho que admitir que fiquei desapontado com você.”

“Sim, bem, nós descobrimos isso no final”, respondeu Jessie, mais defensivamente do que ela pretendia.

“E é uma coisa boa que você também tenha descoberto”, disse Crutchfield. “Se você não tivesse, eu poderia ter sido forçado a castigar você.”

“Eu sinto que você faz isso o tempo todo de qualquer maneira, Sr. Crutchfield.”

“Oh, não verbalmente, Menina Jessie”, ele corrigiu. “Eu teria que te ensinar uma lição, para te *mostrar* que você estava errada.”

“Como você teria feito isso?”, ela perguntou inquieta.

“Muito provavelmente fazendo sua amiga Lacy, a de quem você está atualmente um pouco distante, ser estripada como um porco.”

O queixo de Jessie caiu apesar de seu esforço para esconder o choque. Ela não conseguia falar. Atrás dela, Kat se mexeu desconfortavelmente no canto onde estava, mas não disse nada. Crutchfield ficou mais do que feliz em continuar.

“Teria sido uma lição difícil, eu admito”, ele continuou suavemente, como se estivesse discutindo as opções do menu do restaurante. “Mas você precisaria ser chamada a atenção de que estava no caminho errado com todo aquele negócio de empregada. E às vezes as lições são difíceis.”

“Mas você mudou de idéia?”, Jessie perguntou, finalmente encontrando sua voz novamente.

“Sim. Eu diria que você esteve a cerca de vinte e quatro horas de perder a Sra. Cartwright. Mas você endireitou o navio e, como resultado, as entranhas dela estão intactas. Ao resolver o caso, você salvou a vida de sua amiga. Bom trabalho!”

Jessie ficou quieta por um momento com a cabeça baixa. Quando ela levantou para olhar para ele, ela fixou-o com um olhar duro.

“Como você está recebendo suas informações, Sr. Crutchfield? Não posso deixar de sentir que você está trapaceando.”

“Trapaceando, minha querida Menina Jessie? Como eu poderia estar trapaceando? É você que pode andar pelo grande mundo brilhante quando sai desta cela. Eu estou preso aqui, com câmeras monitorando cada movimento meu, microfones gravando cada palavra que eu digo, cada ronco, cada exalação gasosa. E tudo isso criado pela sua melhor amiga lá no canto. Estou em uma tremenda desvantagem em nossas interações, você não concorda?”

“E ainda assim”, Jessie observou, “eu sinto que você está prestes a revelar que esse não é o ponto. Está bem claro que você está escondendo

algo. Seja o que for que você esteja morrendo de vontade de me dizer, está consumindo todas as suas forças para te impedir de gritar bem alto neste exato momento.”

“Oh minha querida Menina Jessie”, disse Crutchfield, rindo baixinho para si mesmo. “Eu tenho muito carinho por você. É verdade, claro. Eu tenho um petisco para compartilhar. Eu só queria te lembrar o quanto meu alcance se estende antes de o compartilhar com você, para que você não duvide de minhas palavras quando eu as disser. Por favor, lembre-se, fui eu quem ordenou o arrombamento do apartamento. Era eu que sabia a hora exata em que você estaria sob o perigo de Josiah Burrell, o vagabundo naquele prédio de apartamentos abandonado. Por favor, mantenha esses fatos em mente quando eu compartilhar minha próxima revelação com você.”

“Tomei nota”, Jessie disse, certa graças ao brilho nos olhos de Crutchfield que ele não conseguiria adiar por muito mais tempo. “Você provou que o que você diz não é para ser tomado com pouca importância.”

“Obrigado por reconhecer”, respondeu ele. “Então vamos lá. Você se lembra, é claro, que eu me encontrei com seu pai alguns anos atrás, nesta mesma instalação, para uma conversa que se mostrou das mais esclarecedoras.”

“Eu me lembro vividamente”, disse Jessie, pensando no vídeo dos dois homens conversando.

“Bem, Menina Jessie, eu só queria que você fosse a primeira a saber que agendamos uma sessão de atualização.”

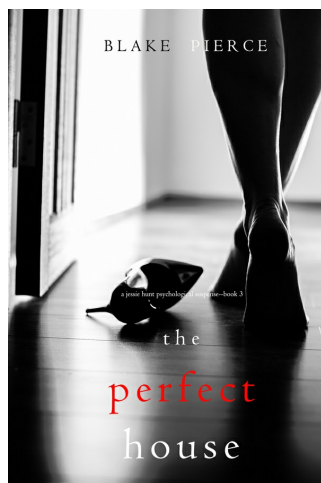
“O quê?”

“Vou ter um papinho com o seu pai”, repetiu ele. “Eu não vou estragar as coisas dizendo quando. Mas vai ser lindo, tenho certeza.”

“Como?”, Jessie engasgou, com sua garganta subitamente seca.

“Oh, não se preocupe com isso, Menina Jessie. Só saiba que quando falarmos, eu vou dar a ele os seus cumprimentos.”

AGORA DISPONÍVEL PARA PRÉ-ENCOMENDA!

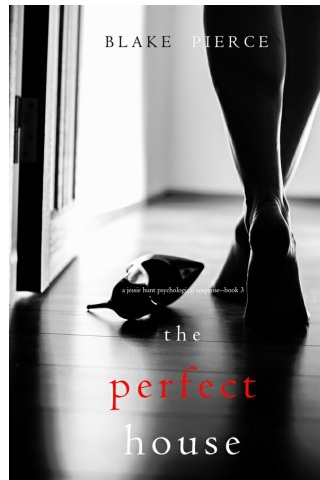


A CASA PERFEITA
(Um Thriller Psicológico de Jessie Hunt—Livro Três)

Em A CASA PERFEITA (Livro # 3), a especialista em perfis criminais, Jessie Hunt, 29 anos, recém-saída da Academia do FBI, volta a ser perseguida por seu pai assassino, presa em um perigoso jogo de gato e rato. Enquanto isso, ela deve urgentemente parar um assassino em um novo caso que a leva ao subúrbio - e à beira de sua própria psique. A chave para sua sobrevivência, ela percebe, está em decifrar seu passado - um passado que ela nunca quis enfrentar de novo.

Um thriller psicológico em ritmo acelerado com personagens inesquecíveis e suspense de cortar a respiração, A CASA PERFEITA é o livro # 3 de uma nova série fascinante que vai fazer você ler pela noite dentro.

Livro #4 na série Jessie Hunt estará disponível em breve.



A CASA PERFEITA
(Um Thriller Psicológico de Jessie Hunt—Livro Três)

Sabia que eu já escrevi múltiplas séries de mistérios? Se não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo e faça o *download* do primeiro livro de cada série!



Blake Pierce

Blake Pierce é a autora da série bestselling um mistério de RILEY PAGE, composta por quinze livros (a continuar). Blake Pierce é também a autora da série um mistério de MACKENZIE WHITE, composta por nove livros (a continuar); da série um mistério de AVERY BLACK, composta por seis livros; da série um mistério de KERI LOCKE, composta por cinco livros; da série um mistério dos PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE, composta por três livros (a continuar); da série um mistério de KATE WISE, composta por dois livros (a continuar); da série um thriller psicológico de CHLOE FINE, composta por três livros (a continuar); série um thriller psicológico de JESSIE HUNT, composta por três livros (a continuar).

Uma leitora ávida e uma fã desde sempre dos géneros de mistério e thriller, Blake adora ouvir sua opinião, pelo que, por favor, sinta-se à vontade para visitar www.blakepierceauthor.com para saber mais e para se manter em contacto.

LIVROS DE BLAKE PIERCE

SÉRIE UM THRILLER PSICOLÓGICO DE JESSIE HUNT

A ESPOSA PERFEITA (Livro #1)
O PRÉDIO PERFEITO (Livro #2)
A CASA PERFEITA (Livro #3)
O SORRISO PERFEITO (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO PSICOLÓGICO DE CHLOE FINE

A PRÓXIMA PORTA (Livro #1)
A MENTIRA MORA AO LADO (Livro #2)
BECO SEM SAÍDA (Livro #3)
VIZINHO SILENCIOSO (Livro #4)
VOLTANDO PRA CASA (Livro #5)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KATE WISE

SE ELA SOUBESSE (Livro #1)
SE ELA VISSSE (Livro #2)
SE ELA CORRESSE (Livro #3)

SÉRIE OS PRIMÓRDIOS DE RILEY PAIGE

ALVOS A ABATER (Livro #1)
À ESPERA (Livro #2)
A CORDA DO DIABO (Livro #3)
AMEAÇA NA ESTRADA (Livro #4)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)
ACORRENTADAS (Livro #2)
ARREBATADAS (Livro #3)
ATRAÍDAS (Livro #4)
PERSEGUIDA (Livro #5)
A CARÍCIA DA MORTE (Livro #6)
COBIÇADAS (Livro #7)
ESQUECIDAS (Livro #8)
ABATIDOS (Livro #9)
PERDIDAS (Livro #10)

ENTERRADOS (Livro #11)
DESPEDAÇADAS (Livro #12)
SEM SAÍDA (Livro #13)
ADORMECIDO (Livro #14)

SÉRIE UM ENIGMA DE MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro #1)
ANTES QUE ELE VEJA (Livro #2)
ANTES QUE ELE COBICE (Livro #3)
ANTES QUE ELE LEVE (Livro #4)
ANTES QUE ELE PRECISE (Livro #5)
ANTES QUE ELE SINTA (Livro #6)
ANTES QUE ELE PEQUE (Livro #7)
ANTES QUE ELE CACE (Livro #8)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro #1)
RAZÃO PARA CORRER (Livro #2)
RAZÃO PARA SE ESCONDER (Livro #3)
RAZÃO PARA TEMER (Livro #4)
RAZÃO PARA SALVAR (Livro #5)
RAZÃO PARA SE APAVORAR (Livro #6)

SÉRIE UM MISTÉRIO DE KERI LOCKE

RASTRO DE MORTE (Livro #1)
RASTRO DE UM ASSASSINO (Livro #2)
UM RASTRO DE IMORALIDADE (Livro #3)
UM RASTRO DE CRIMINALIDADE (Livro #4)
UM RASTRO DE ESPERANÇA (Livro #5)